

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Comunicação Social
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

**Da missão nobre ao desprestígio:
Representações da identidade docente
nas páginas da *Tribuna de Minas***

Monique Ferreira Campos

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

Monique Ferreira Campos

**Da missão nobre ao desprestígio:
Representações da identidade docente
nas páginas da *Tribuna de Minas***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

Monique Ferreira Campos

**Da missão nobre ao desprestígio:
Representações da identidade docente
nas páginas da *Tribuna de Minas***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Dissertação aprovada em 30/06/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) - Orientador

Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira (UFSJ) - Convidado

Prof^ª. Dr^ª. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) - Convidada

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

À querida avó Iris Pereira Campos que, sobretudo no ano de 2013, foi uma verdadeira heroína e um grande exemplo a seguir. Uma professora das maiores e melhores lições de vida, com quem eu quero aprender sempre, principalmente sobre força e otimismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos nessa trajetória acadêmica, que me possibilitaram seguir com saúde e confiança. E também por ter colocado em minha vida pessoas tão especiais, que tanto me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus pais pelo amor incondicional, apoio sempre e por acreditarem neste trabalho. Obrigada por terem cuidado de tantas tarefas nos momentos em que eu não podia me dedicar a elas. Essa conquista é de vocês também. Mãe, muito obrigada por ter apresentado minha primeira pergunta de pesquisa: “E aí? Vai fazer o mestrado?”.

Ao Bernard, por estar sempre do meu lado e por ter participado dessa caminhada com tanto companheirismo, sempre com bons conselhos e palavras motivadoras. Agora é a minha vez de retribuir o apoio e a torcida pelo seu sucesso no mestrado.

A minha família e amigos, pelo apoio constante e compreensão nas ausências.

Ao querido professor orientador Paulo Roberto, um grande exemplo de dedicação à docência, pelos grandes ensinamentos proporcionados nas disciplinas e também nas orientações. Sem contar a disposição de ler nossos textos, mesmo com tantas tarefas a fazer, sempre com boa vontade e um sorriso no rosto. Obrigada, por ter trazido tantas contribuições, motivações e incentivos para esta pesquisa, e pela confiança neste trabalho. Agradeço também pela compreensão e apoio, assim como de outros professores do PPGCOM, nos dias em que alguns desafios me obrigaram adiar um pouco meu papel de pesquisadora.

Ao professor Luiz Ademir por ter aceitado o convite de participar da banca. Apesar de breve, a minha participação no curso de Comunicação e Política em 2013, seus ensinamentos na primeira aula, sobre imprensa e poder, trouxeram grandes motivações para a pesquisa sobre os enquadramentos jornalísticos da docência no noticiário político.

À professora Iluska Coutinho pelas contribuições não só na disciplina de Jornalismo e Produção do Conhecimento como também na Qualificação, que foram tão ricas para a realização desta pesquisa.

Agradeço também a professora Christina Ferraz Musse pelas contribuições na disciplina e na Qualificação, sobretudo o estímulo para o estudo da história docente.

Aos demais professores do PPGCOM, em especial aos que ministraram as disciplinas que cursei e direcionaram meu olhar para a pesquisa em comunicação: Wedencley Alves Santana, Bruno Fuser, Maria Cristina Brandão de Faria e Aluízio Ramos Trinta.

Aos professores do PPGE, Cristhiane Cunha Flor e Paulo Henrique Dias Menezes pelos importantes ensinamentos na disciplina Ciência, Tecnologia e Sociedade na Educação e pelas contribuições nos estudos sobre identidade docente. Também aos colegas desta disciplina que compartilharam comigo diversos e importantes conhecimentos sobre educação.

Aos funcionários da Faculdade de Comunicação da UFJF pela disposição e ajuda. Um agradecimento especial para a Ana Cristina Brandão, secretária do PPGCOM, muitas vezes nosso “anjo da guarda”, sempre empenhada a fazer nossas pesquisas seguirem com sucesso.

Aos colegas de mestrado pela ajuda nessa caminhada e por terem dividido momentos de alegria e tantos desafios. O meu obrigada especial pela amizade e companhia nos congressos vai para Bárbara Schlaucher, Camila Carvalho, Gabriela Marques, Haydêe Arantes e Stéphanie Lyanie.

Aos companheiros do SINTUFEJUF pela compreensão e apoio nos momentos de troca de horários e ausências, com certeza o incentivo de vocês foi essencial nessa trajetória.

Aos professores participantes do Grupo Focal desta pesquisa, por terem atendido ao pedido com tanta generosidade, pelo empenho nas discussões e por terem se disposto a contribuir com a pesquisa em uma tarde ensolarada de sábado. Obrigada por terem compartilhado seus conhecimentos e visões sobre educação e imprensa.

Ao Centro Cultural Bernardo Mascarenhas pela cessão da sala para a realização do grupo focal e pela equipe da recepção pelo apoio naquele dia.

A tantos colegas que não conseguiria listar aqui, mas que estiveram sempre na torcida por esta dissertação.

RESUMO

A proposta da dissertação é analisar como o noticiário do jornal juiz-forano *Tribuna de Minas* representa a identidade dos professores, de forma a compreender os aspectos do enquadramento jornalístico, bem como, os papéis sociais atribuídos aos docentes por meio da veiculação de acontecimentos e debates educacionais. Partindo de pressupostos teóricos sobre a construção da identidade e os processos de socialização na contemporaneidade, com papel decisivo dos meios de comunicação e da atividade jornalística, realizamos uma análise de conteúdo como proposta metodológica para verificarmos as tendências da construção noticiosa e da representação dos professores. A pesquisa também objetiva correlacionar os resultados da análise de conteúdo às percepções dos professores sobre a docência na cobertura da imprensa, por meio da realização de um grupo focal.

Palavras-chave: Jornalismo; identidades; professores.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze how the news of the newspaper *Tribuna de Minas*, from Juiz de Fora, represents the teachers' identity, in order to understand the aspects of the Framing and the social roles assigned to teachers through the transmission of events and educational discussions. From theoretical assumptions about the construction of identity and the processes of socialization in contemporary times, with a decisive role of the media and of the journalistic activity, that we conducted a content analysis as a methodological approach in order to verify the trends of news construction and of teachers' representation. This research has also aimed to correlate the results of the content analysis to teachers' perceptions about teaching in press coverage, through the execution of a focus group.

Keywords: Journalism; Identities; Teachers.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temáticas recorrentes nas notícias da Tribuna de Minas sobre professores.....	112
Gráfico 2 – Editorias com mais inserção de notícias sobre professores.....	115
Gráfico 3 – Gêneros jornalísticos presentes nas notícias e reportagens sobre professores.....	117
Gráfico 4 – Fontes entrevistadas pela Tribuna de Minas no noticiário relacionado aos professores.....	119

LISTA DE TABELAS

Grupo de tabelas 1 - Levantamento das notícias relacionadas à educação e aos professores encontradas entre os meses de fevereiro e junho de 2013 (amostragem)..... 190

Grupo de tabelas 2 – Aspectos do enquadramento jornalístico nas notícias relacionadas aos professores..... 240

Grupo de tabelas 3 – Categorias da identidade docente presentes no noticiário..... 269

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. SER E SIGNIFICAR SOCIALMENTE: A IDENTIDADE ENQUANTO CONDIÇÃO COMUNICACIONAL	17
2.1. Aspectos históricos na determinação do que é identidade.....	18
2.2. Construcionismo e culturalismo: dimensões comunicacionais nas explicações sobre a identidade.....	23
2.3. O processo de midiaticização e suas influências na identidade.....	32
2.4. Hegemonia e idealismos do mundo atual.....	39
3. O JORNALISMO ENQUANTO SISTEMA DE IDEIAS E REPRESENTAÇÕES.....	47
3.1. A imprensa como organizadora do cotidiano.....	49
3.2. A objetividade e a construção: paradoxos da produção da notícia no contexto das representações.....	54
4. IMAGENS SOBRE O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO E DA DOCÊNCIA.....	65
4.1. Algumas questões definidoras da identidade profissional docente.....	67
4.2. Imaginários da docência e educação brasileira.....	74
4.3. O “Mal-Estar” docente na contemporaneidade.....	85
4.4. Reflexões sobre a cobertura midiática dos professores e das questões educacionais brasileiras.....	88
5. A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NO JORNAL TRIBUNA DE MINAS	92
5.1. A Metodologia da análise de conteúdo.....	95
5.2. Objetivos, processos e técnicas utilizadas na pesquisa em questão.....	98
5.3. As notícias sobre a docência: enquadramentos jornalísticos proporcionados pelas edições	

do jornal <i>TRIBUNA DE MINAS</i>	100
5.4. Aspectos da identidade docente nas páginas do jornal Tribuna de Minas.....	121
6. GRUPO FOCAL E A IDENTIFICAÇÃO DE TENDÊNCIAS:	
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A SUA REPRESENTAÇÃO	
NA IMPRENSA	157
6.1. Formação do grupo focal com professores da rede educacional	
de Juiz de Fora.....	160
6.2. Análise dos resultados do grupo focal com professores.....	162
6.2.1 O papel social da imprensa e o poder nas representações	167
6.2.2 Mais presença e menos silêncios	169
6.2.3 O caso da Tribuna de Minas	171
6.2.4 Quando o professor reivindica	174
6.2.5 Escolas públicas e escolas privadas	176
6.2.6 As concepções da própria identidade e os tempos pós-modernos	177
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
9. APÊNDICES	
APÊNDICE A	190
APÊNDICE B	241
APÊNDICE C	270
APÊNDICE D	336
APÊNDICE E	338

1. INTRODUÇÃO

Quando alguém é perguntado “o que lhe vem à cabeça quando se fala em professores?” não é difícil apontar algumas possibilidades de respostas. Isso porque nossas realidades englobam a participação em instituições escolares desde os primeiros anos de vida e, assim, o contato rotineiro com esses profissionais que acabam influenciando nossas trajetórias e escolhas. Provavelmente, nos lembramos dos professores que nos deixaram importantes lições de vida, que com suas didáticas nos fizeram aprender facilmente conteúdos difíceis, que participaram do nosso desenvolvimento profissional, ou então, nos vêm à memória os docentes que temos na família ou são nossos amigos.

Mas ao convocarmos as imagens sociais dos professores, uma série de adjetivos pode surgir numa constatação rápida do que as pessoas entendem por realidade educacional hoje. Elas podem revelar tanto discursos saudosistas relacionados à docência, otimistas, como também “realistas” e modernos. Professores são “dignos”, “humildes”, “uns coitados”, “só sabem reclamar”, “afetivos”, “ilustres”, “despreparados”, “habilidosos”, “combativos”, “pobres”, “confiantes”, “disciplinados”, entre vários outros conceitos que podem sintetizar pensamentos sobre a profissão.

Interessa-nos, nesse sentido, uma reflexão sobre como essas imagens sociais da docência estão presentes nas informações veiculadas pela imprensa. As notícias contribuem para a geração de debates sobre os acontecimentos da área da educação, projetos de governos, rotinas das escolas no contexto das cidades e discussões sobre avaliações e exames de seleção de alunos. E, ao tecer esse cotidiano, a imprensa cumpre um papel fundamental na representação identitária dos professores, sobretudo nos textos em que esses sujeitos são refletidos na concepção de educação como um direito essencial do cidadão.

Governos, instituições de ensino, associações e sindicatos, enquanto fontes sempre presentes na imprensa disputam o engajamento pessoal do docente e também da sociedade no cumprimento de papéis visados para a criação de determinada realidade educacional. O jornalismo, portanto, repercute na configuração das identidades dos docentes, enquanto sujeitos sociais e socializadores que são o que motiva a análise científica sobre como os aparatos de imprensa fazem a construção dessas representações.

Qual é a dimensão da profissão frequentemente representada pela mídia comercial, voltada para o público de massa, e como a cobertura dos acontecimentos relativos aos professores favorecem determinados aspectos da identidade docente? Há uma articulação ou desarticulação dessa identidade, presente nos discursos midiáticos, com as problemáticas apresentadas em teorias da educação? Vislumbrando compreender como a docência está presente nos noticiários, nossa proposta de pesquisa se voltou para a cena juiz-forana, especificamente em como o jornal impresso local *Tribuna de Minas* evidenciou os professores e debateu seus papéis sociais no cotidiano político, econômico e cultural.

O recorte empírico da pesquisa foi o período entre os meses de fevereiro e junho de 2013, em que coletamos todas as notícias relacionadas à educação, também as que apresentaram professores enquanto personagens, como fontes especializadas, além dos textos opinativos que, de alguma forma, fizeram referência à docência. As notícias específicas sobre professores e seu trabalho rotineiro compuseram o *corpus* desta pesquisa que utiliza, como instrumento metodológico, a análise de conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (2011) e revisitada por estudiosos da comunicação social.

Outra pergunta motivadora desta investigação é de que forma as identidades representadas nesse período são reconhecidas e assimiladas pelos professores. Nesse sentido, realizamos um grupo focal com docentes de diferentes histórias de vida, para avaliar quais são as percepções provocadas por estas narrativas e como os professores relatam as influências e repercussões dos noticiários ao representarem as suas identidades sociais.

Para desenvolver a pesquisa, buscamos as bases teóricas dos Estudos Culturais e do Interacionismo Simbólico nos debates sobre identidade, alteridade, papéis sociais, representações e significações. Apresentamos essas conceituações no segundo capítulo da dissertação, com ênfase no fato de que as concepções teóricas das ciências humanas e sociais sobre a identidade trabalham diretamente com a perspectiva comunicacional.

Nesse sentido, destacamos uma parte do capítulo para a análise sobre a midiatização, fenômeno no qual os aparatos da mídia tornaram-se centro dos processos socioculturais na contemporaneidade, incluindo nossas percepções de mundo e experiências comunicativas. A variável midiática exerce hoje papel protagonista nas configurações identitárias e disputas pelas representações sociais. Porém, não podemos falar deste fenômeno contemporâneo sem delimitar as relações de poder comunicacional presentes na sociedade, o que inscreve importantes

divergências nas formas de representação, divulgação de fatos, ideias e identidades ditas normais, aceitas e positivadas.

Dedicamos o terceiro capítulo a análise do jornalismo enquanto instância da comunicação social, legitimada por narrar e representar acontecimentos, divulgar informações ditas de interesse público, valores sociais, além de promotora de conhecimento, cidadania e desenvolvimento social. Nossa perspectiva é pontuarmos a investigação na perspectiva construcionista da atividade, fazendo uma reflexão crítica sobre as atribuições do jornalismo neste cenário em que há uma ampliação de seu poder, por meio da midiaticização. Reflexão crítica no sentido de discutir algumas crises – como a da objetividade – e a consequente ligação do jornalismo às ideias de representação identitária, papel político e geração de sentidos sobre instituições, profissões e segmentos da sociedade.

Já no quarto capítulo, adentramos nos estudos da área da educação para buscarmos teorias sobre a identidade docente, pontuando algumas percepções dos educadores sobre o papel da imprensa ao representar a educação. A finalidade é compreender algumas concepções sobre a formação docente e suas ligações às políticas educacionais, processos da escolarização e constituição do magistério, em que a imprensa atua como uma das estruturadoras. Nessa base teórica, consideramos as atribuições legitimadas aos professores (no passado e no presente) que nos auxiliaram na análise categorial das notícias coletadas.

Por fim, passamos para a pesquisa empírica e apresentação dos resultados no quinto capítulo, com a análise de conteúdo das 116 notícias relativas aos professores, e sexto capítulo, com os resultados do grupo focal, sendo que dedicamo-nos a fazer uma explicação teórica metodológica prévia sobre nossos instrumentos de análise.

Traçamos esse percurso com a proposta de compreender aspectos do imaginário relativo à docência e também, para promover um debate sobre como o jornalismo deve abordar os assuntos educacionais. Existe um histórico de críticas de educadores a respeito da imprensa, apontada pela construção de um noticiário negativo sobre professores, escolas (principalmente as públicas) e formação dos alunos. Leituras das manchetes nacionais e locais também demonstram o professor representado com uma ênfase muito maior em questões econômicas, suscitando temas salariais e da carreira de forma mais relevante do que as questões propriamente educacionais. Além disso, há uma série de questionamentos sobre o noticiário focado nas avaliações da educação formal,

promovendo *ranking* entre escolas e metodologias realizadas em contextos culturais e territoriais completamente diferentes.

Essas questões nos motivam a analisar como a imprensa trabalha – seleciona, enquadra e promove – as representações do professorado, protagonista no processo cultural e sócio-histórico que é a educação. Portanto, nos impulsionam rumo às perspectivas a que podemos chegar nesse encontro da atividade da imprensa, tão importante para as interpretações e transformações da realidade, e as dimensões da docência em sua relevância social.

2. SER E SIGNIFICAR SOCIALMENTE: A IDENTIDADE ENQUANTO CONDIÇÃO COMUNICACIONAL

Em nossa vida em sociedade, direcionamos nossas atitudes e somos direcionados por meio da estruturação de identidade (s). Portanto, estabelecemos linhas divisórias, fronteiras, a fim de nos distinguir uns dos outros. Por outro lado, podemos constatar tais linhas criando um grupo harmonizado, formado por pessoas que compartilham ideais e experiências, mesmo que momentâneas. Sobre qual aspecto, então, nortear a discussão sobre a identidade? Na unificação ou na diferenciação?

Os estudos teóricos sobre a identidade, sobretudo, os pós-estruturalistas que a problematizaram, permitem-nos avançar em ambos os lados, pois trabalham com a perspectiva dialógica deste conceito. Onde existe uma identificação há uma interlocução entre duas ou mais subjetividades que se articulam, significam e se inserem na realidade constituída. Dessa maneira, não há como discutir identidades sem convocar elementos da cultura comunicacional, onde está o epicentro das trocas sociais (CASTELLS, 1999).

A identidade pode ser entendida como a tomada de um conceito para si, um propósito existencial, ou ainda, o estabelecimento de um conceito sobre o outro, com a finalidade de exercer influência ou deixar-se influenciar. Para refletir sobre o significado de identidade, é necessário considerar como os conceitos estão inseridos em suas épocas, no interior dos modelos que ditavam o funcionamento da sociedade. Por esse motivo, propomos uma reflexão sobre este aspecto no item 2.1.

Além disso, essa linha sócio-histórica nos permite analisar como o conceito de identidade foi aplicado nas teorias sociais, que também se tornaram importantes teorias comunicacionais. Principalmente ao evidenciarem a identidade no contexto de ligação entre comunicação e sociedade, o que trazemos no item 2.2.

No item 2.3, refletimos sobre o fenômeno da midiaticização e as influências na construção identitária, considerando a maior presença da mídia nos processos socioculturais. Já no item 2.4, buscamos apresentar uma visão mais crítica da midiaticização, sobre como a identidade está firmada em relações sociais e comunicacionais, marcadas por desigualdades e pelo poder hegemônico de representar indivíduos e culturas.

2.1. Aspectos históricos na determinação do que é identidade

O conceito de identidade é indissociável ao contexto histórico, cultural e político. As alterações porque passa a sociedade e suas formas de organização provocam mudanças na experiência da identidade. Ser alguém e pertencer a um grupo, integrando uma cultura e suas narrativas, depende da constituição de uma realidade em determinado tempo. Existem antigas e novas formas de estipular e representar as identidades, o que tem laços estreitos com a sua própria configuração enquanto definição discursiva. Identidades são feitas para serem vistas, desejadas, utilizadas; para serem objetos de ascensão ou provocar sentimentos de segurança e referência. Cada “função” é marca de comportamentos e projetos de vida ditados em uma época.

Com base nas classificações apresentadas por Bauman (2005) e Stuart Hall (2006), podemos dividir a análise sobre os aspectos históricos da identidade nas sociedades – no caso as ocidentais – entre pré-modernidade, modernidade (ambos formando os tempos “sólidos”) e pós-modernidade (ou “modernidade líquida”). O objetivo é caracterizar, em um breve resumo, as concepções de existência nesses períodos. Em seguida, substanciar a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na formação das identidades e enquanto terreno das identificações na atualidade.

Na pré-modernidade, as identidades eram definidas por aspectos pessoais e biológicos (como as características físicas), assim como as funções exercidas dentro das tradições, tribos e clãs. Dessa forma, o próprio conceito de identidade enquanto concepção dos indivíduos se dava por essencialismos. Era a identidade determinada pelo nascimento, pela pertença a determinada classe ou família, portanto, era fixa, cristalizada e estável. Um mapa desta era retoma características como os grandes impérios, as tradições agrícolas, simples divisões econômicas e de trabalho e da Igreja Católica guiando os discursos sobre o pensamento e a verdade. Estes são exemplos do cenário pré-moderno, em que a convenção social era a identidade naturalizada. Dessa forma, esta não era debatida ou problematizada, pois havia apoio estável nas tradições e estruturas.

O status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. O nascimento do ‘indivíduo soberano’, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da ‘modernidade’ em movimento (HALL, 2006, p. 25).

O Cientificismo, o Iluminismo e a industrialização que começava a compor as sociedades urbanas proporcionaram a concepção de “sujeito”. Nas teorias sociais clássicas, este termo foi analisado no entendimento de um indivíduo participante de um mundo social, em constante diálogo entre o interior (biológico, psicológico) e o exterior (sociedade). A organização da vida já estava mais complexa; foi dada maior importância à aquisição de conhecimento e as coletividades se alteraram para atender o desenvolvimento e a burocracia, enquanto guias das práticas modernas. “As teorias clássicas liberais do governo, baseadas nos direitos e consentimentos individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna” (HALL, 2006, p. 29).

Na modernidade, a identidade era determinada fundamentalmente pelo papel produtivo desempenhado na divisão social do trabalho, com base na solidez e durabilidade garantidas pelo Estado. Portanto, liga-se mais especificamente à classe social, uma resposta à particularização, fragmentação do indivíduo e especialização das tarefas. Um dos aspectos que diferencia esta concepção identitária daquela estabelecida na pré-modernidade é a possibilidade de ascensão social (em nível material e intelectual), a partir do trabalho e conhecimento adquirido.

Por esse motivo, abre-se a possibilidade de identidade enquanto planejamento para “tornar-se” e não só a concepção naturalizada de “ser”. Como resume Douglas Kellner (2001, p. 296), a transição da pré-modernidade para a pós-modernidade é a passagem de certa consciência de si, substancial, para um projeto existencial. Um olhar para o futuro que as sociedades não tinham anteriormente, uma vez que não seguiam a economia de acumulação, consumo e consequente sustentação das indústrias nacionais, padrões ditados pelos tempos modernos.

Na modernidade, a identidade é marcada enquanto profissão, racionalidade e função exercida na esfera pública e familiar. Ela passa a ser compreendida dentro de um processo sustentado por papéis a desempenhar. Assim, não bastava nascer numa classe, era preciso vivenciar a classe, seguir a trilha histórica, a carreira daquele grupo enquanto fonte de comportamentos e significados. Instituições tradicionais como a família, escola, igreja e o trabalho passam a ser detentoras das concepções de ser e estar no mundo, porém não exerciam este papel com autonomia, pois estavam ligadas à instância central que estabeleceu as dimensões identitárias dos indivíduos na era moderna: o Estado-nação.

Para Bauman, a ideia de identidade nasceu de uma crise do pertencimento e do esforço de que esta se desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “dever” e o “ser”. Era preciso

erguer a realidade, recriá-la ao nível da ideia, o que aconteceu na modernidade. A identidade ingressaria no contexto social, enquanto uma tarefa a ser cumprida, concretizada em realidade, e a maturação do Estado moderno desenvolveu esse pensamento. “O nascente Estado moderno fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania territorial” (BAUMAN, 2005, p. 26).

A modernidade é, assim, caracterizada pelo poder do Estado de conceituar, classificar e segregar a sociedade, partindo da concepção de nação e seus aspectos culturais de proximidade e familiaridade. Através de sua superioridade, enquanto formador da identidade nacional, o Estado moderno exerceu poder cultural integrador como também práticas de exclusão, traçando as fronteiras que classificaram o mundo. Não havia espaço para questões de gênero, raça, etnia e idade, por exemplo, ditarem formações identitárias. Conforme Bauman (2005, p. 28), “a identidade nacional só permitiria ou toleraria essas outras identidades se elas não fossem suspeitas de colidir (fosse em princípio ou ocasionalmente) com a irrestrita prioridade da lealdade nacional”.

As mudanças políticas, econômicas e sociais proporcionadas pela expansão do capitalismo liberal e de suas demandas culturais deram início ao que foi nomeado como pós-modernidade ou modernidade líquida. Na globalização, sistema que melhor resume a época, os Estados não têm mais o poder de manter uma união sólida e inabalável com a nação, logo, não há um horizonte cultural comum que consiga articular a heterogeneidade que tece o cotidiano das cidades e regiões. Os referentes tradicionais da identidade são, portanto, alterados.

Nossos tempos contemporâneos, considerados como a passagem da modernidade “sólida” para a modernidade “líquida”, têm a erosão da soberania nacional como principal aspecto. Diferentes áreas do globo são colocadas em conexão, sendo que há uma ausência de centro. Assim, a nova configuração do mundo gerou o que foi intitulado como impacto do “descentramento” do sujeito (enquanto indivíduo com uma identidade coerente e direcionada). Ao mesmo tempo, gerou a “liquefação” das estruturas e instituições da sociedade, que passam a não dar mais as ordens sobre como se viver.

As identidades rígidas e inegociáveis não funcionam mais e a identidade flutua à deriva, em busca de abrigos alternativos (BAUMAN, 2005, p. 51). Ampliam-se os feixes narrativos na qual o sujeito é submetido para a configuração da identidade, uma vez que as relações sociais pós-modernas o empurram em diferentes direções, deslocando sempre as identificações

estabelecidas. Uma das condições da modernidade “líquida”, segundo Bauman (2005, p. 19), é que “pouco de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma comunidade de ideias e princípios de cada vez”.

Outro fenômeno da identidade em tempos de globalização é a redefinição da localidade. A necessidade de pertencer a um grupo, de fechar um sentido sobre si mesmo e o outro, passa a ser determinado por comunidades em substituição à centralização de conceitos oferecida por uma única sociedade, enquanto elo cultural. No entanto, as comunidades não precisam conectar os indivíduos a partir de uma demarcação de espaço. Assim, as identidades passam a flutuar livremente entre lugares, histórias e tradições por meio dos sistemas de comunicação globalmente interligados (HALL, 2006, p. 75).

A pós-modernidade, portanto, pluralizou identidades e alterou noções que conduziam a sociedade nos tempos modernos de modo fixo e fundamental da existência, como a etnia e classe social. Na visão de Jesús Martín-Barbero (2006), o ordenamento tradicional das mediações (como o Estado) está desordenado; outras mediações quase desapareceram, redefinindo as representatividades. Enquanto isso, a identidade passa cada vez mais pela cultura tecnológica para significação e representação de seus conceitos.

Ao entrarem em crise as três grandes instituições da modernidade – o trabalho, a política e a escola – que constituíam a fonte de sentido coletivo de vida, seu significado se divorcia do que o indivíduo ou a comunidade faz para se unir ao que se é: homem ou mulher, negro ou branco, cristão ou muçulmano, indígena ou mestiço. A sociedade-rede não é um puro fenômeno de conexões tecnológicas, mas sim, a separação sistêmica do global e do local, do público-formal e do privado-real (Appadurai), mediante a fratura de seus marcos temporais de experiência e de poder: frente à elite que habita o espaço atemporal das redes e dos fluxos globais, as majorias em nossos países habitam o deslocado espaço/tempo local de suas culturas, e diante da lógica do poder global se refugiam na lógica do poder que produz a identidade (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 60).

A identidade na pós-modernidade implica a representação de uma variedade de papéis, que são selecionados sem a preocupação com as mudanças drásticas; é instável, fluida, fragmentada, desconexa, múltipla e aberta (KELLNER, 2001, p. 312). Nesse sentido, os “eus” são diversos e transitórios. Na perspectiva deste autor, a configuração do sujeito se deve à relação estabelecida com o consumo: a segmentação do mercado reproduz e intensifica a fragmentação e desestabilização das identidades. Como a identidade participa das forças configuradoras da sociedade, pode-se entender dessa forma que, na atualidade, “a esmagadora variedade de

possibilidades de identidade existentes na próspera cultura da imagem, sem dúvida, cria identidades extremamente instáveis enquanto vai oferecendo novas aberturas para a reestruturação da identidade pessoal” (Idem, p. 330).

Os marcos divisórios que ditavam a identidade no passado já não são mais tão presentes, assim, a contemporaneidade é marcada por um processo em que a identidade é guiada pela lógica da racionalidade do objeto (BAUMAN, 2005, p. 55), ou seja, “construção de todos os tipos com o material que se tem à mão”. A identidade torna-se uma “celebração móvel” (HALL, 2006, p. 13), em que o sujeito pode assumi-la em diferentes ocasiões a ponto de escrever suas narrativas biográficas.

A noção de identidade unificada é constantemente subvertida na contemporaneidade, o que faz surgir o “híbrido”, termo utilizado por vários teóricos da pós-modernidade para se referir ao sujeito produto de misturas, do intercurso entre nações e etnias, possibilitado pelo fenômeno da globalização. O hibridismo é resultado dos constantes cruzamentos de fronteiras e tensionamentos, gerados pela convivência com aqueles até então separados pelas divisas nacionais e culturais. Homi K. Bhabha (1998) considera que essas conexões internacionais e articulações das diferenças culturais, abrem campos de intervenção ideológica e luta pelas identificações, resignificando o discurso que permeou o pensamento colonial, principalmente nas concepções identitárias dos povos.

Para Bhabha, a pós-modernidade ou pós-colonialismo é um estado de desorientação e de movimento exploratório incessante. O autor apresenta o conceito de “entre-lugares” para explicar a articulação de diferenças culturais dando início a novos signos de identidade. Esse processo de negociação faz emergir os hibridismos nos movimentos de transformação histórica.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

Cada marca ou ponto de mudança de uma época possibilita verificarmos como os estudiosos lêem as dimensões do presente, que se torna passado e as consequências dessas passagens. O fenômeno da identidade, enquanto campo de teorias traz as diferentes abordagens

marcadas pelos tempos “sólidos” e “líquidos”. Esta é a análise que apresentamos a seguir, com destaque para o campo de estudo que colocou a comunicação em evidência.

2.2. Construcionismo e culturalismo: dimensões comunicacionais nas explicações sobre a identidade

Se a concepção de sujeito é formatada dentro de uma época, a própria conceituação de identidade passa por este viés sócio-histórico, afinal, “o contexto é parte constitutiva da formulação do problema, ele define as relações do objeto investigado com a realidade na qual está inserido” (MALDONADO, 2011, p. 27). Então, as afirmações sobre a identidade são correspondentes a estratégias e visões ideológicas que entram no campo teórico, carregados de valores de um determinado período do pensamento humano.

Conforme a constatação de Bauman (2005, p. 30), o problema da identidade se originou do abandono de um princípio existencial, quando esta perdeu as “âncoras sociais” que a faziam parecer natural, predeterminada e inegociável. Logo, a identificação passa a ser importante para o pensamento científico moderno, uma vez que os indivíduos procuram uma concepção que vai além do “eu”, entendendo o sentido de “nós”. Exatamente por considerar os aspectos relacionais no processo de aquisição da identidade que “teorias modernas” e “pós-modernas” trouxeram à tona conceitos voltados ao discurso, às narrativas, subjetivação, representação e performance, colocando a comunicação em papel de importância decisiva para a análise do fenômeno.

As teorias pós-estruturalistas trouxeram o debate de que a identidade é algo construído, consequência da ação das instituições sociais e oferta de narrativas. Kellner (2001) menciona que estas abordagens elucidam o contexto da ação social e da experiência no campo mais amplo das relações e das instituições em contrapartida aos conceitos essencialistas. Dessa forma, analisam os fenômenos a partir de seus constituintes, suas conexões e seus efeitos, de forma a abordar as estruturas de dominação e resistência. Com o passar do tempo, as teorias foram se desligando do essencialismo e racionalismo, vinculando-se de maneira enfática ao pensamento construcionista nas questões referentes à identidade.

Assim, na modernidade, o problema da identidade consistia no modo como nos constituímos, nos percebemos, nos interpretamos e nos apresentamos a nós mesmos e aos outros. Como notamos, para alguns teóricos, a identidade é uma descoberta e a

afirmação de uma essência inata que determina o que somos, enquanto para outros a identidade é um construto e uma criação a partir de papéis e dos materiais sociais disponíveis. O pensamento pós-moderno contemporâneo, porém, tem rejeitado a noção essencialista e racionalista de identidade, baseando-se na noção construtivista por ele problematizada (KELLNER, 2001, p. 297).

Uma das teorias sociais que pregam o não essencialismo da identidade e faz o diálogo com os processos de comunicação, enquanto base das relações humanas é o Interacionismo Simbólico. Este campo do pensamento descreve a identidade a partir da ação do sujeito em sociedade, visão que só emergiu a partir das problemáticas apresentadas pela modernidade. Como construímos as narrativas sobre nós mesmos e sobre os outros ao nosso redor demonstra a ligação entre os fenômenos da identidade, os vínculos sociais estabelecidos e, portanto, as relações comunicacionais presentes no contexto. O Interacionismo Simbólico chama a atenção para os instrumentos que educam nosso olhar sobre a realidade.

Na visão de representantes desta linha de pensamento – Peter Berger, Thomas Luckmann (2007) e Erving Goffman (1985) – há uma dialética estabelecida entre o sujeito e a sociedade, que começa a existir no processo de socialização do indivíduo e, assim, faz parte de toda a vida. O mundo social exerce as limitações, impõe as determinantes do viver e os controles sobre este viver (como o tempo, os alimentos próprios, os comportamentos aceitáveis, etc.). Tais normas são legitimadas e institucionalizadas, sendo responsáveis pelas explicações e o conhecimento sobre as coisas do mundo que serão transmitidas. Mas dentro desse processo há uma disputa entre o eu-indivíduo, enquanto organismo, e o eu-social. Essa dialética responde pela identidade, que é socialmente produzida.

Nesse sentido, Berger e Luckmann (2007, p. 241) apresentam a questão central do seu estudo sobre a socialização: “na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo”. Com esse entendimento de que a realidade é construída socialmente, os homens participam do conhecimento produzido pela sociedade que vai conduzir a vida diária, logo, do estabelecimento do “real” e “verdadeiro”.

Para que alguém acesse esse conhecimento, ele precisa ser objetivado e adquirir formato de um padrão social a ser reproduzido. As coordenadas e significações dessa regra se dão pela linguagem, que exerce o compartilhamento desse conhecimento. Assim, chega-se às rotinas, aos papéis a serem exercidos, ou seja, à participação dos demais no conteúdo objetivado.

Objetivação entendida, nesse caso, como transformação de uma experiência em objeto de conhecimento que passará para frente, por meio da linguagem.

Mas no curso da apreensão, os conhecimentos são percebidos como não sendo consequência da atividade humana, pelo contrário, como fatos exteriores totalmente desprendidos dos empreendimentos das pessoas. Uma construção social, do campo da cultura, que é naturalizada.

Tipicamente, a relação real entre o homem e o seu mundo é invertida na consciência. O homem, o produtor de um mundo, é apreendido como produto deste, e a atividade humana como um epifenômeno de processos não humanos. Os significados humanos não são mais entendidos como produzindo o mundo, mas como sendo, por sua vez, produtos da natureza das coisas (BERGER E LUCKMANN, 2007, p. 123).

Assim, o conhecimento é transmitido de geração para a geração seguinte no curso da socialização, como sendo verdade objetiva e interiorizando-se assim como realidade subjetiva. Neste curso, a realidade criada adquire o poder de configurar o indivíduo. A socialização determina as condutas, os saberes básicos e especializados, as situações, condições de existência, etc. Logo, produz as identidades, “socialmente pré-definidas e delineadas em alto grau”, como se fosse um “programa institucional para a vida do indivíduo na sociedade” (BERGER E LUCKMANN, 2007, p. 217).

A exteriorização dessa realidade, em hábitos e rotinas, produz a acessibilidade ao conhecimento e aos padrões da sociedade. Para Berger e Luckmann (2007, p. 103), essas ações objetivas e a auto-compreensão acontecem com o estabelecimento dos papéis sociais, enquanto “tipificação dos desempenhos” e “institucionalização de condutas”. Na concepção dos autores, “ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele”.

Estar em sociedade e adquirir uma identidade são questões constatadas no rumo da socialização, como o ato de definir o “eu”, dar-lhe atribuições específicas e representá-lo. “De fato, a identidade é objetivamente definida como localização em certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo” (BERGER E LUCKMANN, 2007, p. 177). É justamente sobre esse ajuste das identidades à sociedade que Erving Goffman (1985) apresenta sua teoria no campo do Interacionismo Simbólico com base na dramaturgia: a vida real é um palco e os indivíduos, atores. Na concepção do teórico, todo indivíduo está, em todo lugar, representando um papel. Desse modo, torna-se significativo para os outros, é aceito e promove os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade em seus desempenhos.

Para o exercício de um papel social, o indivíduo faz o controle das impressões geradas: expressa os padrões ideais e esconde os que não são compatíveis com estes, controlando suas apresentações. Nessa dinâmica, o indivíduo representa uma definição para si e afirma sua concepção de realidade.

Ser uma determinada espécie de pessoa por conseguinte não consiste meramente em possuir os atributos necessários, mas também em manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ela. O irrefletido desembaraço com que os atores desempenham estas práticas habituais conservadoras dos padrões não nega que tenha havido representação, mas apenas que os participantes tenham tido consciência dela (GOFFMAN, 1985, p. 74).

Goffman descreve a constituição de sentidos que se dá na sociedade, a partir da metáfora dramaturgica: a interação entre os atores e uma plateia, a existência de bastidores e de um palco, além do aglomerado de repertórios utilizados como trabalhos técnicos e expressivos para composição do personagem. O fundamental da obra de Goffman, a partir dessa analogia, é verificar o aspecto comunicacional da definição do “eu”, em termos de imagens produzidas e acolhidas do indivíduo.

(...) este eu não se origina do seu possuidor mas da cena inteira da sua ação, sendo gerado por aquele atributo dos acontecimentos locais que os torna capazes de serem interpretados pelos observadores. Uma cena corretamente representada conduz a plateia a atribuir uma personalidade ao personagem representado, mas esta atribuição – este “eu” – é um “produto” de uma cena que se verificou, e não uma causa dela. O “eu”, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado (GOFFMAN, 1985, p. 231).

Foram os Estudos Culturais, por sua vez, que ofereceram mais precisamente a base para a análise de como a comunicação está implicada na socialização e na mediação da realidade, configurando identidades. Seja nos processos de dominação e resistência, na produção de sentidos por meio da indústria cultural ou na interconexão com a cultura, enquanto negociação destes sentidos. Os Estudos Culturais definem que não há cultura sem comunicação nem comunicação sem cultura.

Toda cultura, para se tornar um produto social, portanto ‘cultura’, serve de mediadora da comunicação e é por esta mediada, sendo portanto comunicacional por natureza. No entanto, a ‘comunicação’, por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada” (KELLNER, 2001, p. 53).

De acordo com Nilda Jacks (2008, p. 29), esta abordagem que fez confluir o diálogo entre cultura e comunicação, imprimiu novos contornos à pesquisa sociocultural, principalmente a latino-americana. As relações socioculturais são analisadas enquanto processos comunicativos complexos; há lugares de tensão entre produção e consumo de mensagens e entre emissão e recepção. Reforçando os caminhos trilhados pelos interacionistas, os teóricos dos Estudos Culturais sustentam que as hipóteses devem se desenvolver a partir da observação da interação das pessoas nos seus contextos de vivência.

A identidade, dessa forma, passa a ser entendida como integrante das negociações de significados culturais que se dão entre a emissão e a decodificação de mensagens. O conceito de identidade liga-se, sobretudo, à contextualização das práticas de percepção, assimilação e apropriação das mensagens (como são retrabalhadas e retransmitidas) no campo da cultura. São os valores, as ideologias e representações, incorporados e ressignificados, que atuam na composição das identidades. Os Estudos Culturais, enquanto representantes deste pensamento, possibilitaram verificar os usos que o público faz das produções culturais, assunto até então negligenciado nas teorias sociológicas: a funcional e a estruturalista.

Por meio da concepção de Martín-Barbero (1997) sobre a produção dos sentidos sociais, foi possível explicitar o lugar estratégico da comunicação na configuração dos modelos de sociedade, desse modo, na conformação das identidades. As invenções tecnológicas no campo da comunicação (materialidade técnica) se inserem no processo de transformação cultural. Mais precisamente, “as modalidades de comunicação que neles e com eles [meios] apareceram só foram possíveis na medida em que a tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e usos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 191).

É, sobretudo, neste aspecto de inserção da comunicação no campo da cultura, que a noção teórica da identidade passa a implicar uma atribuição de significados culturais para uma consciência de si, em que são produzidos os significados, que é a questão chave respondida por Martín-Barbero (1997) com sua proposta emblemática de deslocar a análise dos meios às mediações. São contrariadas as lógicas até então propostas para as significações e identificações, consideradas enquanto um consumo passivo de bens culturais, sem tensões. Para Barbero, não só o campo da emissão de mensagens é o responsável pelas representações sociais dentro do processo da comunicação. Cabe também, às instituições como família, religião, partido político,

sindicato e associação o direcionamento dos traços identitários, enquanto instâncias mediadoras e de vivência do sujeito social.

Dessa maneira, a comunicação representa uma das instâncias mediadoras da cultura e não a única fonte de significações para a vida em sociedade. Devido a este aspecto dinâmico e multidirecional dos processos de comunicação, as identidades são interpretadas como conceitos constantemente criados e recriados no campo da cultura, aspecto relevante dentro dos processos sociais e da constituição de narrativas.

Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward (SILVA, 2009) apresentam uma compreensão mais ampla dos processos que estão envolvidos na construção da identidade, a partir dos Estudos Culturais. Um dos elementos configuradores da identidade explicitado pelos autores é a existência do “outro”, a marcação da diferença. A identidade é relacional, portanto depende dos posicionamentos assumidos e apresentados durante a vida social. Com base nos binarismos (“nós” / “eles”), a identidade funciona enquanto estabelecimento de fronteiras, divisões que fecham conceitos.

Além das separações, há também as classificações enquanto componente das identidades, o que acontece a partir de um ordenamento das práticas sociais. A cultura define quem pertence e quem não pertence a uma significação identitária, uma construção simbólica e social. São estas classificações as geradoras de normalizações e exclusões dentro da cultura, reforçando o argumento de que uma identidade é sempre produzida em relação à outra. Dessa forma, fica definido o que é natural, positivo e aceito e subentendido tudo aquilo que não é. Estas distinções fundamentais, conforme explica Tomaz Tadeu da Silva, indicam que a identidade está sujeita a valores de força e relações de poder. Juntamente às práticas de definição estão as imposições e disputas por significados.

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nos” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2009, p. 81).

Então, se estamos nos referindo a identidades enquanto “conceitos”, “definições” e “posicionamentos”, precisamos apontar que estas são “atos de criação linguística” (Idem, p. 76),

pois precisam ser nomeadas. As identidades adquirem sentido por meio dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas. São estes que indicam os referenciais, tanto da semelhança quanto da diferença, nesse caso, as posições de sujeito a serem adotadas e as classificações.

Para Kathryn Woodward (2009, p. 55), vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. E os significados construídos pelos discursos só podem ser eficazes se nos recrutam como sujeitos, posicionando-nos socialmente. A identidade e a diferença são dependentes desse sistema linguístico que é a sua representação, porque somente através dele é que passam a existir. Conforme a autora resume, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (Idem, p. 17). A identidade interconectada ao sistema simbólico precisa, então, evocar uma presença, oferecer sentidos para apropriação e uso social.

A representação da identidade, nesse sentido, remete-nos pelo menos três perspectivas filosóficas e sociológicas. Em primeiro lugar, a representação enquanto signo linguístico, ao convocarmos uma imagem mental que reapresenta um objeto, acontecimento ou fenômeno como se estivesse presente. Teria, portanto, uma função semântica, abstrata, ao levar o significado de algo que está ausente. Segundo Murilo César Soares (2009, p. 14), a representação mental foi tratada pela filosofia medieval como algo semelhante à coisa representada, estabelecendo uma correspondência. Mais tarde, o pensamento kantiano tratou todas as manifestações cognitivas enquanto representações, marcadas pelas limitações dos nossos sentidos.

A segunda perspectiva de análise corresponde mais especificamente ao que trouxemos enquanto teorias que tratam das concepções de realidade e sociedade. O conceito de representação, nessa linha, corresponderia ao papel das estruturas sociais e conjunturas históricas. “Passa-se a considerar a possibilidade da produção social das ideias, por meio de elaborações discursivas, que sancionam percepções sobre coisas, pessoas, ideias, estados e processos” (SOARES, 2009, p. 15). Logo, as sociedades configurariam a realidade a partir de representações conceituais, classificando o mundo.

Já numa terceira vertente, o conceito envolveria as representações visuais e encenações midiáticas, a partir das narrativas possibilitadas pelos meios de comunicação. A força destes meios está na capacidade de conferir realismo, drama e intensidade afetiva às representações midiáticas (imagens e palavras), configurando um imaginário social das diversas experiências.

“Os meios de comunicação modernos são a concretização tecnológica máxima da ‘representação’ naquele sentido de uma reapresentação, a partir da semelhança, da figuratividade da imagem, da simulação” (SOARES, 2009, p. 19).

Estas visões, contudo, são complementares, já que a representação reúne os fatores cognitivos e sociais presentes no momento da produção de sentido. Os polos individual, social e técnico estão, assim, interconectados no campo da divulgação de discursos e encenações.

Para assumir o lugar enquanto sujeito social e ser representado, o indivíduo busca a unificação em torno de um conceito, um fechamento. Segundo as palavras de Stuart Hall (2009, p. 111), as identidades são articulações do sujeito fruto do discurso; são pontos de encontro, de sutura, porém temporários. Resgatando o que defende a perspectiva culturalista, a identidade está nas formas como o indivíduo se apropria e usa o discurso. Desse modo, esta discussão nos remete à dualidade do fenômeno: a identidade enquanto fonte de segurança (a atribuição de um sentido, o pertencimento) e identidade enquanto algo indeterminado, em processo (sempre reconstruída, sujeita ao jogo da diferença).

A partir das negociações de sentidos, a identidade recebe novos significados, e é considerada um conceito estratégico e posicional. Isso quer dizer, que está sujeita a um determinante histórico e a uma constante transformação, já que é construída dentro do discurso.

Elas [identidades] têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem somos nós” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição (...) (HALL, 2009, p. 109).

Castells (1999) também trabalha com a concepção de identidade, a partir de invenções ou reescrita histórica, seguindo a linha construcionista. Porém, faz a distinção entre os essencialismos fornecidos pelos aparatos de poder e as possibilidades de vivência aberta, como estão organizadas as redes. As principais questões que giram em torno do conceito dizem respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê a identidade acontece.

Nessa perspectiva de Castells, entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo, para os próprios atores e por eles originada. O autor propõe a distinção de três formas e origens da construção da identidade. A legitimadora (introduzida pelas

instituições dominantes, o que dá origem a uma série de atores sociais da sociedade civil); a de resistência (criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizadas, gerando comunidades); e a de projeto (quando os atores conseguem construir uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade e constituir o sujeito). As identidades estão estreitamente relacionadas com o contexto social nestes casos, portanto, devem ser posicionadas em suas historicidades.

Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. De fato, a dinâmica de identidades ao longo desta sequência evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, per se, valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico. Uma questão diversa e extremamente importante, diz respeito aos benefícios gerados por parte de cada identidade para as pessoas que a incorporam (CASTELLS, 1999, p. 24).

Diante das considerações, é imperativo o questionamento se há uma autonomia ou dependência na concepção de identidade. Seríamos nós mais criadores e livres ou aprisionados pela moldura da linguagem? Conforme demonstram os argumentos reunidos por Silva (2009) e Bauman (2005), há uma via de mão dupla, exatamente pelo motivo do fenômeno identitário ser relacional.

O sentido da identidade estabelecido a partir do contato com a diferença (“sou isso e não aquilo”) provoca o anseio pelo fechamento do conceito, uma demarcação de lugar no vasto território de sentidos. Para isso, é necessário ter reconhecimento para assumir uma identidade socialmente válida, conforme avalia Bauman (2005). É no encontro dessa legitimidade que acontece a noção de segurança em torno do conceito. Assim, como a concepção de realidade apresentada nesta pesquisa, à identidade também se cria uma noção artificial de que é fixa e bem definida, logo, protegida.

O efeito de proteção é o respaldo social, pertencimento e o oferecimento de discursos prontos que são assumidos como legitimadores, como ideologias políticas e teorias científicas. As regras emanadas desses discursos oferecem conforto e segurança e muitas vezes se tornam ideais de um grupo. “As identificações nos protegem de nos vermos como somos porque por um traço, sempre dignificante, nos desenhemos ao contorno dessa dignidade. Outras características serão excluídas” (GOMES, 2008, p. 78).

Mas há sempre um deslizamento, uma ruptura característica do sistema simbólico responsável por situar as identidades, já que são frágeis fenômenos sociais. Os contatos com a diversidade proporcionam sempre a desnaturalização da identidade.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17).

Se o cenário pós-moderno fez com que crescessem os vínculos estabelecidos por meios de comunicação tecnológica, alteram-se os formatos das relações sociais, a cultura e os meios de mediá-la. Nesse sentido, altera-se a própria concepção de sujeito. No próximo item, abordamos como o fenômeno da midiatização dita os padrões de construção da identidade atualmente. Desse modo, como a mídia exerce papel fundamental na organização das sociedades contemporâneas e, assim, do cotidiano das pessoas.

2.3. O processo de midiatização e suas influências na identidade

A contemporaneidade reflete uma série de mudanças culturais pela qual passou a humanidade, entre elas, a ampliação dos papéis exercidos pelos meios de comunicação na vida das pessoas. Passamos mais tempo interagindo com tecnologias de comunicação atualmente, já que o acesso a muitos bens culturais como literatura, música, cinema, informações públicas, sistemas políticos e decisórios, etc., depende da participação na esfera midiática. A experiência no mundo é mediada pelos aparatos tecnológicos de comunicação de maneira mais enfática na atualidade, afinal, a mídia exerce papel fundamental na organização da vida em sociedade para várias populações.

Estudiosos que se debruçaram em análises sobre este fenômeno da contemporaneidade passaram a conceituá-lo como midiatização: maior influência dos meios de comunicação nos processos socioculturais, principalmente nas formas de representação e interpretação do mundo.

Trata-se do modo de vida em sociedade que caracteriza a era presente, em que há uma nova condição comunicacional do ser humano, provocada pela proliferação das mídias e das consequentes transformações nas estruturas de poder, na definição da realidade e da subjetividade.

É nesse sentido, que podemos considerar que a mídia tem papel central nos processos de socialização na contemporaneidade, ao oferecer ambientes simbólicos que mobilizam as dinâmicas de representação e expressão. Por esse motivo, influencia pensamentos e comportamentos de maneira intensificada. Tendo como base os estudos dos interacionistas e culturalistas apresentados no item anterior, as análises sobre o mundo atual refletem que são cada vez mais crescentes os modos pelos quais os indivíduos usam os meios de comunicação para a produção de sentidos sociais sobre as suas experiências e configuração das identidades.

De acordo com Douglas Kellner, este processo de midiaticização é explicado enquanto proeminência da mídia no cotidiano das pessoas, a qual “configura a matriz cultural em que vivemos, sofremos e morremos” (KELLNER, 2001, p. 252). Para o autor, a cultura da mídia fornece hoje as modernas fábulas morais na qual mostram o comportamento certo e o errado; os discursos para apropriações e ressignificações de personagens e fatos históricos, além de uma batalha de imagens que alimentam disputas de poder e ideologias. O objetivo é obter consentimentos e legitimação dentro do processo de organização da sociedade.

Sobre este aspecto, pode-se dizer que hoje a identificação é um fenômeno midiático em diversos contextos sociais. Isso porque é mediada por imagens e estilos produzidos para a massa na sociedade contemporânea, em que predomina a mídia, os quais são cada vez mais fundamentais para este processo. Ou, como resume Kellner (2001, p. 212), as diversas formas da cultura da mídia oferecem hoje sucedâneos para os que indivíduos e grupos sejam capazes de participar de comunidades imaginárias, por meio de estilos culturais e de consumo, e de produzir identidades individuais e grupais, apropriando-se de imagens dessa cultura.

Ainda conforme o autor, a todo o momento a cultura da mídia faz o convite para a identificação com figuras, imagens, posturas e ideais específicos. Os meios de comunicação configuram, assim, a maior dualidade que caracteriza os novos tempos: a vivência dos fenômenos enquanto essência versus sua aparência, na representação das identidades.

Contudo, parecem exageradas as afirmações pós-modernas referentes à completa dissolução do sujeito na cultura contemporânea. Em vez disso, parece que a cultura da

mídia continua fornecendo imagens, discursos, narrativas e espetáculos capazes de produzir prazer, entidades e posições de sujeito de que as pessoas se apropriam. Aos indivíduos de nossa época ela fornece imagens daquilo que é apropriado em termos de modelos sociais, comportamentos sexuais, estilo e aparência. Assim, fornece recursos para a formação de identidades e apresenta novas formas de identidade nas quais a aparência, o jeito de ser e a imagem substituem coisas como a ação e o compromisso na constituição da identidade, daquilo que alguém é. Houve um tempo em que a identidade era aquilo que se era, aquilo que se fazia, o tipo de gente que se era: constituía-se de compromissos, escolhas morais, políticas existenciais. Hoje em dia, porém, ela é aquilo que se apresenta, a imagem, o estilo e o jeito como a pessoa se apresenta. E é a cultura da mídia que cada vez mais fornece material e recursos para a constituição das identidades (KELLNER, 2001, p. 333).

Para Dênis de Moraes, a digitalização foi algo advindo dessa intensificação da presença das tecnologias midiáticas na organização de nossas vidas e gestão do conhecimento. Segundo o autor (2006, p. 34-35), a informação credencia-se como insumo de poder e recurso básico da memória, do lazer, da expressividade, da propriedade intelectual, etc. Em termos de artefatos utilizados para estas finalidades, observa-se a presença de “aparelhos miniaturizados e repletos de recursos multimídias” (Idem, p.35), vislumbrados para facilitar as interações. A digitalização, portanto, possibilitou a convergência tecnológica e a utilização de linguagem única nas estruturas de transmissão de textos, imagens e sons. Trouxe ainda a velocidade para as rotinas das pessoas, enquanto um grande emblema da vida e virtude individual.

A midiatização provocou mudanças profundas nos processos socioculturais, portanto, novos padrões direcionam as rotinas familiares, escolares, urbanas, trabalhistas, religiosas, intelectuais, etc. Moraes (2006, p. 38) conceitua como “desdiferenciação” o apagamento das fronteiras com vista ao consumo de massa, um efeito da midiatização. Há uma internacionalização dos mercados e vínculos, modificando, assim, sentidos como os de território e pertencimento em comunidades, além dos valores que ditam comportamentos. Entre as possibilidades proporcionadas pelo fenômeno da expansão das mídias, está a de agregar diferentes pessoas em países, etnias e crenças sob a definição de público consumidor mundializado, “em função de padrões similares de comportamentos e estilos de vida” (Idem, p. 39).

Seguindo esta perspectiva, Kellner (2001, p. 10) considera os meios dominantes de informação e entretenimento como uma fonte de pedagogia cultural. A cultura da mídia e do consumo anda de mãos dadas, uma vez que a necessidade de vender produtos e ideias, provocando efeitos identitários, implica que as produções da indústria cultural devam ter “eco da

vivência social” (Idem, p. 27). Há, portanto, uma reconfiguração nas noções de pertencimento e cidadania. A cultura da mídia molda a cultura diária, influenciando as eleições, legitimação de regimes governamentais, pautas de lutas sociais, o surgimento de astros, estilos e comportamentos. Na mídia, as pessoas encontram suas formas de expressão, os fóruns do poder e da luta social na contemporaneidade.

Na perspectiva apontada por Muniz Sodré (2006), a cultura foi impactada pela midiaticização, de modo que foram modificadas as formas de representar a realidade; a configuração do espaço público; as relações tempo-espaço estabelecidas a partir do acompanhamento de notícias; os papéis sociais, entre outros vários componentes das relações humanas. Já as mudanças nas relações do homem com as tecnologias provocaram “mudações socioculturais” e, portanto, uma nova ordem cultural: a “simulativa” (SODRÉ, 2006, p. 20). O autor descreve a sociedade contemporânea como aquela que se rege pela virtualização das relações humanas, em que são utilizadas “próteses midiáticas” como condicionantes da experiência vivida. Esta tecnocultura, portanto, surge como nova esfera existencial do homem e o meio pelo qual o indivíduo busca suas referências e verdades.

A mídia transformou-se em instrumento concretizador das normas sociais, emoções, dos sentidos de existência, logo, da configuração das identidades contemporâneas. É dessa forma, que Sodré defende a ideia de uma ordem cultural permitindo o surgimento de algo novo da interação entre os mecanismos clássicos da representação (instituições mediadoras tradicionais) e os dispositivos do virtual.

O conceito de midiaticização – ao contrário do de mediação – não recobre, entretanto, a totalidade do campo social, e sim, o da articulação hibridizante das múltiplas instituições (formas relativamente estáveis de relações sociais comprometidas com finalidades humanas globais) com as várias organizações de mídia, isto é, com atividades regidas por estritas finalidades tecnológicas e mercadológicas, além de culturalmente afinadas com uma forma ou um código semiótico específico.

A midiaticização implica, assim, uma qualificação particular da vida, um novo modelo de presença do sujeito no mundo ou, pensando-se na classificação aristotélica das formas de vida, um *bios* específico (SODRÉ, 2006, p. 22).

A midiaticização pode ainda ser entendida enquanto fenômeno da produção de conteúdos, considerando que as possibilidades de emissão foram expandidas por meio dos crescentes aparatos tecnológicos de comunicação. Mas também se trata de um fenômeno da recepção, tendo em vista que os usos, a negociação de sentidos e ressignificação das mensagens se dão sob outros critérios. Há uma sensação de que as tecnologias e suas formas de interatividade trouxeram a

possibilidade de existência de um público ao mesmo tempo emissor e receptor de conhecimentos, apesar das diversas críticas que envolvem as teorias sobre o exercício destes papéis simultâneos.

Na cultura contemporânea, os meios de comunicação são ainda mais mediadores, encurtando as distâncias na construção de uma realidade social marcada pela transnacionalidade e pelas redes de comunidades. Como menciona Guillermo Orozco Gómez sobre a transformação das interações midiáticas (OROZCO-GÓMEZ, 2006, p. 83), “quanto mais distância, mais mediações”. Com as fronteiras dissolvidas e uma tecnocultura fazendo parte das rotinas dos indivíduos, as interações como homem-máquina, espaço-tempo e informação-conhecimento foram estabelecidas por uma nova lógica da comunicação social. O globo terrestre, planejado, é atualmente cenário de novas divisões entre territórios, que não as próprias dos Estados-nações, a fim de atender as demandas da economia mundial.

Portanto, as tecnologias de comunicação respondem pelas alterações da vida (individual e coletiva), gerando dependências entre usuários e novas mídias e, com isso, novas práticas comunicativas. Não só o aspecto instrumental está envolvido nessas mudanças, como também o sociocultural e o simbólico, em interdependência. É, sobretudo no processo de organização e interação dos indivíduos, por meio da mediação tecnológica, que a identidade se estabelece e se reestrutura. Na cultura midiática, os veículos de comunicação assumem papéis de mediadores, como mencionamos, mas vão além ao exercerem papéis protagonistas nas interações comunicativas dos atores sociais em determinadas culturas. Atuam nas percepções dos indivíduos sobre si, sobre o outro e simulam realidades a ponto de atuarem na linha de frente das experiências virtuais.

Orozco Gómez (2006) demonstra que as mediações, como processos estruturantes, formam os atores sociais e configuram seus modelos de interação. Podemos dividir tais modelos de interação em três grandes aspectos: diferenciação entre sujeitos e sua localização no campo do simbólico; representação midiática e em quais enquadramentos; e ancoragens no real e inserção no cotidiano. Para o autor, a midiaticização levou, assim, a uma modificação na “socialidade”, ou seja, no conjunto de negociações que os atores sociais realizam entre os referentes e os outros atores no processo comunicativo e de gestão de significados.

As práticas comunicativas geram hábitos e promovem regularidades que os atores sociais desenvolvem, às vezes de maneira automatizada, na medida em que interiorizaram comportamentos e modelos ou padrões de reação diante das referências comunicativas. Às vezes, o mais difícil de modificar são precisamente esses costumes

coletivos e individuais frente às referências informativas, midiáticas e não-midiáticas, que são as que sustentam o que aqui entendo como a ritualidade comunicativa. Esta ritualidade, gerada tanto em relação a meios quanto a gêneros programáticos, e certamente em relação à tecnologia, é a que em todo caso vai refletindo graus de apropriação ou de abandono dessas referências. Processos que supõe familiaridade e tempo (OROZCO-GÓMEZ, 2006, p. 88).

O contexto da contemporaneidade é o da reinvenção dos papéis sociais e concepções de sujeito. Seguindo essa linha de pensamento, Martín-Barbero (2006, p. 54) considera que dois processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades (étnicas, raciais, locais, regionais) e a revolução das tecnicidades (novo modo de relação entre os processos simbólicos). Nesse sentido, a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem e novas sensibilidades e escritas. Nesse cenário, a comunicação se tornou lugar principal da construção dos discursos, da experiência em sociedade e da construção da identidade.

O reconhecimento dita as identidades contemporâneas: direito de ser visto, ouvido, de se expressar, logo, de existir socialmente. O discurso na mídia é o que envolve os aspectos de visibilidade social, pertencimento e participação na vida pública, uma vez que as tecnologias são hoje as fontes constitutivas dos novos modos de construir a opinião pública e a cidadania (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 70). As experiências devem ser comunicáveis e comunicadas, a fim de que sejam compartilhadas, já que a cultura envolve interação com as tecnologias midiáticas.

A dependência que a identidade tem do reconhecimento se relaciona com as questões da representação, visibilidade midiática e conseqüente popularidade, que são buscadas a todo o tempo por políticos, celebridades, organizações, movimentos sociais, etc. Nesse contexto, as indústrias culturais contemporâneas possibilitam a representação das identidades pela via dos espetáculos: diversas formas de produções construídas tecnologicamente e disseminadas através da mídia de massa enquanto sensacionalismos, dramatizações, exuberâncias, privilégio da imagem, que incorporam valores básicos do consumo (KELLNER, 2006).

Assim, a mídia se torna tecnologicamente mais exuberante ao assumir um papel cada vez maior na vida cotidiana. Retomando Kellner (2006, p. 122), “sob a influência da cultura multimídia, os espetáculos sedutores fascinam os habitantes da sociedade de consumo e os envolvem nas semióticas do mundo do entretenimento, da informação e do consumo, influenciando profundamente o pensamento e a ação”. Na concepção do autor, os espetáculos

envolvem meios e instrumentos que incorporam valores da sociedade contemporânea e servem para doutrinar a vida dos indivíduos.

Mas a divulgação de informações e representações de identidades pela via dos espetáculos, dentro de uma ênfase tecnocrática, é um dos grandes pilares de organização social estabelecida pelo processo de globalização. A atual era centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação tem características relacionadas ao poder e ao consequente controle de discursos. Portanto, está na base fundamental das interações humanas, ditando percepções sobre o “eu” e o “outro”, sobre como deve ser a vivência em uma estrutura social em rede. Isso porque nosso sistema de significação está alojado na cultura midiaticizada, na lógica da lucratividade, da estética espetacularizada da realidade e da dependência dos satélites e fibras ópticas fazendo a interligação dos povos.

Partindo dessas considerações, quais são os dilemas e paradoxos do desenvolvimento das técnicas da comunicação global, da aceleração do mundo e midiaticização da cultura, na representação das identidades? Como a vida social e os papéis de seus diversos atores seriam então construídos pelo atual sistema midiático, considerando-o enquanto sistema de poder na sociedade contemporânea?

Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação. Não é difícil perceber as implicações pedagógicas e curriculares dessas conexões entre identidade e representação (SILVA, 2009, p. 91).

Portanto, falar em midiaticização requer argumentar sobre os mecanismos de exclusão e silenciamentos que acontecem no contexto da globalização, contrariando as premissas de uma sociedade homogeneizada e unificada em torno das redes de comunicação. Manuel Castells (1999) argumenta que nosso mundo vem sendo moldado pelas tendências conflitantes da globalização e identidade, já que vivenciamos mudanças atribuídas aos movimentos sociais, à política, ao papel da tecnologia, às instituições do Estado, entre outras formas de organização social. A principal questão da contemporaneidade, nessa perspectiva, diz sobre as formas a partir de quê, por quem e para quem as identidades são construídas.

As questões relativas à midiaticização também oferecem interpretações relacionadas ao contraditório, ou seja, às desigualdades em relações comunicacionais existentes no mundo inteiro. Logo, não se pode falar em sociedade midiaticizada e globalizada sem considerar as marcas

da desigualdade social, muitas vezes constantes históricas de países e etnias que configuram o cenário da midiaticização. Nesse sentido, há uma luta contínua pelas representações da diversidade e por um lugar para o discurso dissonante, assim como há para o discurso oficial. Sobre os dilemas e paradoxos desse novo tempo, traremos reflexões no próximo item.

2.4. Hegemonia e idealismos do mundo atual

A globalização, sob o aspecto do fenômeno midiático, amplia a oferta de narrativas, por isso ganha força o argumento de propiciar maior circulação de discursos, unificando territórios. Mas participar da identidade hoje requer compartilhar os posicionamentos sociais dentro da lógica ditada pelo mercado global e o saber tecnológico. Isso porque estes são os instrumentos de poder, e assim de representação social, que determinam quem e como está dentro ou fora da realidade contemporânea.

Analisar a sociedade midiaticizada requer refletir sobre a organização do sistema de comunicação no mundo globalizado. Como se deu a configuração da mídia nos países do grupo intitulado Primeiro Mundo e como se deu no Terceiro Mundo, assim como a relação entre esses dois lados do globo, são perguntas essenciais dentro de uma reflexão sobre as (im)possibilidades democráticas da comunicação global. Enquanto alguns países vivenciam o ritmo do desenvolvimento tecnológico e as implicações sociais descritas no item anterior, outros entram no mundo globalizado em velocidade mais lenta, recompondo diversos aspectos da cultura para atender ao mercado global e buscar sua “sobrevivência” dentro da economia transnacional.

O mundo globalizado se faz visível como fábula, enquanto traz consigo as perversidades do capitalismo, por meio do dinheiro como motor da vida e da informação justificando totalitarismos, conforme observa Milton Santos (2005). A difusão de um pensamento e de uma prática ditos “mundiais” é alimentada por um sistema de mídia que exerce o papel unificador, enquanto condição da própria globalização. Este pensamento e esta prática estão voltados, sobretudo, para o progresso técnico subordinado ao mercado e para a competitividade em substituição à solidariedade. Um novo império, segundo conceitua o autor, que altera noções como a de cidadania dentro dos continentes e países, os costumes, leis, além das instituições.

Tais características conformam um sistema ideológico que alcança e envolve o ser humano. Os determinantes do ser, da identidade, da experiência social e aspirações vão sendo condicionadas pelo pensamento e pela prática social citados acima, o que Milton Santos chama de “informação totalitária”. Nesse sentido, o fenômeno da midiaticização vai conformar o sistema ideológico do mundo global em rotina, em realidade.

Tudo isso se deve, em grande parte, ao fato de que o fim do século XX erigiu como um dado central do seu funcionamento o despotismo da informação, relacionado, em certa medida, com o próprio nível alcançado pelo desenvolvimento da técnica atual, tão necessitada de um discurso. Como as atividades hegemônicas são, hoje, todas elas, fundadas nessa técnica, o discurso aparece como algo capital na produção da existência de todos. Esta imprescindibilidade de um discurso que antecede a tudo – a começar pela própria técnica, a produção, o consumo e o poder – abre a porta à ideologia (SANTOS, 2005, p. 50).

Dessa maneira, o discurso midiático faz a condução da globalização, ao divulgar as condições do ser e dimensões da vida econômica e social, de políticas locais, educação, saúde, emprego, moradia, alimentação, lazer. As narrativas midiáticas fornecem significados para as grandes metas sociais da contemporaneidade, fundamentadas no dinheiro e consumo, como reguladores da vida individual e na acumulação como garantia de sucesso. São, portanto, atributos para a existência das pessoas, empresas e nações.

Mas o mundo de exclusões e falta de proteção social configurado pelo ideal globalizante, uma condição de existência e identidade social, é também representado nos meios de comunicação através de aspectos ideológicos. São estabelecidos significados e posicionamentos para as grandes disparidades sociais, como a fome, o caos da saúde pública, o desemprego, analfabetismo, a vida dos refugiados, sem-teto, etc. O estabelecimento de fronteiras via diferenciação e classificação dos atores sociais, é o que vai apontar o discurso pela adaptação às características dos capitais globalizados. Como ressalta Santos (2005, p. 65), “a globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade”.

Fazer a análise crítica da sociedade midiaticizada também requer questionar como se encontra a organização do sistema midiático dentro dos países, que passaram por um histórico de dominação e exclusão social, como o caso dos latino-americanos. A desigualdade presente no cotidiano dessas populações é repercutida nas formas de representação dos diversos papéis sociais e na organização do sistema comunicacional voltado para a massa.

A globalização, portanto, possibilita divisões sociais mesmo sendo apresentada com o discurso da unificação dos povos e homogeneização de acesso aos bens culturais. Uma destas separações, e talvez a mais marcante, seja entre regiões conectadas e as desconectadas, ou seja, participantes ou não da tecnocultura. A desigualdade digital divide a sociedade entre ricos e pobres, entre os consumidores e os não consumidores da informação. Outra separação que podemos verificar é entre os detentores do poder comunicacional, a partir da propriedade dos meios, e os excluídos deste poder de acesso à produção de informação, entretenimento e promoção da diversidade de conteúdos. Isso gera, atualmente, amplo debate sobre direitos, liberdade de imprensa e controles sociais sobre a produção e circulação de bens culturais. Como resume Dênis de Moraes:

A prevalência das lógicas comerciais manifesta-se no reduzido mosaico interpretativo dos fenômenos sociais; na escassa pluralidade argumentativa, em razão de enfoques que reiteram temas e ângulos de abordagem; na supremacia de gêneros sustentados por altos índices de audiência e patrocínios (telenovelas, telejornais, reality shows); nas baixas influências públicas nas linhas de programação; no despreço pelos movimentos sociais nas pautas midiáticas; na incontornável disparidade entre o volume de enlatados adquiridos nos Estados Unidos e a produção audiovisual nacional (MORAES, 2006, p. 45).

O cenário é o do domínio das multimídias pelos conglomerados transnacionais de comunicação. Logo, estamos tratando do projeto de transnacionalização de tecnologias e territórios sem a transnacionalização das oportunidades dialógicas dentro dos sistemas de comunicação. O que acompanhamos é a hiperdivulgação de discursos midiáticos dominantes ao invés da pluralização de vozes. Da mesma forma em que caminham a política e a economia, a comunicação também responde pelas desigualdades provocadas pela mundialização do mercado consumidor e da cultura.

Segundo Orozco Gómez (2006), não se trata de uma dissolução dos papéis sociais e das condições objetivas frente ao conhecimento, pois continuam refletindo autoritarismos e imposições. Portanto, é evidente um lugar de tensão na proposta da globalização e midiaticização.

Com a exuberância tecnológica contemporânea, mais que a ampliação concomitante do poder de produzir e difundir conhecimentos – o que, para alguns seria uma democracia cibernética, e certamente, para todos, poderia ser um grande objetivo a se alcançar –, parece-me que hoje assistimos a um crescente despoder social que aumenta geometricamente em sociedades como as latino-americanas, justamente por meio ou através da tecnologia de informação. Um despoder particularmente comunicacional, que desafia as tentativas de fortalecer as cidadanias e tornar possível o desenvolvimento da democracia. Um despoder que há de se entender em sua complexidade para não sermos

idealistas com as grandes coisas que a tecnologia promete (OROZCO-GÓMEZ, 2006, p. 82).

A teoria sobre a hegemonia, do filósofo marxista Antonio Gramsci, permite uma reflexão condizente com essas questões referentes ao lugar dos meios de comunicação na contemporaneidade. Sobretudo, na percepção de que a oferta de conteúdos e serviços de informação cresceu exponencialmente e as interações entre pessoas, grupos e povos se intensificaram. Estes fenômenos, porém, não equivalem à oferta qualitativa de conteúdos, porque há uma hegemonia cultural e comunicacional que se sobrepõe à diversidade informativa e ao pluralismo (MORAES, 2010).

Antonio Gramsci, em sua proposta de transformação da sociedade, a partir da luta e conscientização da classe operária sobre sua função política e histórica, trata a revolução enquanto construção de novas estruturas sociais, bem como de uma nova orientação ideológica e cultural. Logo, a mudança não se daria somente no nível material da economia e da política, mas sim no nível da moral, do conhecimento, da filosofia. Seria uma relação estreita entre cultura e sociedade, em que a revolução consegue operar profundamente. Ao falar dessas bases para a transformação, Gramsci apresenta seu conceito de hegemonia: algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer (GRUPPI, 1980).

A hegemonia, portanto, refere-se à utilização de aparatos de direção, determinantes da reforma das consciências, a partir de instrumentos de conquista (diferente de outros autores, Gramsci não se refere ao sentido de dominação pura e simples). Para que aconteça, a hegemonia requer uma unidade de teoria e ação, porque ela só acontece quando há “plena consciência teórica e cultural da própria ação; com aquela consciência que é o único modo de tornar possível a coerência da ação, de emprestar-lhe uma perspectiva, superando a imediatividade empírica” (GRUPPI, 1980, p. 11).

O tema da hegemonia emerge enquanto capacidade de entender os problemas historicamente especificados, e de não limitar-se à expectativa passiva das consequências decorrentes das leis gerais que governam o capitalismo. Ao fazer essa referência, Gruppi (1980, p. 58) destaca que as bases sociais são necessárias para o exercício da hegemonia, ou seja, para criar um sistema de alianças, de persuasão, e assim obter consenso das massas.

Em seus escritos, Gramsci (1966 apud. GRUPPI 1980, p. 73) aponta que o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa um grande progresso filosófico e não só político-prático, porque implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética a ela adequada, uma concepção do real que superou o senso comum e se transformou, embora dentro de limites ainda restritos, em concepção crítica. Logo, hegemonia é um fato cultural, uma concepção de mundo.

Assim, o conceito *gramsciano* do termo hegemonia faz referência à conquista da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou conjunto de classes sobre as outras. Nesse sentido, não é adotado no sentido da coerção, pois envolve consentimento social e apoio a certas orientações e regras de conduta. Nas palavras de Barbero:

Está, em primeiro lugar, o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci, possibilitando pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemônica, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas (BARBERO, 1997, p. 104).

Os aparelhos de hegemonia, entre eles o sistema de comunicação, atuam como difusores de concepções particulares de mundo, legitimando-as. Isso nos remete à atual cartografia da midiaticização, em que acompanhamos o protagonismo de determinadas expressões e valores sociais a partir da ação de oligopólios de comunicação. Ao mesmo tempo, observamos resistências que visam um movimento contra-hegemônico, a fim de buscar a transformação das relações sociais que se dão através dos aparatos de comunicação.

De acordo com a análise de Moraes (2010, p. 69), verifica-se que há uma multiplicação da oferta de informações de um lado e de outro “um processo perverso de centralização das fontes emissoras e aguda comercialização dos produtos simbólicos”, fatores que reforçam os conglomerados comunicacionais. A mídia massiva da atualidade, no exercício de sua hegemonia, trabalha com repetição de narrativas, das fórmulas de apresentar conteúdos e redução de ideias contestadoras. Do ponto de vista de Moraes (2010, p. 67), “trata-se de regular a opinião social através de critérios exclusivos de agendamento dos temas que merecem ênfase, incorporação, esvaziamento ou extinção”.

Já nas questões de organização, “a mídia não quer submeter-se a freios de contenção, alegando que exerce uma função social específica (informar a coletividade). Deseja situar-se sempre fora do alcance da regulação pública” (Idem, p. 68). A hegemonia comunicacional

acontece na força de produção de sentidos e identificação, a partir da atenção da mídia massiva às possibilidades de assimilação e conhecimento das demandas do grande público.

A mídia precisa ter seus radares permanentemente ativados para captar sinalizações, insatisfações e carências – e com isso preencher vácuos abertos, antecipar tendências, criar modismos, atenuar variações e repensar aproximações. Sem nunca perder de vista que os deslocamentos devem ocorrer, o máximo possível, dentro das margens de controle delineadas por estrategistas e gestores corporativos, que tomam preferências e gostos de segmentos do público como elementos essenciais à escolha de planos mercadológicos que alarguem a base de audiência e o volume de usuários, assinantes, patrocínios e publicidades. Os métodos de identificação e antecipação de tendências constituem diferenciais competitivos, sincronizando as conveniências empresariais com os gostos e desejos das pessoas (MORAES, 2010, p. 71).

A identidade é estipulada nessa nova lógica comunicacional, em que são operados instrumentos de hegemonia. Enquanto mecanismo das narrativas, a globalização inscreve as identidades nas lógicas dos fluxos: “dispositivo de tradução de todas as diferenças culturais para a linguagem franca do mundo tecnofinanceiro e volatilização das identidades para que flutuem livremente no esvaziamento moral e na indiferença cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 61). Há um reestabelecimento da exclusão, agora não mais sob a forma de fronteiras específicas do ser ou não ser cristão, branco, homem, adulto, heterossexual.

Há sempre uma relação de poder nos intercâmbios comunicativos, que estabelecem padrões de identidade enquanto condição de existência. A representação do que fica de fora, ou seja, a identidade rejeitada, como se refere Bauman (2005) a subclasse ou “lixo humano”, acaba sendo um reforço desta forma de vida. Sua inserção na realidade se dá como parte separada de um todo, restringida.

Permita-me comentar que a identificação é também um poderoso fator de estratificação, uma de suas dimensões mais divididas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam (BAUMAN, 2005, p. 44).

Existem, portanto, as identidades isoladas do fluxo comunicacional, com sua existência negada. Conforme explica Barbero (Idem, p. 63), o que galvaniza hoje a identidade como motor

de luta é o fato de ser inseparável da demanda de reconhecimento e de sentido (como mencionamos, características próprias das sociedades midiáticas), enquanto forma de pertencer e de compartilhar o espaço com as outras. São disputas para que exclusões sejam superadas e para a construção de políticas comunicacionais que libertam da lógica do mercado, enquanto sistema hegemônico de configuração das sociedades e identidades.

Kellner (2001, p. 81) avalia que a grande mídia opera no controle político de programas econômicos e lutas contrárias às forças hegemônicas. Assim, está envolvida nas novas tensões da cultura contemporânea e, assim, nos fenômenos da identidade social. A organização em conglomerados midiáticos ajuda a estabelecer a hegemonia de grupos e projetos políticos, produz representações e tenta induzir anuências de que certas ideologias são a realidade. O objetivo é gerar efeitos na vida social através de cenas, imagens e narrativas. Legítima, portanto, domínios de classe, raça, gênero, já que a cultura da mídia transcodifica as posições dentro das lutas políticas e mobilizam consentimentos.

Para romper com a exclusão e marginalização, as demandas contemporâneas de cidadania envolvem a mídia, de forma a conceber cidadãos informados e participantes da produção de bens culturais. Logo, firmou-se uma necessidade de meios alternativos de comunicação, a fim de fornecer informações essenciais sobre os acontecimentos e fazer a disputa pela socialização e construção de identidades, em um movimento contra-hegemônico. Se na mídia os focos de desigualdade dão voz aos processos de discriminação e separação, sem reconhecimento das diferenças, será preciso usar a mídia como instrumento de transformação social democrática (KELLNER, 2001, p. 425). Por isso, na contemporaneidade, é ampliado o debate sobre a relação entre democracia e os meios de comunicação, como são usados e desenvolvidos.

Uma das demandas sociais é a necessidade de intervenção do público nos debates sobre o futuro da cultura e das comunicações. Isso porque a hegemonia da mídia massiva se dá em dois sentidos interligados: o primeiro enquanto grandes organizações, configurando um sistema de poder político, econômico e cultural; o segundo, enquanto meios legitimados de fazer representações e construir a realidade através do reforço de ideologias ligadas à tecnologia e ao consumo.

Sem uma noção da ingerência que as forças sociais mais amplas (ou seja, natureza da indústria da comunicação por rádio e televisão, política governamental para as comunicações, etc.) têm sobre a vida cotidiana, é impossível entender a importância de se formular uma política para o público e a mídia em torno da natureza do sistema de comunicação e cultura em dada sociedade. No entanto, num contexto em que a nova tecnologia da comunicação está provocando transformações drásticas na cultura, no lazer

e na vida diária, é preciso perceber a importância de uma política para a mídia e da compreensão do modo como o sistema e as estruturas das comunicações ajudam a determinar o tipo de programação e seus efeitos (KELLNER, 2001, p. 429).

Partindo do princípio de que o contexto cultural da identidade e da alteridade envolve hoje o fenômeno da midiatização e também se volta à lógica comunicacional hegemônica, voltaremos nossa análise especificamente ao jornalismo, sob as perspectivas de representação e construção cotidiana de papéis sociais e práticas. Como a atividade alimenta de sentidos os acontecimentos e as atribuições dos sujeitos? Nossa proposta é refletir sobre as bases teóricas da atividade jornalística que, ao trabalharem com as noções de real e verdadeiro, relacionam o noticiário à construção gradativa de valores sociais.

3. O JORNALISMO ENQUANTO SISTEMA DE IDEIAS E REPRESENTAÇÕES

O estudo da atividade jornalística nos remete à modernidade e urbanização, quando o consumo de notícias (uma criação da própria imprensa) passou a ser uma necessidade social. Apesar das diferentes vertentes que descrevem o histórico da profissão e do jornalismo, enquanto instituição (correntes éticas, técnicas-editoriais e políticas), as idéias estão direcionadas para o entendimento da imprensa enquanto promoção do conhecimento e orientação para a vida, com base no tempo presente, na novidade e na revelação.

Adelmo Genro Filho (2007) defende que o jornalismo é uma forma de conhecer o mundo e se desenvolve nas relações capitalistas. A atividade é o primeiro sistema na história que tornou a humanidade um gênero interligado em nível mundial, interdependente. Isso trouxe uma mudança na forma de perceber os fenômenos e adquirir conhecimento: não havia meios pessoais para se relacionar com o mundo que está em volta; era necessário algo que fosse produtivo nessa nova concepção de totalidade, da aldeia global.

Então vejam que essa pré-condição histórica é essencial ao jornalismo. Era preciso que o mundo se tornasse único, interligado e dinâmico, para que surgisse a necessidade de que as pessoas se relacionassem com esse mundo, de alguma forma semelhante à maneira como elas se relacionam pessoalmente com seus acontecimentos do dia-a-dia (GENRO FILHO, 2007, p. 93).

O jornalismo é reconhecido, enquanto marco da história do mundo moderno, quando as margens da realidade foram ampliadas pelas notícias e era preciso conhecer para além das pequenas comunidades. E os rumos tomados pela instituição foram o ajustasse à estrutura sócio-econômica, assim como às camadas hegemônicas, e o suprimento das necessidades de uma “cidadania” e experiência democrática que começavam a fazer parte da cultura.

Quando fazemos menção a essa “cultura democrática”, baseamo-nos no entendimento de alguns estudiosos que apontam para a convergência das histórias sociais das imprensas. Como menciona Marques de Melo (2006, p. 67), “o jornalismo é um fenômeno universal”, logo quando se fala em jornalismo brasileiro considera-se “uma fisionomia entrecortada por múltiplas diretrizes”. Da mesma forma, estas diretrizes estão demonstradas nas histórias de imprensas de outras localidades em que estilos conviveram – harmoniosamente ou contraditoriamente – em meio às mudanças culturais. No Brasil percebemos traços das raízes do jornalismo europeu e do

impacto recebido pelo jornalismo norte-americano. “Na verdade, o jornalismo brasileiro estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada” (Ibidem, p. 69).

Tais considerações remetem-nos também ao argumento de Lippmann (1931 apud Schudson, 2010, p. 53) sobre uma “história natural do jornalismo”. Ele sugere que a imprensa de qualquer país naturalmente passará por estágios de desenvolvimento. Em um primeiro momento, a imprensa é um monopólio governamental; em um segundo momento, controlada por partidos políticos (e não o governo); em um terceiro momento, a imprensa rompe com ambos e atrai o suporte comercial, para ser rentável e atrair uma massa de leitores.

O jornalismo, ao longo de sua concepção e história, foi legitimado enquanto instância do conhecimento social. Estar no mundo e viver em sociedade requeriam indivíduos participantes de acontecimentos e espaços físicos através da leitura diária do jornal. Não só legitimada como também, ao longo do seu desenvolvimento, massificada, uma atividade integrada à sociedade e às rotinas das cidades.

Quanto mais o cidadão sente-se participe da vida do seu país ou da sua comunidade, mais necessidade ele tem de recorrer ao jornal para aprofundar a sua identidade social, pelo caráter duradouro e prospectivo da informação pública ali recuperada e ruminada cotidianamente (MARQUES DE MELO, 2006, p. 95).

Desse modo, podemos reconhecer que o jornalismo oferece leituras dos acontecimentos e formula sentidos sociais, a partir desta legitimação histórica que o tornou uma ponte para o conhecimento social. Imagens que temos de instituições, indivíduos e coletividades estão permanentemente sintonizados com o discurso jornalístico em nossa cultura, como por exemplo, nossas noções sobre a economia mundial, nossos governantes, representações sindicais, instituições de ensino, entre outros.

Teorias comunicacionais contemporâneas (como as que analisamos anteriormente e as que apresentaremos nesse ponto da dissertação) se manifestam no sentido de que o jornalismo está muitas vezes à frente das representações presentes em nossa formação e socialização, como no caso desta pesquisa, representações das nossas escolas, universidades e dos nossos professores.

Com vistas a discutir o poder da imprensa de descrição do mundo, representação e influência, refletiremos a seguir sobre as tendências do jornalismo enquanto organizador dos

acontecimentos dentro dos noticiários, o que o torna importante instrumento da visibilidade midiática. Nossa finalidade é focar nos aspectos que orientam e determinam os processos de captação, codificação e difusão da notícia, inscrevendo os fatos, pela via da simbolização, como realidade construída.

3.1. A imprensa como organizadora do cotidiano

Expectativas e papéis sociais foram atribuídos à imprensa no contexto da massificação e produção de conhecimento sobre a realidade. Podemos considerar como principais o testemunho e a tradução de acontecimentos, além da fiscalização dos poderes instituídos, fatores que se tornaram preocupações centrais do jornalismo. Para trabalhar com as práticas de observação, registro, avaliação, contextualização e descrição de fatos, foi necessário atribuir sentidos para o “interesse público” e internalizar os “valores-notícia” que norteiam as narrativas do cotidiano (muitas vezes baseadas em dicotomias como certo-errado, bom-ruim, justo-injusto, etc.). Estes aspectos foram assumidos pela imprensa como fundamentais e se tornaram base da profissionalização do jornalista.

O trabalho jornalístico, ao apresentar o novo e o atual, rege-se por padrões estáveis e previsíveis de determinação dos acontecimentos passíveis de serem noticiados (critérios de noticiabilidade ou valores-notícia). Sob esse ponto de vista, qualifica acontecimentos e seleciona aspectos para imprimirem corpo à notícia. Tais critérios jornalísticos demonstram o reconhecimento, por parte dos jornalistas, do que cabe receber a visibilidade midiática, ao mesmo tempo em que expõem valores hegemônicos. Os valores-notícia promovem uma diferenciação entre comportamentos aceitos e desviantes, entre outras distinções, e acabam por conferir aos jornalistas o papel de juízes de valores (MENDES, 2009, p. 55).

Foi no desenvolvimento de uma linguagem própria, de uma ética e uma cultura profissional, que o jornalismo se legitimou, enquanto um promotor de acesso ao conhecimento. Este acesso está norteado pela novidade e o tempo presente, por isso a imprensa marcou de forma tão incisiva os ideais de informação cotidiana e compreensão da realidade. Conforme Robert Park (2008), a novidade e o tempo presente foram determinantes da lógica do jornalismo, ligando intimamente a atividade às necessidades do mundo moderno, do conhecimento como hábito. Não

se trata nesse caso do conhecimento científico, mas aquele do senso comum, dos problemas e soluções do dia-a-dia. O “aqui e agora” valorizado pelos jornais produz a qualidade transitória e efêmera da notícia, duas características essenciais do jornalismo.

Outro fundamento importante descrito por Park (2008) é o interesse pelo inesperado ou incomum. Porque o acesso ao conhecimento através da notícia se dá pela geração de interesse, pelo que, depois de passado o acontecimento, permanece na opinião pública e ganha valorização coletiva. “Não é a importância intrínseca de um evento que faz a notícia. É sim o fato de que o evento é tão incomum que se for publicado irá surpreender, entreter, ou emocionar o leitor de modo que será lembrado ou repetido” (PARK, 2008, p. 62).

Segundo o conceito apresentado por Genro Filho, o conhecimento contido na notícia é acessado, a partir de uma singularidade (características específicas de um fato) e caminha em direção a uma particularidade (características que identificam o fato com um grupo determinado). “É daí que decorre a grandeza e a força do jornalismo, o fato de ele reproduzir coisas distantes, pelo ângulo do fenômeno, ou seja, pelo ângulo da sua singularidade” (2007, p. 94). Conforme Genro Filho, o jornalismo é uma forma de conhecer o mundo que não tem base na universalidade. Portanto, a visão particular e universal do mundo vai estar subjacente à singularidade do fenômeno. O autor comenta ainda que não existe uma só singularidade, existem várias, a depender da universalidade contruída no corpo dessa singularidade (Idem, p. 99).

No exercício filosófico proposto pelo autor, a pirâmide jornalística (fórmula de iniciar uma notícia respondendo as perguntas elementares sobre um acontecimento para depois apresentar os aspectos ditos secundários) está efetivamente invertida se analisarmos o jornalismo, enquanto produtor de conhecimento. Se a pirâmide for pensada de pé (ângulo normal), chega-se à essência da atividade jornalística: as notícias partem dos aspectos próprios do fenômeno, e então se direcionam para sua localização num determinado terreno particular. Além do registro, do que é tanto novo quanto incomum, a contextualização é algo inerente à notícia, já que nomes, lugares e datas autenticam o trabalho do repórter e tecem as narrativas. O universal não vai estar contido na notícia; já que é formado pelos pressupostos mais gerais, estará subjacente às apreensões que são feitas.

Nesse sentido, o jornalismo deixa evidente seu atrelamento à socialização, ao colocar para os consumidores das notícias características e contornos de realidade, que vão interagir com os repertórios e culturas pessoais e coletivas. O cotidiano é subdividido e classificado em grupos (o

que pertence à política, economia, à rotina da cidade, ao esporte, lazer, o que é assunto educacional, de polícia, da elite, etc.). A narrativa própria também se dá nas condutas do jornalismo em repartir um todo em unidades temáticas, agrupando acontecimentos conforme a distribuição político-editorial do veículo de comunicação.

Na concepção da socióloga norte-americana Gaye Tuchman, o órgão de informação relata acontecimentos “significativos e importantes” por meio de uma ordem informativa, com fundamental consequência no mundo social. A imprensa lança uma rede para capturar os acontecimentos, utilizando as estratégias da territorialidade geográfica, especialização organizacional (produções do repórter especializado na cobertura de acontecimentos de uma organização) e especialização temática (seções específicas dentro dos jornais e cadernos complementares). Classificação, segmentação e organização do conhecimento estão associadas ao desenvolvimento da ciência e à dinâmica de representação do real. Mas é evidente que tais práticas foram amplamente incorporadas à imprensa (no caso brasileiro no final do século XX) (Nora, 2008).

Outra forma que demonstra o exercício da imprensa na ordenação dos acontecimentos é a construção textual, envolvendo tamanho das matérias, abordagens e entrevistas, estrutura narrativa e forma de apresentação (diagramação). Os gêneros jornalísticos, que, sutilmente ou não, vão delineando os traços da notícia, estão relacionados às formas de expressão dos textos na imprensa. Demonstram, portanto, as categorias da informação (notícia, nota, reportagem, serviço e enquete), da interpretação (fragmentos de textos e complementos que visam explicações, desdobramentos e interpretações; boxes, biografias, descrições geográficas e suportes visuais) e da opinião (crônica, entrevista, editorial, crítica, cartas dos leitores) (Marques de Melo, 2006).

Assim, evidencia-se que um acontecimento nunca pode ser acessado em sua completude de significados por uma informação veiculada na imprensa, mas como uma experiência social possibilitada pela notícia. Nesse sentido foram desenvolvidos os conceitos de enquadramento enquanto rotina da atividade da imprensa. Porque os acontecimentos são transmitidos enquanto concepções de ser, contendo significados específicos definidos, a partir de enquadramentos que demonstram atribuições, conceituações, homogeneizações e busca de consensos. “A mídia vai enquadrar os acontecimentos e assim ela expressará a valorização do fato” (ALSINA, 2009, p. 135).

O enquadramento de mídia é um conceito descrito por Erving Goffman, ao considerar que as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos e nosso envolvimento subjetivo neles (Sanglard, 2012). Segundo Goffman, enquadrar se refere a como somos capazes de identificar. Outro autor que conceituou os enquadramentos de mídia foi Todd Gitlin, que destacou os padrões através dos quais os detentores de símbolos organizam de forma rotineira o discurso, seja verbal ou visual. São os aspectos de cognição, interpretação e apresentação, além da seleção, ênfase e exclusão (Ibidem).

Já Robert Entman relacionou o conceito de enquadramento à prática do jornalismo, enquanto seleção de algumas facetas da realidade para serem transformadas em aspectos de destaque na informação jornalística. Desse modo, o enquadramento segue o que ficou estipulado como objetividade, uma construção da notícia que permite definir um quadro como dominante, sem possibilitar outras interpretações para os fatos. A necessidade de fazer escolhas temáticas, editoriais e de abordagem marca uma prática quase inevitável no jornalismo, conforme Gitlin. Para Nelson Traquina, os conceitos de enquadramento desconstruem o papel dado ao jornalismo de espelho da realidade, uma vez que os profissionais da notícia trabalham apenas alguns aspectos dos acontecimentos, silenciando outros (Idem, p. 25).

Em uma revisão bibliográfica sobre o assunto, Soares (2009) considera que o conceito de enquadramento vem sendo empregado para analisar como informações pontualmente corretas e verificáveis podem ser selecionadas, valorizadas, destacadas, omitidas ou atenuadas, relacionadas a outras, em reportagens complexas, de modo a produzirem representações diferentes de uma mesma situação dentro do limiar de verossimilhança.

Os enquadramentos atendem às padronizações clássicas legitimadas no campo do jornalismo, que embasaram todo um discurso sobre a objetividade. Representam ainda formatos para a organização noticiosa a partir de informações julgadas como “de maior importância” ou ainda “as respostas essenciais”. Entre os aspectos teóricos do enquadramento, Soares explicita a questão da distribuição de conteúdos e interações entre as representações ali presentes:

Segundo Entman (1991), ao fornecerem, repetirem, e, portanto, reforçarem palavras e imagens que referenciam algumas ideias mas não outras, os enquadramentos tornam algumas ideias mais salientes no texto, outras menos e outras inteiramente invisíveis. As orientações do enquadramento são difíceis de detectar, porque muitos artifícios podem parecer “naturais”, simples escolhas de palavras e imagens. A comparação com outros textos, no entanto, mostra que essas escolhas não são inevitáveis ou não-problemáticas, sendo, pelo contrário, modos de definir e interpretar os eventos. Para o autor, por meio da repetição, focalização e associações reforçadoras, palavras e imagens, o

enquadramento torna uma interpretação básica mais rapidamente discernível e memorável do que outras. Os fatores essenciais do enquadramento são a seleção dos aspectos de uma realidade percebida e a saliência dada a eles, promovendo, assim, uma definição da situação, uma interpretação causal, uma avaliação moral (SOARES, 2009, p. 22).

Considerando estas observações, verificamos que representações identitárias são feitas cotidianamente pelas ações empreendidas por repórteres e empresas jornalísticas, a partir de todo um sistema de produção de notícias, que envolvem processos de objetivação e repetições. A ideia de representações possibilitadas pelo jornalismo foi analisada no contexto da cultura de massa, mas se desenvolveu ainda mais com base no cenário da midiatização. Isso porque os estudos sobre esse tema conceituam as possibilidades ampliadas de experiências dos fatos por meios virtuais, logo, tentativas de reprodução do real. Uma onipresença dos meios de comunicação na contemporaneidade evidencia as representações dos elementos do dia-a-dia.

A representação envolve não só a notícia de um fato como também a sua avaliação e classificação, principalmente a eleição de traços individuais para colocar acontecimentos e personagens em conformidade com os discursos sobre a realidade. Nesse sentido, a representação identitária se dá não só à própria imagem como também para outro significante: liga-se à imagem do outro, que lhe dá garantia e promove identificação. Esta é a questão central na escolha da figuração, de um ideal de existência que funciona como modelo nesse processo.

Nesse momento, definimos uma representação social como espaços criados nas estratificações, espaços onde coisas e pessoas se encaixam de modo a se formarem de acordo com uma figuração que os representará. Este é o caso dos papéis sociais assumidos e das expectativas em torno deles: a mãe, o pai, o estudante, o professor, o torcedor de tal ou tal time, o filiado a tal ou tal partido... De cada um deles esperam-se atitudes prefiguradas, a cada um valoriza-se em conformidade com estas figurações, para cada um se tece um padrão de vida (GOMES, 2008, p. 96).

Nesse ponto de vista, as representações instauram e naturalizam certos vieses, sugerindo modos de ser na sociedade e podendo até servir para fixar estereótipos étnicos, sociais, de gênero e profissionais. Mas no caso do jornalismo, em especial, a aceitação da ideia de que a notícia contenha representações construídas e tendenciais é mais de difícil do que um programa de entretenimento ou, por exemplo, uma peça publicitária (SOARES, 2009, p. 20). Isso porque se supõe um compromisso ético e profissional, legitimado em torno do valor da objetividade, em estabelecer uma relação referencial com a realidade.

Dessa maneira, abre-se o debate a respeito de questões relativas às representações possibilitadas pela atividade jornalística com base, principalmente, no argumento do enquadramento jornalístico. A crença na objetividade, presente na tradição da imprensa, confronta-se como o argumento de que a notícia é uma narrativa construída sobre um aspecto do mundo selecionado e classificado.

Logo, analisaremos o debate entre as concepções da notícia objetiva e da notícia construída, esta última na defesa de três questões centrais a respeito dos posicionamentos sociais difundidos pelo jornalismo. A primeira, de que a imprensa tem orientação ideológica e este é um instrumento de seu poder de disseminação de ideias. A segunda, de que a imprensa é uma organização mercadológica e precisa atender a alguns preceitos econômicos para a sobrevivência. E, em terceiro lugar, de que a imprensa se comporta como um partido político.

3.2 A objetividade e a construção: paradoxos da produção da notícia no contexto das representações

Ao situarmos as representações identitárias nos conceitos da atividade jornalística, provavelmente, encontraremos duas concepções (cada uma trazendo uma série de circunstâncias de uma época) para o processo de produção de notícias. Uma corrente situa este produto principal do jornalismo em torno dos padrões de objetividade, um conceito tradicional e legitimador. A outra, no entendimento de que a notícia é uma construção própria das atividades de organizações de mídia. Portanto, uma produção institucional que é uma manifestação socialmente reconhecida e compartilhada (Alsina, 2009).

No caso da objetividade, os atributos do jornalismo são as representações de caráter testemunhal, de verossimilhança. A notícia é entendida como uma re-apresentação do fato, na promessa de ser um “retrato do mundo”. A profissionalização do jornalismo em torno da objetividade diz sobre o conceito ético do termo, ligado à garantia do direito à informação. O jornalista assume o papel de agente social, responsável pela mediação da realidade, que deve seguir os valores da neutralidade e imparcialidade. Na síntese de Marques de Melo (2006, p. 49), a objetividade consiste em assegurar distintas versões e a honestidade no que é registrado.

Schudson (2010) apresenta-nos conceitos para a objetividade, contextualizando-a na história social da imprensa norte-americana. O lançamento da ideia de notícia, enquanto produto e razão de ser da imprensa, deveu-se ao êxito de uma estratégia, para que os jornais chegassem em diferentes públicos, que fossem mais livres de comentários editoriais e totalmente factuais. Conforme resume o autor, “a crença na objetividade é uma confiança nos fatos, uma desconfiança dos valores, e o compromisso com a segregação de ambos” (SCHUDSON, 2010, p. 16). Foi o momento de queda da hegemonia da imprensa opinativa, literária e elitista no país, mudança que levou ao argumento da popularização dos instrumentos de jornalismo.

O produto vendido aos leitores era a notícia, e esse era um produto original, sob vários aspectos. Primeiro, pretendia representar, realisticamente, mas sem cor partidária, os acontecimentos no mundo. Assim, o produto “notícia” de um jornal poderia ser comparado ao de outro nos critérios exatidão, integridade, vivacidade e atualidade (SCHUDSON, 2010, p. 37).

A proposta era proporcionar uma imprensa de baixo custo e circulação de massa, garantindo uma independência partidária e foco na informação. Era uma reinvenção dos jornais, para que atendessem um novo modelo de sociedade, sobretudo com o surgimento da classe média urbana americana. Para isso, foi adotado o modelo de jornal que ficou conhecido como *penny papers*, fazendo referência à notícia rápida e barata, que rapidamente conquistou leitores e se estendeu pelos centros urbanos norte-americanos. O ideal de notícia também remete à experiência da *Associated Press* naquele país, nos anos de 1940, visando produzir informação enquanto agência noticiosa para atender a um mercado consumidor.

Essa mudança na concepção de jornalismo, ao adotar a notícia como produto principal, ditou elementos para a profissionalização da atividade. Os escritores que criavam os textos publicados nos jornais cederam espaço para o repórter, um profissional “a serviço da informação” que fazia o registro e a documentação fiel de fatos. No tocante ao texto jornalístico, as bases da objetividade estavam na clareza, síntese e disposição dos elementos informativos em ordem decrescente de importância. O *lead*, como ficou conhecido o primeiro parágrafo do texto jornalístico, traz sentenças sobre os aspectos mais relevantes do fato e tem a função de responder as principais perguntas sobre este.

A produção da informação objetiva remete-nos aos padrões organizativos do jornalismo que guiam a atividade no sentido das “comunicações independentes que podem ser compreendidas facilmente e rapidamente” (PARK, 2008, p. 60). Padrões que dispõem os

significados dentro do texto por meio de uma postura, empregada pelo jornalista, na produção de informações factuais. O necessário estava em considerar o ritmo da modernidade, o pouco tempo disponível para a leitura, e a utilização de uma técnica especializada na clareza de informações verdadeiras para o maior número de pessoas.

A prática de noticiar, fundada na cultura comunicacional norte-americana, ganhou contornos internacionais. Sobretudo, devido à ampliação de temas (no começo a notícia era exclusivamente política até absorver assuntos ligados ao comércio, à indústria e ao transporte) e da territorialidade (questões locais e da vida privada passaram a fazer parte dos jornais). Com base nos conceitos de Gomes (2008) quanto à representação, identifica-se uma objetividade um modelo de jornalismo que atendia à comunicação ágil por meio das padronizações para lidar com as percepções dos leitores. Além disso, a rapidez na leitura era proporcionada pela utilização de palavras que melhor se relacionavam às convenções sociais.

Apesar da grande influência do modelo jornalístico norte-americano em diferentes partes do mundo (com adaptações), a imprensa calcada no valor da objetividade foi reavaliada. No contexto do pessimismo, em relação às instituições capitalistas, entre elas o jornalismo, momento por que passou o mundo em suas crises econômicas e políticas, a população demonstrou sua desconfiança nos instrumentos de informação. Os principais receios eram a manipulação de fatos e o vínculo entre notícia e publicidade nas páginas dos jornais. A representação do mundo, enquanto espelho dos fatos, uma regra profissional legítima, começava a sofrer questionamentos.

Os padrões atribuídos ao exercício da objetividade, como a honestidade de registro, foram os principais alvos de críticas, sobretudo na formação de uma cultura de questionamento da hegemonia e naturalização da objetividade. “Reportar a notícia não era apenas fazer uma abordagem incompleta da verdade, mas também distorcida” (SCHUDSON, 2010, p. 205). Esta crise culminou, entre outros pontos, no surgimento do *New Journalism* (uma nova concepção para a produção noticiosa). Novas teorias e a reformulação de métodos passaram então a compor os estudos sobre o jornalismo, por meio de correntes de pensamento críticas.

Uma das mudanças foi o desenvolvimento da reportagem interpretativa (Schudson, 2010) para atender aos leitores que clamavam mais aprofundamento dos fatos. O que possibilitou, às narrativas, um caminho intermediário em relação à opinião e informação, entrelaçando as duas categorias por meio de análises e complementações aos fatos. A objetividade era acusada de pecar pela superficialidade ao levar o argumento da “informação necessária”. Por isso, houve

alteração no próprio entendimento sobre objetividade jornalística, absorvendo críticas. Foi atribuído a ela o conceito da habilidade do repórter em apreender as diferentes nuances dos acontecimentos para permitir ao receptor uma compreensão integral da realidade em que vive, ou em que transcorre o fato noticiado (Marques de Melo, 2006, p. 48).

O discurso em relação à objetividade como missão foi se modificando para um discurso moderno de jornalismo, que deve reduzir ao mínimo a subjetividade e se apoiar em técnicas de produção de textos apoiadas no referente factual (Lage, 2005). Nas palavras de Schudson, o ideal da objetividade não foi, de forma alguma, substituído, mas mantém seu poder à custa de um consentimento.

A objetividade tornou-se um ideal no jornalismo, não obstante, precisamente quando a impossibilidade de superar a subjetividade na apresentação da notícia passou a ser amplamente aceita, e como afirmei, precisamente porque a subjetividade passara a ser considerada como inevitável. Desde do início, então, a crítica do “mito” da objetividade tem acompanhado a sua enunciação. A objetividade no jornalismo parece ter sido destinada a se tornar tanto um bode expiatório como uma crença, e mais uma defesa inábil do que uma afirmação direta. A crença na objetividade é menos central para o jornalismo norte-americano do que a base em que se enraizou” (SCHUDSON, 2010, p. 185).

A cultura profissional calcada na objetividade caracteriza a expansão do jornalismo de mercado, que se constituiu em uma tendência global de equilibrar a prática jornalística a determinada rentabilidade. Isso faz parte de um fenômeno descrito por Neveu (2004, p. 117) como a ampliação do campo econômico sobre o jornalismo, caracterizado por dois aspectos principais: posse de um número crescente de publicações e de empresas de comunicação social por grupos econômicos, muitas vezes internacionais, e crescente influência dos serviços comerciais das empresas de comunicação social sobre as redações, deixando o trabalho cada vez mais balizado pelas contenções de despesas e pela caça às audiências.

Os efeitos do campo econômico sobre a técnica jornalística guiaram a atividade desde que adquiriu autonomia nas sociedades modernas, no sentido da mercantilização da notícia. E foi exatamente o modelo anglo-americano de jornalismo de informação (racional e preciso) que atribuiu à profissão os valores do testemunho e da verdade absoluta, converteu a prática do jornalismo ao exercício da objetividade e, por fim, tornou o jornalismo vinculado à publicidade algo rentável.

Nessa perspectiva, as representações sociais efetivadas dentro do contexto do jornalismo informativo, de padrões comerciais, deveriam atender aos interesses de venda da notícia. A

reprodução dos fatos em meio a uma significação nos remete às dimensões da objetividade enquanto um “ritual estratégico”, conceito de Gaye Tuchman (TRAQUINA, 1993, p. 74) que pode explicar as muitas coberturas viciadas e sistematizadas da imprensa. Rotinas em que podemos identificar determinantes de uma pauta e tipificações dos fatos, as negociações envolvendo a noticiabilidade de uma matéria e a escolha de interpretações fornecidas pelas fontes, sobretudo, ritual marcado pelas formas de proteção dos jornalistas e da própria profissão.

Por uma parte, ela é uma profissão cognoscitiva que requer uma forte especialização na narração direta, e sem mediações, do que se considera que seja “a realidade”. Mas, por outra parte, a própria organização dessa especialização, endereçada à “realidade”, nos conduz inevitavelmente à criação de um ambiente funcional “artificial”, e “isolado”: o pequeno mundo das redações (*newsroom*), a relação com os colegas... (ALSINA, 2009, p. 248).

A valorização da busca diária pelos fatos noticiáveis e da rapidez na produção dos discursos para atender ao público consumidor de notícias se tornou referência para a maioria dos países do mundo, como dissemos, inclusive ditou os padrões para o modelo brasileiro. Apesar de não ser o objetivo apresentar de forma minuciosa os padrões adquiridos pela imprensa brasileira, é importante considerar que, quando nos referimos ao jornalismo nacional ou um de seus veículos, devemos considerar que este se desenvolveu por meio de uma estrutura operacional típica das empresas capitalistas mantidas com recursos da publicidade, entre eles, estatais, segundo Marques de Melo (2006, p. 84).

Para o autor, a atividade jornalística no país assumiu uma complexidade comercial e se tornou um ramo industrial com feições monopolísticas. Com a expansão do mercado global, passou a depender também do capital estrangeiro. Analisando a história da imprensa brasileira, pode-se observar uma concomitância entre a industrialização, a promessa da integração do país e o desenvolvimento de uma imprensa nacional (não referentes apenas aos veículos impressos, mas também ao jornalismo do rádio e da televisão).

Com o estabelecimento das grandes empresas jornalísticas e a das relações capitalistas no país, o jornalismo brasileiro passa a se identificar com a linha editorial norte-americana, que ditava o valor da lealdade aos fatos e à verdade. Na incorporação deste padrão de notícia, a “modernização do jornalismo brasileiro” foi divulgada como apelo de venda para a população, a qual já era vista como um atrativo público consumidor nas cidades que cresciam. Assim, o modelo comercial de se fazer jornalismo, ao se tornar hegemônico, correspondeu à própria

naturalização da atividade em torno da objetividade. Seja nas orientações da profissão, ditadas pelas empresas da grande imprensa, ou mesmo na interiorização da objetividade como princípio técnico elementar por parte do jornalista.

Reduzida a uma dimensão meramente operacional – *headline, lead, copidesque*, etc. – a proposta da objetividade converteu-se em *camisa-de-força* para o desempenho profissional dos jornalistas. Na medida em que sua feição determinante passava a ser a economia das palavras, imagens e sons, o trabalho do jornalista burocratizava-se rapidamente.

Para atender a esses requisitos, tornavam-se imperiosos os padrões de *standardização*: seus parâmetros são a *pauta*, indicando o que coletar para reduzir o desperdício de tempo, e o *copidesque*, processo de pasteurização dos textos, atribuindo-lhes linguagem compatível com o estilo da casa. Em meio a essas operações balizadoras, funciona o modelo de redação da pirâmide *invertida*, limitando o espaço do relato (Marques de Melo, 2006, p. 44).

O olhar crítico sobre o consumo informativo proporcionou teorias a respeito das notícias dentro da perspectiva de construção social da realidade. Essa corrente de pensamento, conforme resume Alsina (2009, p. 47), defende que os jornalistas têm papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante. E essas competências são realizadas no interior de aparatos de produção específicos: a mídia. Para o teórico, a relação entre o jornalista e seus destinatários se estabelece por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Logo, os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes, dando-lhes sentido.

Tal perspectiva reavalia os argumentos da objetividade amplamente divulgados como essência das notícias e a experiência entre leitor e jornal. Logo, o pensamento tem impacto direto na concepção das representações sociais possibilitadas pelo jornalismo, sobretudo por meio de um pensamento crítico em relação aos agentes e discursos sociais que adquirem visibilidade e adesão no campo midiático.

A perspectiva construcionista não se apoia nas questões referentes à subjetividade ou na hegemonia do gênero opinativo no jornalismo. O objetivo é correlacionar aspectos de formulação dos noticiários (seleção dos fatos, escolha das fontes, destaques e estrutura narrativa) às propostas de comunicação de sentidos sociais. O discurso jornalístico é compreendido como uma produção que situa a noção de construção social da realidade.

O pressuposto básico deste paradigma é de que a notícia “presentifica” o acontecimento a que se remete e, assim, participa do processo de instituição da realidade social. Traquina (1993,

p. 60) define que o jornalismo é o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria prima, os acontecimentos, num produto, as notícias. Com base na teoria interacionista, o autor entende o processo de produção de notícias como um interativo, em que diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante (Idem, p. 64).

Para atender ao fluxo de produção noticiosa, o jornalismo torna-se uma rotina previsível, que visa selecionar e documentar os fatos considerados noticiáveis com agilidade. Característica que está na base do entendimento construcionista da atividade e apontada tanto por Traquina (1993) quanto Neveu (2004) como referência à cultura profissional. Toda cultura profissional se baseia em objetivações e, no caso do jornalismo, a adoção de critérios para “ver o mundo” revela a trajetória do repórter entre outros processos de produção ali refletidos. A abordagem construcionista propõe vincular as organizações e as hierarquizações próprias da rotina do jornalismo no fluxo do enquadramento noticioso, aos processos de atribuição de valor a eventos e indivíduos (como os valores da bondade, da justiça, da competência, etc.).

Nesse sentido, uma das principais questões postas à exigência da objetividade jornalística foi a de que trabalhar com fatos equivale também a trabalhar com valores, sendo impossível fazer uma separação entre ambos no momento de estipulação da realidade e verdade no contexto da notícia. O jornalismo informativo, para atender aos padrões da agilidade e clareza, restringe pontos de vista, trabalha com estereótipos e busca expressões de consenso, com menos debate. Nessa situação, a frequência de acontecimentos noticiados e a própria repetição de valores presentes nos textos, auxiliam na configuração e consolidação de um imaginário coletivo. Com o passar do tempo, características pessoais, coletivas e situações são naturalizadas a partir da ordem simbólica estipulada por aquela produção jornalística.

Nesse percurso, podemos apontar as representações sociais enquanto pacotes de discurso, colocados numa esfera macrossocial, estabelecendo conexões amplas, massivas. Para muitas situações, o fio condutor dessas conexões ao apresentar aspectos singulares dos acontecimentos é a construção noticiosa. Assim, podemos entender o jornalismo enquanto meio de movimentar as representações, no curso de significados para o mundo cotidiano.

Vistas desse modo, estaticamente, as representações se mostram semelhantes a teorias que ordenam ao redor de um tema (as doenças mentais são contagiosas, as pessoas são o que elas comem, etc.), uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam

explicados e assim por diante. [...] Na verdade, do ponto de vista dinâmico, as representações sociais se apresentam como uma “rede” de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias (MOSCOVICI, 2003 apud. GOMES, 2008, p. 100).

A perspectiva sociológica da construção da notícia localiza as atividades informativas nas estruturas sociais, apontando para formato “notícia” como algo reconhecido e compartilhado. Segundo Alsina (2009), esse argumento tem bases na autolegitimação midiática, que reforça o seu contrato com o consumidor (relação de confiança e aquisição da informação). Outro aspecto apresentado pelo autor é o fato da escolha e hierarquização dos temas apresentados pelos noticiários impactarem e construírem o temário do público. Os receptores têm uma “participação imaginada” nos acontecimentos do universo e, nessa perspectiva, “o consumo da informação torna-se um ritual em si mesmo” (Idem, p. 63). É por meio desse pensamento construcionista, que a discussão sobre o papel e o poder da imprensa dialoga com o progresso técnico, as finalidades da instituição jornalismo e os usos sociais da notícia.

Com a veiculação de notícias sobre os acontecimentos, a mídia faz sua interação com a sociedade, nos enquadramentos escolhidos e ordenamentos, definindo os sentidos do ser, do “outro”, ou seja, os espaços de identidade. Nessa abordagem, o acontecimento está definido pela importância que a mensagem traz. Ele pode inclusive (é o que acompanhamos na atualidade) ser moldado a partir da lógica dos meios, como por exemplo, as competições esportivas terem suas regras submetidas às normas da produção televisiva, ou os protestos serem pensados para garantirem visibilidade.

O acontecimento é o maravilhoso das sociedades democráticas. Através da reprise ao vivo dos principais acontecimentos, retiram-lhe seu específico caráter histórico para projetá-los nas vivências cotidianas das massas. Paralelamente à democratização do acontecimento, ampliam-se os critérios do acontecer social e se produz sua espetaculosidade. A totalitária lei do espetáculo é imposta aos acontecimentos (ALSINA, 2009, p. 128).

Logo, a teoria da notícia como construção faz quatro grandes críticas à objetividade (Idem, p. 239): há uma orientação geral de um meio de comunicação, algo que se reflete no conteúdo; a escolha da fonte entrevistada condiciona determinadas interpretações e provoca o silenciamento de outras percepções sobre os fatos; o ângulo sobre o qual o acontecimento é narrado está dentro de um contexto cultural institucionalizado, portanto, deve ser familiar ao público e, por fim, a organização da notícia traz motivações oferecidas pelos jornalistas ou suas

fontes, ou seja, quando se faz uso da opinião (atribuindo causas, provocando emoções ou coordenando a imagem com o comentário).

Os enquadramentos jornalísticos, sob esta perspectiva, dizem respeito não só à hierarquização de informações dentro da notícia como também de fatos observados para serem enquadrados enquanto notícias. Ao se tornar hegemônico, o padrão de noticiário em torno da objetividade correspondeu à própria naturalização do jornalismo. Dessa forma, os aspectos do enquadramento foram “escondidos”, deixando mais evidente no imaginário coletivo sobre a atividade que esta fazia algo comprometido com a honestidade na cobertura. O discurso sobre o jornalismo, então, alimentou a ideia de que era possível abordar, no texto, as diversas facetas de um acontecimento, fontes envolvidas e diversos aspectos nas falas dos entrevistados.

Já a concepção construcionista “desnaturaliza” os enquadramentos jornalísticos e revela que o receptor da notícia é apresentado a uma estrutura de mundo sobre a qual estabelece identificações e forma uma compreensão do seu mundo existencial. “A notícia é uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299).

O debate também se coloca nos termos da relação entre ideologia e jornalismo na construção de realidades sociais. No pensamento de Marques de Melo (2006), o jornalismo se configura como uma atividade política, espaço privilegiado para a atuação pública das vanguardas das classes sociais. Ao longo de sua história, houve um processo sutil de “desideologização” e despolitização, de onde emergiram os conceitos de objetividade e liberdade de imprensa que, na visão do teórico, são os próprios pilares da ideologia do jornalismo na sociedade capitalista. Mas ao se admitir que o espaço informativo dos jornais não seria propriamente marcado pela neutralidade, buscou-se formular estudos jornalísticos e paradigmas comunicacionais sob as considerações de que são sistemas de ideias e representações.

Se a comunicação é um processo de reprodução simbólica, evidentemente a arbitração dos símbolos que representam a realidade e que dão sentido à interação humana configura uma operação ideológica.

Logo, a atividade jornalística é eminentemente ideológica. Aprender os fatos e relatá-los por intermédio de veículos de difusão coletiva significa, nada mais, nada menos, que projetar visões de mundo. E é exatamente isso que os jornalistas fazem cotidianamente. Atuam como mediadores entre os acontecimentos, seus protagonistas e os indivíduos que compõem um universo sociocultural (público destinatário) (MARQUES DE MELO, 2006, p. 56).

Perseu Abramo (2003) amplia o debate sobre a inerência ideológica da atividade jornalística e desenvolve a argumentação de que os órgãos de comunicação se transformaram em órgãos político-partidários. Isso no sentido de que a grande mídia é um centro de poder, deixando de ser organizada por uma sociedade civil (promessa de participação social) para ser organizada por uma sociedade política (historicamente um vínculo com a burguesia). Por esse motivo, conforme o autor, desmistificar o jornalismo passa a ser necessário.

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se supõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fregmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela da realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento (ABRAMO, 2003, p. 24).

Como diz Abramo, a “falsa objetividade” pode ser observada nos padrões de manipulação adotados pela produção jornalística da grande imprensa. Tais procedimentos podem ser compreendidos ao analisar o instrumental do jornalismo próprio da propriedade privada midiática (as estratégias de mercado para uma sociedade de massa). Em resumo, o autor enumera cinco tipos de manipulação.

O primeiro deles é a ocultação, quando os fatos ficam “de fora” da cobertura midiática. Isso decorre da própria definição de fato jornalístico e não-jornalístico. Portanto, o que interessa à imprensa (o noticiável) está na relação que o órgão deseja estabelecer com a realidade e que, a partir disso, o público passa a estabelecer também. O padrão de ocultação reforça o argumento discutido anteriormente sobre a construção da realidade; muitos fatos não são conhecidos (e entendidos como reais) por não serem noticiados.

O segundo padrão é o da fragmentação, ou seja, o fato do jornalismo voltado ao mercado trabalhar na desconexão dos acontecimentos e reconexão de forma arbitrária. Há, portanto, uma seleção de aspectos e ressignificação.

O terceiro deles é a inversão, os reordenamentos feitos pela grande imprensa que acabam criando outra realidade. São as matérias jornalísticas que dão relevância a um fato nem tanto importante; versões noticiosas aceitas como se fossem os próprios fatos (o real e verdadeiro) e a opiniões “vendidas” como informação jornalística.

O quarto padrão é a indução, referente ao leitor induzido a ver o mundo não como é, mas como querem que veja; uma opinião imposta, em que não é possível distinguir do que é dado como informação.

Esta se introduz sub-repticiamente no meio da matéria, substitui ou prepondera sobre a informação, e passa a ser não apenas o eixo principal da matéria, mas sua principal ou única justificativa de existência como matéria jornalística, como objetivo de produção e edição, apresentação e veiculação (ABRAMO, 2005, p. 32).

O último padrão apresentado por Perseu Abramo é o global da notícia que, segundo ele, é específico da radiodifusão. Refere-se à organização da notícia em apresentação do fato, dos personagens e o anúncio das soluções. Consiste em reforçar o papel resolutório e tranquilizador da autoridade.

Partimos desse debate sobre o jornalismo para adentrarmos nos estudos da educação e esboçarmos algumas abordagens sobre as representações, os papéis sociais e as narrativas atribuídas aos professores. Se a mídia, e conseqüentemente a imprensa, tornaram-se fundamentais para os processos de socialização e construção de realidades, que vão fundamentar as dinâmicas sociais, quais significados são então vinculados à educação? E quais aspectos da docência são preteridos pelas narrativas midiáticas de maneira geral?

No capítulo seguinte, trataremos algumas abordagens sobre a identidade docente, pontuando a formação e as relações com a sociedade. Nossa perspectiva será relacionar questões voltadas ao conhecimento, prática e poder na configuração desta identidade, enfatizando, em seguida, o viés comunicacional.

4. IMAGENS SOBRE O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO E DA DOCÊNCIA

A imprensa nos oferece diariamente discursos a respeito de assuntos educacionais e, nesse contexto, sobre os professores. Tanto significados atribuídos à docência, que foram culturalmente enraizados, quanto debates sobre o papel dos professores nos modelos escolares e universitários contemporâneos, atendendo às demandas educacionais em pauta. Mas quais concepções de docência vêm sendo debatidas na área da educação e de que forma podemos encontrá-las nos noticiários?

As instituições formadoras da identidade docente são determinantes dos saberes que servem como base ao trabalho do professor. As competências, habilidades, os valores e os papéis a cumprir são adquiridos nos processos de formação docente e oferecem alicerces para o trabalho desenvolvido no ensino infantil, escolar ou universitário. Importantes para a configuração desta identidade são as experiências do professores, afinal a prática docente compõe todo um arsenal de saberes pedagógicos.

A sociedade se organiza para o desenvolvimento de uma cultura do ensino, com normas e práticas definidas em função das finalidades a este atribuídas. No caso brasileiro, a constituição do magistério deve ser entendida no âmbito da difusão do modelo escolar de educação, criando os espaços de atuação docente e as condições de existência e desenvolvimento desta categoria. Ao mesmo tempo, a escola valeu-se da ação destes profissionais para legitimar a instituição e o trabalho nela realizado (VICENTINI e LUGLI, 2009, p. 15).

No âmbito da pesquisa em educação, principalmente relacionada à formação e representação social de professores, houve uma crescente abordagem voltada à articulação entre subjetividade e o papel do educador. Vários estudos trabalham com a questão da formação dos professores no sentido de debater sobre o trabalho em determinadas áreas da educação. A concepção e a representação do profissional (no sentido de ser e agir) em certas práticas pedagógicas são bastante recorrentes nas pesquisas, como por exemplo, representações de professores do ensino básico, da educação inclusiva, da matemática, da escola pública, etc. Questões como as transformações das estruturas educacionais, do mundo do trabalho e das formas como os sujeitos se relacionam na sociedade ganharam maior evidência nestas investigações que, portanto, trouxeram para o foco de análise a constituição da identidade do

professor. “Quem é este sujeito?” e “qual o seu papel diante da sociedade?” foram perguntas as quais os estudos sobre a formação docente buscam responder.

Mas a formação e a prática não são as únicas responsáveis pela compreensão que o professor faz sobre a sua realidade, determinando modos de agir. Nem mesmo pelo que a sociedade, de maneira geral, entende como demandas educacionais e os papéis dos professores. Nesse ponto de vista, a comunicação está cada vez mais presente. Tanto devido à cultura da mídia, fornecendo cada vez mais identificações sociais e profissionais, quanto à maior presença do cotidiano educacional nos noticiários.

Observa-se que o tema “educação” adquiriu relevância nas coberturas feitas pela grande mídia, com destaque para a formulação de editoriais específicas ou até mesmo cadernos especiais sobre o assunto. Temas constantemente em pauta, de certa forma pela relevância política e econômica, estão remetidos à volta às aulas, aos vestibulares, aos índices de produtividade e avaliações do ensino, às políticas afirmativas na educação, novas legislações, etc. Há também os materiais impressos, como revistas, programas e até canais televisivos voltados exclusivamente para assuntos educacionais. Estes produtos jornalísticos tomam como base um jornalismo especializado (o educacional), a segmentação de público (educadores, pais, estudantes ou demais interessados) e pautas que remetem ao ensino, aprendizagem de conteúdos e também à pesquisa científica.

Além disso, a imprensa é um palco para a disputa de discursos sobre a identidade educacional brasileira e papel social dos professores. Afinal, o campo da educação oferece muitas pautas que atendem aos valores-notícia do interesse público e relevância social. E, nesse campo de representações identitárias, a imprensa se torna fonte de criação de imaginários sobre a categoria docente e também de pesquisa histórica sobre os sistemas educacionais e o pensamento de uma época.

A fim de contemplar esse vasto debate, o objetivo deste capítulo é apresentar, inicialmente, uma análise sobre a formação da identidade docente, com foco nos saberes adquiridos e nas práticas cotidianas. Em seguida, elaborar um quadro sobre a história da profissão, pontuando os contextos e atribuições que formaram todo um imaginário sobre a figura do professor. Nesse aspecto, a proposta é fazer um levantamento sobre as imagens sociais culturalmente construídas ao longo dessa trajetória, subsidiando, inclusive, a análise categorial das notícias e reportagens da *Tribuna de Minas*. Em um terceiro momento, apresentamos algumas

reflexões sobre como a imprensa representa e constrói a realidade educacional, situando o caso dos professores nas notícias.

4.1. Algumas questões definidoras da identidade profissional docente

Ao situar a formação da identidade profissional no mapa de teorias e problemáticas sociológicas, Dubar (2005) relaciona os sentidos da socialização das atividades e da socialização dos indivíduos. Segundo ele, ambos os conceitos resultam de uma concepção de ator que se define a um só tempo pela estrutura de sua ação e pela história de sua formação, o que reforça o argumento de que a identidade é fruto de sucessivas socializações. Por isso, abordar o assunto da identidade docente equivale a discorrer sobre os diversos aspectos da incorporação de saberes e aquisição de competências profissionais relacionados por teorias da educação.

Os saberes profissionais, na visão de Berger e Luckmann (2007, p. 185), constituem um segundo estágio da socialização do indivíduo (intitulada socialização secundária), quando se dá a “aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional”. Trata-se, portanto, dos saberes definidos em um campo especializado de atividades. A profissionalização faz parte de um momento da socialização do sujeito determinada pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento, conforme descreve a teoria.

Neste sentido, Dubar (2005, p. 195) argumenta que a formação profissional é provocada pelo conjunto de reconfigurações na identidade do indivíduo para um conjunto de práticas conectadas a uma instituição. Estas atividades lhe remetem a padrões e hierarquias associados ao currículo e ao desenvolvimento de carreiras, realidade construída que busca a multiplicação das regulamentações, normas estatutárias e os privilégios diferenciados para os próprios membros. A organização profissional do trabalho está estabelecida em três grandes grupos (Idem, p. 199): relação com o capital (poder econômico e financeiro); relação com o saber (técnico e especializado) e dos assalariados (excluídos da esfera do capital e da área legítima do conhecimento especializado).

A construção da identidade profissional envolve, conforme Dubar (2009), a estipulação de identidades com base na organização em competências e no universo do trabalho industrial (se

considerado o modelo capitalista e ocidental). Esse tipo de socialização une a intimidade privada a papéis públicos e, assim, a identidade pessoal à profissional. Dessa maneira, os instrumentos discursivos da sociedade cumprem a função de produzir certas narrativas sobre as identidades profissionais, que configurarão os sistemas de poder e legitimidade destas atividades no contexto sociocultural.

Podemos relacionar a identidade docente ao conjunto de conhecimentos, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. São estipulações de currículo, que envolvem técnicas e conhecimento científico, remetidos à cultura pedagógica e aos determinantes do sistema de ensino. Mas não se trata de um conhecimento individual, pelo contrário, ele é social (Tardif, 2002). Sua posse e utilização repousam sobre todo um sistema orientador que garante sua legitimidade (universidade, administração escolar, sindicato, associações profissionais, grupos científicos, etc.). Outro motivo para a constatação é que a educação é uma prática social, portanto se dá por meio de negociações, reconhecimentos e expectativas em função de um projeto de transformar alunos, educá-los e instruí-los.

Tardif (2002) também argumenta que para o conhecimento social da docência se dá pelo fato das ideias e práticas pedagógicas evoluírem com o tempo, a partir das mudanças sociais, ou seja, dependem intimamente da cultura da sociedade, sua história e sua hierarquia. Além disso, que esse saber social se dá ao longo de uma história profissional, de uma carreira, em que o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho.

Tais pontos são importantes porque apontam as forças que disputam, acrescentam, associam ou privam componentes da identidade profissional docente. Ao compreender esse saber como social e não só oriundo da experiência de trabalho cotidiana de um grupo, entende-se o interesse de poderes e instituições no magistério, por meio do qual o sistema educativo deve dar suas respostas. Interesse, como por exemplo, do jornalismo, para o qual a pedagogia e seu espaço de produção (o ofício do professor) têm valor-notícia, já que é uma temática de recorrentes debates sociais.

“A educação é a forma como a própria sociedade prepara seus membros para viverem nela mesma” (ORSO, 2008, p. 50). Portanto, para compreender a educação é preciso compreender a sociedade, pois a educação tende a expressar o nível de compreensão dos atores sociais que a fazem, a partir de uma época, etapa de desenvolvimento e das relações sociais estabelecidas (Ibidem). Se considerado o caso do Brasil, vínculos estreitos são estabelecidos entre

política e educação, quando o assunto é formação de professores. Isso porque a política educacional do país indica os sentidos de cidadania a que governos e sociedade civil estão em busca, assim como a cultura pedagógica a ser estabelecida.

Uma visão geral das teorias da educação permite-nos compreender a identidade profissional docente a partir de uma primeira abordagem, a do aprendizado na educação formal. O curso da formação docente, que oferece os conhecimentos especializados e apresenta as exigências em relação a comportamentos, metodologias e aspirações educativas da população, está centrado em diretrizes curriculares.

Macedo (2000), em texto sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores, faz uma análise crítica sobre o controle e o direcionamento proporcionados pelo Ministério da Educação ao sistema educacional brasileiro. Logo, há uma relação direta entre o conhecimento científico sobre educação, as exigências de qualificação do professorado e os conceitos de eficiência pedagógica. No Brasil, por exemplo, isso envolve as discussões políticas sobre igualdade de acesso, eficiência social, mercado de trabalho, mobilidade social, seleções e estratificações sociais no contexto da privatização do ensino. Questões que delineiam a estrutura organizacional e curricular das universidades e cursos normais de nível médio.

Segundo a autora, as intervenções pedagógicas do Ministério têm seu foco na competência docente, atualmente voltadas aos imperativos econômicos e processos de avaliação. Isso interfere cotidianamente na autonomia escolar e na formação de professores, ao provocar uma associação direta aos desempenhos e processos de aprendizagem que podem ser medidos nas avaliações. “O fundamento básico das soluções pedagógicas mágicas propostas pelas diretrizes para a formação de professores para o ensino básico configuram, na realidade, uma reforma de natureza política orientada fundamentalmente pelo mercado e pelo consumo” (MACEDO, 2000, p. 14).

Antes desta predileção para a administração por competências dos professores, muitos aspectos que incidem na formação docente são influência do projeto de sociedade industrial. A justificação e materialização de instrumentos técnicos pedagógicos da docência estão na configuração da escola em torno de muitos instrumentos específicos da industrialização. Desde a organização das salas de aula, as lógicas das disciplinas (especialização e fragmentação), tempo de cada professor na turma, sistema dos períodos letivos, o controle das tarefas, testes, entre outros critérios de “produção”. De acordo com William Doll Jr. (1997), as escolas modernas

foram concebidas enquanto “fábricas produtivas”, baseadas na eficiência e padronização, e os professores seguidores dos ideais do sistema industrial.

A política educacional sempre desenvolveu relações entre conhecimento, desempenho e poder sendo que, nas primeiras décadas do século XX, valorizava o currículo científico de docentes e alunos. Já nas perspectivas contemporâneas das estruturas curriculares, a competência e o planejamento ganham maior ênfase. O padrão valorizado é o dos objetivos pré-estabelecidos, seleção, direcionamento de experiências e avaliação, na “visão utópica de um mundo melhor através da ordem e do controle” (DOLL JR., 1997, p. 71).

Por isso, instituições formadoras, intelectuais e associações de classe, ao debaterem as estruturas curriculares, geralmente colocam em pauta a ausência de autonomia nas decisões educacionais e na transformação do professor em um operário desse sistema, inserido no mercado de trabalho a partir da formação técnico-profissional que atende às políticas governamentais e institucionais. No entendimento de Orso (2008, p. 52), a educação como se configura hoje está mais voltada para a adaptação do indivíduo ao meio, “uma educação para a subserviência”.

O autor aponta o fato de que se devem formar profissionais da educação permitindo um reconhecimento do professor enquanto trabalhador, pois se é a sociedade que se educa, deve-se buscar a própria condição existencial do docente numa sociedade de classes.

O professor realiza um trabalho social específico, não melhor, nem mais nobre ou superior, mas sim diferente dos demais trabalhadores; o professor não é um sacerdote. Se não fosse professor, como um trabalhador que precisa vender sua força de trabalho para poder sobreviver, possivelmente estaria realizando um outro tipo de trabalho qualquer e vendendo sua força como padeiro, marceneiro, agricultor, confeitiro, vendedor, pedreiro, coveiro, escriturário, motorista, etc. – estaria educando e sendo educado em outro local. Ou seja, seria membro da classe trabalhadora, submetido à mesma lógica do modo de produção capitalista como os demais trabalhadores, mas exercendo uma outra função social. Muitas vezes, pelo fato de o professor trabalhar com as idéias, tem a impressão de que não é trabalhador, de que não pertence à mesma classe dos demais. Daí a importância de se reconhecer como trabalhador, como membro da mesma classe, com a “missão” de, por intermédio do trabalho que realiza, contribuir para a superação de sua própria condição social (ORSO, 2008, p. 61).

Em uma visão pedagógica mais engajada e popular sobre a educação, Freire (2009)¹ apresenta suas concepções de uma educação que possa se voltar para as massas, mas que traga

¹ O ensaio "Educação como prática da liberdade" teve sua primeira edição publicada no Brasil em 1967. É reconhecido como o primeiro grande trabalho do educador, lançando as linhas mestras da visão freiriana. A redação do ensaio foi iniciada durante o período da prisão de Paulo Freire, em 1964, e concluída no Chile em 1965. O texto é uma crítica às bases da educação tradicional brasileira e ao contexto sócio-político da década de 1960.

libertação. Desse modo, analisa a necessidade de mudança da sociedade brasileira por meio da educação como forma de acabar com a alienação, inexperiência democrática e incapacidade de projetos autônomos. Apesar de basear seus argumentos especificamente em uma época da história brasileira, Freire (2009) oferece um debate sobre os papéis sociais do educador que possam trazer uma superação da manutenção de sistemas educacionais, mas que este atue enquanto agente de transformação social, rumo à responsabilidade política, conscientização e ao diálogo.

O que teríamos de fazer, uma sociedade em transição como a nossa, inserida no processo de democratização fundamental, com o povo em grande parte emergindo, era tentar uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento. Educação que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica. Isto significa então colaborar com ele, o povo, para que assumisse posições de transição. Posições integradas com as exigências da Democratização fundamental, por isso mesmo combatendo a inexperiência democrática (FREIRE, 2009, p. 114).

A identidade profissional docente não pode ser entendida apenas com base nos instrumentos de educação formal, já que a história de vida do aluno da licenciatura também se torna essencial nesse processo. Toda uma origem social do indivíduo, desde a escolha da profissão, expectativas e vivências também conformam a dimensão cultural deste professor na trajetória de construção da sua identidade profissional. O conhecimento formal converte-se em operativo, interagindo com todas as crenças pessoais não pedagógicas (SACRISTÁN, 1995).

Outro aspecto diretamente ligado à identidade é a prática docente complementar à escolarização. Ainda conforme Sacristán (1995, p. 67), “educar e ensinar é, sobretudo, permitir um contato com a cultura, na acepção mais geral do termo; trata-se de um processo em que a própria experiência cultural do professor é determinante”. Nesse sentido, a formação está ligada à configuração das práticas educativas, considerando que essas práticas remetem ao funcionamento da instituição de ensino e também ao relacionamento professor-aluno.

O autor faz referência à sala de aula enquanto um lugar de aprendizagem do professor. É na prática que estão em jogo questões do “ofício-arte”, pois nem sempre a prática é formada de rotinas ordenadas, mas sim de recombinações e reorientações. Nesse aspecto, a construção de uma identidade liga-se aos atributos da habilidade e criatividade dos professores, à experiência para além do conhecimento científico e ao desenvolvimento da capacidade reflexiva dos alunos.

Também no tocante às práticas, Woods (1995, p. 131) considera que os professores estão sempre usando sua criatividade para resolver os problemas levantados pela complexidade, instabilidade e conflito de valores dentro da sala de aula. Mas não se pode deixar de notar os fatores sociais que afetam diretamente o ensino, restabelecendo esse desempenho criativo. Um deles é o fato dos professores terem que lidar com grandes grupos de alunos, muitas vezes sem tempo e recursos para propostas inovadoras.

(...) é evidente que existem muitos constrangimentos: as pressões reformistas exercidas sobre o corpo docente, as exigências de um maior controle e avaliação profissional, a diminuição do controle dos professores sobre currículo, os exames e, de um modo geral, o conjunto dos processos escolares. De fato, os professores possuem cada vez menos influência sobre os constrangimentos acima mencionados, numa altura em que estão a ser pressionados para instituir reformas de amplas consequências que requerem modificações consideráveis desses mesmos fatores. Parece estarmos perante uma forma clássica de produção do stress, que na verdade está a alastrar no seio do professorado, sobretudo junto dos professores mais empenhados (WOODS, 1995, p. 147).

Nesse processo de configuração da identidade docente, dentro dos espaços de formação e prática, é importante destacar ainda influências das escolas, em que o professor inicia o seu trabalho (qual tipo e como se organiza) e as concepções de educação, às quais ele se associa para desenvolver suas atividades. Mas as condições do trabalho docente, bem como as segmentações do projeto político-educacional entre governos e instituições, também são responsáveis por processos de diferenciação da docência.

As condições físicas das escolas são determinantes, sobretudo a existência de salas de aula equipadas em algumas redes e, em outras, até improvisadas (muitas vezes para atender a meta da escolarização para toda criança). O aumento substancial do número de estudantes por classe, em virtude dessa massificação do ensino, além do aumento do conflito de relações são situações que também atuam na definição identitária do professor nesse processo de vivência dentro das instituições de ensino. Outro fator é o cotidiano das salas de aula; o desinteresse de alguns grupos sobre os assuntos da escola enquanto que, para outros, ela ainda é o lugar do conhecimento e das possibilidades de ascensão social.

As questões de rebaixamento de salários e alterações na jornada de trabalho, tendo em vista as novas legislações, afetam diretamente a prática pedagógica, sobretudo porque há menos tempo para a qualificação. As referências sobre o despreparo têm como base essa realidade docente, considerando ainda que cotidiano do professor consiste nas atividades extraescolares

como elaboração e correção de provas, trabalhos, relatórios, também consumindo tempo que deveria ser utilizado na atualização pedagógica (Nacarato et. al., 2011).

As escolas e universidades têm administrações diferentes, por isso são variadas as organizações a que os professores estão submetidos, colaborando para a significação social da profissão e construção identitária dos professores. Um importante fator de segmentação da identidade docente é o trabalho em instituições públicas e privadas, considerando também as subdivisões em escolas municipais, estaduais e federais (LEI DE DIRETRIZES E BASES, 1996). Além disso, a modalidade de ensino (infantil, fundamental, médio, técnico profissional e superior) também é um fator de segmentação da categoria. Existem as divisões de professores por disciplinas, por formação (curso superior ou normal) e por contratação no serviço público (concursados ou substitutos/temporários/designados).

A pesquisa realizada em 2002 pela UNESCO, em que foram entrevistados cinco mil professores, proporcionou um quadro sobre questões da formação, segmentação e cultura de professores brasileiros. Alguns dados possibilitam-nos articular necessidades, universos sociais e culturais vigentes na docência, contribuindo para a análise da identidade profissional:

- Dentre os professores brasileiros, 81,3% são mulheres e 18,6% são homens;
- A média de idade dos docentes brasileiros é de 37,8 anos, o que, considerado o panorama internacional, coloca os professores brasileiros como relativamente mais jovens;
- Pelo menos 71,6% dos docentes declararam ter constituído uma unidade familiar autônoma em relação à original (formada com seus pais);
- A maioria (63,3%) dos docentes declarou haver outro professor na sua família. Entre esses, 35,1% têm irmãos professores e 12,5% têm mãe professora. Além disso, 9,7% dos que responderam afirmativamente que têm o cônjuge ou parceiro também professor;
- O Censo Escolar registrou um total de 2,4 milhões de funções docentes em creche, pré-escola, classe de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio, para um total de 50,6 milhões de alunos matriculados nesses níveis de ensino. Os professores de ensino fundamental constituem expressiva maioria em todas as regiões do país. Esse dado é reflexo da cobertura do atendimento, nas redes de ensino, da população entre 7 e 14 anos, da ordem de 97%;
- A renda familiar dos professores é sensivelmente superior à da média da população brasileira. De acordo com o IBGE, 50,7% dos brasileiros ocupados ganham até dois salários mínimos. Os dados da pesquisa revelam que 65,5% dos professores possuem renda familiar entre dois e dez salários mínimos e 36,6% entre cinco e dez. Já na faixa mais elevada, mais de 20 salários mínimos, o percentual dos professores encontra-se próximo ao da população em geral, 6,1% e 5,9%, respectivamente. Os professores com melhores rendas familiares declaram estar em escolas privada;
- 67,6% deles afirmam ter concluído este nível de ensino – sendo que 61,9% o fizeram com formação pedagógica, ou seja, estão licenciados para a função que desempenham. Os docentes com apenas o ensino médio somam 32,3%, sendo que, dessa parcela, 83% têm formação pedagógica (modalidade normal);

- 3% dos professores conseguiram seu primeiro emprego antes de concluir seus cursos de habilitação, o que pode ser decorrência da obrigatoriedade do estágio como prática docente.

Outros 20,5% ingressaram no mercado de trabalho no máximo seis meses após serem habilitado;

- A maioria dos professores iniciou a carreira em escolas públicas (70,3%), enquanto 28,2% começaram a trabalhar em escolas privadas. Atualmente, a maioria dos professores trabalha em escolas públicas (82,2%) e o restante afirma atuar em escolas privada;

- No que se refere à quantidade de horas semanais em que atuam em sala de aula, verifica-se que a maior proporção dos professores cumpre de 21 a 40 horas (54,2%). Os que trabalham de 1 a 20 horas apresentam proporção de quase um terço (30,9%) e 14,8% dos professores trabalham mais de 40 horas semanais;

- A situação funcional dos docentes que atuam em escolas públicas aponta para mais da metade na categoria de concursados (66,1%). Há ainda 9,2 % dos professores efetivos sem concurso. Contudo, o contrato temporário apresenta proporção expressiva, uma vez que se considera que este trabalho está vinculado ao setor público – 19,1 % dos professores que atuam em escolas públicas estão submetidos a esse tipo de contrato de trabalho.

- Quanto à participação em associações ou clubes esportivos, 43,0% dos entrevistados responderam que nunca foram filiados ou associados a eles. Contraindo esse dado ao de frequência a clubes, vê-se que 13,4% deles dizem frequentá-los habitualmente como associados e 23,8% afirma ir a clubes pelo menos uma vez por mês. Com uma taxa de participação um pouco mais alta que a observada em relação aos clubes, aparecem os sindicatos. Segundo a pesquisa, 16,0% dos professores participam habitualmente de sindicatos. Entretanto, a parcela dos que nunca foram ao sindicato chega perto da metade (49,6%).

(UNESCO. O perfil dos professores brasileiros, 2004, Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>>).

4.2. Imaginários da docência e educação brasileira

A história da formação da profissão docente no Brasil é marcada pelo caráter descentralizado do sistema de ensino e por cenários de disputas por configurações identitárias, sobretudo entre políticos, intelectuais e os próprios professores. Os meios de comunicação, nesse sentido, formam lugares de muitas dessas construções de imagens sociais. Logo, se tornaram uma fonte para educadores e historiadores que se debruçaram na pesquisa sobre a profissão.

Os discursos sobre educação e a docência foram formatados pelas condições a que os professores se submeteram em cada momento da história de formação da profissão. Imagens sociais do professorado foram ganhando ou perdendo força no contexto das questões trabalhistas e representações. Quanto às condições de trabalho, a história é marcada por avanços e retrocessos, já que dependiam de políticas educacionais sempre marcadas por discontinuidades.

A pesquisa realizada por Vicentini e Lugli (2009) e os textos de Nóvoa (1995) e Nacarato et. al. (2011) nos subsidiaram a elaborar um resumo sobre a profissão docente no Brasil, com informações sobre a criação e o desenvolvimento de imaginários sobre o professorado.

A docência no Brasil teve sua “gênese” ligada às congregações religiosas no período do Império, absorvendo algumas concepções de educação vividas pela sociedade européia. A educação era entendida como algo restrito e sagrado, associado à vocação religiosa. Os processos educativos no Brasil eram controlados pela Igreja, logo, a função do aprendiz coube, durante muitos anos, a professores religiosos (NÓVOA, 1995).

Ao longo do Império, os Colégios Jesuítas foram às únicas instituições escolares existentes no Brasil, destinadas a preparar os filhos dos colonos portugueses, uma elite já letrada, para as universidades européias. Muitas vezes, os motivos dos estudos no “velho continente” eram a capacitação para o futuro exercício de atividades da administração da colônia. A educação era restrita, considerada um privilégio. Ser professor, naquela época, era equivalente a ser religioso (pertencer ao Clero). A docência carregava o significado do missionário, da doação, afinal era um papel social associado à própria vida religiosa.

As aulas régias expressaram as primeiras iniciativas do Estado na educação, tendo sido criadas pelo Marquês de Pombal no Brasil após expulsão dos jesuítas em 1759. Tratou-se das primeiras reformas iluministas, que visaram à separação do Estado da Igreja. As aulas régias eram ministradas por docentes recrutados e pagos pelo Estado. Os que davam aulas de “primeiras letras” eram conhecidos como mestres; nas demais cadeiras (Latim, Francês, Comércio, etc.), eram chamados de professor. Para ser mestre ou professor não eram necessários estudos pedagógicos e sim saber ler, escrever, contar, conhecer os princípios da religião e ter atestado de boa conduta moral (fornecido pelo padre da paróquia e pelo juiz da paz da localidade).

Os professores das aulas régias eram semelhantes aos mestres de ofício, que ensinavam uma profissão. Isso porque eram completamente independentes na prática do ensino e geralmente as aulas eram realizadas em sua própria casa. Naquele tempo, já havia uma diferenciação salarial, segundo os registros: pagava-se menos aos mestres e mais aos professores, por desempenharem seu trabalho nas disciplinas ditas “nobres” (VICENTINI E LUGLI, 2009).

Em relação a este momento da história, percebe-se a existência da “recompensa simbólica” (NÓVOA, 1995), pois já havia uma desvalorização salarial dos mestres, porém “recompensada” pelo *status* da docência: uma missão nobre, de “um profissional que

constrói/produz saberes profissionais” (NACARATO et. al., 2011, p. 77), da qual a elite brasileira dependia.

Com o passar do tempo, mestres e professores começaram a trabalhar nas primeiras escolas públicas, que geralmente funcionavam em casas sem condições, improvisadas e mal arejadas, onde ficavam alunos e os mestres amontoados. Estas foram as condições das escolas no século XIX, até o momento em que métodos educacionais em discussão na época começaram a evidenciar o planejamento de estruturas escolares. Há relatos de que o salário dos mestres era tão baixo que ninguém queria assumir os cargos nas escolas públicas (VICENTINI E LUGLI, 2009).

Já com maior influência do Estado na educação, os professores na época tinham que ter uma licença para ensinar. Era preciso preencher uma série de condições para o exercício da atividade docente, como perfil e competências técnicas. Uma legitimação oficial da atividade, que ganha aspectos de profissão (Nóvoa, 1995).

Desde o seu início, a educação no Brasil já possuía os contornos da regionalização, uma vez que eram as regiões as responsáveis pelo ensino. A organização era diferente em cada localidade; os salários dos professores variados, alguns mais valorizados que outros (o que faz parte da realidade até os dias atuais). Por esse motivo, não havia um mapa unitário sobre as questões salariais e condições de trabalho docente, mas registros já demonstravam que o pagamento era insuficiente e que os professores, sobretudo os de “primeiras letras”, enfrentavam os problemas da pobreza (VICENTINI E LUGLI, 2009). Há queixas de materiais não distribuídos pelos estados e de casas sem qualquer estrutura para as aulas.

A demanda por educação foi aumentando; as aulas régias se tornaram insuficientes e a sociedade começou a vivenciar a expansão do ensino particular, em que os professores tinham que prestar concurso de habilitação. Importante considerar a presença da religião no ensino: mesmo com o desligamento dos jesuítas, era o pároco de cada localidade o responsável por fiscalizar o bom funcionamento das escolas e a conduta dos mestres.

No cenário de falta de estrutura e baixos salários, já era possível verificar as imagens do sacrifício dos professores para atender a vocação e a missão de trabalhar com crianças nesse primeiro processo de aprendizado (leitura, escrita e contas) e orientar uma juventude brasileira que começava a ser “educada”. A precariedade e a ausência de formação, característicos do fim do Império e início da República, eram retratos do ensino que começava a ser observado enquanto possibilidade de um progresso e bom funcionamento da vida em sociedade. Constata-se

que os professores já tinham as atribuições de “heróis” e as da “vocação” para a docência; eles alugavam salas ou usavam cômodos de suas próprias casas, pagavam as despesas da educação com os pequenos salários (VICENTINI E LUGLI, 2009) e lançavam as primeiras preocupações pedagógicas.

Com o passar dos anos, os professores licenciados começaram a aplicar o método de ensino simultâneo (classes de alunos), já que antes o ensino era individual (lições tomadas de um a um). Mas ainda não havia formação específica, fato que gerava debates na sociedade da época. E, sem formação específica, não havia critérios para o ensino nem mesmo para estabelecer disciplina em sala de aula, logo, eram comuns os castigos físicos de alunos (como a famosa palmatória).

Até o início do século XX, prevaleceu o elitismo na formação e, para o exercício da docência, o peso das relações políticas para seleção e nomeação de professores. Os registros históricos da educação brasileira deixam vagas às informações salariais, mas segundo Vicentini e Lugli (2009), percebe-se que havia um prestígio do professorado não por uma recompensa salarial, mas pelas relações políticas que precisavam estabelecer nas comunidades, a fim de serem selecionados. A figura do professor era tida como profissional, no sentido de deter certa autonomia e controle sobre seu trabalho, possuir um saber e ter reconhecimento público como autoridade em muitas comunidades (NACARATO et. al., 2011).

A preparação de professores foi motivo de discussão pública no século XIX e o Império criou um sistema – baseado no militarismo da época – de treinamento de professores e instituição de um método educacional, conhecido como Método Lancaster. Mas o desenvolvimento da formação docente se deu, mais precisamente, com a criação do Sistema das Escolas Normais, encarregadas de garantir a aplicação de um novo método de ensino no país.

Criadas em 1827, as Escolas Normais foram primeiramente instituídas nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e São Paulo. Os dirigentes de cada estado eram os responsáveis. Durante alguns anos, as Escolas Normais foram marcadas pela precariedade da estrutura, por isso não atraíam alunos e evidenciavam o cenário de desprestígio do trabalho docente na época, inclusive registros históricos já indicavam pagamento de salários baixos na área pública. Durante muitos anos as Escolas Normais existiram sem que fossem assumidas enquanto política dos estados.

A proclamação da Lei do ventre Livre em 1871 inaugurou um momento de mudanças na educação brasileira, já que o Estado e os políticos tiveram que se preocupar com questões educacionais, sobretudo com as crianças nascidas escravas. Outra iniciativa que marcou a época foi o anúncio de iniciativas para a superação do analfabetismo entre as mulheres, compondo um novo sistema social no Brasil. Uma série de debates a respeito da questão educacional e dos modos adequados ao ensino começaram a circular pela sociedade desde então.

Mas as ações decisivas para a disseminação das Escolas Normais como instituições necessárias para a profissionalização de professores públicos foi na constituição da Primeira República (1889-1930). Aquele momento representou um avanço nas iniciativas estatais para a educação, embora muito lentamente se desenvolvesse as estruturas burocráticas de controle estatal da educação, inclusive a estipulação de métodos disciplinares.

A expansão da escola acentuou-se a partir daquele momento, pois a instrução começou a ser encarada como instrumento para ascensão social e para a realização do trabalho de alta relevância. A escola então se impõe como instrumento de estratificação social (NOVOA p. 17). Junto com a estruturação da instituição escolar ocorreu uma consolidação do estatuto e da imagem dos professores. Foram estabelecidas medidas para o ensino público, como condições de higiene, configuração das salas de aula e mobiliário necessário. Além disso, erguidas construções que já demonstravam identidades do que ficou conhecido como escola.

O corpo docente das Escolas Normais era formado, em sua maioria, por profissionais com diploma universitário, sobretudo nas áreas de medicina e direito, além de estrangeiros (VICENTINI E LUGLI, 2009). Destaca-se, portanto, uma formação de professores mais baseada no pensamento científico da época do que um pensamento educacional. Outro ponto relevante é que continuou havendo uma separação entre os docentes: os que tinham diploma de ensino superior e ministravam aulas nas Escolas Normais e os que seriam formados por estas escolas, a fim de entrarem no recém-formado sistema educacional brasileiro.

O cenário nacional também foi mudando com a inserção de professores formados pelas Escolas Normais que, naquela época, ganharam força. Essas escolas começaram a direcionar os processos de formação docente entre outras políticas educacionais, sobretudo os modelos curriculares. No entanto, naquele momento da história educacional brasileira os professores normalistas conviviam com os que não tinham formação específica (leigos) e os mestres de escolas remanescentes do Império. Todos atendiam aos sistemas de educação estaduais, já que

não havia uma política nacional. Por isso, não era possível falar em uma identidade docente, já que não havia um único modelo adotado em todo o país.

Ao final da Primeira República, a Escola Normal era um curso que tinha uma extensa parcela de formação pedagógica. Na década de 1930, inclusive, começou a ser exigida a conclusão do secundário para a entrada na instituição, que se tornou então um curso de formação profissional. Foram aplicadas exigências específicas e critérios educacionais para o desempenho da docência, como as características da “competência” e “assiduidade”, que acabaram por compor aspectos da identidade profissional.

O início do século XX marcou um movimento em que os saberes docentes não eram meramente instrumentais, tendiam para um contato cada vez mais estreito com as disciplinas científicas. As perspectivas educacionais para a formação de professores aderem então a valores éticos e a normas deontológicas, que regem não apenas o cotidiano educativo, mas também as relações no interior e no exterior da docência. A identidade profissional não pode ser dissociada da adesão dos professores ao projeto histórico da escolarização, o que funda uma profissão que não se define nos limites internos da sua atividade (NOVOA, 1995, p. 20).

A partir de 1930, no Governo Vargas, houve uma centralização das responsabilidades por parte do governo em diversas áreas da vida social, entre elas, a educação. As primeiras iniciativas de homogeneização foram as Leis Orgânicas de Ensino, com definições de jornada de trabalho de professores, métodos, disciplinas, organizações administrativas escolares e articulações entre o ensino primário, secundário e o curso normal público (formação de professores). Uma centralização que permitiu avanços, mas foi marcada pelo autoritarismo do Estado Novo (VICENTINI E LUGLI, 2009). Até 1961, com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases, o ensino normal esteve centralizado no país.

Na visão de Nóvoa (1999), a subordinação exclusiva ao Estado, sem regulação da atividade por fontes intermediárias (como profissionais e organizacionais), sempre foi um fator de estrangulamento do professorado. O Estado proporcionou alguns avanços, como assegurar uma equidade social e serviços de qualidade, mas “o seu papel de supervisão deve exercer-se numa lógica de acompanhamento e de avaliação reguladora, e não numa lógica prescritiva e de burocracia regulamentadora” (NOVOA, 1999, p. 25).

O ensino secundário também passou por grandes mudanças do final do Império até praticamente em todo período republicano. Discutia-se a finalidade deste ensino, se seria a

preparação para o ingresso nos cursos superiores ou como uma escola destinada a construir uma cultura intermediária entre a população comum (maciçamente iletrada). Durante muitos anos, o ensino secundário foi claramente destinado às elites, pois não se tratava de preparação para uma profissão específica, apenas ingresso no ensino superior.

O surgimento de instituições escolares no Brasil pode ser localizado em meados do século XIX, mas foi no século XX que grandes contingentes de crianças das camadas menos favorecidas foram incorporadas ao sistema de ensino. Os professores estavam despreparados para este novo contexto educacional que se formava, impondo grandes desafios. A partir da década de 1940, em São Paulo, até a década de 1950 para a maioria dos estados brasileiros, houve um crescimento acelerado da demanda por escolarização, levando para a escola primária um grande número de crianças que até então não a frequentava.

A partir do processo de urbanização e industrialização, ocorreu um aumento substancial do número de escolas e, conseqüentemente, do número de estudantes e docentes. Essa expansão do ensino propiciou o aparecimento de novos e complexos problemas qualitativos, fazendo ao longo dos anos, desaparecer a figura do professor assalariado, o que gerou a exigência para o Estado de investir em um projeto político-pedagógico, com a definição de objetivos e finalidades do ensino, além de investimentos financeiros. O que ocorreu (não só no contexto brasileiro) foi o início de um modelo técnico-burocrático de organização escolar, acompanhado de limitados recursos (HYPOLITO, 1991 apud NACARATO et. al., 2011, p. 78). O aumento de verbas para a educação desde então não tem sido proporcional à sua expansão, acarretando perda da qualidade de ensino.

Na década de 1950 houve uma queda do prestígio da Escola Normal, pois as pessoas buscavam outras oportunidades de trabalho e carreiras que não a docência, sobretudo as mulheres com o novo mercado de trabalho. Já era relatada a acentuada queda salarial dos professores, o que influenciou o desprestígio das escolas formadoras de docentes (VICENTINI E LUGLI, 2009). A massificação também levou a uma precarização das condições de trabalho dos professores nas áreas urbanas: situações caóticas, com atrasos de pagamento lentamente solucionados pelos órgãos públicos e soluções emergenciais para suprir vagas, como as contratações de professores em caráter precário. Além disso, muitos professores começaram a ter que se deslocar entre as escolas para atender a demanda.

A identidade que havia se firmado foi sofrendo uma crise com a massificação da escolarização, que apresentou novas demandas para o sistema. O professor, que já tinha consolidado de certa forma uma imagem de competência e intelectualidade, acaba passando pela tensão de uma imagem do despreparo, sobretudo pelo histórico da falta de autonomia sobre o ensino sempre relegada às questões políticas.

Havia de certa forma, uma angústia entre os professores porque a realidade brasileira acabou seguindo, naquele momento, um caminho diferente ao da política educacional antes estipulada, que se baseava em garantir que todos os alunos tivessem ao menos professores minimamente preparados para lecionar. O que aconteceu, pelo contrário, foi o processo de “proletarização” do professor” (APPLE, 1989 apud SACRISTÁN, 1995, P. 67), no sentido de flexibilização do trabalho, alienação e empobrecimento, e vínculo cada vez maior com o operariado; no sentido de estar nas camadas médias da sociedade ao invés da elite, o trabalhador da educação.

É imperativo fazer menção ao papel social das mulheres no sistema de ensino e desenvolvimento da identidade docente, sobretudo na escola fundamental. A trajetória de crescimento das iniciativas de formação docente ampliou as oportunidades de escolarização feminina no país, inclusive oportunidades de trabalho. O processo de feminização do magistério foi intenso, inclusive aliando a profissão no magistério primário às características tidas como femininas, como instinto maternal e docilidade (NACARATO et. al., 2011).

Os estudos da história docente também mencionam o aspecto econômico de tal característica. Até os anos de 1960, a Escola Normal era praticamente a única opção de continuidade dos estudos para as moças das camadas médias e representava única oportunidade de trabalho para as mulheres (VICENTINI E LUGLI, 2009). Ainda, no processo de urbanização e industrialização no país, muitos professores homens buscaram oportunidades de trabalho com melhor remuneração e melhores chances de ascensão, abandonando o magistério. Houve assim, um aumento significativo do número de mulheres exercendo a docência.

Mudanças ocorreram como resposta a esse cenário e ampliação das políticas pela escolarização no país. Em 1967, decretos-lei estabeleceram a obrigatoriedade da criação de Faculdades de Educação nas Universidades Federais. Também na década de 1970 docentes com habilitação específica de grau superior (Letras, História, Matemática, etc.), bem como a Licenciatura Plena, poderiam dar aulas no primeiro e segundo grau, pois a lei as considerou

possibilidades de formação regular. Esse fenômeno caracterizou também a ampliação do pensamento científico especializado em relação às técnicas pedagógicas nos cursos de formação.

Em 1971 foi estabelecido o primeiro grau de oito anos e o ensino secundário como continuidade do primário, impactando diretamente a estipulação das diretrizes curriculares. Naquele momento, já começava a se organizar a formação de nível superior em educação. Inicialmente o curso formava técnicos em educação (semelhante a um bacharelado em Pedagogia). O intuito era qualificar pessoas para trabalhar na parte administrativa da educação, como no Ministério da Educação e Cultura. Mas para lecionar era necessário cursar licenciatura na Faculdade de Educação, que naquele momento, era um curso de um ano com disciplinas de didática.

Acompanhando esse processo de expansão qualitativa do curso de Pedagogia, ocorria, no campo educacional brasileiro, a partir de meados da década de 1950, uma mudança quanto à organização do ensino, na qual os professores passavam a ser objeto de treinamentos em massa dirigidos por “técnicos em educação”. O objetivo era proporcionar uma espécie de educação em serviço, oferecendo assim formação mínima a uma parcela considerável do magistério brasileiro que era leiga (em torno de 40%, segundo o censo escolar de 1964) (...). Temos então as condições para um conflito que se iniciou entre os “técnicos em educação” e os professores em exercício – estes viram suas práticas desqualificadas em face de novas técnicas de ensino e novos conhecimentos educacionais que chegavam nesse momento ao Brasil” (VICENTINI E LUGLI, 2009, p. 56).

Configurou-se um sistema formal de ensino, que se caracteriza hoje como a integração entre a sociedade, o trabalho e a educação dos jovens. A escola passou então a fazer parte não só de planos políticos como também dos valores sociais, já que relações específicas foram se estabelecendo ao longo da trajetória educacional. Embora a escolarização implique em uma característica de organizar a educação, há certa continuidade com a prática de criar os filhos e com as relações sociais extraescolares, historicamente anteriores ao fenômeno da escolarização (NÓVOA, 1995).

Em 1996, a promulgação da nova LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB - Lei 9.394/96) estabeleceu a prioridade dos cursos de nível superior para a formação dos professores para todo o sistema de ensino. Desta forma, foi normatizada uma série de medidas com base no entendimento de que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

Ao mesmo tempo em que há o reconhecimento de uma profissionalização, a docência também deve ser entendida como uma “semi-profissão”, já que o professor não é o todo responsável pelas práticas docentes.

Em parte porque depende de coordenadas político-administrativas que regulam o sistema educativo, em geral, e as condições do posto de trabalho, em particular. A própria profissão foi ganhando forma à medida que ia nascendo a organização burocrática dos sistemas escolares e, por isso, é lógico que a sua própria essência reflita as condições do meio em que se molda” (SACRISTÁN, 1995, p. 71).

O século XX legitimou instâncias e grupos de referência no domínio educativo. A área privada (sempre presente, mas que se fortaleceu na contemporaneidade) e as organizações sem fins lucrativos também são atores do contexto educacional atualmente. Mas no tocante à história brasileira, há uma hegemonia de políticas nacionais ditadas pelo Ministério da Educação, com influência em todas as redes educacionais.

Não se pode compor um quadro sobre o imaginário docente sem mencionar o papel das associações de classe ao longo da história. Ainda em meados do século XIX registrou-se o aparecimento de um movimento associativo docente, com vistas a uma tomada de consciência sobre os interesses comuns. É possível afirmar que as primeiras iniciativas de organização do magistério em associações específicas foram empreendidas por professores primários no Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Em 1874 foi criada a Sociedade Literária Beneficente Instituto dos Professores Públicos da Corte; em 1901, a Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo; em 1909, a Associação dos Professores do Brasil e, no contexto mineiro, a Associação das Professoras Primárias de Minas Gerais foi criada em 1931.

Desde então, as décadas de 1940, 1950 e 1960 foram marcantes no surgimento de uma série de outras associações. É de 1960 a fundação da Confederação dos Professores Primários do Brasil, com o objetivo de constituir ações em prol do magistério. O modelo associativo foi predominante até o final dos anos de 1970, pois só foi permitida sindicalização de servidores públicos pela Constituição de 1988.

O prestígio dos professores no início do século XX é indissociável da ação levada a cabo pelas suas associações, que acrescentaram à unidade extrínseca do corpo docente, imposta pelo Estado, uma unidade intrínseca, construída com base em interesses comuns e na consolidação de um espírito de corpo (NOVOA, 1995, p. 19).

O movimento associativo é colocado em destaque na história da profissão docente brasileira, como tendo papel primordial na construção identitária, já que foi uma maneira encontrada de reagir contra determinados controles da profissão. As associações tentavam definir não só os saberes, práticas e valores próprios da docência, como também os processos de organização do ensino e as condições para a prática docente.

Já no final dos anos de 1970, registrou-se a utilização de práticas reivindicatórias mais agressivas dos docentes, um movimento forte que promoveu, inclusive, greves de professores em plena ditadura militar. Este era um contexto de mudanças da imagem social da docência, assim como fez emergir, entre os professores, as noções de trabalhador em educação e do Estado como padrão.

Com isso, a ideia do docente como profissional, que já tinha se combinado de formas peculiares com valores do sacerdócio (pode-se identificar aqui uma forte ênfase no “altruísmo” que caracteriza algumas tipologias da sociologia das profissões) passou a ser atacada e desvirtuada. Desse modo, foram alterados os modos de decisão e de organização do movimento docente, praticamente silenciando os grupos que ainda consideravam as representações anteriores como válidas para organizar suas visões de mundo e do trabalho. Assim, as características presentes na atuação das entidades criadas desde o final do século XIX passaram a ser identificadas como conservadoras e símbolo de tudo o que deveria ser superado no processo de organização da categoria”. (VICENTINI E LUGLI, 2009, p. 105-106).

As entidades representativas construíram o discurso da unificação da classe do professorado e da estruturação da identidade profissional, com base em valores diferenciados do passado. As relações conturbadas com o Estado eram um cenário para o investimento das associações e sindicatos na reestruturação do campo educacional. Até mesmo como uma tentativa de mudança da insuficiente legitimidade dos professores para se pronunciarem enquanto especialistas nas questões de ensino, demonstrando que eram capazes de indicar decisões corretas em termos de política educacional. Houve uma disputa pelo poder de representação desta identidade configurada ao longo da história docente no Brasil o que, inclusive, se deu por meio de instrumentos de comunicação alternativa e sindical.

Além disso, era recorrente na história das associações iniciativas para eleger representantes professores no poder legislativo, uma estratégia de inserção na vida política e transformação do quadro educacional brasileiro.

4.3. O “Mal-Estar” docente na contemporaneidade

Questões identitárias são amplamente debatidas por teóricos da educação atualmente, face às transformações sociais vivenciadas dentro das instituições de ensino. Os professores rediscutem seus papéis e também os dos meios de comunicação, enquanto ferramentas educacionais no cenário pós-moderno. Questões curriculares também entram em pauta, na medida em que as gerências do Estado encontram uma realidade globalizada, com valores como a flexibilidade, liberdade, inovação e consumo. Os cenários proporcionados pela globalização fazem com que instituições de tradição moderna entrem em um ciclo de transformações, como é o caso a docência. Por ser “uma das mais antigas ocupações modernas, tão antiga como a medicina e o direito (...) ela representa atualmente um ‘setor nevrálgico’ sob todos os pontos de vista”(TARDIF, 2007, p. 21).

Há uma crise da profissão docente, atingindo todo o professorado e evidente na desmotivação, nos elevados índices de absenteísmo e abandono. Além disso, está nos processos de desinvestimento e discursos de incompetência e desconfiança em relação à qualidade do trabalho. As sociedades contemporâneas vivem o paradoxo entre o prestígio docente, baseado em um passado e no reconhecimento do poder de transformação social que tem ao mesmo tempo em que há um desprestígio marcante no presente. “Esse paradoxo explica-se pela existência de uma brecha entre a visão idealizada e a realidade concreta do ensino” (NÓVOA, 1995, p. 22).

Valores educacionais caíram em desuso, sobretudo com as transformações do sistema educativo que comprometeram grandes ideais escolares. Na visão de Nóvoa (1995), uma nova cultura profissional é necessária, reinventando papéis sociais e até mesmo valores da docência. “Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambiguidade que afetam hoje a profissão docente. E contribuir para que os professores voltem a sentir-se bem na sua pele” (NOVOA, 1995, p. 29).

Segundo Esteve (1995, p. 96) há um desencanto que atinge muitos professores, já que não souberam redefinir o seu papel perante esta nova situação. O autor faz referência a esta situação como um desajustamento, uma perda das referências culturais conhecidas. Os professores enfrentam circunstâncias de mudança que os obrigam a fazer mal o seu trabalho, ainda sofrendo críticas generalizadas por representarem de forma mais direta a educação quando o assunto é o

resultado. A expressão do próprio teórico “mal-estar docente” aparece como um conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social. Elementos que desencadeiam esse mal-estar são “a falta de apoio, as críticas e a demissão da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais” (Idem, p. 98).

Esteve (1995) elenca os elementos de transformação do sistema escolar que nos remetem diretamente às questões postas sobre a identidade docente na contemporaneidade. São fenômenos sociais que influenciam a imagem que o professor tem de si próprio e do seu trabalho profissional.

O primeiro elemento é o aumento das exigências e responsabilidade do professor, que vão além do ensino-aprendizagem. Hoje, na imagem social da docência, um dos aspectos mais importantes da competência profissional dos docentes é a capacidade de enfrentar diversas situações conflituosas. Isso nos leva ao segundo elemento que é a inibição educativa de outros agentes de socialização. São direcionadas à escola as maiores responsabilidades educativas, que dizem sobre um conjunto de valores básicos que, tradicionalmente, eram transmitidos na esfera familiar.

Outro ponto elencado por Esteve é desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola, como os meios de comunicação de massa e, mais recentemente, a comunicação digital. O professor enfrenta a necessidade de integrar no seu trabalho o potencial informativo destas novas fontes (de conhecimento, de educação), modificando seu papel tradicional. A ruptura do consenso social sobre a educação, ou seja, sobre os papéis e objetivos das instituições escolares e sobre os valores que devem fomentar, também faz parte deste conjunto de transformações. “O professor confronta-se, cada vez mais, com diferentes modelos de socialização, produzidos pela sociedade multicultural e multilíngüe” (Idem, p. 102). Além disso, a expansão escolar tornou impossível a vantagem da uniformidade. Os professores são obrigados a repensar a sua atitude em relação aos alunos, que sofreram processos de socialização claramente diferentes.

Outro ponto se refere à mudança de expectativas de alunos, professores e pais em relação ao sistema educativo, sinal da incapacidade da educação assegurar o *status* social e uma instabilidade econômica da mesma forma que acontecia há décadas atrás. A evolução do contexto social fez mudar o significado das instituições escolares. Isso levou à retirada do apoio unânime

da sociedade e abandono da ideia de educação como promessa de um futuro melhor. Para o autor, grande parte da sociedade, alguns meios de comunicação e também alguns governantes chegaram à conclusão simplista e linear de que os professores são os responsáveis diretos pelo sistema de ensino, são também os responsáveis diretos de todas as lacunas, fracassos, imperfeições e males que nele existem.

De fato, o trabalho do professor é sempre apreciado num sentido negativo. Se o professor faz um trabalho de qualidade, dedicando-lhe um maior número de horas, para além das que figuram no seu horário e trabalho, é raro que se valorize esse esforço suplementar; no entanto, quando o ensino fracassa, por vezes devido a um acumular de circunstâncias incontroláveis, o fracasso personaliza-se imediatamente no professor. Se tudo corre bem, os pais pensam que os filhos são bons estudantes. Se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais (ESTEVE, 1995, p. 105).

A negatividade da identidade profissional engloba, portanto, os saberes pedagógicos, a educação na agenda política e a ciência educacional a uma série de negações que conformam o cenário pós-moderno. Um dos principais debates na educação é se ela está “a serviço da cidadania” ou está “a serviço do cliente” na contemporaneidade. Com base em uma supervalorização dos aspectos econômicos, a própria imagem do professor é avaliada.

Modificou-se, também, a consideração social pelo professor. O professor do ensino primário e, sobretudo, o professor do ensino secundário com formação universitária gozavam, ainda há poucos anos, de um elevado “status” social e cultural. O saber, a abnegação e a vocação destes profissionais eram amplamente apreciados. Mas, nos tempos atuais, o “status” social é estabelecido, primordialmente, a partir de critérios econômicos. Para muitos pais, o fato de alguém ser professor tem a ver com uma clara incapacidade de “ter um emprego melhor”, isto é, uma atividade profissional onde se ganhe mais dinheiro. Nesta perspectiva, o salário converte-se em mais um elemento de crise de identidade dos professores, pois é preciso reconhecer que, nos países europeus, os profissionais do ensino têm níveis de retribuição sensivelmente inferiores aos profissionais que possuem idênticos graus académicos (ESTEVE, 1995, p. 105).

Com o avanço das ciências e a transformação das exigências sociais, a segurança em ensinar aquilo que é mais recente em matéria de conhecimento é abalada. Foi necessário aos professores abandonar alguns dos conteúdos tradicionalmente transmitidos pelas instituições escolares. No mesmo cenário estão a escassez de recursos materiais e as deficientes condições de trabalho. Esteve aponta para o fato de que, hoje em dia, o ensino de qualidade é mais fruto do voluntarismo dos professores do que consequência natural de condições de trabalho adequadas às múltiplas tarefas educativas. Professores denunciam a inexistência dos meios necessários à renovação metodológica que a sociedade e as autoridades educativas exigem e, esta situação provoca a inibição dos docentes.

Houve ainda uma série de mudanças nas relações professor-aluno, que se tornaram mais conflituosas, considerando ainda o cenário da violência dentro das escolas, com o aumento dos casos de agressão a professores. Para Esteve, o aumento da escolaridade obrigatória implica um novo esforço por parte dos professores, fundamentalmente nas zonas mais desfavorecidas e com maiores taxas de insucesso escolar.

Por último, o autor aponta a fragmentação do trabalho do professor. Muitos profissionais fazem mal o seu trabalho, menos por incompetência e mais por incapacidade de cumprirem, simultaneamente, um enorme leque de funções. Para além das aulas, os professores devem desempenhar hoje tarefas de administração; reservar tempo para programar, avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender os pais; organizar atividades várias, assistir a seminários e reuniões, porventura até mesmo vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas.

Já para Cavaco (1995), essa é a “escola atual”, que demonstra muitas imagens da incapacidade da sociedade esclarecer o que espera da educação. Algo que tem relação direta com a crise da integração da identidade docente, ligando indivíduo-profissional-cidadão em um projeto de sociedade.

O gigantismo da instituição e a mediocridade de meios de trabalho – escolas incompletas e degradadas, material pedagógico escasso e antiquado, escassez de recursos financeiros – mantêm a insatisfação, generalizam o mal-estar, justificam a descrença e o abandono da profissão por muitos e opõem-se a um desenvolvimento harmonioso e integrado da identidade profissional do professor. As relações de poder que estruturam a organização dos estabelecimentos de ensino pressupõem-se nas representações que demarcam os professores antigos dos recentes, os de casa e os ‘de passagem’, os licenciados, os outros, os efetivos e os provisórios, os da manhã, os da tarde e os da noite, os das disciplinas ‘nobres’ e os das disciplinas que são como que atividades de animação, e ainda os “para-queidistas” [que têm outras profissões além da docência], os ‘mercenários’... (CAVACO, 1995, p. 173).

4.4. Reflexões sobre a cobertura midiática dos professores e das questões educacionais brasileiras

O papel da mídia na cobertura de assuntos educacionais é um debate recorrente entre os educadores. As discussões dizem sobre o espaço ou o tempo destinado a trabalhar os acontecimentos, as fontes escolhidas para falar sobre a educação, as imagens divulgadas e outros determinantes do enquadramento jornalístico. Nota-se um olhar crítico sobre as notícias e reportagens, muitas vezes acusando a mídia de manipular informações e de não proporcionar um

verdadeiro jornalismo educacional. Outra consideração recorrente, que aparece nas análises dos educadores é que o jornalismo deveria usar melhor suas atribuições educativas, na orientação dos receptores das notícias e produção do conhecimento.

A imprensa é também acusada de reducionismo e, em outros momentos, de silenciar acontecimentos e debates. Temáticas que envolvem o campo educacional frequentemente ganham espaço na cobertura noticiosa pelo eixo político-econômico, ou pela ênfase no extraordinário e incomum, e não por um debate propriamente educacional. Além disso, ações de autoridades e instituições governamentais muitas vezes são valores-notícias distantes da realidade cotidiana da sala de aula e dos dilemas de professores e estudantes, quase nunca ouvidos. Outro problema são as pequenas informações sobre a área dentro dos jornais, demonstrando que a temática não é prioridade de investigação jornalística, ou seja, não é hierarquicamente primária na agenda pública (MONTEIRO E GONÇALVES, 2012).

Pesquisas sobre o professorado nos noticiários, como as que foram divulgadas por Vicentini e Lugli (2009), Monteiro e Gonçalves (2012) e Freitas (2013) em diferentes contextos, indicam que as representações são negativas, reducionistas e alimentam o fenômeno do mal-estar docente. Dessa forma, a mídia vem contribuindo para a construção de uma imagem negativa dos educadores, a partir de uma cobertura descontextualizada e que desqualifica o trabalho na educação. Nas considerações de Monteiro e Gonçalves (2012):

Nota-se uma cobertura das editoriais como um retrato parcial e distorcido focado na economia política da educação, isto é, fixado nos fatos noticiosos de concursos, vestibulares e temáticas do ensino superior, ignorando o ensino de base. Além das problemáticas da cobertura jornalística e editorial que estigmatiza e criminaliza o professor e sindicatos; reforça estereótipos sobre educação pública e privada; culpabiliza o desenvolvimento do aluno pelas estratégias do professor e não pelas políticas educacionais do Estado; baseiam-se as análises e críticas somente em dados e comparações com realidades estrangeiras e não na voz de alunos e professores (MONTEIRO E GONÇALVES, 2012, p. 2).

Os paradigmas político-educacionais ganham os noticiários, na medida em que estes assumem as referências para proporcionar o debate público. Principalmente pelo fato da educação, no caso brasileiro, ser constitucionalmente um direito universal e atribuição do poder público. Logo, a imprensa tem a tradição de trabalhar a representação dos professores enquanto atores políticos na definição da realidade educacional.

Em estudo sobre a cobertura das questões educacionais e das reformas educativas em Portugal, Freitas (2013) observa que a mídia é vista com desconfiança por acadêmicos, como sendo uma porta-voz de discursos neoliberais dentro do contexto destas reformas portuguesas. Críticas também foram feitas em relação a uma desqualificação dos jornalistas ao cobrirem acontecimentos educacionais, geralmente, levando aos receptores das notícias uma visão unilateral dos fatos.

Ao fazer um breve diagnóstico sobre o professor na mídia, Nacarato et. al. (2011) considera que nunca se publicou tanto sobre educação como nos últimos tempos. As más condições das escolas e criminalidade estão sempre em pauta, porém as experiências bem sucedidas de trabalhos educacionais acenam para as potencialidades no sentido de um discurso do voluntarismo, do “faça sua parte” ou “basta querer”. “Se alguns são capazes de fazer bem feito e a esmagadora maioria não, em condições semelhantes, fica implícita a mensagem de que os segundos ou têm má vontade ou são desqualificados” (NACARATO et. al., 2011, p. 98).

Dentro do campo midiático disputas são travadas com a proposta de definir papéis sociais, tanto dos professores quanto do próprio sistema educacional. Este cenário envolve os valores remetidos à docência na função transformadora da realidade, os investimentos aplicados pelo país, o entendimento da educação enquanto direito essencial, questões de remuneração, condições de vida e trabalho dos professores. Cabe também a discussão sobre quais são os valores da educação na agenda política e econômica, sendo, portanto, pauta na imprensa.

Conforme Frigotto (2011, p. 240), o noticiário caracteriza-se por tratar a educação sob o aspecto mercantil ao invés de um direito social, algo que marca concepções escolares desde a década de 1990 no Brasil, seja no controle do conteúdo do conhecimento, nos métodos de sua produção ou na socialização, autonomia e organizações docentes. Os mecanismos de construção da realidade educacional, como a imprensa, convocam uma imagem da escola pública ineficiente para justificar as políticas de parceria de caráter público-privado; atacam a formação docente; estimulam a disputa entre escolas com base em conceitos de sucesso e fracasso e premiam os padrões de docência e produtividade visados pelas políticas educacionais. Ainda segundo Gaudêncio Frigotto (Idem, p. 252), “(...) aprisionamo-nos ao cronômetro da ‘pedagogia de resultados’ e deslizamos na intoxicação e fugacidade mercantil de informações. Produzimos, enfim, pouco conhecimento”.

Outra representação política forte dentro do jornalismo, quando este se volta para a temática educacional, é a do movimento docente. A imagem do professor ator social da militância, prática reivindicativa e participação política é reforçada pela imprensa ao pautar assuntos do associativismo e organização sindical na área da educação.

Conforme demonstra a pesquisa desenvolvida por Vicentini e Lugli (2009) sobre as imagens dos docentes no jornal *Folha de São Paulo*, os próprios professores se ressentem do tratamento recebido por parte dos poderes constituídos, não só pela indiferença quanto às reivindicações por melhores salários como também pela implementação de reformas que controlam o trabalho docente. Há ainda a disseminação de um processo de culpa pelas mazelas do ensino brasileiro. A imprensa evoca quase que prioritariamente a baixa remuneração e as péssimas condições de trabalho, atuando na construção do “mal-estar docente”.

Com esse quadro da situação atual do professorado no Brasil se produz uma imagem de seus membros que pode ser sintetizada da seguinte forma: um profissional mal preparado e com uma remuneração insuficiente que goza de pouco prestígio na sociedade e cuja legitimidade está sob constante ameaça. Em razão da intensa carga de trabalho, adoece facilmente, mas pode faltar às aulas com grande frequência sem prejuízo financeiro para os seus parcos rendimentos. Além disso, tem pouca possibilidade de interferir nas reformas empreendidas no sistema de ensino em que atua e o seu trabalho está cada vez mais sujeito ao controle das instâncias superiores e dos especialistas da educação que, de modo geral, desqualificam as suas práticas e as opiniões apresentadas sobre a sua própria profissão (VICENTINI E LUGLI, 2009, p. 156).

Após esse breve panorama sobre a representação da docência na imprensa, partimos para a pesquisa qualitativa e quantitativa a que se propõe esta dissertação. As teorias expostas até o momento correspondem ao que encontraremos no noticiário do jornal impresso juiz-forano *Tribuna de Minas*? Como o veículo faz a representação da identidade docente? Com base nos debates sobre identidade, jornalismo e cultura docente, guiaremos os estudos dos noticiários nos próximos capítulos.

5. A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NO JORNAL *TRIBUNA DE MINAS*

A investigação efetivada na presente dissertação é constituída, primeiramente, da análise de conteúdo das matérias do jornal *Tribuna de Minas* relativas à categoria docente. A amostragem é composta pelas notícias veiculadas entre os meses de fevereiro e junho de 2013, a partir de uma escolha aleatória do período, para verificar as tendências de cobertura do veículo. Nossa finalidade é analisar a narrativa construída pelo jornal juiz-forano a respeito dos professores, considerando os assuntos que envolvem a prática educacional e os papéis sociais exercidos por esta classe. Dessa maneira, pretendemos colocar em relevo as representações da identidade docente disseminadas por este noticiário durante o período analisado.

O jornal *Tribuna de Minas* foi o escolhido para esta análise em virtude da sua tradição na cidade de Juiz de Fora (é o mais antigo entre os impressos), e também porque responde pelo maior número de vendas em relação aos outros. Outra motivação é o fato deste veículo de comunicação ter se firmado como *quality paper* local, seguindo um modelo mais criterioso de jornalismo (nos processos de pauta, apuração, redação e edição), o que será essencial para a pesquisa a partir da proposta apresentada. A opção pela análise da cobertura noticiosa feita por um veículo impresso de massa se deve ao fato deste formato trazer um histórico de credibilidade nas coberturas midiáticas, adquirido ao longo da trajetória do próprio jornalismo.

Além disso, pode-se considerar que o noticiário do jornal *Tribuna de Minas* aborda com mais recorrência o tema “educação”, com conteúdos produzidos pela equipe de reportagem. Este fato torna-se essencial para nossa análise, em virtude do nosso interesse em pesquisar os critérios de construção noticiosa.

A *Tribuna de Minas* (TM) é um jornal impresso da cidade de Juiz de Fora/MG, hoje integrante da organização que é intitulada Grupo Solar de Comunicação. É de propriedade do médico e empresário Juracy Azevedo Neves, também dono da gráfica Esdeva, do mesmo grupo. O jornal começou a circular, efetivamente, no dia 1º de setembro de 1981, com a proposta de concorrer com o *Diário Mercantil*, vinculado ao grupo *Diário e Associados* do jornalista Assis Chateaubriand (FERNANDES, 2005). Durante muitos anos, o *Diário Mercantil* foi o jornal impresso oficial da cidade.

A *Tribuna de Minas* (TM) apresentou como principais intenções na época a produção de um jornal para todas as faixas de leitores, voltado para o noticiário de serviços, cobrança por soluções dos problemas regionais (vigilância e fiscalização) e compromisso de não emitir opinião pessoal (objetividade) (Ibidem).

Em 1983, dois anos após o lançamento da *Tribuna de Minas*, o Diário Mercantil decretou falência, deixando, assim, o território livre para a atuação do concorrente no jornalismo local. Já em 1985, a empresa decidiu investir no leitor da capital mineira, quando se transferiu para Belo Horizonte. Nesse período, se concentrou nas notícias regionais e, para o público juiz-forano, publicava o impresso *Tribuna da Tarde*. Sem sucesso na capital devido a dificuldades econômicas, o jornal voltou a circular somente em Juiz de Fora em 1992 e retomou o nome *Tribuna de Minas*. Durante 28 anos, a TM foi o único jornal impresso na cidade de Juiz de Fora.

O jornal adota, desde o seu lançamento, a periodicidade diária, exceto às segundas-feiras, além do formato *standard*. Atualmente, é organizado em dois cadernos fixos, classificados, além de cadernos especiais esporádicos, como “Boa Viagem”, “Carro e Cia.” e “Informática”. Dependendo do número e importância das matérias dentro da edição, a seção “Esporte” deixa de ser uma editoria e passa a compor um caderno separado. Assim também acontece com a coluna social do jornal, que recebeu o nome do colunista Cesar Romero. Nos domingos, a TM também traz o caderno de TV.

O primeiro caderno é composto de, aproximadamente, dez páginas, divididas nas editorias de Opinião, Geral, Serviço, Política, Economia e Brasil. São seções permanentes do primeiro caderno, na parte de opinião, o “Painel” (notas sobre política escritas pelo editor Paulo Cesar Magella), “Frases”, “Enquete”, “Dos Leitores”, além do editorial, da charge do dia e o espaço para artigo assinado. Nas demais editorias, a seção “Etc.” traz pequenas notícias ou notas sobre as mais diferenciadas temáticas, seguindo o conteúdo da página em que está.

O primeiro caderno também tem a seção “Vida Urbana”, com denúncias de problemas da cidade e cobranças por resoluções como buracos nas ruas, questões sobre coleta de lixo, saneamento básico, trânsito, etc. “Indicadores econômicos” traz informações úteis como dólar, INSS, poupança e cesta básica. Também como itens desta seção de serviços, a *Tribuna* veicula em todas as edições um mapa com a previsão do tempo, telefones úteis, locais das feiras livres e o obituário.

Quando há um volume maior de notícias nacionais, o jornal publica a editoria “Brasil” e dedica a seção intitulada “Pelo Mundo” às notícias internacionais, na mesma página. Quando há um acontecimento ou uma série de notícias importantes de outros países, a TM publica a editoria “Mundo” e destina um espaço para as notícias nacionais, a seção “Pelo Brasil”. As agências contratadas para a produção das notícias nacionais e internacionais são, respectivamente, a Agência Jornal do Brasil e a *Associated Press*.

O segundo caderno, com cerca de seis páginas, é formado pela matéria de capa, seção “Canal ZAP” e “Destaque TV” (notícias sobre a programação televisiva), além do “Confira” (matérias sobre destaques da agenda cultural e as dicas de filmes, shows, teatro e exposições). O segundo caderno traz também a seção de palavras cruzadas, horóscopo e ainda a Coluna Cesar Romero (coluna social). Em algumas edições, a última página do Caderno Dois apresenta notas do Zine Cultural, que faz coberturas de eventos na cidade e região, também promovendo uma coluna social.

A editoria “Esporte” traz notícias do futebol local (sobretudo do juiz-forano Tupi Futebol Clube) entre outros esportes, em que há atletas ou equipes de Juiz de Fora nas competições. Também há noticiário dos campeonatos mineiros, cariocas, além dos internacionais. A editoria é composta ainda por reportagens sobre a prática de esportes e competições na cidade e por artigos assinados pelos repórteres, na seção “Papo de Gandula”.

Nesta pesquisa, as notícias que passam pela análise de conteúdo foram selecionadas de um grupo maior de materiais encontrados no jornal que, de alguma maneira, têm relação com educação e personagens professores. Em um primeiro momento, recolhemos todos os textos que têm, direta ou indiretamente, relação com a docência, de forma a ter uma visão geral de como os professores estão presentes no cotidiano das notícias da *Tribuna de Minas*. Desenvolvemos, portanto, quatro grandes grupos a que podemos assemelhar estes textos (Apêndice A).

O primeiro deles é composto pelas notícias que dizem respeito à categoria docente especificamente e, portanto, passam pela análise de conteúdo desta pesquisa (corpus). O segundo grupo é o das notícias que contêm professores como personagens, como nos casos da ocupação de um cargo de destaque, de projetos pessoais, trabalhos desenvolvidos na área da educação ou outras áreas, participação na vida social da cidade, etc. O terceiro grupo é formado pelas matérias em que os professores são entrevistados enquanto fontes especializadas em algum assunto. Por fim, o quarto grupo reúne os textos opinativos desenvolvidos por professores sobre assuntos

diversos (artigos assinados no jornal), além das cartas de leitores, enquetes e frases do dia que fazem menção aos docentes.

As notícias de cada mês analisado foram direcionadas para estes grupos a fim de compor um mapa sobre o “lugar”, dentro do jornal, em que os acontecimentos sobre a educação e a docência, especificamente, estão localizados. Este trabalho inicial pretende ainda fornecer conhecimentos prévios sobre a cobertura da área da educação feita pelo jornal antes de partirmos para a análise de conteúdo do noticiário selecionado.

O critério adotado para compor o corpus da pesquisa – as notícias do primeiro grupo, que passam pela metodologia de análise de conteúdo – foi considerar os textos elaborados pela redação da *Tribuna de Minas*, através do processo de produção jornalística e editorial do veículo. Excluimos da pesquisa mais detalhada, portanto, todos os artigos assinados e opiniões de leitores, pois interessa para a investigação os textos desenvolvidos a partir do trabalho de construção noticiosa.

O material jornalístico relacionado aos professores foi submetido a um conjunto de técnicas da análise de conteúdo, cujo trabalho interpretativo se dará, sobretudo, por meio da análise categorial. Utilizamos os conceitos primordiais desenvolvidos por Laurence Bardin (2011), a partir dos trabalhos pioneiros em análise de conteúdo. Além disso, baseamo-nos em outras fundamentações teóricas sobre este método reunidas por Albert Kientz (1973) e Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2006), com ênfase na área da comunicação social.

5.1. A Metodologia da análise de conteúdo

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo reúne um conjunto de técnicas de análise das comunicações, em uma pesquisa exploratória, sistemática, partindo de questões ou afirmações provisórias. Trata-se de um método baseado em cálculos de frequências, além de esclarecimentos do que é aparente nas mensagens e do que não é dito. A análise de conteúdo é uma atividade interpretativa e criteriosa, a partir de instrumentos de investigação laboriosa de documentos e mensagens.

A metodologia envolve o pólo da objetividade, através das verificações precisas e estatísticas, e o da subjetividade, já que também se baseia em conhecimentos extraídos do material analisado. Segundo Bardin, estes mecanismos visam ultrapassar uma visão muito pessoal do conteúdo e ainda enriquecer a leitura, tornando-a mais profunda e esclarecedora de estruturas e propósitos que conformam as mensagens.

Desse modo, a análise de conteúdo coloca em evidência os elementos significantes das mensagens por envolver os significados que guiam as leituras, no caminho de compreensão do que está “por trás das palavras”. Ao unir os campos dos significantes e dos significados, a análise de conteúdo foi estabelecendo duas funções principais na concepção de Bardin (2011, p. 35): heurística, no sentido de aumentar a propensão para a descoberta, e de administração da prova, ou seja, verificação de hipóteses.

Ainda de acordo com a autora, a técnica de pesquisa tem por finalidade efetuar deduções lógicas (ou inferências, termo mais usado na metodologia), o que é desenvolvido a partir de um jogo de operações analíticas. Assim, no final da operação, o objetivo é ultrapassar a leitura formal, chegando a variáveis inferidas, de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. Em resumo, o terreno, funcionamento e objetivo da análise de conteúdo se definem da seguinte forma:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Conforme a explicação de Fonseca Júnior, “na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada” (2006, p. 284). A finalidade das inferências deve ser enunciada com clareza, porque está diretamente relacionada à seleção do material analisado e ao enfoque da pesquisa. Ainda de acordo com o autor, as inferências são tarefas intelectuais básicas da análise de conteúdo, que podem se relacionar tanto à situação específica do problema investigado quanto aos aspectos do seu contexto.

O método desenvolveu-se nos Estados Unidos, no contexto de investimentos em pesquisas das comunicações de massa. Bernard Berelson, Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld e

Wibur Schram são alguns dos autores clássicos que contribuíram para a elaboração da teoria e prática de análise de conteúdo. O cenário *behaviorista* nas ciências humanas conquistou, no instrumento de análise de conteúdo, uma técnica de quantificação sistemática, influenciado pelo positivismo. Nesse decurso, as mensagens foram consideradas enquanto objetos suscetíveis de medição, decomposição, recenseamento e cálculo de frequências e correlações.

A utilização da análise de conteúdo está estreitamente relacionada às pesquisas de comunicação de massa norte-americanas do final do século XIX, com a análise quantitativa de jornais. Mas o grande impulso se deu em meados de 1950, com investimentos do governo na análise das notícias políticas. O método não se restringiu apenas aos Estados Unidos; ganhou relevância também na Europa, particularmente na França, e na América Latina, através do Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina) (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 284). Do ponto de vista teórico, o primeiro manual sobre análise de conteúdo foi elaborado por Berelson e Lazarsfeld em 1948.

A análise de conteúdo progrediu nas ciências políticas, sobretudo nos estudos da propaganda, discursos de candidatos e governos, além das questões relacionadas à opinião pública. Após vários caminhos abertos nas pesquisas, ganhou aos poucos outros campos de atuação como a psicologia, na análise de documentos pessoais para reconstruir personalidades dos autores, e a crítica literária. Também serviu de método para a compreensão de temáticas sociológicas e culturais, baseando-se em critérios frequências e estatísticos. Trata-se, portanto, de uma técnica de pesquisa polivalente (Kientz, 1973).

Ao contrário do tempo da supremacia dos números e da objetividade científica, as tendências atuais da análise de conteúdo colocam ainda mais em evidência a oscilação entre os aspectos quantitativos e qualitativos, características que respondem pelo grande interesse pelo método. Busca-se colocar em evidência as tematizações, associações e conceituações presentes no texto a partir de seus enunciados, bem como as avaliações e posicionamentos implícitos ou não, levando às inferências. De acordo com Fonseca Júnior (2006, p. 285), outro aspecto importante da análise de conteúdo na atualidade se deve às propostas de utilização desse método em parceria com outras técnicas de investigação.

A proposta será verificar quais acontecimentos, bem como aspectos do acontecimento sobre professores, são selecionados para estar no noticiário da *Tribuna de Minas*. Quais são as projeções possibilitadas pela organização da informação nesse veículo e os valores-notícia presentes no tocante à educação e à docência.

Em um segundo momento, as mesmas notícias passarão pela tabela interpretativa que visa relacionar o conteúdo noticioso às teorias sobre a identidade docente, encontradas nos estudos tradicionais do campo da Educação, conforme o quarto capítulo. Portanto, compomos uma análise categorial semântica, buscando relacionar os textos jornalísticos às ideias dos autores da Educação (Apêndice C). Nessa fase da análise, buscaremos as possíveis qualificações, designações, termos avaliativos, indicadores de condutas, papéis e estereótipos presentes na notícia.

Dentre as técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin, categorial, de avaliação, da enunciação, da expressão, associativa, estrutural e do discurso, escolhemos a análise categorial para considerar as tendências da produção jornalística que trata do tema educação e, dessa maneira, do agente mais direto que é o docente. Em razão das características dessa técnica, a categorização oferece uma possibilidade de análise bastante adaptada ao aspecto da pesquisa. Permite classificar e agrupar os elementos noticiosos, fazendo uma analogia com os aspectos identitários provenientes dos estudos da área da Educação, que passam a compor um sistema de categorias pertinentes. “O sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 150).

Para compor esta tabela, listamos as categorias da identidade docente, que são encontradas a partir da leitura do referencial teórico. Em seguida, delimitamos um espaço para relacionar tais categorias às expressões encontradas nas notícias e falas de entrevistados, conforme o quadro:

Notícia	Heroísmo e Vitimização	Prestígio e Desprestígio	Operariado e elite	Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	Engaja- mento, militância	Competência e Despreparo
---------	---------------------------	-----------------------------	-----------------------	---	---------------------------------	-----------------------------

Estas duas fases da pesquisa visam estabelecer um diálogo entre a análise quantitativa e qualitativa. A finalidade é passar a totalidade do texto pelo crivo da classificação e do recenseamento, verificando a frequência de presença ou ausência de itens de sentido e distribuição desses conteúdos nos noticiários. Além disso, caracterizar e relacionar os conteúdos, analisando como aparecem os indicadores quantitativos ou acontecem os silenciamentos. Conforme a proposta de Bardin:

A abordagem quantitativa e qualitativa não têm o mesmo campo de ação. A primeira obtém dados descritivos por meio de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Este tipo de análise deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor (ou da situação de comunicação) (BARDIN, 2011, p. 145).

Até chegarmos às inferências, a finalidade é recorrer ao método taxonômico, buscando as representações partilhadas pela política editorial da *Tribuna de Minas*. Logo, levaremos em consideração as significações (conteúdo) bem como sua forma e distribuição enquanto conteúdo jornalístico. Além da comparação entre os conteúdos das mensagens, observaremos as referências, os papéis sociais atribuídos aos professores, além das questões que dizem respeito à prática docente dentro do contexto social e enquanto “valor notícia”.

5.3. As notícias sobre a docência: enquadramentos jornalísticos proporcionados pelas edições do jornal *TRIBUNA DE MINAS*

Entre os meses de fevereiro e junho, a *Tribuna de Minas* publicou um número considerável de notícias sobre assuntos educacionais e a categoria docente (Apêndice A), confirmando a expectativa inicial de utilização deste jornal na pesquisa por trazer, recorrentemente, matérias com esses assuntos. No total deste período, selecionamos uma amostragem de 640 textos, com os quais iniciamos a categorização. Registramos 345 inserções (entre notícias, notas e reportagens) sobre assuntos educacionais: cotidiano de escolas e

universidades, iniciativas e debates que pautaram acontecimentos e práticas educativas de maneira geral.

Destes 345 textos, 229 foram categorizados enquanto assunto educacional mais direcionado à comunidade, como parte de um “jornalismo de serviço”. Já os 116 restantes foram selecionados por tratarem de assuntos educacionais mais direcionados às rotinas de professores, aos papéis sociais atribuídos a estes profissionais, bem como à própria docência. Estas notícias foram então separadas para as análises de conteúdo e digitalizadas para consulta (Anexo 1).

Conforme explicitamos na metodologia, esta coleta inicial de notícias também demonstrou o interesse jornalístico pelo personagem professor, que tem seus projetos educacionais divulgados, bem como outros projetos profissionais e pessoais como lançamento de livros, curadoria de exposições, coordenação de eventos, etc. Há destaque para os professores que recebem prêmios, homenagens e participam de congressos e seminários. Nestes meses de análise, houve uma presença marcante de professores, enquanto personagens de notícias no caderno de cultura (Dois) e coluna social (Cesar Romero).

Também incluímos nessa categoria “personagens de notícias”, que são os professores que foram entrevistados ou protagonizaram fatos que foram noticiados, independente do assunto. Encontramos o total de 174 notícias, notas, fotografias e reportagens em que professores foram personagens, tanto como protagonistas dos fatos noticiados quanto como participantes ou testemunhas destes.

A *Tribuna de Minas* também entrevista frequentemente professores, principalmente universitários, que cumprem o papel de fontes especialistas em algumas notícias e reportagens. Nos cinco meses analisados, o jornal ouviu professores sobre assuntos nas áreas de política, economia, violência, saúde, transporte, literatura e arte, etc. No total, 70 matérias trouxeram professores, enquanto fontes especializadas no assunto em questão, corroborando com a construção do texto jornalístico.

Foram selecionados e categorizados ainda os textos opinativos, produzidos por leitores. Neste grupo estão os artigos assinados por professores, seja qual for o assunto do texto, e artigos que se referem à educação e docência, seja quem for o autor (professor ou não). Também incluímos entre os textos opinativos as cartas dos leitores e enquetes. Foram encontrados no total 51 casos deste tipo nas edições entre fevereiro e junho.

Após selecionar e categorizar todas as notícias e reportagens (Apêndice A), seguimos para a análise de conteúdo daquelas diretamente relacionadas à identidade docente. Conforme a proposta da pesquisa, iniciamos o estudo do enquadramento jornalístico, de forma a verificar a seleção de fatos e acontecimentos e como foram construídos enquanto textos noticiosos. Qual o lugar ocupado por estas notícias dentro do jornal? Quais tiveram destaque? Quais as temáticas mais noticiadas, as editoriais em que as matérias foram mais presentes e quais os gêneros jornalísticos mais utilizados?

Com base nas ideias apresentadas por Murilo Cesar Soares (2009), e seguindo teorias consagradas sobre o assunto, analisamos as informações valorizadas pelo noticiário, como foram relacionadas a outras e também os possíveis silenciamentos. “Os fatores essenciais do enquadramento são a seleção dos aspectos de uma realidade percebida e a saliência dada a eles, promovendo, assim, uma definição da situação, uma interpretação causal, uma avaliação moral” (2009, p. 21).

Também analisamos o material com base nos aspectos de determinação do acontecimento (regras de atenção da imprensa) expostos por Alsina (2009, p. 154-155). Em resumo, eles dizem sobre: a preferência pelo privado e íntimo; sucesso pessoal e prestígio; novidade e últimas tendências; exercício do poder e sua representação; distinção entre normalidade e anormalidade; atenção à violência, agressividade e dor; formas de competência com conotações de enfrentamento pessoal; referência a bens pessoais e enriquecimento; crises e seus sintomas e observação do que é extraordinário, singular e exótico.

Assim, partimos de um trabalho minucioso, em que mapeamos as notícias no quesito do enquadramento jornalístico, ou seja, de que maneira os aspectos do acontecimento, selecionados pela *Tribuna de Minas* para serem noticiados, passaram por processos de construção do texto noticioso. Para isso, organizamos as tabelas das notícias com algumas informações relacionadas ao enquadramento jornalístico (Apêndice B).

Inicialmente, partimos do processo de seleção dos aspectos da realidade. Distribuímos as notícias em que pudemos constatar papéis sociais e atribuições à identidade docente em nove grandes temáticas. A que intitulamos “ensino escolar” se refere a metodologias, projetos e iniciativas de professores do ensino básico e médio, na etapa escolar, que ganharam destaque da imprensa. Nomeamos “ensino superior” a temática semelhante ao “ensino escolar”, porém quando se trata de aspectos da educação universitária. Ainda, encontramos notícias relacionadas à

pesquisa de professores que foram pautadas na *Tribuna de Minas*, que intitulamos “pesquisa e desenvolvimento”. Já as notícias que tratam de recursos humanos, financeiros, além de infraestrutura e rotina escolar foram agrupadas na temática “recursos e condições de trabalho docente”.

As notícias sobre leis, modelos educacionais e programas de governo foram agrupadas em “política educacional”. Separamos duas temáticas específicas do universo da docência municipal e estadual de Minas Gerais devido à relevância que ganharam junto à opinião pública e à imprensa. A primeira delas é a “Lei do Piso”, que trata das notícias sobre a Lei 11.738/2008, que instituiu o piso salarial nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. A Lei trata não só da questão salarial como outros pontos da carreira e rotina do professor, como jornada de trabalho e vantagens pecuniárias, assim como da ajuda a ser dada pela União ao ente federativo que não puder cumprir a norma. Então, tanto as questões sobre cumprimento como não cumprimento da Lei são constantemente pautadas na imprensa atualmente.

A outra temática específica foi intitulada como “Lei 100”, referente à Lei Complementar mineira que efetivou, no ano de 2007, 98 mil servidores com contrato temporário que atuavam em diferentes setores do estado. O objetivo do governo na época era corrigir distorções previdenciárias e garantir aposentadoria aos trabalhadores. Porém, a Procuradoria Geral da República entrou com processo contra a Lei Complementar 100, que chegou ao Supremo Tribunal Federal para sentença. O Judiciário, em suas avaliações, vem considerando a efetivação inconstitucional por não ter exigido concurso público. As repercussões desse fato, tanto por parte do Governo de Minas Gerais, Justiça e sindicatos de professores estaduais e demais servidores públicos tornaram-se pauta na imprensa, de maneira geral.

No campo dos movimentos reivindicatórios dos docentes, encontramos assuntos relacionados ao engajamento de professores na política local ou nacional, incluindo a participação em partidos ou cargos políticos, o que intitulamos “militância e participação na política”. Já a temática “greve/campanha salarial” refere-se à política sindical da categoria docente no âmbito municipal, estadual ou federal, reunindo as matérias sobre os movimentos reivindicatórios e pautas específicas da carreira no magistério.

Das 116 notícias analisadas no total, encontramos 6 com a temática em que a temática “Lei do Piso” estava presente, especificamente nos meses de fevereiro e março. Isso porque houve um forte movimento dos professores municipais pelo cumprimento desta lei em Juiz de

Fora no período de volta às aulas, assunto que foi acompanhado pela *Tribuna de Minas*. Além disso, os educadores conquistaram na Justiça uma liminar concedendo o direito de destinar um terço da carga horária para atividades extraclasse, conforme determina a própria Lei do Piso. A Prefeitura recorreu ao Tribunal de Justiça e ganhou sentença favorável ao defender que o município não tinha condições financeiras e estruturais, naquele momento, para aplicar a Lei do Piso, inclusive a redução na carga horária dos professores.

Como não houve consenso sobre a adoção do período extraclasse (o Executivo defendia um estudo para adoção em 2014 e os professores imediatamente), o debate ficou mais intenso e ganhou principais manchetes na *Tribuna de Minas* nos meses de fevereiro e março, como “Aulas na PJJ começam com paralisação por 1/3”; “TJMG suspende liminar de 1/3”; “PJJ propõe 1/3 para ano que vem” e “Professor reduz aulas em 5 minutos”.

Como o assunto evoluiu para um impasse entre professores e Prefeitura, culminando em uma das principais pautas do movimento de greve na educação municipal, a temática “Lei do Piso” deixou de ser protagonista nas edições do jornal e ficou inserida nas notícias de temática “Greve / campanha salarial”. Este assunto foi encontrado duas vezes no mês de fevereiro, passando para três em março, época de paralisações e indicativo de greve dos professores municipais, que além do cumprimento da Lei do Piso reivindicaram reajuste salarial.

No mês de abril, foram dez notícias da temática “Greve / campanha salarial”, principalmente devido à deflagração da paralisação por tempo indeterminado dos professores municipais. Este número saltou para quinze na cobertura da *Tribuna de Minas* no mês maio, com a continuidade da greve do magistério municipal. O jornal pautou as rodadas de assembleias organizadas pelo Sindicato dos Professores de Juiz de Fora (Sinpro-JF), negociações com a administração da Prefeitura, atos públicos e manifestos no centro da cidade. “Professor pressiona por um terço”; “Professores protestam nas ruas”; “Greve de professor completa uma semana”; “Prefeitura insiste em Lei do Piso para 2014”; “PJJ aciona Justiça contra greve dos professores” e “Greve continua na PJJ” são algumas manchetes das notícias que demonstram o acompanhamento, por parte do jornal impresso, da sequência de acontecimentos que foram do indicativo de greve, passando pela paralisação por tempo indeterminado, até chegar ao desfecho, com o acordo entre as partes no mês de maio.

Percebe-se que o acompanhamento das pautas reivindicatórias dos professores foi marcante nos noticiários, que apresentam as respostas e contrapropostas da Prefeitura e as

interpretações dos dirigentes sindicais sobre estas. Nesse sentido, a greve dos professores municipais e todas as suas nuances se transformou numa narrativa dentro das edições da *Tribuna de Minas*, com os acontecimentos permanentemente acompanhados como repercussões.

Nesse sentido, vale destacar um episódio que demonstra claramente aspectos da construção noticiosa e participação da imprensa, enquanto fonte de apresentação dos fatos à sociedade. As contrapropostas da Prefeitura foram apresentadas para a imprensa antes mesmo de chegarem ao sindicato (matéria “PJF tenta impedir greve de professor”, do mês de abril), demonstrando o papel assumido pelo jornalismo na formação dos fatos de interesse público e que merecem o acompanhamento das repercussões.

Em junho, houve oito notícias da temática “Greve / campanha salarial”, naquele mês, estavam menos relacionadas aos professores municipais (que já tinham voltado às atividades) e mais aos estaduais, que iniciaram sua campanha salarial com indicativo de greve. Além de um dia de paralisação, os professores estaduais agendaram protestos da campanha salarial durante os jogos da Copa das Confederações realizados em Belo Horizonte. A reação do Governo de Minas Gerais foi recorrer ao Tribunal de Justiça e, assim, conseguiu uma liminar que impedia protestos durante o evento na capital mineira. Os professores estaduais, representados pelo Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (SindUTE) buscaram o Ministério Público pelo direito de reivindicar.

Com a queda da liminar, o magistério estadual não só realizou os protestos da campanha salarial, como também engrossou as manifestações de junho em Juiz de Fora e na capital mineira, o que foi acompanhado pelo noticiário da *Tribuna de Minas* (“Professor estadual para hoje”; “Professor paralisará atividades na Copa das Confederações” e “Professor estadual exige direito à greve”). A greve, no entanto, não foi deflagrada pelos professores em Minas Gerais, que iniciaram rodadas de negociações no segundo semestre de 2013 relativas à carreira e salários. Além disso, o Governo anunciou o pagamento do reajuste acordado com diversos servidores estaduais, o que também foi noticiado no mês de junho.

As paralisações do magistério estadual ganharam espaço na *Tribuna de Minas* durante o movimento organizado no mês de abril pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), do qual participaram também os professores municipais. Ainda foi noticiado o ato público organizado em Juiz de Fora contra uma resolução da Secretaria de Estado de Educação (SEE). Trata-se de uma norma que determina que as aulas de educação física e ensino

religioso dos alunos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental podem ser ministradas pelo professor regente (que leciona português, matemática, ciências, entre outros conteúdos de forma multidisciplinar). O Sind-UTE luta contra a resolução e buscou apoios por meio de abaixo-assinado durante o protesto na cidade.

No período de análise, verificamos uma única notícia sobre campanha salarial relativa aos docentes federais - “Apes retoma mobilização” – sobre a agenda nacional de mobilização em defesa da carreira da categoria. A grande maioria das presenças destes educadores no noticiário da *Tribuna de Minas* ficou nas matérias, em que foram entrevistados, enquanto fontes especializadas em algum assunto e não para tratar de questões específicas da docência no ensino federal.

Levando em consideração os números encontrados no noticiário pesquisado, observamos um comprometimento do jornal na cobertura dos assuntos sindicais dos professores e de acompanhamento do movimento grevista. Foram 38 notícias da *Tribuna de Minas* em cinco meses que tiveram, como temáticas, campanhas salariais e greve no magistério (32,7% do total). No tocante às referências culturais da imprensa para compor sua pauta, estes dados reforçam as informações apresentadas por Vicentini e Lugli (2009) sobre a identidade docente calcada na militância e política sindical. A cobertura da *Tribuna de Minas* demonstra uma tendência ao acompanhamento de fatos desta temática, não só pelo momento de repercussão social que é a interrupção de aulas como também pelo histórico da identidade docente estar muito ligada à prática reivindicativa, participação política e aos movimentos de rua.

Durante todo o período analisado, encontramos dois textos em que a militância e a participação política de maneira geral foram temáticas ligadas à docência. Um deles consta na coluna de política “Painel” e menciona a declaração do vereador, professor e dirigente do Sinpro-JF, Roberto Cupolillo, sobre a doação de parte do seu salário de legislador para os movimentos sociais. O outro caso é uma reportagem que traz entrevistas de três professores ligados ao movimento de esquerda na cidade: diretor da CUT, Oleg Abramov; diretora do Sind-UTE – Juiz de Fora e militante do PSTU, Victória Mello; e diretor do Sinpro, Péricles de Lima. Os três professores, junto com outros representantes de movimentos e partidos, anunciaram a rearticulação da esquerda de forma a levar importantes bandeiras para o cenário das manifestações que ficaram conhecidas como “jornada de junho”, em busca de conquistas.

Com o maior número de matérias relacionadas à identidade docente, a temática “recursos e condições de trabalho” teve 39 registros (33,6%) entre os meses analisados. Entretanto, vale ressaltar, que foi apenas um número a mais do que “Greve / campanha salarial”. A temática teve uma matéria no mês de fevereiro, 13 em março, seguidas de 17 em abril. Depois seguiu um movimento decrescente, pois foram dois registros em maio e seis em junho. O assunto “Recursos e condições de trabalho” reúne as diversas notícias e reportagens sobre a falta de infraestrutura nas escolas, casos de violência e questões relativas a recursos humanos (número de professores e investimentos em formação docente).

Alguns fatos foram mais relevantes e tiveram o acompanhamento do jornalismo da *Tribuna de Minas*. Um deles foi o da junção de turmas no Instituto Estadual de Educação (Escola Normal), que levou alunos e professores às ruas no mês de março de 2013. No mesmo mês, estudantes da Escola Estadual Delfim Moreira (Grupo Central) denunciaram falhas na infraestrutura e, dias depois, realizaram protesto. A sequência de acontecimentos e denúncias por parte de estudantes e educadores levou à organização de outras manifestações de alunos e, por fim, um protesto unificado de oito escolas da rede estadual, que foi noticiado por parte da *Tribuna de Minas*.

Outro assunto recorrente dentro da temática das condições de trabalho foi à questão da violência nas escolas. O jornal pautou os casos de ameaças e agressões a professores (meses de abril e maio), tráfico de drogas (abril) e insegurança no entorno de escola devido a assaltos (junho). Além disso, situações como invasões e roubos de materiais dentro de instituições de ensino até a situação extrema de um aluno que acendeu um cigarro de maconha dentro da sala de aula (abril). O período analisado demonstrou a cobertura de uma sequência de fatos policiais, envolvendo o cotidiano de escolas.

A *Tribuna de Minas* também noticiou, junto às matérias sobre o surto de dengue em Juiz de Fora, alguns casos de escolas que, por falta de infraestrutura adequada, acabaram virando criadouros do mosquito da dengue. No caso de uma escola municipal, a direção anunciou suspensão das aulas até que a Prefeitura acabasse com os focos encontrados no local, inclusive, porque houve infecção de professores e alunos (mês de abril).

Nesta temática de “recursos e condições de trabalho” também foram incluídas as notícias referentes a recursos humanos e formação docente. São as matérias sobre concursos, contratações, cursos de capacitação e licenciaturas que foram noticiadas pela *Tribuna de Minas*.

No período analisado, foram chamadas “UFJF abre 366 vagas em licenciaturas”, “SEE inicia convocação de aprovados em concurso para professor”, “PJF contrata mais docentes temporários” e “João XXIII lança edital para seleção de cinco professores efetivos”.

Outro fator que ganhou atenção *Tribuna de Minas*, relativo a recursos humanos, foi à falta de professores na rede pública municipal e estadual. O jornal divulgou uma reportagem especial sobre o assunto (“Salas de aula sem professores”, do mês de março), além da notícia “PJF soma 10 mil licenças na educação”, a partir de um levantamento da Secretaria Municipal.

A presença também marcante das notícias referentes aos professores nesta temática analisada vincula a escola e os meios do trabalho docente aos processos de construção e transformação da cidade. As notícias trazem problemáticas urbanas e suas relações com as instituições de ensino, sobretudo as públicas. Importante destacar, a fala da dirigente do Sinpro que, em uma de suas entrevistas para o jornal, menciona que a escola não é uma ilha isolada da sociedade, remetendo ao fato que as questões da cidade são as questões da escola. Verificamos esse fato na cobertura propiciada pela *Tribuna de Minas*: quando o assunto do momento foi a dengue em Juiz de Fora, fatos marcantes do cotidiano educacional selecionados para ser notícia foram às escolas que viraram focos da doença; quando o jornal pautou o aumento de casos de violência na cidade, houve também um acréscimo de notícias sobre violência dentro das escolas.

Percebemos, assim, a docência enquanto assunto que gira ao redor de outros, fixando ideias, repetindo-as, e tecendo o cotidiano da cidade de maneira uniforme dentro do jornal. Nesse ponto de vista, podemos retomar as questões sobre a representação de identidade enquanto uma interligação de temas e estruturação de campos de visibilidade, a partir do que é possibilitado pelo fazer jornalístico.

Comparativamente, no entanto, são mais disseminadas as insatisfações dos professores dentro do quadro das questões públicas e urbanas presentes nos noticiários. As edições analisadas trazem uma representação negativa do contexto dos professores dentro das escolas e dentro desta temática: as instituições de ensino estão ameaçadas, quando não estão fechadas, e compõem um cenário de precariedade da educação (sobretudo a pública).

A temática “políticas educacionais” esteve representada em 6 matérias (5,17% do total). No período analisado, a *Tribuna* pautou a oferta de cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) para presidiários, que poderão abater a pena com a frequência escolar como parte de um projeto nacional de ressocialização. Para isso, o governo

pretende investir na contratação de professores e pagamento de auxílios, sendo que os educadores do “Sistema S”, escolas técnicas federais e estaduais é que participarão do trabalho educativo. O assunto educação para presos voltou à pauta do jornal na notícia local sobre o detendo aprovado na UFJF. Além da história do personagem principal, a notícia trouxe na fala da diretora da penitenciária, o relato sobre o desafio de ter professores que ficam no pavilhão com os detentos, vencendo preconceitos e participando do programa de ressocialização.

Outro assunto apresentado pela *Tribuna de Minas* foi a mudança da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), obrigando a oferta de educação infantil pública e gratuita para crianças a partir dos 4 anos de idade. Em relação aos profissionais, a nova norma permite que o MEC exija nota mínima do Enem para licenciaturas e curso de pedagogia, um “ponto de corte” para cobrar bom aproveitamento dos que querem ser professores.

O jornal divulgou o curso de capacitação de educadores, realizado em Juiz de Fora, como uma ação para alcançar as metas presentes no Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Também, noticiou o estabelecimento da Avaliação da Alfabetização, que envolverá estudantes do terceiro período do ensino fundamental, de forma a medir o nível de alfabetização dos alunos com base nas condições escolares e metodológicas. Já o editorial “Educação é tudo”, do mês de abril, traz a opinião do jornal sobre a falta de investimentos em educação no país (inclusive nos professores) e as consequências de um “povo mal educado”.

Na temática “ensino escolar” registramos 8 notícias (6,8%), referentes a projetos de professores, aprimoramento ou ineficácias do ensino. Foi destacado pelo jornalismo da *Tribuna de Minas* o ensino de xadrez nas escolas municipais, com depoimentos de sucesso de professores sobre a melhoria do desempenho dos alunos. Por outro lado, considerações sobre os problemas da leitura e do ensino de literatura brasileira contemporânea (“Escrita sem seguidores”, em fevereiro), além da carência de conhecimento sobre a história e a arte local (“Pretérito Perfeito”, em maio). O jornal destacou a iniciativa de uma professora que organizou um núcleo de cidadania e debate sobre a violência em uma escola municipal (abril), bem como a iniciativa de professores de levarem alunos à Câmara, à Polícia Florestal (junho), entre outras atividades fora da sala de aula com o intuito de aprimorar o ensino.

Ainda na temática “ensino escolar”, a *Tribuna de Minas* realizou uma reportagem-denúncia sobre mais de duas mil crianças na fila de espera de creches públicas. Dentro desta matéria, no depoimento de uma professora da Faculdade de Educação da UFJF, a constatação de

que o problema é maior do que o quantitativo de vagas, pois também está na formação docente voltada para o ensino infantil.

Verificamos que o debate sobre as condições para o exercício do magistério (políticas, econômicas e estruturais) é mais trabalhado pelo jornal do que o debate sobre o magistério em si, o que envolve definições sobre os papéis sociais das instituições escolares e dos professores. Acreditamos que a cultura da imprensa, de maneira geral, destina o debate sobre o magistério para publicações mais especializadas, afastando dos leitores rotineiros algumas formas de participação social no ensino e nas escolas. A *Tribuna de Minas* torna-se, portanto, um reflexo desse sistema noticioso ao trazer, com pouca frequência, o enfoque sobre o ensino e o magistério para além da sua organização política e econômica.

Comparando com os demais itens, foram poucos os espaços para a representação da docência nos quesitos metodologia de trabalho, contribuições do ensino para o desenvolvimento pessoal e profissional do cidadão e outras pautas políticas, como o financiamento da educação, normas curriculares e suas repercussões na formação do aluno e do professor. De maneira geral, são poucas as pautas que envolvem uma discussão mais aprofundada sobre os processos de trabalho docente e seus aspectos sociais, de forma a inserir a população em debates, como em um “controle educacional” que tem, como um dos agentes, a imprensa.

Em contrapartida, são mais presentes os enquadramentos de aspecto econômico da docência, descontextualizados de discussões mais amplas, como por exemplo, para onde as políticas públicas conduzem a educação brasileira e quais as implicações no dia a dia das escolas. Um exemplo claro é a notícia “Crianças terão que ir para escola aos 4 anos” (mês de abril), que aborda a nova legislação sem oferecer espaço de fala para professores, pesquisadores e dirigentes no tocante às consequências estruturais das escolas para atender as novas regras.

Já no que tocante ao ensino superior, a temática que ficou mais evidente (totalizando quase 100% das notícias) foi a polêmica da mudança da administração dos hospitais federais de ensino, com foco no caso do Hospital Universitário (HU) da UFJF. O período analisado envolveu o debate da comunidade universitária sobre proposta de mudança de administração da unidade, passando a gestão da UFJF para a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), uma estatal de direito privado criada pelo governo federal. O assunto dividiu opiniões entre professores federais. Alguns deles integraram um movimento contra essa mudança de gestão, no

entendimento de que haveria perda de autonomia no ensino, pesquisa e extensão na área de saúde e desenvolvimento de atividades acadêmicas dentro do hospital.

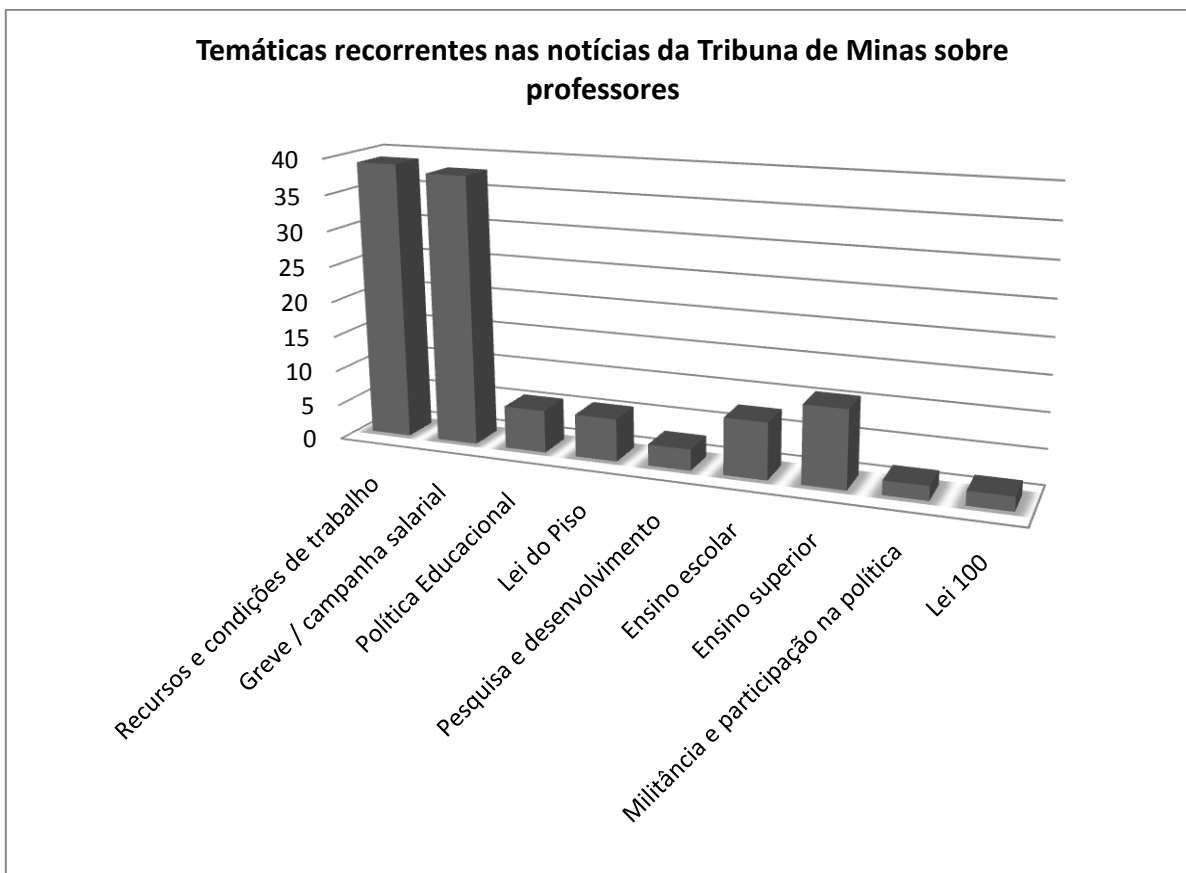
Apesar do quantitativo de matérias sobre o HU na temática “ensino superior”, a maioria deu ênfase para as questões de saúde na cidade, uma vez que o hospital de ensino é referência no atendimento em Juiz de Fora e região e passava por uma crise financeira. Com isso, a questão sobre as consequências da mudança administrativa para o ensino superior, principal função do HU no debate dos docentes, ficou praticamente silenciada no jornal.

A única notícia relacionada ao ensino superior que não tratou do hospital de ensino foi sobre um projeto de lei exigindo que o professor para atuar em universidade pública deva ter doutorado (“Professor de federal terá que ser doutor”, do mês de maio). No total, 11 matérias entre fevereiro e junho estiveram relacionadas ao ensino superior (9,48%).

A parte sobre “Pesquisa e desenvolvimento” contou com três matérias no período analisado (2,58%). A temática esteve relacionada a pesquisas de professores universitários que, pela relevância social, foram divulgados nas páginas da *Tribuna*. O primeiro caso foi de uma professora que, durante a sua pesquisa, encontrou uma nova espécie de sapo no parque da Lajinha (mês de fevereiro). O segundo, de uma professora do curso de Química da UFJF que estuda tratamentos medicamentosos à base de platina para o tratamento do câncer (notícia de maio). Em terceiro lugar, uma pesquisa sobre dengue, em que a professora descobriu que as larvas do mosquito transmissor já nascem infectadas (junho).

Verificamos, ainda, a presença de duas matérias específicas sobre professores do estado, referente à Lei Complementar 100 (das efetivações no estado). Uma delas sobre o parecer da Advocacia Geral da União sobre o assunto e outra sobre um protesto, pedindo apoio do Governo de Minas para evitar demissões.

Em resumo, chegamos ao seguinte gráfico relacionado às temáticas encontradas na cobertura jornalística sobre a docência na *Tribuna de Minas*:



No tocante às editorias, o cenário é bem parecido com o das temáticas, afinal, ambas as categorias seguem caminhos semelhantes. A editoria que teve mais notícias relacionadas aos professores foi a de Política, com 49 (representando 42% do total). Esta editoria incluiu as matérias sobre a campanha salarial da categoria docente no município, estado e federação, além dos protestos tradicionalmente realizados pelo movimento sindical dos professores. Também estiveram incluídas as notícias sobre os protestos organizados por alunos, reivindicando melhoria na estrutura-física nas escolas e contra a junção de turmas.

Em relação aos protestos nas ruas, observamos nas notícias analisadas um ciclo típico das representações midiáticas: como a imprensa busca e reconhece o “valor-notícia” deste tipo de acontecimento, grupos, para terem a visibilidade midiática, adéquam o acontecimento à cultura expressiva da imprensa. Protestos foram organizados para dar maior visibilidade aos problemas das escolas e conseguiram a pauta. Os problemas estruturais das escolas haviam ganhado reportagens extensas na *Tribuna de Minas*, mas o acompanhamento rotineiro do assunto e as repercussões junto às autoridades foram possibilitados quando os alunos pararam algumas ruas. “O acontecimento é um simulacro, no sentido de que se funde à sua própria representação, de que

se espetaculariza por meio de uma série de recursos expressivos próprios dos meios, e essa condição passa a ser a sua maneira própria de existir para as audiências” (SOARES, 2009, p. 26).

Podemos observar também que o noticiário de política apresentou desdobramentos de muitas pautas que vinham sendo veiculadas na editoria Geral, como por exemplo, a série de dificuldades enfrentadas pelos professores com a ausência de condições de trabalho, motivos que desencadearam a greve e, portanto, fizeram conexões com a pauta política do jornal. Assim, as notícias relativas à política apresentaram, mesmo que superficialmente, um quadro das deficiências na educação e, com isso, no papel exercido pelos professores. Baixa remuneração, direitos conquistados que não podem ser exercidos dentro da docência, financiamento insuficiente na educação, cenário de precarização, privatizações e adoecimento (em um ano foram dez mil licenças na Prefeitura, segundo a notícia) foram temáticas recorrentes nos meses de abril e maio, um quadro de dificuldades apresentado nos noticiários.

Ainda em relação à editoria de Política, verificamos a inclusão das notícias sobre a votação da mudança de administração do hospital universitário pelo Conselho Superior da UFJF. O debate político em relação ao assunto envolveu os posicionamentos dos grupos de direções, docentes, alunos, técnico-administrativos e residentes. Encontramos também nesta editoria as notícias sobre Lei do Piso, Lei 100 e reportagem com a temática “militância e participação política de professores”, relacionada à reorganização da esquerda na cidade (junho).

Em segundo lugar, ficou a editoria Geral, tradicionalmente voltada para assuntos da cidade de Juiz de Fora e seu cotidiano. Foram 44 matérias (38%) no período de fevereiro a junho de 2013. Nesta editoria foram encontradas as notícias sobre as questões estruturais das escolas, os casos de violência, as iniciativas de professores no ensino escolar e pesquisas de docentes universitários. Quando o assunto se voltou a não prestação de serviços em saúde em Juiz de Fora por parte do HU, em crise financeira, a editoria das notícias foi também a Geral.

Com 9 textos (7,7%), Opinião foi a terceira no *ranking* das editorias, ligada aos textos encontrados na seção Painel e editoriais. Do Painel, agrupamos os textos “Mal-estar” e “Escolas Estaduais” em março; “Judicialização” e “Negociações” em maio (referentes à greve no município); “Protestos na Copa” e “Reajuste em junho” (relativos aos professores estaduais). Também na seção de opinião, os seguintes editoriais mencionaram os professores e a docência: “Educação é tudo”, em abril, e “Inversão de valor”, em junho. Acrescentamos ainda a Charge do Mário sobre o aluno de

ontem e de hoje, em que faz menção ao caso do aluno que ascendeu um cigarro de maconha em sala de aula.

Em seguida, ficou a editoria de assuntos nacionais, intitulada Brasil na *Tribuna de Minas*. Incluímos nesta editoria uma notícia que saiu na seção “Pelo Brasil”, dentro editoria Mundo, mas que também trata de assunto nacional. Foram 6 notícias coletadas (5,2% do total), voltadas para política educacional e o caso do assassinato de uma professora, cometido por seu aluno, no interior de São Paulo.

A editoria de Economia aparece depois, com 4 notícias (3,4%). Esta inclui matérias sobre seleção de professores, anúncios de concursos públicos e convocações, além da reportagem sobre a campanha salarial no município, envolvendo as pautas de reivindicação de várias categorias, incluindo os professores.

Com 3 notícias (2,5% do total) está o Caderno Dois da *Tribuna de Minas*. A editoria incluiu a matéria sobre a exposição de artistas e escritores locais, que pautou questões sobre o ensino das obras de juiz-foranos nas escolas (maio). Outra reportagem traz a discussão sobre literatura contemporânea, os novos escritores e o contexto da educação (fevereiro). Também selecionamos a reportagem sobre o projeto do Mamm/UFJF que recebe alunos de escolas públicas juiz-foranas para visitas às exposições e ao espaço do museu, enquanto instrumento educacional na área de artes (mês de maio).

O seguinte gráfico demonstra um balanço geral sobre a inserção de notícias sobre a docência nas editorias da *Tribuna de Minas*:



Em relação aos gêneros jornalísticos mais utilizados nas matérias sobre os professores, chegamos aos seguintes números: gênero informativo liderando, com 69 notícias; o interpretativo ficou com 23 notícias e o opinativo com 7 notícias. Para este levantamento, consideramos os textos mais enxutos e objetivos, com estrutura de *lead*, *sublead* e complemento, além das notas, como informativos. As notícias maiores ou reportagens, incluindo subtítulos, avaliações, quadros e gráficos, na categoria dos interpretativos. Já os que trouxeram opiniões do jornal ou do colunista e editor Paulo Cesar Magella (Painel e editoriais), estão no grupo dos opinativos.

Vale ressaltar, que alguns textos da coluna Painel, por mais que estejam na editoria de Opinião, têm características exclusivamente informativas. Além disso, consideramos que os textos interpretativos da *Tribuna de Minas* trazem aspectos de informação e opinião, muitas vezes relacionadas, seguindo estruturas de narrações, suposições, comentários e instrumentos do que chamamos de “nariz de cera” na construção da notícia.

Um dos exemplos está na frase “Caso os professores da rede municipal de ensino levem adiante a proposta de deflagrar greve na assembleia da categoria prevista para o dia 1º de março, o prefeito Bruno Siqueira (PMDB) deve entrar para a lista de mandatários municipais com menor tempo na função a enfrentar um movimento grevista” (“Ameaça de greve adianta campanha” – 24/02/13). Outro exemplo é “Ao ouvir no rádio a história de uma prisioneira do regime fechado

que foi aprovada para uma universidade, no Estado de Alagoas, Ronaldo Tadeu da Silva, 41 anos, pensou: ‘Por que não eu?’” (“detento aprovado na UFJF” – 3/03/13).

Outro caso pode ser verificado em “Encaminhar os filhos ao colégio deveria ser motivo de tranquilidade para as famílias, mas virou preocupação, já que os pais não sabem a quem recorrer para garantir o direito constitucional de acesso à educação” (“Salas de aula sem professores” – 10/03/13). Ou então em “Ontem a *Tribuna*, ao saber do ocorrido, entrou em contato com a escola para saber da direção sobre os problemas de indisciplina e violência enfrentados pelos educadores no local. A conversa, após cerca de cinco minutos, precisou ser interrompida pelo diretor: ‘Preciso desligar. Tem um aluno de 12 anos (6º ano) com uma barra de ferro na mão ameaçando outro’” (Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula – 16/04/13).

Ao fazermos uma associação entre temática, editoria e gênero jornalístico, constatamos que “Recursos e condições de trabalho” e “Greve / campanha salarial” foram os assuntos mais abordados pelas reportagens da *Tribuna de Minas*, utilizando o gênero interpretativo. Destacamos nesse grupo a paralisação por tempo indeterminado e as negociações entre professores municipais e a Prefeitura, os problemas de falta de professores e infraestrutura adequada na rede pública, além dos casos de violência nas escolas. Alguns assuntos referentes à redução do atendimento e mudança administrativa do hospital universitário também foram tratados em textos no interpretativo, bem como casos sobre Lei do Piso e ensino escolar. Logo, as editorias Política e Geral também foram as de maior presença deste gênero jornalístico.

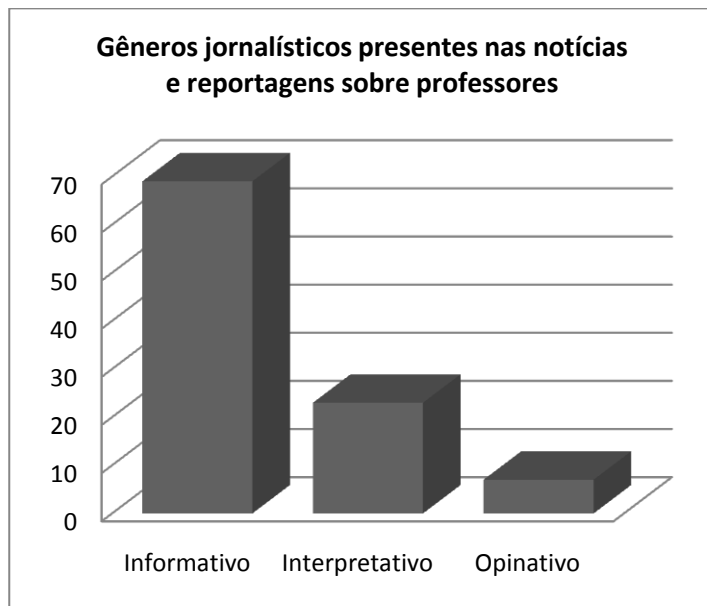
Todas as reportagens do caderno de cultura selecionadas utilizaram o gênero interpretativo, mas o aspecto educacional e docente não foi o prioritário nos textos, mas sim partes e conexões com o que foi noticiado.

Porém, verificamos uma maior presença do gênero informativo nas notícias relacionadas aos professores, em que os assuntos são abordados de forma mais objetiva, com poucos recursos visuais e imagéticos, bem como entrevistados. Uma constatação da produção jornalística da *Tribuna de Minas* é a presença de um número considerável de notícias sobre educação cotidianamente, porém com pouca margem de debate e interpretação, se analisarmos o volume textual de maneira geral.

Desse modo, a análise sobre os gêneros jornalísticos utilizados reafirmam o que foi verificado anteriormente sobre os poucos espaços para uma discussão mais aprofundada sobre a realidade educacional juiz-forana. Apesar disso, o caso das notícias sobre ensino escolar nos

oferece um quadro um pouco diferente, pois das poucas vezes em que apareceram, a maioria utilizou o gênero interpretativo.

Em resumo, temos o seguinte gráfico sobre a utilização dos gêneros jornalísticos:



Analisando a utilização dos recursos imagéticos, chegamos em 67 notícias e reportagens que foram publicadas sem recursos imagéticos, apenas “chapéu”, “título”, “bigode” e colunas de textos. 49 notícias e reportagens contêm recursos imagéticos; destas, 43 com fotografias e 6 com infográficos/ilustrações. Esta consideração está diretamente relacionada ao gênero jornalístico utilizado, pois o interpretativo, para gerar uma leitura agradável e ser chamativo, depende dos recursos visuais.

Outro levantamento possibilitado pela análise das notícias é da área ocupada no jornal, tamanhos de textos e recursos imagéticos. Encontramos a maioria das notícias sobre professores em tamanhos no intervalo de 10 cm a 30 cm de altura por 3 colunas. Em segundo lugar, notícias em tamanhos de 30 cm a 50 cm de altura por 3 colunas ou mais (já se tratando de textos mais extensos). Em terceiro, empatadas as notícias com 10 cm a 30 cm por 2 colunas e os casos das pequenas notícias, com menos de 10 cm por uma coluna. Esse dado faz correlação ao fato de que o maior número de notícias sobre professores está sem recursos imagéticos e no gênero informativo.

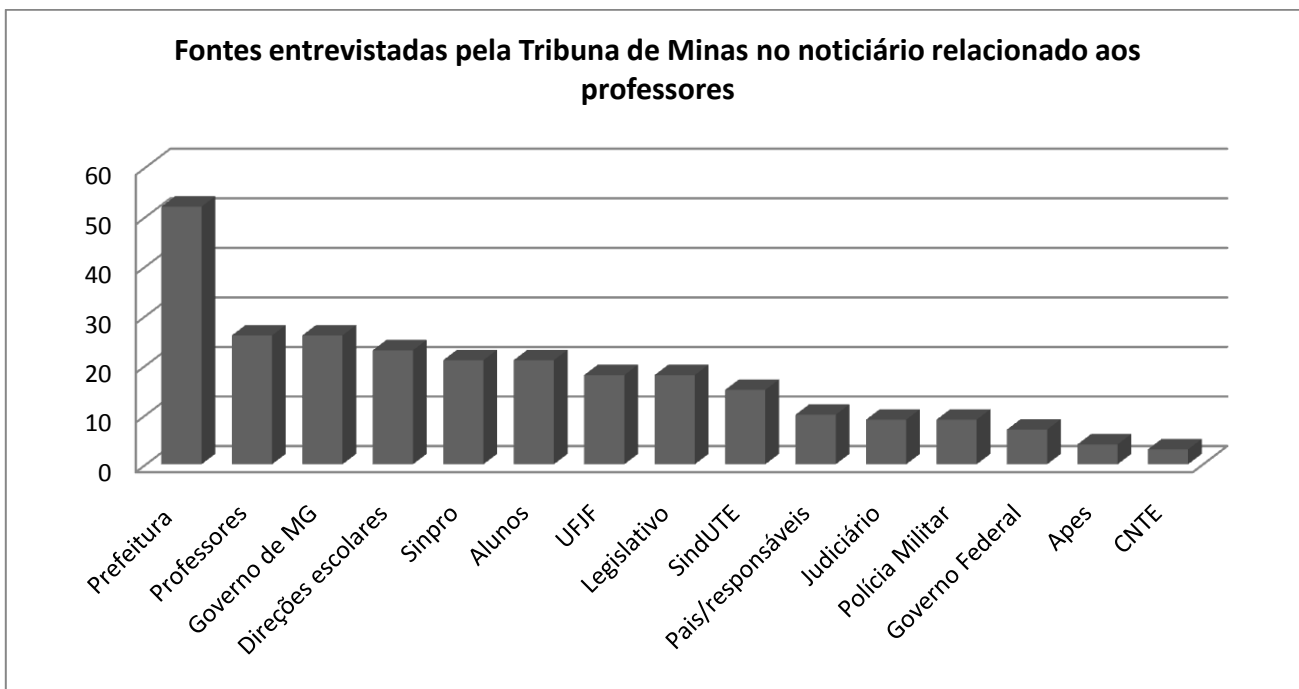
Por fim, analisamos as fontes recorrentemente entrevistadas pelos repórteres nas notícias e reportagens sobre professores e a docência. Em uma leitura mais atenciosa dos textos, selecionamos as fontes conforme foram aparecendo no noticiário e as categorizamos. Algumas

fontes que são personagens ou entrevistados específicos em apenas uma ou duas notícias, sem relação direta com a educação, foram reunidas no grupo “outras fontes”.

Com 52 registros, a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (considerando suas secretarias e assessorias) foi a fonte mais entrevistada no período analisado. Professores foram entrevistados 26 vezes, mesmo número do Governo do Estado de Minas Gerais (incluindo todos os escalões), ficando em segundo lugar. Direções e coordenações escolares ficaram em terceiro lugar, com 23 registros. Em quarto, alunos e o Sindicato dos Professores Municipais de Juiz de Fora (Sinpro), entrevistados pela *Tribuna de Minas* 21 vezes entre fevereiro e junho. Com 18 registros, verificamos falas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e do Poder Legislativo (vereadores e deputados).

Em quinto lugar, o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Estado de Minas Gerais (SindUTE), aparecendo 15 vezes no noticiário. Os pais e outros responsáveis foram entrevistados dez vezes, seguidos do Poder Judiciário (Supremo Tribunal Federal e Tribunal de Justiça), com nove registros. Mesmo número teve a Polícia Militar, sempre fonte nas matérias sobre casos de violência nas escolas. O Governo Federal foi ouvido pela *Tribuna de Minas* sete vezes no período analisado; a Associação de Professores do Ensino Superior (Apes) quatro vezes e, por último, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, com três registros.

Outras fontes que não se repetiram ou foram específicas do assunto tratado e não recorrente da educação, tiveram 61 registros em cinco meses de noticiário. Entretanto, para compor o gráfico com o balanço geral desses dados, retiramos estas fontes por não representarem dados relevantes para a análise de conteúdo desta pesquisa, pois o que mais nos interessa é o quantitativo de fontes oficiais, sindicatos, personagens e Poderes envolvidos nos debates sobre a docência.



Dessa maneira, a *Tribuna de Minas* pode ser considerada um veículo de comunicação provedor de representações de fontes oficiais quando o assunto é educação. Sobretudo o governo municipal, o mais entrevistado nas matérias analisadas, e o governo estadual, que também teve número considerável de entrevistas, ficando ao lado dos professores. Vale ressaltar, que nos assuntos relacionados à política e às campanhas salariais, o sindicato foi o mais procurado. As notícias não tiveram personagens professores debatendo os problemas da educação municipal e estadual enquanto realidade política. Estes foram mais entrevistados nas notícias referentes às condições de trabalho, dando depoimentos sobre as rotinas nas escolas, bem como nos casos de iniciativas dentro do ensino escolar.

Destacamos a frequência da Prefeitura de Juiz de Fora no noticiário analisado, com o número de notícias consideravelmente maior que as outras fontes, que ficaram equilibradas de certa forma. Observamos a cultura do jornal em buscar as palavras dos poderes municipais instituídos, principalmente um equilíbrio no noticiário quando há uma “falta de ordem”: greve, protesto, falta de estrutura ou violência dentro de escolas. Muitos atos de governo são firmados a partir dessa frequência de discursos e, por isso, incidem nas identidades docentes ao determinarem papéis sociais na educação. Exemplo marcante é o caso da deflagração da greve dos professores municipais: as palavras enfatizaram mais a ação do Prefeito do que dos

professores, os sujeitos da notícia. O próprio título da matéria demonstra isso: “Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão”.

Com isso, a tendência do jornal *Tribuna de Minas* foi a de convocar mais fontes oficiais governamentais e não as educacionais, concluindo as matérias de forma objetiva, porém em uma via de pensamento. Verificamos espaços em que professores, enquanto personagens e especialistas em educação poderiam ser convocados para discursar sobre um assunto, mas as fontes oficiais e os Poderes instituídos assumem o protagonismo do debate sobre a própria docência.

Fica evidente também a presença de lideranças, principalmente sindicais, que também são falas de poder nessas notícias e reportagens sobre professores. Os sindicalistas são uma fonte de avaliação da realidade docente, muitas vezes representando o lugar da diferença em relação às falas dos governantes, bem como a resistência a certas imagens da docência e o desejo de transformação.

Estes dados, tendência a buscar as fontes oficiais e compreender os movimentos políticos, determinam também o posicionamento do jornal em relação à educação na cidade: um serviço a ser prestado para a população e um direito essencial. Quando o sistema educacional para ou sofre dificuldades estruturais, os enquadramentos potencializam estes fatos como problemas do cotidiano, que precisam ser solucionados para que haja o retorno da normalidade.

O Governo Federal foi fonte em um menor número de matérias analisadas, da mesma forma que a representação sindical dos professores federais. Este número seguiu o quantitativo de matérias sobre esta categoria docente, que foi menor do que sobre os estaduais e municipais.

O Poder Legislativo foi mais presente, sobretudo no contexto dos protestos de alunos e professores, que recorreram ao apoio de parlamentares. Um pouco menos presente ficou o Poder Judiciário, fonte nos casos em que reivindicações de professores foram analisadas pela Justiça (no âmbito estadual e federal).

O número considerável de notícias sobre casos de violência nas escolas fez com que a Polícia Militar fosse uma fonte frequente (apesar de menor número) nas matérias sobre a docência, por isso, incluída no levantamento. Consideramos, ainda, que o número de entrevistas da PM foi maior que o das fontes federais (governo e representação sindical).

5.4. Aspectos da identidade docente nas páginas do jornal *Tribuna de Minas*

Nesta segunda etapa da análise de conteúdo, buscamos verificar, em uma abordagem semântica do noticiário, os papéis sociais atribuídos aos professores e as formas em que a *Tribuna de Minas* fez a representação identitária da docência, por meio de palavras, expressões e escolha de frases de entrevistados para compor a notícia. Para isso, seguimos uma tabela de forma a verificar as correspondências do texto jornalístico com as categorias criadas a partir da leitura de obras na área da Educação (Anexo 4).

Buscamos encontrar características do heroísmo, ou seja, do exercício de uma profissão que exige bravura, coragem para vencer os diversos percalços inerentes ao exercício da educação, a superação de desafios e as conquistas de grande relevância social. Também nessa mesma linha buscamos o sentido, muitas vezes atribuído à docência, do missionário, daquele que se sacrifica; segundo os estudos da educação, um caráter sacerdotal da profissão.

Também, verificamos as representações do professorado, enquanto vítima, tanto dos problemas específicos do ensino (falta de financiamento, de recursos básicos, incentivos e estímulos para o exercício da carreira), quanto dos problemas urbanos e sociais, como a estrutura física das escolas, violência no entorno e dentro das salas de aula e também as relações conflituosas. Enquanto que, na figura de heróis, os professores ganham poder através dos discursos veiculados, como vítimas são representadas pela perda de autonomia e controle dentro do sistema escolar.

Outros pontos analisados foram o prestígio e o desprestígio da docência, buscando marcas da representação do passado “glorioso” e os significados atuais em relação à profissão. Ou seja, em que casos os noticiários fazem a representação dos professores com base no “status” da atividade educacional, na nobreza da docência enquanto elemento garantidor do futuro das novas gerações, e em quais deles retratam a perda de importância da profissão e, em função disso, do seu “status” e suas conquistas perante a sociedade.

As características de prestígio e desprestígio nos levam ao terceiro ponto da tabela de categorias identitárias: o professor enquanto um membro de uma elite (intelectual, cultural e financeira) e o seu oposto, o professor-operário, peça do sistema educacional massificado que

comanda o seu trabalho, com normas e rotinas, favorecendo sua desvalorização na pirâmide social e, assim, seu empobrecimento e proletarização.

O outro ponto da nossa análise é formado pelas características que colocam o professor no interior de obrigações sociais, na manutenção das regras e valores, enquanto agente da socialização com base no *status quo*. De outro modo, se o noticiário reforça a imagem do professor que, com sua atividade, busca a transformação social, promovendo medidas de formação de cidadãos diferentes do que dita o sistema vigente.

As representações do associativismo, do engajamento político e sindical, além do tratamento dos professores, enquanto categoria profissional foi analisada no quinto ponto da tabela. O objetivo é verificar palavras e expressões positivas e negativas que atribuem valores às atividades organizativas dos docentes.

Por fim, as representações da competência, considerando os professores enquanto agentes do saber, da investigação, da descoberta e das proposições geradoras de mudanças para a sociedade. E, de maneira contrária, o despreparo e os problemas da formação; quando o noticiário coloca em voga o que o docente “não dá conta”, o desconhecimento de liderar uma sala de aula, de lidar com a disciplina dos alunos, de fazê-los conhecedores de conteúdos.

Dessa maneira, quais os valores da docência foram evidenciados nas notícias e a quais categorias poderíamos agrupá-los? Nesse período analisado, quais foram as tendências do jornalismo da *Tribuna de Minas* ao representar a identidade docente? Uma vez que estamos analisando textos informativos e alguns opinativos, em quais momentos a orientação política e ideológica do jornal deixa evidências sobre o pensamento a respeito da educação?

Em uma observação mais geral sobre as representações da docência, verificamos uma predileção da *Tribuna de Minas* pelo acompanhamento dos acontecimentos de escolas públicas e do ensino básico, logo, dos docentes de escolas públicas municipais e estaduais. Em apenas um dos casos (reportagem “Insegurança muda rotina no entorno das escolas”, do mês de junho) o ensino particular esteve na pauta. Dessa forma, verificamos uma abordagem sobre a docência que se vincula mais à educação enquanto prestação de um serviço para a comunidade (serviço público escolar) do que uma relação de clientelismo. Isso se liga diretamente com as imagens evocadas no período analisado.

Na categoria “Prestígio”, o jornal pauta o fato de que, ao ganhar as liminares, os professores municipais tiveram um reconhecimento do direito à carga horária extraclasse como

componente importante da atividade docente. Porém, pode ser considerado um prestígio diante do Poder Judiciário (foi um direito cumprido por força de liminar), porque o Executivo afirmava que não teria condições de efetivar o que determina a Lei do Piso. O assunto foi tratado pelo noticiário com algumas expressões relacionadas a uma conquista dos docentes (mesmo que momentânea) em relação à jornada de trabalho:

“(...) parte dos educadores conseguiu, na Justiça, liminar que garante o cumprimento de um terço da jornada com atividades extraclasse (...)”.

“Como os beneficiados pela liminar (...)”.

(Aulas na PJF começam com paralisação por 1/3, do mês de fevereiro).

Um segundo momento, em que o “prestígio” fica evidente é no anúncio de investimentos para a contratação de professores e compra de material didático para realizar um programa federal de ressocialização de presidiários. Na abordagem feita pela *Tribuna de Minas* fica nítida a concepção da educação enquanto instrumento principal do programa, colocando a docência na linha de frente desse processo (“Presos terão cursos técnicos”, do mês de fevereiro).

“Não sou um profissional da escrita, sou um professor. Barthes dizia que ‘escreve para ser amado’, o que é diferente de escrever para ser lido” (“Escrita sem seguidores”, do mês de fevereiro). A fala de um professor entrevistado para esta reportagem do caderno de cultura demonstra um valor da docência, ainda existente, calcado no prestígio, no aspecto da possibilidade de ser admirado e de ter seguidores, sobretudo quando o assunto é a literatura (tema central da matéria em questão).

Já no tocante à matéria sobre o ensino do xadrez, o prestígio da docência é representado no sentido do reconhecimento de uma iniciativa de professores que deu certo, demonstra bons resultados e, por isso, é prestigiada pela comunidade escolar. Tanto o título “Escolas investem no ensino do xadrez” quanto o subtítulo da matéria “Alunos também reconhecem benefícios”, além de uma retransmissão sobre a existência de um projeto aprovado na Câmara Municipal prevendo que os colégios incluíssem o ensino do xadrez em seu programa, trazem as representações de uma iniciativa que recebeu importância e passou a ser divulgada.

Também, encontramos aspectos da valorização do trabalho docente na notícia sobre uma pesquisa de droga contra o câncer realizada na UFJF. Por conseguir o financiamento e receber o apoio para o desenvolvimento das investigações, o trabalho da docente que coordena a pesquisa foi prestigiado tanto pela instituição de ensino quanto pela veiculação na imprensa.

“No mês passado, a pesquisa voltada para a atuação de derivados da cisplatina foi contemplada com novo financiamento da Rede Mineira de Química da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (Fapemig)”.

“ ‘Conseguir o apoio financeiro da Fapemig é muito importante para conduzirmos nossos estudos, além de termos reconhecimento por parte da instituição’, ressalta a professora e pesquisadora do Nicop, Heveline Silva”.

(“Universidade pesquisa droga contra o câncer”, do mês de maio).

O exercício da docência ganhou relevância na notícia sobre a criação de áreas de proteção no entorno das escolas, como medida de combate à violência e envolvimento de jovens com a criminalidade e tráfico de drogas. A medida eleva, mesmo que minimamente, o prestígio das atividades educacionais dentro do contexto urbano, já que a notícia aponta para a necessidade de “um olhar mais cuidadoso” voltado para as escolas, mesmo que por meio da instituição de uma norma a ser cumprida.

“Foi instituído em Juiz de Fora o Dia Municipal da Segurança Escolar, em 25 de março”.

“(…) também prevê a criação da Semana Municipal da Segurança Escolar, no mesmo mês”.

“projeto de lei (...) pretende efetivar a criação de áreas de proteção e segurança escolar e elevar a consciência da sociedade, gerando melhores condições para estudantes, professores e comunidade”.

(“Cidade ganha Dia Municipal da Segurança Escolar”, do mês de junho).

Já na categoria “Desprestígio”, verificamos a presença constante de termos, expressões e acontecimentos que agendam o fenômeno do “mal-estar docente”, evidenciando as reivindicações, recursos para o exercício do trabalho docente e valores profissionais colocados em segundo plano ou subordinados a políticas educacionais.

A série de notícias sobre a Lei do Piso no município nos oferecem exemplos do que podemos considerar um desprestígio dos docentes, pois apresentam justificativas e dão voz ao Executivo municipal sobre a necessidade de descumprir da uma lei federal, tanto em relação à jornada de trabalho quanto a salários de professores. Diversos textos da *Tribuna de Minas* representaram o professorado desprestigiado, já que a situação do município (endividado e com dificuldades administrativas nas escolas) teria mais privilégio, ou estaria acima do direito dos professores municipais que, exercendo esse direito, poderiam prejudicar as atividades escolares. Alguns exemplos no noticiário:

“Apesar de a Prefeitura não cumprir integralmente a norma [Lei do Piso], o Governo municipal se reuniu ontem com o Sindicato dos Professores (Sinpro) para estudar uma forma de se adequar à legislação sem prejudicar o ensino” (“Professor volta às aulas com liminar”, do mês de fevereiro).

“O Executivo reconhece o não cumprimento deste item da legislação (...). Com dívidas de R\$ 34 milhões, herdadas da gestão anterior, a Prefeitura alega dificuldades de ordem orçamentárias e pedagógicas (...)” (“Professor reduz aulas em 5 minutos”, notícia de março).

O professor desprestigiado também foi encontrado nas notícias sobre o início do ano letivo com movimento docente, considerado um prejuízo para a comunidade escolar. Destacamos novamente que a educação é representada pelo noticiário da *Tribuna de Minas* como um serviço a ser prestado, logo, a paralisação deste serviço ganha mais relevância pela negatividade, ou pelo que a comunidade deixará de ter, do que propriamente as justificativas políticas e sociais para tal. Algumas evidências foram encontradas no texto e em entrevistas selecionadas para as notícias:

“O ano letivo mal começou e já há indicativo de paralisação – programada para hoje – dos professores da rede municipal”.

“(...) ‘todo início de ano é assim. O horário normal só vai começar mesmo depois do carnaval’”.

“(...) confirma que é comum haver carga horária menor na primeira semana”.

“(...) setores administrativos têm se desdobrado para conseguir cumprir os horários de aula”.

(Aulas na PJJ começam com paralisação por 1/3)

Neste contexto, o jornal deixa evidentes algumas marcas opinativas sobre a paralisação das atividades e um “olhar negativo”, para o que se tornou uma estratégia política dos professores: paralisações no início do ano letivo, protestos e greves longas. O desprestígio também fica claro nas marcas de profissionais incompreensíveis, que atrapalham a política no município ao cobrarem pautas naquele momento político “difícil”. Também em argumentos de que outros assuntos estariam acima da reivindicação docente (como as questões pedagógicas). Verificamos, ainda, que o viés seguido pelas notícias demonstra uma espécie de cobrança pelos papéis sociais do sacrifício e do trabalho missionário enquanto deveres dos professores no contexto político e econômico vigente.

“Os professores municipais aprovaram ontem indicativo de greve para o dia 1º de março, o que reforça a expectativa de um início de ano conturbado para os alunos da rede pública de ensino de Juiz de Fora. Além da ameaça de deflagração de novo movimento grevista, as escolas enfrentam dificuldades para fechar o calendário de disciplinas já que

parte dos docentes conquistou na Justiça liminar garantindo o cumprimento de um terço da carga horária de 20 horas em atividades extraclasse” (“Aulas na PJJ começam com paralisação por 1/3”, mês de fevereiro).

“(…) a Procuradoria Geral do Município procura providências jurídicas para minimizar o impacto pedagógico das liminares obtidas por parte dos professores” (“Professores ameaçam fazer greve em março”, do mês de fevereiro).

“(…) já no início do ano letivo, houve paralisação e a assembléia marcada para 1º de março com indicativo de greve, que será deflagrada caso a categoria não aceite a proposta (…)” (“Ameaça de greve adianta campanha”, do mês de fevereiro).

“Os professores reivindicam o cumprimento imediato da Lei do Piso (...). Para contornar o problema, o Executivo propôs uma adequação a partir de janeiro do ano que vem”. A solução ofertada pelo município é justificada por dificuldades orçamentárias e pedagógicas para a aplicação do novo formato ainda em 2013. Em um primeiro momento, a proposta foi rechaçada pela categoria” (“Professor da Prefeitura para hoje”, mês de março).

A *Tribuna de Minas* também noticiou o caso envolvendo o Judiciário nas questões do cumprimento da Lei do Piso, em que o “ganho de causa” foi da Prefeitura. O Tribunal de Justiça de Minas Gerais considerou as implicações administrativas da aplicação da Lei do Piso acima dos direitos dos professores, o que foi comemorado pela Prefeitura e criticado pelo movimento docente, conforme demonstrou o noticiário.

As notícias destacaram as argumentações do Executivo (os custos da redução de jornada, a dívida a pagar), nomeando a situação de “imbróglio”. Os textos ressaltaram o desamparo dos professores, naquele momento sem as liminares.

“Uma decisão do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) determina a suspensão das tutelas de urgência deferidas em favor de centenas de professores da rede municipal de ensino (...).”

“A imediata adequação da carga horária do magistério municipal revela-se de improvável exequibilidade, dada a complexidade inerente à gestão da rede de ensino fundamental do município e considerando-se outras implicações na esfera administrativa”.

“A Prefeitura entende que todas as liminares obtidas até aqui estão suspensas (...). ‘O efeito prático, porém, é que ninguém está mais amparado judicialmente para cumprir a jornada de um terço”.

“(…) a manutenção das liminares poderia trazer grandes problemas de ordem pedagógica e administrativa para o município. Apesar de reconhecer o mérito dos anseios dos professores (...), o Executivo estima que os custos para isso devem variar entre R\$ 12 milhões e R\$ 15 milhões anuais (...).”

“Com dívidas (...), a nova Administração ainda estuda a melhor maneira de resolver o imbróglio com a promessa de contornar a situação no menor tempo possível”.

(“TJMG suspende liminares de 1/3”, do mês de fevereiro)

A título de comparação, esta foi uma situação diferente da que ocorreu com a das creches municipais, em que a Justiça determinou imediata matrícula das crianças na fila de espera (todavia, ainda cabia recurso por parte da Prefeitura). A argumentação do Executivo foi a de não ter condições administrativas para o cumprimento de leis, de certa forma, a mesma apresentada para a não adoção da Lei do Piso contemplando os professores. Mas no caso das creches, a Prefeitura não obteve êxito no Judiciário, diferente do que ocorreu com a aplicação imediata da Lei do Piso.

Em diversas matérias, a *Tribuna de Minas* colocou o Prefeito de Juiz de Fora, Bruno Siqueira, como o sujeito de frases e títulos de matérias a respeito dos professores municipais e não os próprios personagens principais dessas notícias. Este fato nos leva a considerar o desprestígio da docência em relação à política municipal, o que foi ainda mais evidente nas notícias da categoria sobre engajamento e organização sindical.

“Bruno quer 1/3 para professor só em 2014” (manchete na capa)

“(…) a dívida atual do município de R\$ 34 milhões, herdada da gestão Custódio Mattos (PSDB), inviabiliza uma mudança na carga horária ainda este ano”.

“ ‘Temos que ter algum tipo de pagamento ainda este ano, nem que seja pelo tempo a mais que estamos trabalhando além do que prevê a Lei do Piso’”.

(“PJF propõe 1/3 para ano que vem”, do mês de fevereiro).

“Em pouco mais de três meses à frente da Prefeitura, Bruno teve que atuar como ‘apagador de incêndios’ em várias situações” (“Cem dias com o pires na mão”, do mês de abril).

“Em menos de quatro meses de gestão, o Governo do prefeito Bruno Siqueira (PMDB) enfrenta a primeira greve do seu quadro de funcionários” (“Governo Bruno enfrenta primeira greve em sua gestão”, do mês de abril)

Outras representações do desprestígio podem ser encontradas nas matérias, que pautaram a junção de turmas em uma escola estadual em Juiz de Fora. Os textos demonstram a insatisfação dos professores, com uma medida que desconsiderava a realidade das salas de aula do local e retirava a autonomia dos docentes em relação à organização do ensino.

“ ‘(…) demonstrar o descontentamento com essa possibilidade. Tememos que a qualidade do ensino seja prejudicada, que as salas fiquem superlotadas e que possa haver redução no quadro de professores’”.

“ ‘(…) A legislação fala que o número máximo é 35 alunos, mesmo porque algumas nem comportam fisicamente essa quantidade. Inchar as salas de aula só prejudica o trabalho dos educadores e demonstra que, em Minas, os gestores estão mais preocupados em reduzir custos do que em manter a qualidade’”.

(“Preocupação com junção de turmas”, do mês de março)

Ainda em relação às condições de trabalho, a *Tribuna de Minas* dedicou uma reportagem a respeito da falta de professores na rede pública da cidade, com menção às dificuldades enfrentadas por alunos sem várias disciplinas. O texto ressalta a imagem de desprestígio perante aos pais e alunos. “Meu filho tem uma ou duas aulas por dia, pois no restante dos horários, ou não tem professor ou o que tem não aparece. E já estamos no mês de março”. Ou também: “Chegamos todos os dias sem saber o que vamos ter (...) pode ser aula de qualquer coisa” e “Os pais são orientados a não encaminharem à instituição de ensino os alunos das turmas que não têm disponibilidade de professor” (“Salas de aula sem professores”, do mês de março).

O jornal especifica também o desprestígio do trabalho docente que, sem integrar o conjunto das prioridades administrativas municipais e estaduais, faz com que as providências sejam demoradas, sem contar a desvalorização da profissão junto aos próprios profissionais que desistem das vagas.

“Essa contratação está sendo feita de maneira tardia. As aulas começaram no dia 4 de fevereiro e, desde então, estou sem sete professores. Cinco não foram contratados, e dois estão afastados por atestado, mas ainda não foram substituídos”.

“(…) garante ser natural devido à rotatividade na rede em casos de aposentadorias, licenças, entre outras situações imprevisíveis”.

“Tentam fazer a população acreditar que isso é algo normal, quando não é”.

“(…) ao excesso de burocracia para realizar contratações temporárias e à demora nas nomeações de efetivos (...) fato de Minas investir nas contratações temporárias mesmo havendo concurso recém-homologado”.

“(…) foram realizados 1.626 contratos, o que seria suficiente para suprir a demanda, mas, após os trâmites, houve 129 desistências”.

(“Salas de aula sem professores”, do mês de março).

“Conforme a presidente da entidade [grêmio estudantil] (...), ‘queremos que a educação se torne prioridade dos governos, que não haja sucateamento das escolas, salas superlotadas e falta de professores. Também lutamos para que os professores sejam melhor remunerados e tenham mais condições para trabalhar’” (“Alunos da Escola Normal protestam”).

Observamos ainda o destaque dado pelo jornal à desvalorização das estruturas físicas das escolas, ressaltando a precarização e a falta de investimentos em condições de trabalho para os docentes (apesar de, nesse caso, o foco da notícia estar mais voltado ao aluno). Em relação às questões administrativas para resolução dos problemas, conforme as falas do Executivo, os educadores ficam na posição de desprestigiados mais uma vez.

“Prometem reformar as salas que estão fechadas, mas, até hoje, não vimos nada”. “(...) Ficamos de férias por mais de dois meses e já era para terem feito as obras”.

“(…) a escola passa por reforma geral, que solucionará todos os problemas apontados”.
 “(…) os trabalhos não foram iniciados durante as férias por causa dos trâmites necessários e porque a ordem de início foi dada em fevereiro deste ano”.
 “o projeto está em fase de elaboração, mas não há previsão de quando será concluído”.
 (“Alunos denunciam falhas na estrutura de escolas”, do mês de março).

“Há mais crianças aguardando vaga do que matriculadas nas creches de Juiz de Fora. Segundo levantamento repassado à Tribuna pela Secretaria de Educação, 2.253 meninos e meninas de até 3 anos têm os nomes na fila de espera, enquanto outros 2.155 já frequentam as creches”.
 “Mas se não existem vagas suficientes nas 23 creches da rede, a questão é: o Município está se preparando para a nova demanda [a partir de 2016, educação infantil obrigatória para crianças de 4 e 5 anos]?”.
 (“Gargalo nas creches deixa 2.253 à espera de vagas, do mês de maio)

Assim, em muitas notícias, o desprestígio fica presente por meio de termos como cobrar providências, soluções, denunciar, manifestar, etc., sempre presentes nos discursos dos jornalistas, de professores e alunos enquanto fontes. Casos que viraram uma constante dentro do jornal, que exerceu um papel de vigilante das condições escolares.

“(…) a comunidade escolar cobra providências rápidas para que os cerca de dois mil alunos da Delfim Moreira saíam da situação de risco”.
 “Essa manifestação é pelo descaso do Governo estadual com a educação. (...) Além disso, os representantes do sindicato foram impedidos de entrar na instituição hoje”.
 “(…) a Superintendência Regional de Ensino tem ciência da gravidade da situação e, por isso, foi autorizada a alugar um prédio (...)”.
 “(…) não havia mobiliário suficiente para que todos se sentassem”.
 “ ‘(…) mandaram a gente sentar no chão ou voltar para casa. Ficamos revoltados e resolvemos denunciar’ ”.
 “(…) a equipe da SRE vai apurar junto à escola o problema para adotar as medidas necessárias”.
 (“Acidentes no Grupo Central motivam protesto”, do mês de março).

“Responsável pela programação da capina nas escolas, a Secretaria de Administração e Recursos Humanos informou que o serviço ainda não foi realizado devido à alta demanda e às chuvas”.
 “Já a secretaria de Educação informa que a manutenção e administração das escolas são de responsabilidade dos diretores”.
 (“Cobra encontrada dentro de escola”, do mês de março).

“À tarde, foi realizada reunião com os diretores das escolas para repassar os questionamentos, que serão apurados. Caso as denúncias tenham procedência, a pasta diz que tomará as providências cabíveis” (“Alunos tomam ruas do centro”).

“ ‘Acho que demoraram muito para tomar uma providência. É uma situação de risco de morte’ (...)” (“Cidade será base para distribuição de fumacê”, do mês de abril).

“Autor da lei que institui as áreas de proteção e segurança escolar (...) lamenta que seu conteúdo ainda não tenha sido colocado em prática. ‘Ela está esquecida’ ”.
 “(…) muitos os casos de violência que chegam ao meu conhecimento e poderiam ser evitados”.
 (“Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula”, do mês de abril).

“ ‘Já informamos as autoridades sobre as ocorrências, mas nada é feito’, lamenta o profissional” (“Estudante agride professor com tapas em sala de aula”, do mês de maio).

Outra forma de representar o desprestígio da categoria docente foi à pauta da defasagem salarial, no contexto de notícias sobre a política sindical da categoria.

“(…) a reivindicação é por reajuste de 14,64% este ano”.

“Em 2012, o aumento concedido ficou em torno de 6% sem ganho real. Aparecida acredita que, desta vez, pode-se avançar”.

“Embora o reajuste do piso salarial de professores do ensino básico tenha sido de 7,97% este ano, conforme o Fundeb, a diferença, segundo ela, deve-se a déficit de campanha” (“Trabalhador luta por ganho real, do mês de março”).

“(…) defendeu que o salário pago aos profissionais ao início da carreira (PRA-1) de R\$ 743 ‘é um convite para procurarem outras redes’” (“PJF soma dez mil licenças na educação”, do mês de abril).

“Perdemos tudo que conseguimos em trinta anos de luta com a adoção da política de subsídios adotada pelo Governo de Minas como forma de remuneração”. “Os acordos não foram respeitados” (“Professor estadual para hoje”, do mês de junho).

Elemento que divide a categoria docente, o salário é diferenciado conforme o nível de atuação e a rede de ensino. Enquanto para professores municipais e estaduais as notícias sobre salários remetem ao desprestígio, para professores federais, sobretudo com titulação, a representação social é a do prestígio na maioria dos casos, até mesmo um incentivo para a entrada na carreira. “As remunerações oferecidas são de R\$ 5.466 para mestres e R\$ 8.049 para doutores” (“Inscrição para concurso para Campus da UFJF em Governador Valadares termina hoje”, mês de março).

Podemos constatar que as representações do desprestígio provocaram, no período pesquisado, uma onda de descontentamento e negatividade dentro do noticiário: se os professores estão desprestigiados em políticas educacionais (recursos de trabalho), providências administrativas e salário, logo, mais difícil haver interesse pela docência e solucionar pelo menos parte do problema da carência de professores. Encontramos nos textos da *Tribuna de Minas* uma ênfase das conseqüências desta desvalorização, sobretudo nas rotinas de contratação de professores para a rede pública.

“(…) a instituição já formalizou os pedidos junto à secretaria, mas, até ontem, as vagas continuavam em aberto”.

“(...) 202 professores foram contratados entre março e a primeira semana de abril, mas a demanda atual ainda será levantada. (...) as vagas de professor de matemática foram apresentadas em diversas ocasiões, mas as vagas não foram preenchidas”. (“Escolas ainda sem professores”, do mês de abril).

“Do total, 15 vagas foram abertas ontem, tendo sido preenchidas apenas sete. As outras oito permanecem em aberto e serão alvo de nova chamada”.

“Conforme a Secretaria de Educação, as demandas foram identificadas, principalmente, por conta dos afastamentos temporários (como licenças médicas) e desistências de recém-contratados. A pasta informa ter realizado 397 contratações este ano e registrado 157 desistências”.

(“PJF contrata mais docentes temporários”, do mês de abril).

Os dois editoriais selecionados para a análise podem ser inseridos na categoria do “desprestígio” devido ao seu conteúdo. Em ambos os textos, o jornal deixa explícito seu posicionamento em relação à docência: uma área que tem sido deixada de lado e, por isso, valores tradicionais da educação estão se transformando negativamente. A *Tribuna de Minas* apresenta uma argumentação sobre cidadania e sua relação com a educação, logo, atribuindo alguns aspectos da “falta de cidadania” ao desprestígio que tem o ensino dentro do sistema político brasileiro. O jornal também comparou a falta de investimento em educação como porta de entrada para o “ilícito”, representando a docência enquanto missão para a formação cidadã, o conhecimento de vida e para a tomada de decisões.

“O ensino básico e o ensino fundamental, apesar dos investimentos, continuam sendo uma opção de segunda linha, bastando ver a situação das escolas pelo país afora e o tratamento dado aos professores. Não se olha a base” (“Educação é tudo”, do mês de abril).

“(...) investir na educação deve ser prioridade de governos em todas as suas instâncias, porque só pela formação é possível fugir da armadilha do jogo fácil da sedução do ilícito, que tem artifícios próprios para elaborar seu convencimento” (“Inversão de valor”, do mês de junho).

Conforme verificamos no enquadramento jornalístico, é considerável a tendência da *Tribuna de Minas* no acompanhamento da pauta política dos professores, principalmente o movimento reivindicatório e as questões coletivas. Logo, foram bastante evidentes as representações do engajamento e da militância política e sindical. Importante considerar ainda que as representações sindicais da categoria foram constantemente entrevistadas pelo jornal, não só em relação às campanhas salariais e movimentos grevistas como também sobre as problemáticas da docência. Logo, as entrevistas colocaram em relevo as considerações de uma coletividade, muito mais do que o pensamento de personagens professores.

Inicialmente, as imagens do engajamento foram mais evidentes em relação ao professorado do ensino municipal, que no início do ano letivo iniciou a luta pela adoção da Lei do Piso em Juiz de Fora e, logo em seguida, lançou a campanha salarial. As primeiras matérias analisadas atribuíram um sentido de negociação, diálogo e busca de consenso às atividades sindicais dos professores. Também representaram alguns medidores de força do movimento, como as adesões e participações, tanto no caso dos municipais quanto estaduais.

“A esperança do Sinpro é que a Prefeitura e a categoria entrem em consenso o mais rápido possível, para que estudantes e professores não sejam prejudicados. O sindicato (...) espera avancar nas negociações”.

“ ‘Nunca em um início de administração se abriu um diálogo tão intenso com as lideranças sindicais. Isso comprova o objetivo da Prefeitura de ouvir sempre as reivindicações dos servidores e procurar soluções de consenso’”.

(“Aulas na PJF começam com paralisação por 1/3”, mês de fevereiro).

“Ontem à tarde, durante a assembléia realizada no Pró-Música, com boa participação da categoria, o Sinpro recolheu a assinatura de outros servidores para que novas ações individuais fossem ajuizadas”.

“Na busca por solução, representantes da Prefeitura e do sindicato já realizaram seis reuniões este ano”.

(“Professores ameaçam fazer greve”, mês de fevereiro).

“Cerca de 400 servidores da educação, liderados pela Associação de Professores Públicos de Minas Gerais, realizaram ontem um ato em defesa da Lei Complementar 100/2007 (...). ‘Devemos reconhecer as décadas e décadas de trabalho que vocês e outros milhares pelo estado afora dedicaram a favor de Minas’” (“Servidor faz ato por lei 100”, do mês de fevereiro).

Como professores e Prefeitura de Juiz de Fora não chegaram a um consenso nas primeiras reuniões de negociação, o jornal passou então a representar o movimento da categoria com palavras mais incisivas e fortes, remetendo à resistência e disposição de luta dos docentes rumo a uma greve por tempo indeterminado. Expressões como “ameaçar fazer greve” (e não avaliar, estudar, propor uma greve), “cruzar os braços”, “exigir pagamento”, “impasses” ficaram cada vez mais presentes no noticiário sobre professores.

“Tentamos negociar desde o final das eleições, para evitar estes problemas de calendário. A responsabilidade não é do sindicato, mas da Prefeitura, que precisa ser ágil para resolver a situação”.

“Até que o impasse seja equacionado, a categoria irá exigir pagamento pelo tempo trabalhado além do que prevê a Lei do Piso”.

(“Professores ameaçam fazer greve”, do mês de fevereiro).

“(...) os docentes aprovaram deliberação que permite o sindicato buscar acordo projetando uma resolução em até dois meses, prorrogáveis por mais dois. Até que o impasse seja equacionado, os sindicalistas exigem pagamento pelo tempo trabalhado além do que prevê a Lei do Piso”.

(“TJMG suspende liminar de 1/3”, do mês de fevereiro)

Como ambas as partes resistiam em suas argumentações e ideais nas negociações, deixando a possibilidade de consenso cada vez mais longe, o noticiário começou a apresentar expressões e falas de entrevistados que demonstraram uma intensificação da disputa. Ficou nítida a construção de um discurso “endurecido”, principalmente associado ao movimento docente. Enquanto algumas falas do Executivo veiculadas pelo jornal mantiveram a representação da abertura de diálogo, as dos sindicalistas remetiam ainda mais à imagem do radicalismo.

“Professor pressiona por 1/3 da jornada; outras categorias abrem conversa com PJJ”.
 “Impasse em torno do cumprimento de 1/3 da jornada com atividades extraclasse pode fazer professor suspender aulas a partir de 1º de março”.

“ (...) mas os desdobramentos da movimentação dos docentes são reais e irreversíveis (...)”.

“Sei que a situação dos professores acumulou um desgaste muito grande ao longo dos últimos meses. Isso é complicado (...)”.

(“Ameaça de greve adianta campanha”, do mês de fevereiro).

“É uma proposta e ao mesmo tempo um compromisso. Fizemos sete reuniões em 57 dias. Esta é a primeira vez que a administração faz uma proposta concreta neste sentido”, afirma o secretário de Educação, Weverton Vilas Boas de Castro, que ressalta a importância de se manter um diálogo aberto entre as partes (...)”.

“Presidente do Sindicato dos Professores, Flávio Bitarello afirma que, num primeiro momento, a proposta não atende aos anseios da categoria, que espera uma resposta ainda em 2013. ‘Não chegamos a um consenso’”.

“Não houve acordo. Mostramos nosso posicionamento sobre algumas questões referentes à pauta de reivindicações. Estamos no mesmo ponto e vamos buscar uma evolução nas conversas amanhã (...)”.

(“Professor da Prefeitura para hoje”, do mês de março).

“A proposta da Administração não agrada aos docentes, que podem cruzar os braços por tempo indeterminado no próximo dia 10 (...)”.

(“Servidor da PJJ abre campanha por 18%”, do mês de março)

Nas repercussões do assunto publicadas pelo jornal, as representações do movimento dos professores foram relacionadas também às estratégias e instrumentos de pressão. Houve um acompanhamento sistemático e a construção de uma narrativa sobre a situação da docência no município, cuja construção foi ganhando diferentes formas a partir dos personagens principais.

“Os professores da rede municipal de ensino vão adotar uma nova estratégia para forçar a Prefeitura a adequar a jornada de trabalho da categoria à Lei do Piso”.

“ (...) os docentes irão fazer redução de cinco minutos a cada módulo/aula. A ação foi aprovada por ampla maioria de votos, em assembleia realizada ontem à tarde”.

“Em um primeiro momento, a oferta foi rechaçada pelo Sindicato dos Professores (Sinpro) (...)”.

“A tática de redução de jornada foi adotada após o anúncio da Prefeitura, na última terça-feira, de que havia conseguido suspender as liminares obtidas por centenas de professores (...)”.

“(…) o sindicato justifica a estratégia como uma forma de minimizar possíveis pressões sobre os docentes, além de buscar unificar a categoria por um anseio comum”.
 (“Professor reduz aulas em 5 minutos”, do mês de março).

“Todas as escolas conseguiram adequar suas grades à redução. A adesão foi geral. Sabemos que os alunos podem ser prejudicados, e esta é uma responsabilidade da Prefeitura já que estamos amparados por uma legislação nacional”.
 (“Corte em aula vai até quarta”, do mês de março)

Ainda na categoria do professor engajado e militante, encontramos também um esvaziamento do discurso político dos docentes pelo contexto local, assim como mencionamos na categoria do “desprestígio”. Em várias ocasiões, o jornal concedeu o destaque para as ações do Executivo Municipal, que foi colocado como protagonista das frases e enquanto vítima das decisões do movimento docente.

“Desde a gestão passada, a categoria trava uma queda de braço com o Executivo pela implantação do item da Lei do Piso que determina um terço da jornada de trabalho para atividades extraclasse. A atual Administração sinalizou o cumprimento da legislação apenas a partir de janeiro de 2014, alegando dificuldades orçamentárias. A proposta foi rechaçada pelos docentes e Bruno já enfrenta a primeira ameaça de greve de seu Governo”.
 (“Cem dias com o ‘pires na mão’, do mês de abril)

Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão (manchete, mês de abril).

“Após pouco mais de quatro meses à frente do Executivo, o prefeito já enfrenta sua primeira greve de servidores, após os professores da rede municipal cruzarem os braços no último dia 26”.

“A PJF trabalha para definir um índice único de reajuste a ser proposto a todas as categorias e novidades podem surgir nas mesas de negociações já agendadas para a semana que vem”.
 (“Reajuste de 10% para servidor da Câmara”, do mês de maio)

“A Prefeitura vê com otimismo as negociações com os sindicatos dos servidores públicos e dos Médicos, mas admite que permanece o impasse com o Sindicato dos Professores (Sinpro)”.
 (“Negociações”, na coluna Painel do mês de maio).

“Após 22 dias de braços cruzados e intensas negociações com a Prefeitura, os professores da rede municipal decidiram colocar um ponto final no primeiro movimento grevista enfrentado pela Administração Bruno Siqueira (PMDB)”.
 (“Professor volta às aulas na 2ª”, do mês de maio”).

Dessa maneira, o jornal seguiu com o noticiário sobre os docentes municipais e construiu as representações da greve de 2013, calcada muitas vezes nas imagens da Prefeitura esforçada e docentes incompreensíveis. Porém, a forte adesão ao movimento, bem como as assembleias cheias e as manifestações de apoio da comunidade, mudaram o quadro em determinadas notícias

e colocaram em evidência o fôlego e a força do professorado na defesa dos seus argumentos. Vale ressaltar ainda que, em diversos textos, a *Tribuna de Minas* descreve o serviço não cumprido na educação municipal e a perspectiva de alunos e pais que não foram “atendidos” ou que foram “atingidos” pelas paralisações.

“‘Caso o quadro permaneça, a greve será inevitável’, afirmou Betão”.

“Também foi definido que, entre os dias 23 e 25 de abril, o Sinpro seguirá o movimento nacional e paralisará suas atividades”.

“A assessoria da Prefeitura ainda informou que foram realizadas 12 reuniões com o Sinpro e que a negociação continua até que todos os pontos de debate sejam sanados”.
 (“Professor pressiona por 1/3”, do mês de abril)

“Os professores da Prefeitura (...) realizaram uma passeata pelas ruas do Centro para alertar à população sobre a situação do ensino na cidade. Com apitos, cartazes e gritos de protesto (...)”.

(“Professores protestam nas ruas” do mês de abril).

“Os professores da rede municipal irão paralisar suas atividades mais uma vez na próxima semana”.

“(…) acompanha movimento liderado pelo Conselho Nacional dos Trabalhadores em educação, que convocou os docentes a realizarem greve unificada em busca de valorização dos profissionais. Em Juiz de Fora, as aulas serão suspensas entre as próximas terça e quinta-feira”.

(“Professores farão paralisação de três dias na próxima semana”)

“(…) contou com a adesão de cerca de 90% dos docentes do município e deixou pelo menos 30% das escolas estaduais com déficit de profissionais”.

“(…) caso não seja apresentada uma nova proposta pelo Executivo nos próximos dias, a previsão é de que a greve seja estendida por tempo indeterminado”.

“‘O que foi proposto até agora foi insuficiente para a reivindicação da categoria’.

“O Executivo afirma que continua aberto a negociações”.

(“Paralisação atinge cerca de 90%”, do mês de abril)

“Estamos nos esforçando, mas não podemos prometer algo que não seja responsável (...)”.

“A equipe manifestou a preocupação de todas as propostas serem levadas à categoria.

Entre as novidades apresentadas ontem (...)”.

“Após avaliar o documento, o sindicato não se mostrou satisfeito”.

“Do início do ano até agora, foram nove dias de paralisação e 15 reuniões entre Prefeitura e Sinpro”.

(“PJF tenta impedir greve de professor”, do mês de abril)

Já durante a greve, as imagens da adesão, da falta de consenso entre as partes e da comunidade sem escola foram reforçadas.

“A paralisação dos professores da rede municipal foi deflagrada ontem, em assembleia que reuniu mais de 800 pessoas. A decisão favorável foi votada em massa pela categoria (...)”.

“O movimento deve atingir os 42.500 alunos das 101 escolas do município. Atualmente o quadro de professores conta com 4.654 funcionários”.

“O sindicato inicia agora coleta de assinaturas em vários bairros da cidade em busca de apoio ao movimento grevista”.

(“Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão”, do mês de abril).

“O primeiro dia de movimento grevista dos professores da rede municipal de ensino contou ontem com a adesão de aproximadamente 90% do efetivo e deixou boa parte das 101 escolas do município com suas atividades paralisadas (...)”.

“ (...) visto que a adesão ao movimento foi muito expressiva”.

“(...) parte da categoria se reuniu no Calçadão da Rua Halfeld para conquistar apoio da população ao abaixo assinado elaborado pelo sindicato”.

“A ação dos docentes deve atingir 42.500 alunos”.

“A decisão de paralisação por tempo indeterminado foi determinada (...) após rejeição da contraproposta enviada pela Prefeitura”.

(“90% de adesão no primeiro dia”, do mês de abril)

“Os docentes estão em greve desde a última sexta-feira, por não chegarem a um denominador comum com o Executivo a respeito da pauta de reivindicações da categoria. Entre as principais críticas está o não cumprimento imediato da Lei do Piso (...)”.

“(...) ‘A Prefeitura deveria ter procurado o MEC para receber essa verba. Só é necessário abrir as contas e provar que a ajuda é necessária’”.

(“Greve completa 5 dias hoje”, do mês de abril)

“(...) centenas de manifestantes fizeram uma passeata (...). A movimentação durou quase duas horas (...). Como forma de pressionar o executivo, em todo o trajeto, um caminhão equipado com um telão exibiu imagens de uma entrevista do prefeito Bruno Siqueira “(...) fala em valorização dos professores municipais e defende a aplicação da Lei do Piso”.

(“Prefeitura insiste em Lei do Piso para 2014”, do mês de maio)

A cada reunião de negociação a *Tribuna de Minas* pontuou as dualidades da docência, firmeza pela mudança no quadro social da categoria ou necessidade de recuo e atendimento às demandas da política educacional no município, alternando as argumentações do Executivo e do sindicato (situação muitas vezes nomeada pelo jornal como “queda de braço”). Os textos do jornal fazem menção, muitas vezes, à busca de um entendimento, principalmente quando pauta o estabelecimento de um acordo entre as partes.

“(...) os professores exigem avanços (...)”.

“(...) a Prefeitura afirmou ter apelado para que o magistério retorne às aulas em nome do diálogo estabelecido pela gestão (...) sem necessidade de uma medida extrema como a greve, que não é do interesse da Prefeitura nem do sindicato, além de prejudicar a população”.

(“Permanece impasse entre PJJ e Sinpro”, do mês de maio”).

“ ‘O mínimo que se espera, pelo fato de aproximadamente 42 mil alunos estarem fora das salas de aula, é um desdobramento para tentar solucionar o impasse, que já é bem conhecido”.

(“Greve de professor completa uma semana”, do mês de maio)

“Apesar de elogiada em várias situações, a disponibilidade do novo Governo em manter um diálogo aberto com os trabalhadores ainda não resultou entendimentos significativos até aqui, o que levou os professores de rede municipal de ensino a cruzarem os braços, com a deflagração de um movimento grevista no último dia 26”.
 (“PJF negocia com servidores sem definir índice”, do mês de maio)

“A queda de braço entre a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) e os professores da rede municipal, em greve há 16 dias, chegou ao judiciário. A PJF entrou com uma ação civil pública no TJMG questionando a legalidade da mobilização”.

“(…) as negociações de ontem revelaram novos rumos. De forma conjunta, o Executivo e o Sinpro sinalizaram a adoção de uma medida paliativa: a de redução de cada módulo-aula em cinco minutos a partir do dia 31 de julho. ‘Isso representa o cumprimento do que determina a jornada estabelecida pela Lei do Piso já nesse ano (…)’”.
 (“PJF aciona Justiça contra greve dos professores”, do mês de maio).

“A intenção é trabalhar um novo exercício com o Executivo em busca de um denominador comum, que não prejudique os custos já estipulados pelos entendimentos feitos em Belo Horizonte. Na tentativa de aparar arestas, PJF e professores fazem nova reunião hoje”.
 (“Greve continua na PJF”, do mês de maio).

Dessa maneira, o jornal fecha a narrativa positivamente, tanto para o engajamento docente quanto para a Prefeitura. O professorado é representado na matéria sobre o fim da greve com as atribuições da força e persistência, como ficou evidente em frases como “Os professores comemoram a redução de cinco minutos, em cada módulo-aula (…)” e “ ‘Tudo resultado de muita luta. É assim que se constrói um plano de carreira’”, na fala de uma dirigente. Já o Executivo municipal manteve a imagem de “apaziguador”, como por exemplo, na expressão “(…) diálogo aberto com os professores, na busca por um entendimento”.

No caso das condições do trabalho nas escolas públicas, em várias notícias encontramos a representação docente remetida ao engajamento, já que uma das vias de buscar visibilidade e, em consequência, soluções para os problemas, sempre foi o protesto. Porém, é imperativo considerar que, no período analisado, ocorreu uma situação diferente do que geralmente era noticiado. Ao invés dos atos públicos de professores por melhores condições de trabalho, o que marca o cotidiano no centro da cidade, no período analisado as notícias se voltaram para os alunos, líderes de uma sequência de protestos por melhorias nas instalações escolares, resolução da falta de professores na rede pública e contra fusão de turmas. Os professores, nesse caso, foram apontados como apoiadores das manifestações dos estudantes.

“Insatisfeito com a proposta de junção de turmas de algumas séries – como divulgado na edição de ontem da Tribuna -, um grupo de estudantes e professores do Instituto Estadual de Educação (Escola Normal) decidiu fazer protesto para sensibilizar os inspetores e a Superintendência Regional de Ensino (SRE) a não efetivarem a medida”.

“A diretora da SRE, Belkis Furtado, afirma que ouviu representantes de alunos e professores na manhã de ontem em seu gabinete (...) analisar a viabilidade de atender os pedidos”.

(“Protesto contra fusão de turmas”, do mês de março)

“(…) motivaram um protesto no Centro de Juiz de Fora na manhã de ontem. O movimento, capitaneado por alunos da Escola Estadual Delfim Moreira (Grupo Central), contou com o apoio de professores e pais e reivindicou melhores condições de ensino”.

(“Acidentes no grupo Central motivam protesto”)

“O ato também contou com apoio de movimentos estudantis e sindicais, além de alguns pais e professores, provocando retenções nas principais vias da região central. Quem se deparou com o trajeto da passatata se surpreendeu com a quantidade de gente e precisou aguardar para prosseguir”.

“‘Eles se mobilizaram para lutar por uma educação de qualidade e contra o sucateamento das escolas. Eles não querem que se repita nos próximos anos a demora na contratação de professores, já que, até agora, temos quadros incompletos’, disse a professora de história Ângela de Paula”.

“O assunto foi alvo de comentários dos vereadores na reunião que ocorreu em seguida no plenário”.

(“Alunos tomam ruas do centro”, do mês de março).

O caso do corte de verba para o Hospital Universitário da UFJF, acompanhado pela *Tribuna de Minas*, também foi um assunto em que o jornal promoveu algumas representações do engajamento docente. Isso porque o movimento sindical dos professores de ensino superior se posicionou contrário à adesão do hospital de ensino à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, apontada pelo segmento de residentes e alguns professores médicos da instituição como o caminho para resolver os problemas financeiros vivenciados pela unidade da UFJF.

“À tarde, representantes (...) da Associação de Professores de Ensino Superior (Apes/JF) e do Comitê em Defesa do HU, contrários à adesão, encontram-se com o reitor e diretor geral (...)”.

(“HU reduz atendimento e fecha unidades”, do mês de março)

“Por conta disso, o Comitê em Defesa do HU já se reuniu com os três deputados federais que representam a cidade (...)”.

“Essa é uma luta dos trabalhadores em prol do quadro efetivo, que endosso e apoio. Vou buscar audiência com o Ministro da Educação (...)”.

(“Readequação do HU afeta 33 especialidades”, do mês de março).

“(…) sindicatos questionam a mudança de gestão e a legalidade da criação da empresa é contestada na Justiça”. “Os principais sindicatos de professores e técnicos também são contrários”.

“‘No dia 24, teremos uma posição final do plebiscito que estamos fazendo nas universidades e levaremos para o Ministério da Educação’, conta Marinalva Oliveira, presidente do Andes, sindicato nacional dos professores”.

(“Sem solução para HU, residente ameaça greve”, do mês de abril).

“Membros do Comitê em Defesa do HU, formado por técnico-administrativos, estudantes e professores, demonstraram revolta com a decisão. Aos gritos de ‘traidor’, os

manifestantes cercaram Duque (...). O grupo alega que o reitor não seguiu a decisão da comunidade do HU (...).
 (“Consu vota por adesão do HU à Ebserh”, do mês de abril).

Ainda em relação aos professores federais, encontramos uma notícia específica da pauta sindical, que remete à representação do engajamento. Ao lado da categoria da “competência”, esta foi a que mais teve notícias na *Tribuna de Minas* sobre o contexto universitário.

“cumprem agenda nacional de mobilização na tentativa de forçar o governo federal a abrir negociação pela reestruturação da carreira da categoria. ‘Não estamos satisfeitos com o acordo feito no ano passado, assinado por uma entidade que não representa a categoria. Isso não pôs fim à mobilização dos professores por uma carreira mais atrativa e melhores condições de trabalho’.
 “ ‘Primeiro vamos buscar o diálogo’”.
 (“Apes retoma mobilização”, do mês de maio)

O indicativo de greve dos professores estaduais, bem como seus protestos durante a campanha salarial ganharam as páginas da *Tribuna de Minas*, porém com menos frequência e ênfase do que receberam dos docentes do município. Como resultado das lutas sindicais passadas, o cumprimento dos acordos com revisões salariais por parte do Governo de Minas Gerais também foram noticiadas. As representações do movimento docente estadual foram vinculadas à necessidade de visibilidade das pautas, que caíram em certo desconhecimento da população se considerado o período pesquisado. Mesmo assim, a cobertura da *Tribuna de Minas* não especifica as reivindicações nem mesmo aspectos da política educacional do estado.

Nestes casos, as matérias ficaram vazias de conteúdo e até suscitam imagens de professores incompreendidos, já que a realização de protestos na Copa das Confederações ficou mais evidente do que os motivos destes. Da mesma forma, ficou a construção noticiosa sobre a campanha salarial dos professores do estado, carente de argumentação, sendo tratada de maneira diferente em relação à representação do movimento docente municipal.

“A proposta de reajuste aprovada ontem faz parte de acordos pactuados pelo Governo e Minas com entidades representativas dos servidores públicos e foi desenvolvida com o objetivo de uniformizar salários nas carreiras do Poder Executivo”.
 (“Aprovado reajuste de servidores estaduais”, do mês de maio).

“O aumento abrange cerca de 36 mil servidores e terá um impacto anual sobre a folha de pagamento de R\$ 49,7 milhões, em 2013, e mais R\$ 75 milhões, em 2014”.
 “O documento faz parte de diversos acordos pactuados pelo Governo com sindicatos de classe. A norma abrange os funcionários de órgãos e entidades que não tiveram reajustes salariais específicos após abril de 2012”.

(“Governo de MG sanciona reajuste”, do mês de junho).

“Os servidores vão cruzar os braços nos próximos dias 17, 18, 22, 26 e 27. As datas coincidem com a realização de jogos da Copa das Confederações em Belo Horizonte”.

“Entre outros itens, a pauta de reivindicações dos professores pede o pagamento do piso salarial da categoria, retroativo a 2011, e questionam o congelamento do plano de carreira dos educadores”.

(“Professor paralisará atividades na Copa das Confederações”, do mês de junho).

“O Governo do estado garantiu no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) uma liminar que impede a realização de protestos em todas as cidades mineiras durante a Copa das Confederações”.

“A medida é endereçada principalmente aos representantes dos policiais civis, em greve desde o dia 10, e dos professores da rede estadual, em campanha salarial”.

“(…) as duas categorias vêm agendando manifestações para os dias de disputa, com o objetivo de obter maior visibilidade para os seus pleitos”.

(“Protestos na Copa”, do mês de junho)

“Professores da rede estadual de ensino protocolaram no Ministério Público de Minas Gerais uma representação solicitando que o órgão investigue algumas posturas adotadas pelo Governo de Minas com relação à categoria”.

“(…) os docentes acusam a Secretaria Estadual de Educação (SEE) de adotar práticas contrárias ao direito de greve dos servidores, como corte de pontos e intransigência na definição de um calendário de recomposição das paralisações já realizadas em 2013 (…)

(“Professor estadual exige direito à greve”, do mês de junho).

Por fim, a matéria sobre a rearticulação da esquerda em Juiz de Fora, no contexto das manifestações de junho de 2013, evidencia a representação do engajamento político de professores, sobretudo os envolvidos no sindicalismo e militância junto a partidos políticos. Nesta matéria, especificamente, eles cumprem o papel de fontes que analisam os fatos também enquanto professores participantes de um movimento maior que engloba a educação.

“ ‘Os movimentos sociais fecharam-se em gabinetes e deixaram o contato direto com a população’ ”.

“ ‘Os manifestantes cobraram de quem sempre prometeu um futuro melhor para a juventude, mas não cumpriu quando chegou ao poder’ ”.

“ ‘Entendemos que esse é um movimento justo de pautas legítimas. Muitas dessas bandeiras de luta são as mesmas que, historicamente, sempre defendemos nas ruas. Não há razão para ficarmos de fora. Após reuniões em todo o país, decidimos ir para dentro do movimento, disputar o terreno e afastar qualquer tipo de pensamento fascista, que repudia os grupos organizados’ ”.

“ ‘Os movimentos sociais estavam presentes porque suas bandeiras históricas, pelos direitos do trabalhador e melhorias na educação, constavam nas reivindicações (…)

(“Grupos de esquerda se articulam”, do mês de junho).

No tocante à categoria “professor-operário”, verificamos a cobertura da *Tribuna de Minas* sobre alguns aspectos da vida escolar que marcam a atividade docente, enquanto categoria trabalhadora, direcionada pelo sistema educacional com suas normas de desempenho e suas

rotinas. O caso mais emblemático é à volta às aulas: “Milhares de professores da rede municipal voltarão às salas de aula hoje (...)” (“Professor volta às aulas com liminar”, de fevereiro), abordada em diversos aspectos pelo jornal (os deveres a serem cumpridos por escolas e professores, informações administrativas das Secretarias de Educação, e como fica o trânsito na cidade, etc.).

Mas outras questões da rotina também foram apresentadas, como “(...) o remanejamento de turmas e alunos é uma atividade natural, que cabe à direção da escola a partir de orientação da inspeção escolar” (“Preocupação com junção de turmas, mês de março”); “A Prefeitura iniciou ontem o processo de contratação temporária de profissionais do magistério” (“PJF contrata mais docentes temporários”, do mês de março) e “Mês referência para a data-base dos servidores municipais, os primeiros dias de maio significam a intensificação das negociações entre Prefeitura e os representantes das diversas categorias (...)” (“PJF negocia com servidores sem definir índice”).

Outro aspecto do professor-operário é apresentado pelo jornal dentro do assunto Lei do Piso. Trata-se da visão da proletarização e inserção do docente no sistema educacional, que está acima de qualquer direito e reivindicação. Esta concepção esteve presente em algumas falas da Prefeitura sobre o movimento dos professores e selecionadas para compor as notícias. Como o exemplo: “Segundo a assessoria do Executivo, as negociações terão de estar adequadas ao orçamento da PJF, à pedagogia da escola, sem prejudicar o direito do servidor” (“Aulas na PJF começam com paralisação por 1/3”, do mês de fevereiro). Podemos ressaltar uma dualidade na representação deste educador, que só pode reivindicar o que está adequado, bem como seus próprios direitos devem estar adequados ao sistema vigente no município.

Nas notícias sobre as negociações salariais, encontramos a representação da proletarização do professor no seu sentido de empobrecimento e desvalorização. Os textos da Tribuna de Minas não deixam de destacar o reajuste baixo que é oferecido, a necessidade de complementação e o fato de estar abaixo do que prevê os planos nacionais sobre a docência. Outro fato é a ser considerado é a negociação e estipulação de acordos de forma diferenciada entre as categorias, gerando diferentes concepções sobre o trabalho e formas de reconhecimento.

“Com relação ao índice de reajuste oferecido pelo Executivo, a recomposição de 4,63%, retroativa a janeiro, fica abaixo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado nos últimos 12 meses, estimado em 6,49%. O indicador, porém, seria atingido com acréscimo de 1,87%, de forma escalonada (...)” (“PJF oferece índice escalonado de 6,5%).

“A Assembleia de Minas aprovou ontem a proposta do Executivo para reajustar o salário de várias carreiras dos servidores estaduais”.

“(…) prevê percentuais de reajuste que variam de 5% a 40,55% e serão aplicados às categorias que não tiveram aumentos específicos após abril de 2012”.

(“Aprovado reajuste de servidores estaduais”).

Já para a concepção da docência como um “status” e inserção em uma elite social e cultural, encontramos uma representação dentro do noticiário analisado, especificamente na fala de um entrevistado, que é professor. Em reportagem sobre literatura nacional contemporânea, a *Tribuna de Minas* apresentou um debate que tocou em problemas educacionais, como o ensino de obras literárias nacionais e o estímulo à leitura. Nesse sentido, um dos entrevistados destacou o “status” da figura do professor em setores carentes de popularização, como a linguagem acadêmica e as próprias obras literárias, contribuindo para o distanciamento da docência.

“O professor também é um dos signatários do Manifesto Silvestre, criado em defesa da narrativa e popularização da literatura. ‘A própria linguagem da academia é produzida como estratégia de poder. Quanto menos compreendidos, mais nossos brilhantes docentes se eternizam em suas cátedras de mogno, sem o controle da sociedade, e isso é refletido na literatura” (“Escrita sem seguidores”, do mês de fevereiro).

No tocante à representação do “heroísmo” dos professores no exercício de sua profissão, encontramos no noticiário pesquisado apenas um registro. Trata-se do trabalho de docentes dentro de sistemas prisionais, atuando em programas de ressocialização. A notícia reforça tanto o papel do professor que vence as dificuldades e riscos em prol da educação para um futuro melhor quanto o de missionário.

“Para se preparar, ele contou com uma parceria entre a unidade prisional e um curso preparatório para vestibulares de Juiz de Fora. Assim, o candidato teve acesso a livros didáticos com exercícios e pôde tirar dúvidas com professores”.

“(…) ter um acautelado aprovado no ensino superior é resultado do esforço que tem sido feito para manter a educação na unidade. ‘Chegar com professores e deixá-los, de quatro a cinco horas, em um pavilhão com detentos não é fácil. Tivemos que vencer preconceitos, mostrando que os presos são alunos como aqueles lá fora”.

(“Detento aprovado na UFJF”, mês de março).

A representação do professorado enquanto vítima dos problemas educacionais e sociais, de maneira geral, recebeu mais espaço dentro do noticiário pesquisado. Um dos exemplos em que o professorado é colocado como refém de um sistema político e de uma decisão judicial é a notícia “Parecer ameaça 98 mil em MG”, do mês de fevereiro, sobre a interpretação de que foi

inconstitucional a efetivação de contratados em Minas Gerais, entre eles, diversos professores estaduais. Outro exemplo, encontramos na notícia sobre a determinação de matrícula, em 30 dias, de mais de 2 mil crianças que estavam na fila de espera de creches municipais. Neste caso, entendemos que o professorado da educação infantil também pode ser considerado uma vítima de um sistema educacional no município e da carência de creches, além das crianças e pais.

“A decisão acata a ação civil pública proposta pela Defensoria Pública de Minas Gerais, com o objetivo de garantir aos meninos e meninas de 0 a 5 anos o direito de acesso à educação infantil”.

“A Secretaria de Educação tem 30 dias, a contar da data em que foi intimada, para oferecer as vagas (...)”.

(“Justiça determina que PJF matricule crianças”, do mês de maio).

Outro exemplo do mesmo mês se refere à falta de financiamento que impediu o pleno desenvolvimento de atividades docentes no Hospital Universitário da UFJF. Por mais que a *Tribuna de Minas* tenha enfatizado os prejuízos para o atendimento ao Sistema Único de Saúde, este foi um caso em que a comunidade universitária ficou refém de uma política educacional do governo federal (ter que se conveniar a uma empresa estatal de direito privado para receber financiamento adequado). Um caso que coloca em discussão a questão da autonomia docente no ensino universitário.

“O corte foi a solução encontrada para minimizar a suspensão de recursos de custeio pelo Ministério da Educação (MEC), pelo fato de o HU não ter aderido à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH)”.

“(…) o hospital terá déficit mensal de R\$ 1,8 milhão”.

(“Corte de 25% no orçamento do HU”, do mês de fevereiro).

“(…) a instituição [UFJF] recebeu apenas duas parcelas destinadas a custeio (...). O valor só seria suficiente para manter dois meses de funcionamento da unidade [HU] (...). Informações da UFJF dão conta de que não haverá mais repasse do MEC e de outros órgãos federais para suplementação. Caso o montante repassado pelo Rehuf não seja reajustado, a instituição não terá condições de se manter”.

“Na avaliação do presidente da Associação dos Professores de Ensino Superior (Apes), Paulo César de Souza Ignácio, ainda que o Governo federal afirme não se tratar de retaliação, parece que há pressão para adesão à estatal. ‘As universidades deveriam ter autonomia. Se for constatado que as federais não terão recursos para manter seus hospitais, fundamentais para a formação acadêmica, é preciso rever até a razão de existência dos cursos de medicina. Esse corte trará prejuízos não só ao ensino, mas à sociedade”.

(“Estatal diz que HU receberá recursos”, do mês de março).

“Além da preocupação com uma das principais funções de um hospital universitário, que é a formação de profissionais na área de saúde, os impactos na assistência também deixam a cidade em alerta”.

(“Readequação do HU afeta 33 especialidades”, do mês de março)

Risco de fechamento: Prefeitura ameaça cortar 30% de verbas do HU (título)

“Eu, particularmente, como servidor público, gostaria que todos os funcionários fossem concursados, mas algumas medidas adotadas pelo Governo estão complicando essa possibilidade”.

“O prazo máximo dado pelo Governo para adesão ou não à empresa é dia 30 de abril”.

(“PJF condiciona verba para HU à oferta de serviços”, do mês de março)

O cenário caótico que, desde o início do mês, tomou conta do Hospital Universitário (HU) (...) deve continuar até abril”.

“(...) a universidade foi obrigada a reduzir os atendimentos oferecidos”.

(“Definição sobre o HU só na próxima semana”, do mês de março)

“Desde o início do mês passado, o Governo federal cortou mais da metade das verbas de custeio do HU. A medida foi atribuída pela comunidade como restrição pela não adesão à Ebserh. Sem o dinheiro, a instituição demitiu 66 funcionários, cancelou a marcação de consultas (...)”.

“os representantes da empresa asseguraram que, com a adesão até o dia 30 deste mês, a UFJF terá todo o apoio para que os serviços sejam regularizados”.

(“Prefeitura vai manter repasse para HU”, do mês de abril).

Outras notícias também representaram os professores como vítimas da organização do sistema educacional, sobre o qual eles não têm autonomia de atividades e ainda há falta de condições de trabalho. Fica evidente a transformação dos papéis históricos do professor; do herói ao injustiçado, do protagonista da missão educacional à vítima das mazelas deste sistema, a partir da construção noticiosa.

“(...) reclamaram que as salas não seriam apropriadas para o novo contingente de alunos e questionaram a falta de professores”.

“ ‘Vivo um dilema, pois realmente as salas são apertadas para abrigar mais alunos. Mas, ao mesmo tempo, quanto mais tempo essa situação demorar, maior é a demora que terei para a designação de novos professores’, diz a diretora”.

“(...) o colégio possui um déficit de dez professores somente no turno da manhã”.

(“Protesto contra fusão de turmas”, do mês de março)

“A gravidade da falta de docentes na rede pública municipal e estadual (...) não é o único entrave que compromete o aprendizado dos estudantes”. “(...) outra reclamação recorrente diz respeito à falta de estrutura adequada no interior dos colégios”.

“(...) a queixa é referente às salas que estão interditadas (...)”.

“A comunidade escolar ainda reclama de áreas comuns da escola e dos banheiros, que também estariam em condições precárias”.

(“Alunos denunciam falhas na estrutura de escolas”, do mês de março).

“Uma professora tropeçou em outra falha existente no piso e torceu o pé”. “Quando um professor cai na sala, espera que os alunos riam. Mas meu tombo foi tão feio, e eles estavam tão preocupados com a situação da escola, que ninguém fez qualquer piada”.

(“Acidentes no Grupo Central motivam protesto”, do mês de março)

“Uma cobra foi encontrada, na noite da última quarta-feira, dentro da sala de professores da Escola Municipal Gabriel Gonçalves da Silva (...). Como parte de um muro caiu há

cerca de um ano – e ainda não foi recomposta – e não há capina regular na instituição, o espaço se tornou propício para o aparecimento de animais”.

“A ocorrência deixou os docentes preocupados (...) alguns problemas estruturais deixam os alunos em risco”.

“(...) pessoas costumam invadir o estabelecimento nos fins de semana (...)”.

(“Cobra encontrada dentro de escola”, do mês de março)

Na reportagem sobre a falta de professores na rede pública, as representações dos docentes enquanto vítimas de uma crise educacional, que gira em torno de vários fatores (falta de condições de trabalho, salários baixos, pouco investimento na educação), foram bastante consideradas. Constatamos ainda que as palavras e expressões como “situação de risco”, “precariedade”, “ameaça”, “carência”, “dificuldades”, etc., foram recorrentes no noticiário

“Pela carência de professores nas redes estadual e municipal, parte dos alunos ainda está sem atividades. Das 15 escolas procuradas pela Tribuna na última semana, em 13 havia esse problema”.

“Alunos e educadores temem que as classes fiquem superlotadas e que não haja substituição da quantidade de professores considerada ideal”.

“(...) a crise é decorrente da ‘falta de valorização do servidor e da política de enxugamento de verba. A educação padece’. (...) a situação é generalizada”.

“Alguns pais já estão pedindo a transferência dos filhos, muitos nos cobram uma solução, mas ela não depende só da escola. Precisamos de uma resposta da Secretaria de Educação. A informação que recebi foi que o sistema de contratação mudou e que nossas vagas sequer haviam sido oferecidas”.

“(...) também teme a forma de reposição”.

“Também juntamos temporariamente duas turmas para evitar mais prejuízos”.

“Essa incerteza é muito ruim, dificulta a programação dos educadores, compromete o ensino e deixa os alunos perdidos”.

(“Salas de aula sem professores”, mês de março).

“O cenário caótico é reflexo das medidas de contenção de gastos, adotadas depois que as verbas federais para custeio da entidade deixaram de ser enviadas pelo Governo federal. (“HU reduz atendimentos e fecha unidades”, do mês de março).

“É um número que surpreende, mas também é compreensível. A função do professor é muito desgastante”, afirmou o vereador Jucelio Maria (PSB), que defendeu a adoção de políticas voltadas para a categoria a fim de minimizar o problema (...)”.

“(...) classificou a carência de pessoal como uma das grandes dificuldades do setor (...)”. (“PJF soma 10 mil licenças na educação”, do mês de abril).

“Cerca de 495 estudantes da Escola Municipal Jesus de Oliveira, no Ipiranga, estão sem aula por causa da dengue”.

(“Cidade será base para distribuição de fumacê”, do mês de abril).

“(...) duas professoras já teriam sido picadas (...). Uma das docentes infectadas, que preferiu não ser identificada, contou que dava aulas em uma sala infestada por pernilongos. Ela garantiu ter visto mosquitos de pernas rajadas (...)”.

(“Suspeita de morte por dengue em JF”, do mês de abril).

“Um muro caído, um barranco desabando e um verdadeiro matagal nos fundos da Escola Municipal Tancredo Neves, no Bairro São Pedro, na Cidade Alta, são indícios da

situação preocupante vivenciada pela instituição. Se a encosta deslizar, pode colocar em risco cerca de 800 alunos do colégio, além dos professores e funcionários”.
 (“Encosta ameaça escola no São Pedro”, do mês de abril).

A representação docente também esteve ligada à falta de segurança nas escolas, no contexto de comunidades violentas e uma “onda de criminalidade” noticiada pela *Tribuna de Minas*. As divergências e contradições no ambiente escolar, sobretudo a necessidade de lidar com a diferença, foram constantemente retratadas como situações que, na atualidade, oferece risco aos docentes, apontados como profissionais desamparados e desprotegidos. Tanto situações de agressões que ficaram rotineiras no noticiário e até extremas, como o assassinato de uma professora, construíram um cenário da vitimização.

“Por não ser correspondido, Thomas Hiroshi Haraguti invadiu a sala dos professores na noite de segunda-feira e matou a docente, Simone Lima, a facadas”.
 “(...) rapaz chegou e entrou pela porta da frente trajando um sobretudo preto”.
 (“Estudante mata a professora a facadas no interior paulista”, do mês de março).

“Quatro adolescentes pularam o muro de uma escola (...), invadiram uma sala de aula, ameaçaram uma professora e agrediram um estudante com um simulacro de arma de fogo”.
 “Três deles são alunos do colégio e estavam fora do período de aula”.
 “(...) a comunidade escolar está chocada com a ocorrência, já que alunos, professores e demais funcionários viveram momentos de pânico com a invasão do grupo”.
 (“Grupo invade escola e agride estudante”, do mês de abril).

Violência sai do controle em escolas com casos de agressão, porte de armas e uso de drogas (“bigode da reportagem”)
 “Um adolescente acendeu um cigarro de maconha durante uma aula (...). O fato surpreendeu a professora que, sem reação, não acionou a Polícia Militar”.
 “Casos como esses, que extrapolam a responsabilidade das escolas, apesar da gravidade, acabam sendo subnotificados (...)”. “(...) o receio de retaliações ou, até mesmo, a vontade de resguardar a imagem da escola e o aluno são motivos mais prováveis (...)”.
 “Apenas entre 2009 e 2012, 645 ocorrências foram registradas pela pasta, em 101 escolas”.
 “Como o professor vai denunciar? Ele teme contra a própria vida”.
 “(...) o medo dos professores e funcionários é compreensível, já que eles irão encontrar com este possível agressor no dia seguinte”.
 “A presidente do Sind-UTE em Juiz de Fora, Victória Mello, afirma haver pressão política para que os conflitos da rede estadual não sejam divulgados, sendo tratados apenas no âmbito pedagógico”.
 “Estamos incentivando as escolas a nos informar para que possamos resguardar os profissionais (...) um braço de apoio dos problemas”.
 “(...) casos como esses também ocorrem na rede particular, mas não são registrados. ‘Às vezes, são pais de alunos que agredem fisicamente os professores’”.
 (“Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula”, do mês de abril).

“(...) um adolescente de 16 anos foi apreendido suspeito de realizar tráfico de drogas nas intermediações da Escola Municipal Santa Cândida (...)”.
 “(...) por volta das 11h, houve troca de tiros em frente à escola”.

“Professores também estariam cogitando mudanças de local de trabalho, pois o simples fato de estacionar o carro na rua já estaria sendo arriscado, na visão deles”.
 (“Tráfego no entorno da escola”, do mês de abril)

“(…) uma estudante de 14 anos foi apreendida pela PM por suspeita de ameaçar a diretora da escola estadual onde estuda, no Linhares (…”.
 “A vítima relatou aos militares (...) que foi desacatada, ameaçada de agressão e de morte”.
 “A aluna disse aos policiais que havia se sentido injustiçada por não ter sido liberada logo depois da aula”.
 (“Adolescente ameaça e xinga diretora”, do mês de abril)

“Um professor de geografia de 30 anos foi agredido com vários tapas no rosto e nas costas por um aluno de 15 anos (...). Esta foi a segunda agressão sofrida por um funcionário do colégio em menos de 15 dias. A situação deixou a comunidade escolar assustada, com relatos de professores com vontade de abandonar a carreira em função da insegurança”.
 “(…) em função da agressão, o professor de geografia ficou muito abalado e pensa em abandonar a carreira. ‘Vários outros professores estão querendo deixar de dar aula aqui por causa do medo’.
 “(…) a situação de insegurança entre os profissionais é grande. ‘Apesar de matriculados, esses estudantes não se portam como alunos da escola, são infrequentes e, quando aparecem, dão problemas’”.
 (“Estudante agride professor com tapas em sala de aula”, do mês de maio)

“Assaltos ocorridos nas imediações de escolas particulares da cidade têm aumentado a sensação de insegurança de alunos, professores e pais e deixado em alerta as direções dessas instituições”.
 “ ‘A violência na porta das escolas é a mesma que está em todos os lugares. No sindicato, dizemos que a escola não é uma ilha. Por outro lado, é preciso uma avaliação das questões sociais’”.
 “No entanto, o assessor de comunicação organizacional da 4ª Região da Polícia Militar, Major Paulo Alex Moreira, explica que o patrulhamento preventivo em áreas escolares está implantado na cidade e acontece por meio da patrulha escolar (…”.
 (“Insegurança muda rotina no entorno das escolas”, do mês de junho).

Em um dos editoriais analisados, o jornal opina a respeito do heroísmo versus a vitimização dos professores, sobretudo na frase destacada “não há segurança para a nobre missão de ensinar”. A *Tribuna de Minas* manifesta o desejo de transformação, embora destaque com pessimismo a atualidade da docência.

“O histórico de agressões praticadas por estudantes contra professores continua sendo uma das agendas mais preocupantes dos segmentos que tratam do assunto, uma vez que, a despeito das campanhas, ainda há evidentes sinais de que a mudança vai levar mais tempo”.
 “Não é de hoje que o jornal e os próprios professores vêm denunciando (…”.
 “(…) o número de profissionais licenciados continua em curva ascendente, pois não há segurança para a nobre missão de ensinar”.
 “Vai longe o tempo em que a figura do mestre era reverenciado por alunos e pais (…”.
 (“Inversão de valor”, do mês de junho)

A categoria “competência” é frequentemente encontrada no noticiário voltado para o serviço, em que são anunciados concursos, seleções, designações, oportunidades de formação, etc. São geralmente textos curtos, mas que apresentam necessidades de preparo e exigências de formação docente para o exercício de algum cargo ou atendimento a uma vaga. Como no exemplo: “A UFJF abriu edital para 366 vagas em cinco cursos de licenciatura a distância oferecidas para o primeiro semestre letivo de 2013 (...). Esta modalidade de estudo é gratuita e segue o mesmo padrão dos cursos presenciais” (“UFJF abre 366 vagas em licenciaturas”, do mês de fevereiro), que demonstra oportunidades de formação para professores que já atuam na educação fundamental e para quem deseja buscar o trabalho na docência.

Outra notícia diz sobre a chamada de concursados do estado de Minas Gerais: “(...) mais de 11.700 docentes serão convocados (...). Foram abertas 13.993 vagas para os cargos de professores que terão remuneração inicial de R\$ 1.386 para uma jornada de 24 horas semanais” (“SEE inicia convocação de aprovados em concurso para professor”, do mês de março). No caso do ensino federal, encontramos a chamada para concurso que apresenta as demandas de titulação de professores e um debate sobre formação para atuar nas universidades, ensino básico, técnico e tecnológico no contexto das escolas federais.

“(...) processo seletivo de professores que irão atuar no Campus de Governador Valadares da UFJF. São oferecidas 51 vagas (...). Os candidatos devem ter titularidade mínima de mestrado e doutorado, de acordo com o curso pretendido (...)” (“Inscrição para concurso para Campus da UFJF em Governador Valadares termina hoje”, do mês de março).

“Um dos dispositivos da medida [Medida Provisória 614] determina que o candidato a professor inscrito em concurso público para universidade federal deverá ter título de doutor”.

“(...) poderá ser substituída no edital de concurso ou título de mestre, especialista ou apenas graduação somente quando se tratar de localidade ‘com grave carência de docentes com doutorado’”.

(“Professor de federal terá que ser doutor”, do mês de maio)

“As oportunidades são para lecionar no ensino básico, técnico e tecnológico”.

“É exigido a titulação mínima de mestrado (...). Das cinco vagas, quatro são para o departamento de letras e artes e uma para o departamento de ciências humanas”.

“regime de trabalho de 40h semanais, em tempo integral e dedicação exclusiva”.

(“João XXIII lança edital para seleção de cinco professores efetivos”).

As representações que giram em torno da competência docente também foram encontradas, nas notícias sobre necessidades ou ações de formação (geração de competências) para vencer desafios dos planos educacionais estipulados pelos governos e instituições. Como por

exemplo, a realização de seminário de capacitação em Juiz de Fora, noticiada pela *Tribuna de Minas*, para o alcance das metas do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (“JF faz encontro para capacitar educadores”). Outras notícias que representaram a competência como meio da docência cumprir seus papéis com qualidade foram as que abordaram a mudança da Lei de Diretrizes e Bases, as que debateram sobre o papel do professor na prevenção da criminalidade e a eficiência da aprendizagem nos primeiros anos de escolarização.

“(…) poderá estabelecer uma nota mínima no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como pré-requisito para quem pretende ingressar em cursos de graduação de formação de professores (...). O objetivo é evitar que candidatos com baixo aproveitamento escolar se tornem professores”. (“Crianças terão que ir para escola aos 4 anos”).

“Atualmente o município estaria recebendo uma equipe que visita as escolas com o objetivo de orientar professores e diretores sobre como lidar com situações que envolvam violência”.

(“Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula”, do mês de abril)

“(…) conferir, a partir de 2013, a qualidade e eficiência do ciclo de propagação da instrução primária (do 1º ao 3º ano do ensino fundamental) das escolas públicas”.

“A avaliação será fundamental para que gestores possam implantar as ações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” (...). ”

“(…) a avaliação será feita a partir deste ano, com estudantes de escolas públicas que estiverem concluindo o 3º ano do ensino fundamental”.

“A criação de uma prova nacional para medir o grau de alfabetização de crianças (...) seria uma ampliação da Provinha Brasil (...). Nós faremos um exame nacional para ver a qualidade do letramento”.

“(…) que estimule a melhoria dos padrões de qualidade e equidade da educação brasileira (...), produzir informações sistemáticas sobre as unidades escolares (...) e sobre as condições intraescolares que incidem sobre o processo de ensino e aprendizagem”.

(“MEC cria avaliação da alfabetização”, do mês de junho)

Mas a “competência” ficou bastante nítida enquanto representação da docência nos casos das pesquisas de professores noticiadas pela *Tribuna de Minas*. A abordagem dada pelo jornal ressalta o reconhecimento social das pesquisas, a partir do trabalho de professores que se debruçam em uma investigação. O noticiário coloca em evidência falas, em que os docentes apresentam a importância das suas pesquisas e a contribuição destas para a sociedade, o que acaba por demonstrar o valor-notícia ali presente.

“O estudo que descobriu o animal é de pesquisadores da UFJF, e durou cerca de seis anos. A publicação, que valida a pesquisa, saiu em dezembro passado em uma revista alemã”.

“ Encontrar espécies novas em pequenos fragmentos de mata, como no Lajinha, mostra que estas áreas merecem ser estudadas e que nelas há possibilidade de encontrar novas espécies, que podem estar correndo o risco de serem destruídas antes mesmo de serem encontradas”.

“Nova espécie de sapo localizada no Parque da Lajinha”, do mês de fevereiro).

“Em Juiz de Fora, o Núcleo de Investigação em Complexos de Platina (Nicop), do departamento de Química da UFJF, desenvolve estudos sobre medicamentos à base de compostos metálicos no tratamento da moléstia [câncer]”.

“Além de professores colaboradores da UFJF e de outras universidades, o núcleo fundado pela professora e doutora em química pela UFMG, Ana Paula Soares Fontes, conta com a participação de dez alunos (...)”.

“Universidade pesquisa droga contra o câncer”)

“Um estudo inédito sobre a situação da dengue em Juiz de Fora, realizado por pesquisadores da UFJF, mostra que a população não deve relaxar em relação ao combate à doença (...)”.

“A coordenadora da pesquisa, Betânia Drummond Andrade, do Departamento de Microbiologia da UFJF, informa que, de todos os ovos depositados (...), entre 0,01% e 1% já estão infectados”.

“A professora alerta também que, por isso, é importante manter as residências sem água parada, que possam se tornar criadouro do *Aedes aegypti*”.

“A pesquisa (...) tem por objetivo caracterizar o vírus da doença e seus aspectos genéticos, assim como o *Aedes aegypti* (o hospedeiro) circulante na cidade. O estudo, realizado desde 2011, visa ainda a verificar quais características podem estar relacionadas à ocorrência de casos severos, como a febre hemorrágica”.

“Além das larvas, houve coleta de sangue de 170 pessoas e 1.600 mosquitos”.

“Larvas do *Aedes* já nascem infectadas”, do mês de junho)

Observamos que o lugar da pesquisa, investigação e saber científico são ocupados por docentes do ensino superior no noticiário analisado. Em grande parte dos textos, este é o lugar social desta parcela da docência que, por este motivo, recebe mais prestígio e “status” por meio dos discursos da competência veiculados na imprensa. Em contrapartida, os professores do ensino fundamental e médio ocupam menos essa posição de investigadores, sendo que eles estão mais presentes nos textos sobre a rotina das escolas, representando o trabalhador da educação, o “professor-operário”.

Ainda em relação à categoria “competência”, destacamos uma desvalorização dos saberes educacionais (das ciências da educação) dentro das notícias, uma vez os professores conhecedores desta área pouco foram ouvidos enquanto representantes deste saber ou enquanto fontes especializadas.

De maneira diferente, o jornal representou algumas “iniciativas de sucesso” de professores que conseguiram incentivar alunos a adquirirem certos conhecimentos ou então adotar práticas educativas para auxiliar no desenvolvimento cognitivo e na socialização. Foi o caso do uso do xadrez nas escolas, assunto abordado em uma reportagem da *Tribuna de Minas*

com representações da competência de professores que lançaram essa ideia. Também, a notícia sobre a constituição de um núcleo de debate sobre violência em uma escola, utilizando a série de reportagens da *Tribuna de Minas* sobre a juventude e a criminalidade em Juiz de Fora. Dentro da temática da violência, a iniciativa de professores que precisaram levar o assunto da prevenção de assaltos para dentro das salas de aula. Ainda, coletamos a fala de uma arte-educadora sobre a promoção de visitas de alunos das escolas públicas ao Museu de Arte Moderna da UFJF.

“ (...) pesquisadores constataram um aumento impressionante no rendimento de alunos que jogavam xadrez. Acho que a educação de Juiz de Fora será muito beneficiada”.

“Vários colégios têm testemunhado esses resultados”.

“(...) a professora Patrícia Coelho começou a incentivar a prática em 2006, mas, só em 2009, conseguiu implantá-la na grade curricular”.

“Além de ter melhorado meu raciocínio e concentração, passei a ter mais gosto pela leitura”.

“(...) o ensino envolve o uso de uma apostila elaborada pelo professor Haroldo Carvalhido (...). Para o docente, o primeiro grande benefício é a promoção da sociabilidade”.

“O jogo é muito importante no desenvolvimento cognitivo deles, por isso, é essencial fazer com que se interessem pela atividade. Só assim, desfrutarão de todos os benefícios que ela pode oferecer”.

(“Escolas investem no ensino do xadrez”, do mês de fevereiro).

“(...) iniciativas como a da escola, que utiliza informações jornalísticas como instrumento didático, são importantes porque contribuem para a formação do jovem”.

“Se for usado com a perspectiva crítica ao que o jornal veicula, ou se for além do que está escrito, colabora ainda mais para a formação da consciência deste cidadão”.

(“Escola debate violência”, do mês de abril).

“Makerley ressalta que, desde então, tem desenvolvido ações em salas de aula para conscientizar os alunos”.

“Disponibilizamos cartilhas que abordam a questão de como o aluno deve se portar perante um assalto”.

“Atualmente temos a preocupação de não só orientar aos estudantes, mas seus pais também. Entendemos que tudo aquilo que acrescenta para a formação desta criança, a escola precisa abordar”.

(“Insegurança muda rotina no entorno de escolas”, do mês de junho)

“De acordo com a arte-educadora do espaço, Raphaela Corrêa, é preciso extrapolar os muros da escola, na certeza de que o museu também deve desempenhar um papel na educação” (“Casa aberta”, do mês de maio).

Em contrapartida, também encontramos representações do despreparo de professores, tanto em assuntos diretamente relacionados a esse tema como em notícias que tocaram no problema. Um exemplo que deixa bem clara essa imagem é a reportagem do Caderno Dois sobre ensino de literatura, que ressalta os problemas na formação de professores e de alunos na escola básica.

“A discussão está atrelada à ineficiência do sistema educacional brasileiro, indo além de bandeiras levantadas em prol de uma ou outra vertente literária (...). ‘Nenhum governo apostou em educação de maneira séria. Os nossos estudantes fingem que aprendem o que professores despreparados, que trabalham a troco de pouco dinheiro e em condições precárias, se propõem a tentar ensinar”.

“(…) a solução também passa pela mudança nos bancos de formação. ‘O que ocorre é uma defasagem na instrumentalização dos modos de leitura. Os livros que são cobrados em vestibulares, por exemplo, são formatados por um manual, reduzindo a possibilidade de o próprio texto falar”.

(“Escrita sem seguidores”, do mês de fevereiro).

Já numa concepção negativa sobre as políticas educacionais do governo estadual, as notícias demonstram a falta de competência para o atendimento de determinadas metas, conforme a problemática levantada por professores do estado e denunciadas nas matérias jornalísticas.

“O documento [resolução do governo do estado] determina que as aulas de educação física e ensino religioso para alunos do primeiro ao quinto ano podem ser ministradas pelo professor regente (...) quando a escola não tiver profissional efetivo com formação específica”.

“Os regentes ministram aulas em assuntos que não possuem formação técnica (...)”.

(“Professor do estado fará ato na segunda”, do mês de abril)

O noticiário colocou em evidência o déficit na formação docente, que deixa lacunas para o atendimento à escolarização almejada pela sociedade. Em relação às creches, uma professora, também fonte especializada no assunto, apresenta suas concepções sobre a questão da competência necessária e o despreparo atual em relação ao ensino infantil. Já sobre o desconhecimento da história local, o professor entrevistado justifica a realização de uma exposição que traz essa temática para os alunos visitantes do museu.

“Para a professora da Faculdade de Educação da UFJF e pesquisadora de educação infantil Hilda Micarello, (...) as creches ficam em segundo plano. Com isso, as mais afetadas são as famílias de baixa renda que não encontram vagas para os filhos de 0 a 3 anos”.

“A professora Hilda Micarello acredita que a sociedade não costuma compreender os critérios porque eles não deveriam existir”.

“A construção das escolas resolverá parte dos problemas relativos às vagas e à infraestrutura da rede, mas, segundo a professora (...), também é preciso investir em outras frentes. ‘(...) é preciso sim ter vagas para todos, mas também professores capacitados e com formação continuada, espaços adequados, brinquedo... Hoje temos realidades muito diversas no ensino infantil”.

“O próprio curso de pedagogia só passou a ofertar recentemente formação adequada à docência do ensino infantil e anos iniciais do fundamental. Ainda falta haver concursos específicos voltados aos profissionais da educação infantil e reduzir a rotatividade de professores (...)”.

(“Gargalo nas creches deixa 2.253 à espera de vagas”, do mês de maio)

“Como fui professor durante muito tempo, me incomodava ver o desconhecimento de meus alunos em relação à história local. É muito recente a introdução da história da cidade nos currículos escolares’, pontua Guedes, justificando o didatismo da mostra que espera desenvolver no próximo ano, dando continuidade cronológica (do século XX aos dias atuais) e diversificando o leque de artistas”.
 (“Preterito Perfeito” do mês de maio)

O jornal ainda possibilita representações relacionadas ao papel do professor nos processos de socialização. Como foi dito anteriormente, em algumas ocasiões a docência está inserida na própria efetivação dos sistemas sociais, por meio dos processos educacionais. Assim, tem função determinante na criação e manutenção de valores e comportamentos. Outras vezes, é atribuído aos professores o papel transformador de realidades, no uso de suas competências, autonomia e influência.

A *Tribuna de Minas*, na veiculação da notícia sobre cursos técnicos para presidiários, toca em questões das políticas educacionais do atual governo federal e, assim, pontua valores da docência como meios de promover a ressocialização. Sobretudo nas informações selecionadas para compor a notícia, como por exemplo, a fala do representante governamental. “Essa perspectiva de ter um projeto de ressocialização, profissão, de ter uma qualificação, seguramente é um estímulo para que (o preso) possa ter uma vida plena na sociedade” (“Presos terão cursos técnicos”, do mês de fevereiro). Seguindo a mesma temática, a notícia sobre o detento aprovado no vestibular:

“ ‘Ter um sentenciado aprovado em uma universidade e ter a perspectiva de haver outros no mesmo caminho é muito gratificante’. Sete sentenciados ainda aguardam a segunda chamada do programa Universidade Para Todos (...)”.
 “Quando eles [os presos] trabalham e estudam, saem do ócio, a cabeça fica ocupada. A penitenciária ganha tranquilidade, e os funcionários se sentem mais seguros”.
 “(...) eles resgatam o indivíduo anterior ao delito, que é nosso objetivo (...). Quando acontece o sucesso de um, todos os outros se nutrem de esperança”.
 (“Detento aprovado na UFJF”, do mês de março).

Além disso, as necessidades de atender critérios avaliativos e promover a transformação social são atribuídas aos docentes muitas vezes enquanto metas de um sistema educacional, que, ao ser divulgado, gera debate na imprensa. “Garantir que todas as crianças de até 8 anos de idade sejam capazes de ler e escrever até o ano de 2020 é a quinta metado Plano Nacional de Educação” (“JF faz encontro para capacitar educadores”, do mês de fevereiro). Outros exemplos

de notícias de políticas educacionais que promovem representações e papéis sociais aos docentes foram encontrados no período analisado:

“(...) o novo texto diz que o Estado é obrigado a garantir à população educação escolar pública e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade. A nova lei torna dever dos pais ou responsáveis efetuar matrícula”.

“Outra novidade na lei foi a inclusão de mais um princípio a ser observado no processo de ensino das escolas. Trata-se da consideração com a diversidade étnico-racial”.

(“Crianças terão que ir para a escola aos 4 anos”, do mês de abril).

Algumas propostas pedagógicas de professores que buscam a transformação social e promoção da cidadania foram pautadas pela *Tribuna de Minas*, que enfatizou a representação da docência com base nestas ações, positivadas e destacadas enquanto valores-notícia. Verificamos um destaque do noticiário às iniciativas fora da sala de aula, destacando o papel do professor na inserção dos alunos no espaço urbano e no cotidiano cultural. Há, portanto, uma valorização da uma educação extraescolar enquanto competência docente e geração de cidadania.

“Jovens da Cidade Alta, estudantes e ex-alunos da Escola Municipal Doutor Adhemar Rezende de Andrade, no São Pedro, participam (...) do projeto “Sou da Paz”, organizado pelo Núcleo de Cidadania da instituição. Com auxílio de professores voluntários e parceiros, os adolescentes são convidados a discutir as conseqüências do aumento da violência (...)”.

“De acordo com a professora responsável pela organização do núcleo, Eliane Ferreira, o objetivo é que, a partir das discussões sobre o tema, os jovens se tornem multiplicadores da paz dentro das escolas e em suas comunidades”.

“(...) cerca de 40 meninos e meninas, entre 11 e 18 anos, compõem o grupo, que se reúne fora do horário das aulas”.

“O presidente do núcleo, (...), se diz motivado por estar contribuindo com a formação da cidadania dos colegas”.

“(...) oportunidades para divulgar direitos e deveres deste público”.

“(...) o grupo realiza outros trabalhos voluntários. Um deles é a direção de uma rádio (...)”.

(“Escola debate violência”, do mês de abril”).

“‘Aprendi muita coisa que não conhecia’”.

“Mais do que um passo rumo à tão almejada democratização de seus espaços museais, a UFJF dá um novo passo com o projeto Coletivo Cultural, o qual disponibiliza um ônibus para que estudantes de escolas públicas da cidade conheçam as exposições no local”.

“Segundo Maria Inez Moyses, professora de artes da escola, que acompanhou uma das turmas, apesar de todo o trabalho feito em sala, a fim de criar o interesse pela arte nos alunos, ainda falta facilitar esse acesso. ‘Quando criamos o hábito, acabamos gostando. É preciso mostrar tudo sem imposições’, comenta, certa de que, ao regressarem, a visita renderá muito trabalho”.

“‘Facilitar o acesso da escola pública é um ganho muito grande’ (...). Entendo formação de público como trazer o estudante para cá, seduzindo-o para que volte e lhe dando os referenciais culturais necessários para a vida. Isso é treinar o olhar”.

(“Casa aberta”, do mês de maio).

“(…) prevê a ampla distribuição de cinco mil exemplares do catálogo da exposição, tanto para visitantes quanto para escolas públicas da região”.

(“Preterito Perfeito”, do mês de maio).

“Uma das participantes foi a professora Eliane Souza, que há 33 anos, trabalha com crianças e adolescentes. ‘É a primeira vez que vejo um trabalho assim. Desenvolvo discussões sobre estes temas na escola e percebi que a sociedade tem as mesmas demandas: políticas públicas para a juventude, com mais cultura, lazer e esporte. Exigimos educação com mais qualidade e abertura maior para o novo. É importante sair da proposta curricular e colocar no conteúdo assuntos que prendam a atenção do aluno”.

“Segundo ela, uma das propostas do plano, que é a criação de fóruns entre instituições de ensino para compartilhar experiências bem sucedidas, servirá para apresentar o trabalho desenvolvido na escola e inspirar diretores e alunos a fazerem o mesmo. ‘Levamos 12 alunos para as reuniões. Eles se sentiram prestigiados e importantes”.

(“Jovens querem redução de tarifa”, do mês de junho).

“ ‘É melhor que ter ficado na sala de aula, porque aqui eles aprendem brincando’ , comenta a professora Cléia Maria de Assis Monteiro. (...) as crianças acabam ampliando a conscientização, já que repassam os assuntos tratados para os pais”.

“Das 14h às 16h, os alunos tiveram cinco oficinas ministradas por policiais ambientais”.

“A visita fez parte da programação da 2ª Semana do Meio Ambiente, organizada pela Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (Ciea) (...)”.

(“Lições ambientais fora da sala”, do mês de junho).

Em contrapartida, o jornal também pontua alguns papéis do professor diante dos casos de desrespeito e violência, sobre como cobrar o respeito e a disciplina, sendo um transformador social. O noticiário constrói, através das falas dos entrevistados, discursos sobre ações de professores e diretores para corrigir e coibir atitudes, “as respostas” ou “as providências” da instituição de ensino. Ao apontar para o professor enquanto um promotor de cidadania, o jornal busca nas palavras dos docentes um sentido para a transformação social. Mas, em alguns exemplos, as falas são mais um pedido de apoio aos poderes para o cumprimento dessa função do que propriamente uma resposta, principalmente, porque muitos dos discursos veiculados acabam atribuindo a promoção da cidadania exclusivamente às escolas e aos docentes.

“Já fazemos um trabalho para não perder esses alunos para o tráfico, com aulas de capoeira, dança e grafite fora dos horários de aula, para mantê-los por mais tempo no colégio. Mas estamos pedindo ajuda com ações concretas”.

(“Tráfico no entorno da escola”, do mês de abril)

“(…) que tipo de providência será tomada em relação aos dois alunos. Acredito que pode ser até prestação de serviço à escola, como forma de haver um trabalho pedagógico e não deixar que haja impunidade”.

“(…) realiza campanhas educativas (...), atuando de maneira preventiva. ‘Todas essas ações dão resultado a médio e longo prazo. Nosso grande desafio é lidar com situações emergenciais (...). Já solicitamos até mais policiamento para a escola”.

(“Estudante agride professor com tapas em sala de aula”, do mês de maio).

Observamos que, em um dos editoriais, a *Tribuna de Minas* associa as iniciativas educacionais à conscientização e exercício da cidadania, confirmando a construção noticiosa que, no período analisado, valorizou a docência enquanto promotora de ações de transformação social.

“O resultado não fica apenas na ascensão educacional. Um povo educado no sentido pleno não comete insanidades como as que se vê no trânsito e, muito menos, joga lixo nas ruas (...).”

“Como educação leva à conscientização, a falta da primeira inibe o exercício da segunda”.

(“Educação é tudo”, do mês de abril).

6. GRUPO FOCAL E A IDENTIFICAÇÃO DE TENDÊNCIAS: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A SUA REPRESENTAÇÃO NA IMPRENSA

Seguindo as teorias estudadas sobre pesquisa qualitativa, reunimos professores de variadas histórias de formação e experiências de trabalho em um grupo focal. Esta etapa da pesquisa se dedica às leituras mais complexas e à compreensão do objeto em estudo, na medida em que os professores podiam avaliar algumas questões levantadas pelas análises de conteúdo. O objetivo foi permitir que eles explorassem o tema da pesquisa, apresentando seus conhecimentos e suas percepções no que diz respeito à representação da identidade docente na imprensa. O propósito era também estimular os pensamentos e as articulações de ideias, trazendo informações inéditas ou mais aprofundadas.

A questão que nos motivou a realizar o grupo focal é compreender melhor como os professores reconhecem e assimilam as identidades representadas pelos veículos de comunicação estudados. Nossa proposta é detectar as percepções provocadas pela narrativa da imprensa e como os professores relatavam as influências dos noticiários ao representarem suas identidades sociais e profissionais. A escolha pelo grupo focal se deve à busca por debate, sinergia gerada pela entrevista coletiva, exploração e enriquecimento da temática a partir da troca de impressões.

O grupo focal consiste em uma técnica de pesquisa qualitativa, historicamente, utilizada para identificação de problemas, planejamento, implementação e avaliação, ou seja, aplicável em diferentes fases de um projeto (COSTA, 2006, p. 181). Trata-se de “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”, conforme tradicional conceituação de Powell e Single (1996, apud. GATTI, 2005, p. 7).

Com isso, objetiva conhecer práticas cotidianas, representações, atitudes, valores e hábitos de pessoas que compartilham certo traço comum relevante para o estudo. O levantamento dos dados que se produz por esta dinâmica de interação exige a participação de um facilitador ou mediador seguindo alguns critérios metodológicos para o estímulo da discussão no grupo.

A potencialidade mais enfatizada do grupo focal como meio de pesquisa está ligada à possibilidade que ele oferece de trazer um conjunto concentrado de informações de diferentes naturezas (conceitos, ideias, opiniões, sentimentos, preconceitos, ações, valores) para o foco de interesse do pesquisador. Também é enfatizada a confiança nas interações grupais para a produção de dados consistentes. As comparações, os

confrontos e as complementações, que os participantes produzem entre si, a partir de suas experiências, são uma fonte sólida para a construção de compreensões sobre a complexidade de formas de pensar, de se comportar, das motivações, das intenções e expectativas, em face de determinados aspectos de uma situação, de um problema, de uma ocorrência, de um serviço, etc. (GATTI, 2005, p. 69).

Nesta pesquisa, especificamente, o grupo focal tem o objetivo de proporcionar um conhecimento mais aprofundado e subjetivo do objeto de estudo, bem como estimular o debate a respeito do problema de pesquisa e o surgimento de ideias, hipóteses e opiniões espontâneas. Mas o grupo focal também pode ser utilizado quando o pesquisador está interessado em testar aspectos operacionais de uma pesquisa quantitativa. “É uma técnica perfeitamente adaptável a qualquer tipo de abordagem – exploratória, fenomenológica ou clínica” (DIAS, 2012, p.3).

Outra finalidade desta técnica é trazer à tona experiências e opiniões que, numa abordagem quantitativa, não seriam percebidas. Portanto, o pesquisador conta com o momento de relacionamento interpessoal, que é provocado pela própria dinâmica do grupo para a obtenção de informações úteis que surgem a partir destas interações. O esforço combinado do grupo produz mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório das respostas individuais (Idem, p. 4). Dentro do contexto fenomenológico, o propósito é fornecer subsídios mais consistentes para o pesquisador, a partir de uma interação mais próxima com o público pesquisado. Conforme as considerações de Gatti:

A ênfase recai sobre a interação dentro do grupo e não em perguntas e respostas entre moderador e membros do grupo. A interação que se estabelece e as trocas efetivadas serão estudadas pelo pesquisador em função dos seus objetivos. Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e expressam e porque pensam o que pensam (GATTI, 2005, p. 9).

O grupo focal é uma técnica derivada das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social. Ainda conforme a autora, ao propiciar a exposição ampla de ideias e perspectivas, o grupo focal traz à tona respostas mais completas e possibilita também verificar as lógicas ou as representações que conduzem à resposta. As interações possibilitam compreender o impacto das vivências sobre as trocas de ideias entre os participantes, os consensos, os dissensos, as rupturas, as discontinuidades, os silêncios (Idem, p. 47).

Para Jenny Kitzinger (1994, apud. GATTI, 2005, p. 10), alguns aspectos do grupo focal são importantes para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa: clarear atitudes, prioridades, linguagem e referenciais de compreensão dos participantes; encorajar uma grande variedade de comunicações, incidindo em variados processos e formas de compreensão; oferecer compreensões sobre os processos sociais, como por exemplo, qual informação é silenciada no grupo; encorajar uma conversação aberta sobre tópicos embaraçosos para as pessoas e facilitar a expressão de ideias e experiências que podem ficar pouco desenvolvidas em entrevista individual.

O grupo focal é uma técnica utilizada inicialmente em pesquisas de marketing por empresas preocupadas com o que consumidores poderiam dizer sobre produtos e serviços, em meados dos anos de 1920. Nos anos de 1950, inclusive, foi bastante usada para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra. Mas o método foi além e alcançou as Ciências Sociais de uma forma mais expressiva a partir da década de 1970, especificamente a comunicação na década de 1980, com as pesquisas de avaliação de materiais diversos, serviços, estudos da recepção de programas televisivos ou de filmes, processos de pesquisa-ação ou pesquisa-intervenção (GATTI, 2005, p. 8). Mas sua origem no contexto das Ciências Sociais se deu em 1941, por meio de pesquisas desenvolvidas por Paul Lazarsfeld e Robert Merton, sendo o último considerado “o pai do grupo focal” devido à publicação do primeiro trabalho utilizando o método (COSTA, 2006, p. 181).

A realização de um grupo focal compreende a elaboração de um roteiro de entrevistas primando pela dinâmica objetivada. Recomenda-se começar com perguntas mais amplas para depois chegar às estruturadas e mais “interessantes” do ponto de vista da pesquisa. A organização do grupo também requer a escolha de um moderador para conduzir o grupo, que atue como um facilitador da conversa.

O público-alvo de um grupo focal é definido de acordo com a necessidade da pesquisa, assim como o número de participantes (as referências bibliográficas utilizadas recomendam de seis a doze). Conforme Costa (2006), o registro das conversas, o planejamento do local da reunião e a condução do debate também compõem alguns princípios gerais importantes para a garantia de êxito do grupo focal em relação aos objetivos de pesquisa. O último elemento consiste na apresentação e análise dos dados, definindo qual abordagem adotar.

O trabalho com grupos focais oferece boa oportunidade para o desenvolvimento de teorizações em campo, a partir do ocorrido e do falado. Ele se presta muito para a geração de teorizações exploratórias até mais do que para a verificação ou teste de hipóteses prévias. Não que não possa ser usado para essa verificação. Porém o que emerge ‘a quente’ na interação grupal, em geral, extrapola em muito as ideias prévias, surpreende, coloca novas categorias e formas de entendimento, que dão suporte a inferências novas e proveitosas relacionadas com o problema em exame (GATTI, 2005, p. 13).

6.1. Formação do grupo focal com professores da rede educacional de Juiz de Fora

A partir de um planejamento prévio do grupo focal, optamos por definir um conjunto de questões que pudessem envolver professores com as mídias e problemas estudados, assim como analisar aspectos valorativos e identificar tendências nas suas opiniões. Assim, chegamos a um desenho mais estruturado do roteiro (Apêndice D) bem como do público-alvo.

Seguindo recomendações das teorias sobre o número de participantes dos grupos focais, convidamos dez professores que atuam em Juiz de Fora para a composição desta etapa da pesquisa. O pensamento inicial era de que seria um número considerado bom para proporcionar as interações pretendidas, o volume de respostas e o tempo de debate. Os convites foram feitos a partir de contatos da própria pesquisadora como também indicações com base nos perfis desejados (grupo mais heterogêneo possível).

Depois de feitos os convites, alguns com sucesso outros não, levando-nos a buscar outras pessoas, chegamos a um grupo de professores no seguinte formato: uma professora concursada da rede estadual na área da matemática; um professor de inglês designado e também professor da rede particular; uma professora concursada da rede estadual na área da química; uma professora regente (pré-primário) concursada; um professor de língua portuguesa e literatura concursado das redes municipal e estadual; uma professora concursada da rede estadual na área de geografia; um professor concursado da rede estadual na área da sociologia; uma professora aposentada da rede estadual, na área de ciências e matemática; um professor concursado na área de história e dirigente sindical do Sindicato Únicos dos Trabalhadores da Educação de Minas Gerais (Sind-UTE) e uma professora concursada da rede estadual na área da educação física. Este mapa

também levou em consideração a atuação em uma variedade de escolas no município, assim como variedade de regiões destas escolas.

O grupo focal foi agendado para a tarde de 14 de dezembro (sábado), a fim de conseguir maior adesão dos professores que têm muitas atividades durante a semana, impedindo uma conciliação de horários. Na ocasião, também havia um volume de atividades nas escolas públicas aos sábados de manhã.

Por meio do apoio dos funcionários, conseguimos a cessão de uma sala no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), no centro da cidade, para a realização do grupo focal. Trata-se de uma sala ampla e silenciosa, onde foi possível realizar o grupo focal com conforto.

Todas as dez pessoas listadas acima confirmaram a presença. Foram feitos três contatos: um convite, apresentando a pesquisa e os objetivos, em que havia uma confirmação prévia; a confirmação de presença, já com as informações de data, horário e local fechadas, cerca de dez dias antes; e um último contato, em forma de lembrete da realização do grupo, dois dias antes.

No entanto, participaram do grupo focal cinco professores. Foram cinco ausências no total, sendo uma justificada anteriormente (da professora regente que tinha atividade de capacitação na escola naquele dia). Os outros quatro professores não compareceram, apesar de terem confirmado presença nos três momentos de contato com a pesquisadora.

Seguindo o que foi agendado, o grupo focal foi realizado no dia 14 de dezembro, às 15 horas. Toda a discussão foi registrada em gravador digital, com duração de 2 horas e 30 minutos. Partimos de uma apresentação da pesquisa, seguida das apresentações dos professores e condução do roteiro de perguntas (Apêndice D) de uma maneira flexível, seguindo como guia para absorver o melhor do debate e das falas dos professores. A pesquisadora atuou como moderadora do grupo, tentando evitar dispersões ou discussões que desviam do tema pesquisado. No final, foi oferecido lanche para os participantes em um momento de integração entre eles.

Participaram do grupo focal: “A”, uma professora de Educação Física concursada do estado, de 57 anos; “B”, um professor de Língua Inglesa designado do estado e da rede particular, de 30 anos; “C”, uma professora do ensino fundamental (áreas de Ciências e Matemática) aposentada do estado, de 61 anos; “D”, professor de Português e Literatura, concursado do estado e do município, de 50 anos; “E”, professor de Sociologia efetivo do estado e professor bolsista da UFJF na área de Latim, de 34 anos.

Os professores foram organizados em círculo em torno de uma pequena mesa, onde ficou o gravador. Antes de iniciar a apresentação da pesquisa, a proposta do grupo focal e as apresentações, a moderadora explicou que as falas seriam gravadas e os nomes dos participantes não seriam divulgados se assim eles quisessem. Além disso, que se tratava de uma conversa e não de uma entrevista individual, portanto, a qualquer momento os participantes poderiam complementar ou comentar as falas dos colegas ou pedir para falar; com possibilidade de influência. Todos os participantes concordaram com a dinâmica.

Após a realização do grupo focal, uma transcrição cuidadosa das falas foi feita (Apêndice E), tanto para a apresentação dos resultados como para apoio às análises. Conforme releva a transcrição do grupo focal, constantes ajustes no roteiro foram feitos no decorrer das discussões para obter respostas de interesse para a pesquisa e conduzir melhor o grupo.

6.2. Análise dos resultados do grupo focal com professores

Seguindo a proposta do roteiro, iniciamos o grupo focal com as apresentações, para que os professores conhecessem uns aos outros e também para que buscássemos informações pessoais importantes para a pesquisa. Como analisamos nas teorias estudadas, um conjunto de fatores está ligado à visão que os professores têm de si mesmo e de sua realidade profissional: as escolas em que trabalham; em que rede educacional (pública ou privada); de quais séries são os alunos e como é o relacionamento com eles; quais ideologias e práticas educacionais estes professores se filiam, entre outros aspectos. Mesmo que em uma conversa rápida, detectamos algumas características importantes que contextualizam as opiniões relatadas.

Uma das informações relevantes é a possibilidade dos professores efetivos da rede pública trabalhar em uma única escola. Apesar de terem passado por várias escolas na trajetória de carreira, muitas vezes eles se dedicam a uma de cada vez (dentro da rede municipal ou estadual), em um vínculo integral, o que influencia muitas perspectivas sobre a docência. Mas em alguns casos (como dos participantes A e D), há (no caso de D) e houve (no caso de A) dois vínculos com a escola pública, pela rede municipal e pela rede estadual.

No caso do professor B, que é designado (nomenclatura do professor que não possui vínculo efetivo com a rede pública, é “designado” pela Secretaria de Educação às escolas em caráter temporário), a realidade é outra: são duas escolas públicas em que trabalha simultaneamente, sendo uma delas com duas sedes (na região urbana e em distrito de Juiz de Fora). Ou seja, são três ambientes de trabalho. Ele também é professor em três escolas particulares.

As relações entre os professores e as disciplinas ministradas em sala de aula também refletem nas avaliações. Houve uma correspondência de opiniões em muitas questões debatidas, mas verificamos o quanto os três professores que trabalham na área de Humanas (Português, Literatura, Inglês e Sociologia) propuseram muitos debates durante o grupo focal para além das questões de sala de aula. Eles colaboraram trazendo perspectivas e conhecimento adquiridos provavelmente na própria leitura e estudos de disciplinas das Humanidades.

Observamos, ainda, mudanças por que passaram as escolas, sobretudo nos relatos da professora C. Ela começou a trabalhar quando não havia tantas metodologias e processos educativos que contavam com os aparatos de mídia, sobretudo devido à inexistência da comunicação digital. Ao compararmos com os relatos dos professores que estão em atividade, pode-se perceber uma mudança na própria cultura da docência e no trabalho educacional.

Perguntamos aos professores os seus hábitos de consumo midiático. Quatro dos cinco participantes do grupo focal disseram que leem notícias cotidianamente pela Internet. No caso da professora A, os blogs de jornalistas e políticos também são consultados, além das páginas eletrônicas dos jornais. Já no caso do professor B, o trabalho em frente ao computador proporciona algumas leituras de noticiários (“zapping”). O professor D utiliza bastante as redes sociais e visita cotidianamente às páginas de jornal pela Internet, nacionais e internacionais. Ele também considera o acesso às notícias por meio das postagens dos próprios jornais pelo Facebook. O professor E afirma buscar nos veículos impressos um noticiário especializado, como as edições especiais da Revista Carta Capital, que trata sobre educação, e as que trabalham com áreas do conhecimento, como no seu caso, a Revista de Sociologia. Ele também afirma que lê o noticiário de jornais tradicionais pela Internet.

Diferente dos outros participantes, a professora C assina dois jornais impressos, a *Tribuna de Minas* e o *OGlobo* nos finais de semana, sendo que também tem acesso ao jornal *Extra* (o marido compra). Ela não se considera uma leitora assídua de notícias; só quando uma manchete

lhe interessa é que ela lê o conteúdo todo. Disse também que no passado buscava mais notícias da área da educação, mas depois que se aposentou, deixou de ter um interesse específico neste tipo de noticiário.

O hábito de parar em frente à banca de jornal e ler as manchetes do dia, ainda, são comuns entre os professores. Porém, a compra de jornais impressos em bancas não é mais uma situação cotidiana na vida dos participantes do grupo focal; isso acontece apenas quando um assunto desperta o interesse ou para fins de documentação, uso em sala de aula, etc. Verifica-se, portanto, que os professores têm o perfil de um “novo” consumidor de notícias: o internauta que tem feitos os jornais impressos reformularem suas políticas de assinatura e investirem em conteúdos multimídia para seus sites ou portais na Internet. Os professores fazem referência à programação televisiva, mas todos eles afirmam assistir pouco ou nada. O rádio não foi mencionado nas falas.

Observamos também que o acesso ao conteúdo da *Tribuna de Minas*, por iniciativa dos próprios participantes do grupo focal, se dá por meio da Internet. Exceto a professora C, que assina o jornal. Mas os docentes afirmam que, às vezes, têm acesso ao jornal impresso nas escolas quando “alguém leva”. Conforme o relato dos participantes, as escolas não assinam a *Tribuna de Minas*. Perguntados sobre quais veículos impressos as escolas recebem, eles afirmaram que são revistas informativas e especializadas (Revistas da Língua Portuguesa, História, Geografia, entre outras) por meio de programas de governo de incentivo à leitura. Não chegam materiais do jornalismo diário pela própria iniciativa das escolas em assinar. O professor D comentou, inclusive, sobre a ligação entre a política, governo e a distribuição de materiais didáticos e informativos.

D: Outra coisa que percebi também é que na escola pública a biblioteca recebia antigamente só Revista Veja. Aí depois que o PT chegou à Presidência, agora pelo menos a gente vê nas escolas chegando Carta Capital.

É preciso considerar também que a flexibilidade de acesso aos noticiários, que é proporcionada pela Internet pode ser um importante fator para os professores. As rotinas agitadas e as muitas atividades que compõem o sistema educacional, hoje impedem o acompanhamento de informações com hora marcada, como os jornais televisivos, por exemplo. Mas isso é facilitado pela comunicação digital, sem contar os aspectos econômicos, levantados pelos próprios

participantes do grupo focal, que a Internet é uma alternativa mais barata, principalmente hoje para os professores com baixos salários.

Durante a condução do grupo, as falas deixaram claro que os professores também buscam a Internet como alternativa à informação para a massa, dos jornais tradicionais. É possível encontrar uma informação “mais à esquerda”, segundo eles, o que antes não era possível com tanta facilidade. Os professores também destacaram a possibilidade de ir além do acesso à informação, sendo possível cumprirem o papel de produtores de conteúdos.

E: Aí se você compara, você chega assim, opa, porque o jornal está dizendo isso, mas a internet de alguém que é mais independente está dizendo de outra maneira. Não que o outro está certo também, mas gera uma contradição nas informações.

A: Acho que ficou assim, mais barato, né. Porque antes quem tinha acesso a uma Folha de São Paulo não era...todo mundo assinava Globo, Jornal do Brasil, mas uma Folha de São Paulo, Carta Capital, Caros Amigos, a gente procurava nas bancas Carta Capital e Caros Amigos você não encontrava nas bancas de Juiz de Fora.

B: A internet nos traz verdades de notícias passadas na televisão que nunca passariam na televisão, a verdade, o real mesmo. A realidade mesmo.

E: Você tem uma capacidade de gerar informação hoje.

D: Agora notícia eu só gosto de ler notícia pela internet porque posso ler notícias de vários jornalistas, várias fontes, entendeu, posso comparar, não preciso ficar preso numa só. E posso também, a partir daquela notícia, repassar essa notícia com aquilo que consegui interpretar. Fazer a interpretação de texto e passar esse texto para que as pessoas façam a interpretação.

A professora A pontuou a existência dos informativos do Sindicato dos Trabalhadores em Educação, enquanto alternativa ao que é posto pela imprensa de massa. Para ela, esse também é um hábito de leitura.

Verificamos também que os professores falam de hábitos midiáticos passados e presentes, demonstrando as alterações de perspectivas sobre a imprensa. Apesar de diferentes gerações reunidas no grupo, eles comentam sobre as mudanças no seu perfil de consumo de informações, além de uma espécie de “conscientização” sobre o papel do jornalismo.

E: Lembro que, quando eu era criança, o Jornal Nacional que era a verdade. Meu pai chegava em casa, todo mundo calado, vamos assistir o jornal. Eu era pequeno, tinha que ficar calado né? Comparo isso com hoje. Como o D falou, é uma revolução mesmo. Com a internet você tem informação na hora, ali (...). Há uma necessidade de uma informação constante para poder estar dialogando com a atualidade, dentro da sala de aula, né. Eu tenho essa necessidade. Além disso, a questão mesmo de cidadania, de poder ter senso crítico e buscar isso de uma forma diferente em várias mídias. Não mais só no Jornal Nacional ou na Folha de São Paulo domingo. Ou na Revista Veja que, durante muito tempo, era a revista que você acabava lendo porque não tinha outras opções.

A: Porque antigamente a imprensa nos tratava como burros, né. É isso aqui, ó. Ela dava como se fosse um norte, é isso aí. Agora não, agora tem o que ele falou: tem blogs (...)

E: Abrem um diálogo pelo menos pra gente, né?

A: É, e daí a gente tira as nossas conclusões. Não é...palmatória, né. É isso aí, acabou, acabou.

B: Você liga o computador para fazer alguma coisa entra em um site, vai vendo as notícias e tal. E dá aquela zapeada geral em tudo que tem ali.

Na visão dos professores, o acesso aos noticiários é importante também para instrumentalizar as aulas. Eles debatem a importância da escolha dos veículos, nos quais vão buscar essa informação, que se transforma em conteúdo educativo. E também como trabalham com esse conteúdo junto aos alunos. O professor E comenta em algumas partes do debate sobre o uso de notícias nas aulas. O professor D conta que usa as redes sociais enquanto instrumentos didáticos.

C: Vejo também que ajuda até a atualizar. Você está sempre a par da informação, o que é melhor, o que você deve levar ou não para dentro de uma sala de aula. Fundamental mesmo na educação. Poderia ser melhor [a mídia]. Ser mais atuante.

E: Tem que saber com qual mídia você está lidando para você levar uma informação de algo para dentro da sala de aula.

D: Queria aproveitar e falar, já que a gente está fazendo uma pesquisa, né, voltada para a comunicação e educação, queria falar por exemplo de que... eu participo de vários grupos no Facebook. Agora eu criei um grupo para a escola que se chama “IEEJF contra o bullying”. “Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora contra o bullying” (...). Foi uma coisa muito interessante, dividi a sala em equipes e eles tinham que postar trabalhos, com toda a ambientação, trabalho que eu vi em casa pelo Facebook. E dava a nota, depois falava com eles a nota lá. Escrevi nos comentários o que achei do trabalho, no próprio Facebook.

Ainda em relação aos hábitos de consumo midiático, os professores comentam sobre uma mudança na cultura da comunicação dentro das escolas, utilizando as possibilidades da Internet. Alterações importantes no próprio ambiente de trabalho.

D: (...) Antigamente esses recados na escola vinham através de papéis pregados na sala dos professores. Tinha gente que não lia esses papéis. Agora tem também o Facebook para colocar essas informações.

C: Eu sou da época em que não tinha internet né? Então era igual ao que você estava falando: na sala dos professores, na hora do recreio, no encontro de professores, que passavam as coisas.

Muitos comentários dos professores são contrários às problemáticas apresentadas pelas teorias, sobre a imprensa e sobre a educação. Procuramos, assim, dividir o debate em partes e apresentar falas dos participantes do grupo focal, que pontuaram importantes questões ao longo da pesquisa teórica e análise de conteúdo.

6.2.1. O papel social da imprensa e o poder nas representações

Começamos o debate com o tema “importância da comunicação para a sociedade”. As falas nos permitem compreender algumas percepções sobre papéis da mídia e da imprensa, especificamente. Observamos que os professores, talvez, por já saberem que se tratava de uma pesquisa do jornalismo, situaram logo de início o debate sobre comunicação no campo da imprensa. Dois deveres do jornalismo foram bastante discutidos nessa primeira parte de grupo focal: publicar a verdade e contribuir com a melhoria da sociedade.

Importante mencionar que ao fazerem indicações sobre como a imprensa deveria ser e se comportar, os professores fazem menção a muitos valores tradicionais do jornalismo, apontados por eles como “qualidades” da imprensa. Verificamos ao longo das falas debates sobre publicar a “realidade”, a “verdade”, o “ouvir todos os lados”, e ser “o quarto poder” (fiscalizador). Ao mesmo tempo, a partir de um debate provocado pelo professor D, cobraram o cumprimento de um papel social.

D: Acho que a importância da comunicação na sociedade é esclarecer o que está acontecendo, trazer a informação verdadeira sobre os fatos, com o objetivo de tentar melhorar a sociedade, né? Porque só trazer informação e permanecer tudo do mesmo jeito não tem sentido.

(...)

D: Se a imprensa desse a oportunidade, igual o “E” falou, dos dois lados colocarem sua opinião, ela chamava mais atenção até para a pessoa animar a comprar o jornal ou ver aquela notícia.

E: O que é o papel comunicativo. De debater, não é só informar.

D: Não é só copiar a notícia. Parece que a imprensa de Juiz de Fora, ela copia uma notícia. Só. Mas e o papel social?

Todos mencionaram que a mídia não demonstra a tão falada “objetividade”, inclusive comentaram, criticamente, sobre o vínculo da imprensa a interesses políticos e grupos de elite. A

partir de um comentário do professor E, o grupo debateu o fato da imprensa esconder essa característica nas políticas editoriais divulgadas aos leitores, ouvintes, telespectadores e internautas. O assunto da ideologia promovida pela grande imprensa foi recorrente nas falas. Outra crítica dos participantes é o fato da mídia não representar a realidade e colocar a população contra alguns segmentos da sociedade, como é o caso dos professores. E quando se colocam enquanto personagens dessa realidade criada pela mídia percebem que as notícias muitas vezes não condizem ao cotidiano vivido nas escolas.

B: Então acho que essa fraqueza [da imprensa] que ele falou vai muito disso: por trás de interesses políticos que não deixam a imprensa se expressar da forma como deveria, né.

D: Então eles não dão a informação de qualidade, entendeu? Eles têm repórteres formados, com curso superior, treinados, até às vezes participam de congresso internacional, mas eles não dão informação de qualidade porque eles se submetem aos interesses dos donos das empresas. E às vezes uma pessoa que nunca estudou jornalismo nem nada passa mais informação de qualidade pela Internet porque ela fala a verdade.

C: (...) a pessoa que não tem essa prisão com essas redes, ela põe a informação real. Isso que é informação de qualidade pra mim.

E: Entendo essa ideia ficcional de que ela [grande imprensa] falaria a verdade. Não, ela conta uma versão do fato. O que é problemático, acho na maioria dos jornais e revistas ou televisão, é ela ser clara quanto a posição política dela (...). Porque você compra aquilo como se fosse verdade. A gente cria essa ilusão de que aquilo é verdade, enquanto aquilo não é verdade, enquanto aquilo é uma linha editorial que está sendo seguida ali.

A: Ela está querendo esclarecer, ela está querendo colocar goela abaixo da gente (...). Nós que estamos lá há mais tempo a gente percebe claramente que está tudo maquiado.

O professor D retoma o debate sobre o papel social da imprensa, quando o grupo debateu sobre a propriedade dos meios de informação e o atendimento de interesses políticos. O professor E situa o debate no contexto da busca pela democratização dos meios de comunicação.

D: Porque ela [imprensa] vive por causa da sociedade, mas não tem um retorno. Qual o papel social dela? Parece que ela só está com um grupo que é a elite. E o papel social eu não vejo.

E: No Brasil a gente tem um problema maior do que a reforma política ou reforma fiscal, que é a reforma dos meios de comunicação. Ok, jornal é capital privado. Então se eu tenho dinheiro eu abro um jornal. Mas televisão e rádio são concessões públicas. Mas aí talvez levasse a pensar se o jornal não deveria ir para esse lado (...).

Em um momento do debate, o professor B cita um exemplo de como as representações feitas pela mídia acabam configurando opiniões “erradas” sobre os professores. Ele cita o

exemplo da forçadas propagandas do Governo de Minas Gerais, que trazem atores da televisão falando sobre a educação no estado:

B: O ídolo dela [de uma pessoa qualquer] está falando que está bom, como ela não vai acreditar naquilo? Então faz daquilo a verdade dela e vai achar que professores são um bando de vagabundos. Porque pedem mais dinheiro sem razão alguma.

Outras falas também demonstraram as insatisfações dos professores com um noticiário que os representa com base em estereótipos, sobretudo por cobrarem melhorias na educação através da política engajada.

E: Tem um estereótipo, que você [remetendo a B] falou, né, e aí vai. O professor é sempre tratado como um chato...

B: Um hippie, chato...

E: Chato, que está ali, não sabe nada, e esquece que nós ficamos o dia inteiro com o filho dele ali dentro da escola. E a gente tem que fazer milagre de vez em quando.

C: Na verdade a educação é o alicerce. Para tudo dar certo na vida de todo mundo tem que passar por dentro da educação mesmo, educação até em escola.

6.2.2. Mais presença e menos silêncios

Questionados sobre o que é informação de qualidade (foi uma expressão que apareceu em uma das falas), os professores foram de certa forma, construtivos, e indicaram caminhos para uma imprensa, que atenderia aos objetivos da escola e dos professores. A participante C foi a que fez mais cobranças e pontuou uma questão chave: como deveria se comportar o jornalismo educacional. Outros participantes, ao longo dos seus discursos, levantaram essa questão, como é o caso de D:

C: não se via o jornal [na época em que trabalhava] ir à escola para fazer... até assim para valorizar a educação naquele momento, uma coisa boa que a escola fez, independente de partido político, de propaganda, entendeu? Na minha época não tinha. Não sei se isso hoje mudou.

C: Tem que ser também, no meu ponto de vista, uma coisa mais regular [presença da imprensa na escola]. Não é uma coisa esporádica, de vez em quando acontece. Teria que assumir um compromisso com a escola, com a educação, para acontecer isso sempre, sei lá, uma vez por semana ou de quinze em quinze dias. Não sei. Para ter resultado.

D: Acho que a imprensa de forma geral, com a educação, ela não está colaborando muito não. Com pouca informação, quando tem informação é informação sempre do lado do patrão e não é do lado dos trabalhadores, e em Juiz de Fora isso é mais fraco ainda. Você não vê uma página digamos assim educacional mesmo, entendeu? Uma coisa que informe a partir dos professores mesmo. Você não vê isso, não vê isso.

Os participantes do grupo complementaram o comentário de C sobre a maior presença da imprensa no cotidiano escolar. Segundo eles, um dos resultados desse distanciamento e desconhecimento da realidade educacional é o silenciamento de vários debates pelos noticiários. Os docentes relatam a existência de um projeto, que está em debate no cenário político atualmente, que é uma mudança no curso noturno do ensino médio.

Segundo eles informaram, a permissão da matrícula no ensino regular noturno só será possível para trabalhadores; porém estes deverão comprovar com a carteira assinada. Quem não tem a carteira assinada não poderá cursar o ensino à noite. Os participantes debateram o grande problema social que isso causaria, este foi um assunto que não recebeu a atenção da imprensa até aquele momento. Outro caso pouco explorado pela imprensa foi o da mudança das disciplinas de educação física e ensino religioso na educação fundamental do estado. Assuntos de pouca repercussão também são os motivos que levam os professores a abandonarem a rede pública de educação, conforme apontaram.

D: Eu não vi notícia sobre a destruição do ensino noturno na imprensa de Juiz de Fora. Mesmo assim não só dar notícia, mas falar da tragédia social que isso pode gerar, como expliquei aqui do aluno que vai entrar num ciclo vicioso e não vai poder estudar mais.

E: Por que eles não explicam a quantidade de professores que vêm pedindo, são concursados, e estão pedindo para sair do estado? Por que não há um debate disso, né? A quantidade de professores afastados...

D: Doentes.

E: Doentes. De vez em quando soltam uma coisinha ou outra, mas cadê o debate. Tipo assim, estou precisando resolver o problema, não é só informar, isso que o “D” estava falando. Informar às vezes é prático, né.

A: Agora acho que no meio do ano tirou-se a educação física de primeira à quarta...

B: É o começo.

E: Não debateu, procurou os profissionais, pensou evidentemente no lado econômico. Preciso reduzir custos, tiro uma disciplina e pronto. A sociedade não foi informada porque foi feito aquilo.

A: Qual o papel da imprensa, no caso a Tribuna? Não teve... Foi só acabou, acabou.

Além disso, os participantes criticaram a ausência de professores, enquanto fontes das notícias, o que poderia melhor situar muitos debates e problemáticas da educação. Não apenas colaborar com o debate, mas terem o direito de apresentar suas versões dos fatos.

E: Muito comum, numa reportagem, “vamos entrevistar aqui o político Tal? O empresário Tal?” Não vejo, por exemplo, “vamos entrevistar um professor”, como o D ali. D até que aparece mais, mas nunca sobre a prática de ensino. Mas sobre a sua poesia, essas coisas.

B: Quantas vezes você na televisão o professor falando? Você não vê muito isso. Porque na hora que coloca o professor para falar ele vai falar tudo o que está acontecendo de errado, igual no Nordeste, a um tempo atrás, uma professora falou tudo...

No contexto das reivindicações, por exemplo, os professores argumentam que faltam esclarecimentos e explicações, próprios de um jornalismo mais interpretativo, sobre as questões políticas como a greve. No geral, o professor E aponta que a eleição é o momento em que as abordagens sobre educação ganham os noticiários. Algumas falas exemplificam o que foi exposto:

E: Mas em nenhum momento fez uma matéria para discutir um pouco a situação do professor, de explicar melhor o que era com um pouco mais de detalhe e repetia aquele conteúdo vago. As vezes saía só uma nota no final da matéria: “os professores estão brigando solicitando a redução da carga horária, não sei o que, e aí você via que acabou. Explicou aquilo, mas ficava muito focado no jogo de “os alunos estavam perdendo aula”, “os alunos não vão conseguir acabar o ano letivo e tal (...)”.

C: O que há de bom mesmo não se valoriza, né (...) Nessa parte dele que não valoriza, só fala aquilo que, digamos assim, é interesse coletivo deles, mas não valoriza o professor, o trabalho do professor. Isso a imprensa não colabora.

6.2.3. O caso da *Tribuna de Minas*

Em uma análise mais específica sobre a *Tribuna de Minas*, os professores relatam que percebem mais notícias sobre o cotidiano de violência nas escolas e pequenas notas sobre rotinas da educação (concursos, nomeações, etc.) do que um noticiário abrangente, que exponha as questões do momento em relação à docência e à educação no geral.

C: É o que eu estava te falando: é muito pouco ou nada. Aparece alguma coisa quando acontece na escola, alguma coisa assim geralmente até... uma agressão, uma coisa entre professor e aluno, professores, direção da escola, que me parece que a Tribuna chega. Fora isso eu não vejo.

E: Eu vejo a Tribuna também só nesse aspecto, já tinha colocado, de mostrar... acaba não sendo matérias sobre educação, mas sobre violência na verdade. Fica focado nesse assunto. E tirando um pouco do ensino médio, é um replicador de coisas que acontecem no geral. Coisas assim “a Universidade Federal abriu vaga para professor”, “foram chamados mais alunos para as próximas vagas” (...).

A: Quando aparece alguma coisa é alguma briga na escola, o enfoque da Tribuna é esse. É uma greve que está atrapalhando os alunos, coisas assim.

E: Isso, os estereótipos, a violência, porque isso vai chamar atenção né?

Em determinado momento, a mediadora entregou aos participantes algumas notícias selecionadas, do primeiro semestre de 2013, para que os professores pudessem comentar. Muitas delas já tinham sido lidas por eles, conforme disseram. Os primeiros comentários foram sobre as matérias relativas à mobilização dos alunos. Foi citado o caso da Escola Normal, principalmente porque os professores D e E, que trabalham nesta instituição, presenciaram mais de perto os acontecimentos. Os professores também mencionaram os problemas estruturais de algumas escolas, como o Grupo Central, que também foram pauta no primeiro semestre de 2013 e causa de protestos de alunos. Sobre esse noticiário, os participantes do grupo focal comentaram que houve um desgaste da imagem do professor nessas causas de estruturas de trabalho; percebe-se que se ele estivesse na rua e não os alunos, provavelmente não receberia a atenção da imprensa.

E: É aquela história: se a sociedade se movimenta, a imprensa fica obrigada a falar alguma coisa. Agora se for de novo os professores que estão lá falando que vão paralisar e fazer greve...

Importante ressaltar que, de acordo com as falas dos docentes, há um problema político dentro das escolas; muitas vezes os professores sofrem pressão para não divulgarem os problemas estruturais e educacionais na imprensa. Tal informação, segundo os participantes, acaba por contextualizar alguns casos de silenciamentos observados nos noticiários.

A: Isso é verdade o que você está falando porque a gente nota que nas escolas o diretor fala “abafa esse caso aí”, “não deixa sair na imprensa não”.

E: Teve repercussão [protestos dos alunos], tanto é que não se fechou as turmas. Foram obrigados a tirar os alunos do Delfim porque chegou no limite ali de poder estudar naquele prédio. Eu era professor no Duarte de Abreu (lembrei o nome), tive o mesmo problema lá. Os alunos fizeram uma manifestação. Mas logo em seguida houve uma pressão em cima do diretor.

A *Tribuna de Minas* foi apontada pelos professores como um jornal que, atualmente, “só vê a parte negativa”, e quando se trata de valor-notícia, “coisa ruim dá muito ibope”. Conforme avaliou o professor E, a educação não é uma pauta considerada atrativa para quem não está inserido na realidade escolar. Logo, os docentes observam que, para estarem na mídia, os acontecimentos educacionais geralmente são enquadrados no que chama a atenção, por exemplo, na parte destinada a atualidade em Juiz de Fora, os episódios de agressões a professores entre outros tipos de violência.

E: Esse tipo de notícia a sociedade lê pouco. Ah, educação, o pessoal está afastado, não interessa. Nós lemos porque somos professores e somos interessados, mas a sociedade, para ela não interessa. Para ela, talvez se crie isso: uma linha na hora de fazer a reportagem, vamos fazer isso porque dá repercussão.

B: Claro que isso dá repercussão, coisa ruim dá muito ibope. Então é isso que aparece no jornal mesmo.

A: Então parece que na escola só está acontecendo isso. Só violência. Então as coisas boas da escola não estão aparecendo. Então fica a desejar, a matéria fica a desejar.

C: A imprensa precisaria estar mais atuante na escola no lado bom. Valorizando o trabalho do professor. Agora, não teria que ser uma coisa esporádica, não. Várias escolas na cidade, eu acredito, coisas boas acontecem. Quase toda escola. E aí ia chamar atenção até dos pais mesmo, da sociedade, em relação à parte boa da educação. O trabalho do professor, talvez passasse a ser mais valorizado. A imprensa poderia fazer esse trabalho e não faz.

Questionados se a situação estava negativa dentro das escolas, se as notícias condiziam com a realidade, eles afirmaram positivamente. O professor B contou que ministrou uma aula e, durante todo o tempo, havia um aluno armado na classe e ele não sabia. Outros depoimentos apareceram no debate, de docentes agredidos e também surpresos com determinados comportamentos de alunos nos dias atuais. As falas suscitaram outra discussão, a partir de uma provocação da mediadora: se a violência é realidade nas escolas, como a *Tribuna de Minas* deveria então representar esse fatos? O professor B contextualizou a discussão da violência no debate anterior, sobre imprensa e poder político.

Monique: O que vocês acham? A imprensa está certa em apresentar só esses pontos negativos?

B: Ela tem que falar a verdade.

C: É, tem que mostrar a realidade.

B: Mas essa é uma discussão como discutir o sexo dos anjos. Porque isso não vai mudar. Enquanto a imprensa tiver um compromisso político por trás dela ela não vai falar a verdade.

D: Ela vai perder. Eu não compro jornal em sinal de protesto contra essa imprensa que não fica do lado da classe trabalhadora e aí muitas pessoas também tem essa atitude. Ela vai só perdendo. Uma maneira da gente reagir contra essa omissão que a imprensa faz, principalmente a juiz-forana.

Os professores comentam sobre os riscos de haver uma banalização das agressões a professores a partir dos acontecimentos veiculados pela imprensa. Eles citam que membros da categoria receiam um estímulo às agressões. Para os professores D e E, o fato de não haver repercussões em muitas notícias acaba deturpando realidades, uma vez que a imprensa aborda muito superficialmente as questões mais complexas, como a violência.

Os professores analisaram, assim, qual seria a atitude da imprensa perante esses acontecimentos negativos.

D: Eu acho que tem que continuar sendo divulgado porque, por exemplo, o caso da violência contra professores, para chamar mesmo a responsabilidade de todo mundo, das autoridades que têm que agir, da própria comunidade que tem que ter noção de ensinar o filho a ter mais respeito e valorizar o professor que está ali. E apoiar mesmo. Essas notícias estimulam muita gente, fica do lado dos professores quando vêem isso, vêem como a luta está grande e acho que isso tem que continuar sim. Mas tem que ser, como eu disse, com continuidade, não é só fazer a notícia em um dia e acabou.

A: Mas eu acho que estaria muito melhor se a imprensa assumisse esse verdadeiro papel social que ela tem. E trabalhar em conjunto com a educação para melhorar isso. Acho que a imprensa está omitindo isso.

6.2.4. Quando o professor reivindica

Assuntos que geraram amplo debate entre os professores no grupo focal foram as greves e práticas reivindicatórias docentes. Mais uma vez, eles afirmaram que a imprensa convoca estereótipos, silenciam pontos importantes das pautas dos docentes e provocam deturpação de fatos. Além disso, o professor D retoma o argumento de que o jornalismo precisa se aliar às reivindicações dos trabalhadores da educação, por ser um assunto que interessa a toda a sociedade. Em um panorama geral do assunto, os professores avaliaram:

E: Porque eu acho que o professor é colocado sempre como um indivíduo que está sempre à esquerda, assim...

B: Ah é, com certeza.

E: Ele sempre vai estar... A mídia é de direita, ele de esquerda, então nunca vão favorecer quem está na esquerda. Como se todo professor também tivesse essa opção

“eu sou de esquerda”. Não, ele está ali para lutar por direitos, né, melhoria da sociedade e tal. Esse tipo de classificação às vezes bate com a grande mídia. Porque você está lutando, querendo melhorar.

B: Falar em professor e falar assim: “pensa numa cor ligada ao professor”. Todo mundo vai falar vermelho. É mais ou menos por aí.

D: A única coisa que mostra que nós queremos só é a justiça. Justiça pelo nosso trabalho, o que é certo. Igual por exemplo, mais uma crítica contra a imprensa, principalmente a juizforana. Qual a posição que ela ficou com relação à lei do piso? Entendeu? Ela podia ter se posicionado mais...

E: É...

D: Porque isso... a imprensa tem que pensar isso: se melhorar a educação, vai ter mais leitores, que serão de repente mais consumidores do próprio produto da imprensa... Mas não, ela simplesmente parece que fica contra.

E: Geralmente fala que a gente parou a rua, aí tipo assim fica mais preocupada em falar que a gente fez a bagunça do que explicar porque está tendo essa bagunça.

Com um dos recortes de notícias selecionadas para a pesquisa em mãos, o professor E chama a atenção para uma manchete. Ele faz uma crítica sobre a construção textual da matéria jornalística, que evidencia uma orientação do jornal para interpretações sobre os professores em greve (o caso dos docentes municipais).

E: Olha só essa matéria, eu sou o professor mais novo aqui da turma. Toda greve foi campanha salarial? Professor não entra em greve só por campanha salarial. Mas colocam lá “campanha salarial: professores iniciam primeira greve”. É até uma discussão enorme, a gente está querendo turmas menores para o aluno estudar melhor, precisamos de recursos na escola, mas a conotação é campanha salarial.

D: A gente que trabalha com interpretação de texto a gente vê que isso aí coloca a população contra o professor.

E: Posso implicar de novo com essa matéria? Professor de português que sou eu e D também: “docentes na rede municipal iniciam hoje paralisação por tempo indeterminado e atingem 42 mil alunos”. Ou seja, falou da questão negativa. “Prefeitura de Juiz de Fora diz que está aberta ao diálogo”.

A: Aí ta vendo? Ferra o professor e enaltece a Prefeitura.

E: Eu acho que é exatamente tipo... Eles estão ali para atrapalhar os alunos, mas a Prefeitura está tentando ajudar. Tem que ter cuidado com esse texto porque senão infelizmente você não está informando, você está criando uma desinformação para a sociedade. É isso que vejo muitas vezes com a educação, não se explica as coisas, não estica o debate.

Ainda em relação à prática reivindicativa, os participantes do grupo focal analisaram o papel da comunicação sindical nesse contexto. Ao mencionar os hábitos midiáticos, a professora A avalia a finalidade dos boletins sindicais enquanto disputa pelas imagens sociais dos docentes. Do grupo, A e D são sindicalizados e dizem receber e acompanhar as notícias das entidades (dos professores municipais e estaduais no caso de D). Em relação ao papel dessas informações na

representação da docência, A, que discursa de forma mais incisiva sobre essa questão, diz que é contemplada. D e E expõem algumas possibilidades de mudanças a partir da comunicação sindical.

A: (...)eu acredito no sindicato e acho que é o que a gente tem pra nos unirmos e lutar pelo que a gente acredita, uma educação de qualidade que vai melhorar a educação dos filhos dos trabalhadores. Porque na verdade quem está na escola pública são os filhos dos trabalhadores se a gente não lutar por eles... e através do sindicato que nós vamos nos fortalecer enquanto categoria.

D: Voltando para o meio da comunicação, a panfletagem, o Sinpro usa muito esse método. Em vários bairros, levando informações para as pessoas através da distribuição desses panfletos, isso aí ajudou. Porque não ficou só no meio dos professores, distribuiu para toda a comunidade. Então isso é importante. Então eu acho que o sindicato deve usar esse recurso: não apenas mandar os jornais para as escolas como também fazer um informativo para a comunidade.

E: Se o sindicato hoje quiser, uma força, ele tem que usar esse canal de comunicação para chegar à sociedade. O que está acontecendo é que as greves estão se desgastando porque parece uma coisa do professor ali. A greve não é uma coisa do professor, é da sociedade. Porque a qualidade da educação envolve toda a sociedade.

6.2.5. Escolas públicas e escolas privadas

A diferenciação entre a escola pública e a particular envolve uma análise mais complexa sobre o sistema educacional e os professores presentes nas duas redes, diferente do que tem sido feito pelos noticiários. O professor B apontou para o fato de que uma grande parte de professores trabalha nas duas redes, como o seu próprio caso. Já o professor E lembrou que há uma centralização de políticas educacionais e normativas escolares que norteiam as duas redes, igualmente. Os comentários suscitaram o debate sobre como a imprensa representa as duas realidades, apontando diferenças para características bastante semelhantes. Uma delas é a competência e o preparo do professor.

B: Estou eu aqui que trabalho no São Benedito, Benfica e Igrejinha e trabalho em três escolas particulares. Mesmo professor que está lá está aqui.

E: Livro didático muitas vezes é o mesmo, utilizado na escola pública e na escola particular. No geral o que se tem numa escola particular a mais tem um laboratório, uma sala de vídeo, mas muita coisa é sala de aula. É quadro, professor falando e aluno.

A: Cuspe e giz.

E: O famoso cuspe e giz.

B: Será que o professor que dá aula em uma escola particular, uma aula em certo nível, quando vai dar aula na escola pública ele se “emburrece” no meio do caminho? Na hora em que está indo para a outra escola ele vai ficando burro no meio do caminho? Isso não existe. É o mesmo professor.

Os professores analisam que a imprensa constrói uma imagem negativa da escola pública a partir dos relatos de violência, indisciplina de alunos e falta de professores preparados. Segundo eles, o problema é o mesmo em todo o sistema educacional, portanto o ensino particular vivencia muitas das dificuldades da escola pública. Porém, a escola particular não é representada nos noticiários a partir dessas problemáticas.

E: É, mas aqui [na notícia impressa] tem um trecho: violência na escola particular também existe, só que não é divulgada. Imagina se um Granbery da vida, um Jesuítas da vida começa a falar que pegaram alguém fumando maconha lá...

D: Eu acho que o problema é geral.

E: Metade dos pais vão lá reclamar. Ou resolve isso ou tiro meu filho daqui.

6.2.6. As concepções da própria identidade e dos tempos pós-modernos

A conversa caminhou para um debate mais profundo sobre a identidade docente e as questões que giram em torno deste conceito na atualidade. Assim como, demonstraram as teorias da área da educação, os professores entendem que há um acúmulo de funções burocráticas, direcionadas para o trabalho docente. Além disso, uma sobrecarga de funções educativas que extrapolam os limites da escola, principalmente quando se trata de buscar soluções para os casos de violência. Assim, os professores começam a questionar como cumprir papéis básicos da docência com tantas atribuições na atualidade.

E: (...) O problema do professor é que se ele fala assim “aquele rapaz ali está envolvido com tráfico de drogas”, vai ter que se expor demais...

B: Não era para ser nossa função... as coisas estão muito mudadas ali... [sobre aluno que acende cigarro de maconha em sala de aula]

E: A pior parte não é o aluno na escola, o aluno é a melhor parte. O problema é que você tem que lidar com vários ao mesmo tempo e muito problema...

D: É muito problema: a burocracia, leis injustas...

B: Se dar aula fosse só dar aula, né...

E: Você está desempenhando muitos papéis e talvez a gente nem foi preparado. A gente não é psicólogo, muitas vezes temos que ser psicólogos. Serviço social, vamos tendo fazer isso.

B: A gente não tem tempo de conhecer [os alunos]. Eu nem tenho ideia de quantos alunos eu tenho.

E: Se você tiver condições de ter mais afetividade com seus alunos você tem condições de transformar mais a vida deles.

Os docentes apontam que há pouca influência da mídia nas concepções que têm de si e do seu papel social. O maior poder sobre a identidade, segundo demonstram os discursos, é exercido pelo conhecimento e experiência profissional. Já em relação ao que a sociedade pensa sobre os professores, os participantes do grupo dizem acreditar em uma grande influência, demonstrando o entendimento de que, para estas pessoas, a realidade é construída pela mídia (nesse momento do debate, só estavam presentes B, D e E).

D: (...) Não vou mudar minha consciência por causa da imprensa. Pelo contrário: a escola tem que mudar a consciência de alguns jornalistas na minha opinião.

E: Eu vejo os alunos... Os alunos ainda pegam muito o que a imprensa fala, né.

D: E a imprensa fala muito que, de todos os profissionais de ensino superior, o que recebe pior é o professor. (...)Por isso que os alunos, quando eu faço uma pesquisa com eles sobre quantos querem ser professores, quase todo mundo fala que não quer ser. E eles citam os motivos: baixos salários, falta de respeito da sociedade, dentro da sala de aula que o professor sofre essa falta de respeito, um monte de problemas eles citam.

O debate chega ao seu último ponto: os docentes falaram sobre o papel social da imprensa; eles foram então questionados sobre qual é o papel social do professor. O participante D conceitua como a “transformação das vidas”, tanto no sentido de aquisição de conhecimento científico quanto na formação de seres humanos melhores. Já o participante E pontua que, como o conhecimento adquirido pelo professor não é dele, é social, seu papel é transmiti-lo. Sendo que, deve formar o indivíduo independente e não um reproduzidor de pensamentos, já B diz que o papel do professor é formar um cidadão crítico, que tenha papel na sociedade.

Verificamos que os três professores se basearam nas condições transformadoras da educação tanto para descrever seus papéis sociais nas atividades pontuais, no dia-a-dia da docência, quanto em compromissos de construir novas realidades e condições sociais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa permite-nos considerar que o jornalismo cumpre papel determinante na representação identitária docente. Em primeiro lugar, a educação é uma área historicamente e convencionalmente de interesse público, cujos debates deveriam envolver toda a sociedade. Em segundo lugar, são atribuídas à educação as funções de geração do conhecimento científico, promoção do desenvolvimento e também da socialização dos indivíduos. Nesse sentido, importantes valores-notícia do jornalismo estão envolvidos nessa concepção educacional, levando os jornais a pautar os acontecimentos dessa grande área ou temática cotidianamente. Da mesma forma, os docentes, enquanto protagonistas dos projetos educacionais, têm suas realidades e identidades marcadas pela construção noticiosa.

Estes fatores podem ser percebidos em nível nacional, na cobertura realizada pela grande imprensa. Como também em nível local, neste caso, no noticiário escolhido para a análise, do jornal impresso de Juiz de Fora *Tribuna de Minas*. O jornal se sobressai em relação a outros impressos e também a outros veículos de comunicação da cidade no tocante à apresentação de um noticiário educacional. Verificamos que a *Tribuna de Minas* produz um volume considerável de textos e imagens sobre essa temática, e por isso evidencia a importância do assunto “educação” em sua política editorial. Percebemos que, nos meses de realização da pesquisa, foi possível coletar quase que diariamente notícias sobre educação e também sobre a docência.

O jornal impresso analisado não tem uma editoria exclusiva sobre educação, por isso as notícias são enquadradas nas mais variadas seções do veículo de comunicação, conforme as abordagens. Percebemos uma predileção por enquadramentos na área político-econômica, pelas problemáticas relacionadas à escola pública e seus docentes, além do uso frequente do gênero informativo. A fala governamental, sobretudo o Executivo Municipal, está sempre presente. É aquela que apresenta a solução, o novo projeto, os argumentos políticos, o resultado da avaliação, a busca pelo consenso, etc. Os sindicatos de professores são fontes frequentes, mas quase que exclusivamente quando o assunto envolve os manifestos e as condições de trabalho docente nas escolas e universidades. Em contrapartida, os professores são sempre os personagens de uma série de notícias negativas sobre a educação da atualidade. Dificilmente, são as fontes

especializadas da educação, os que propõem saídas para as dificuldades ou mesmo interpretações para os fatos relacionados diretamente a eles.

Percebe-se também que o cenário educacional é construído pelo noticiário da *Tribuna de Minas* como um mosaico dentro do jornal. Conforme cada abordagem escolhida, os acontecimentos são fragmentados em políticos, econômicos, culturais, questões do cotidiano da cidade, etc. Observamos que, em algumas pautas, essa fragmentação distancia pontos que, numa visão geral, estão correlacionados no debate educacional. Como por exemplo, problemas estruturais das escolas e casos de violência são abordados na editoria “Geral” enquanto as reivindicações dos docentes, com base nesses mesmos problemas, são pontuadas na “Política”. As campanhas salariais, nesse caso, ficam também desarticuladas de toda uma contextualização do trabalho docente na cidade e no estado, tratadas como notícias específicas da “Política”. Verificamos que o grupo focal observou essa compartimentação da pauta educacional.

O ideal de figuração apresentado pela *Tribuna de Minas* nas notícias sobre educação e docência girou em torno do poder Executivo. Os textos priorizaram questões do bom funcionamento do município, traduziram o jornalismo de serviço e beneficiaram as concepções da educação com base nas normativas e determinantes estatais. É sobre esse modelo educacional que, em grande parte das matérias selecionadas, a identidade docente foi representada.

É possível afirmar também, que a *Tribuna de Minas* divulga um número considerável de notícias sobre práticas educacionais transformadoras, se comparada a outros veículos de comunicação da cidade. Nesse ponto de vista, professores ganham voz para apresentar seus projetos, suas pesquisas, iniciativas e práticas inovadoras, o que é colocado em evidência no debate público. Porém, o número de notícias com essa temática é bem menor se comparada à inserção das imagens da docência nas questões políticas e estruturais da escola pública.

As imagens sociais da competência dos professores, do preparo e da docência enquanto agente de transformação social também tiveram como base as concepções do bom funcionamento da educação: o desenvolvimento dos alunos, aprovações nas seleções, nas avaliações do ensino e o bem-viver em sociedade. Por outro lado, o jornalismo de serviço proposto pela *Tribuna de Minas* construiu discursos sobre o movimento docente, mostrando imagens negativas deste tipo de protesto. Se esta área é vista como um serviço essencial a ser prestado à sociedade, atendendo à dinâmica municipal, estadual ou mesmo federal, a paralisação do serviço provoca tensões nas

representações identitárias dos docentes, cuja imagem foi construída com base na missão nobre de atender às demandas sociais.

Verificamos no decorrer da pesquisa como as teorias, os resultados das análises de conteúdo e as falas dos professores participantes do grupo focal se convergem. Os participantes debateram as problemáticas do jornalismo, as questões referentes ao “mal-estar docente” na contemporaneidade e várias questões sobre a representação das identidades exercida pelo campo midiático. O debate proporcionou ainda um encontro das teorias da educação com as críticas sobre a cobertura noticiosa nos discursos dos professores.

Em relação às análises de conteúdo (enquadramentos e categorias de identidade), verificamos como o imaginário construído sobre a docência em nosso país está colocado na dinâmica dos noticiários. Ficaram evidentes as produções textuais que remetem à necessidade do sacrifício dos professores no exercício do seu trabalho e a adaptação aos parâmetros curriculares, inúmeras vezes apresentados sem avaliações e interpretações.

Ao apresentar as práticas docentes, os noticiários colocam como responsabilidades e atributos dos professores uma série de demandas para inovação do ensino, transformação social e cidadania, construindo, para a escola, uma realidade educacional que nem sempre pertence à sua esfera. Já quando os assuntos são as práticas reivindicativas, as notícias reforçaram as imagens do desprestígio e do professor “vítima” do sistema: o profissional que, sem autonomia, não consegue avançar em muitas de suas pautas. O ideal de heroísmo do professorado, daquele que se sacrifica, mas conquista, ficou no passado.

Apesar de alunos e pais serem entrevistados nas reportagens, as pequenas notícias sobre a docência trouxe muitas vezes um discurso unilateral: a Prefeitura e o Estado de um lado e, do outro lado, o sindicato. Os professores, os estudantes e a comunidade muitas vezes não “ganharam voz” para analisar os acontecimentos e o cotidiano escolar juiz-forano. Não se produziu, a partir de suas falas, panoramas e desdobramentos das notícias.

Logo, concluímos que várias notícias analisadas nessa pesquisa reforçam o que poderes instituídos fazem em relação ao professorado: constroem uma realidade de vitimização docente, de desproteção e desprestígio. Os professores acabam sendo vistos como profissionais que reivindicam a todo o momento e lançam greves longas que prejudicam os alunos e pais. A escola pública é representada como um espaço de carências, sem proporcionar incentivos ou o sentimento de orgulho em pertencer a esta rede educacional. Sobre a escola particular, nada de

ruim se vê nos noticiários. A violência, pelo que ficou demonstrado, é uma temática recorrente, que passa pelos filtros das produções jornalísticas e vem ditando o valor-notícia da educação.

Apresentamos, portanto, a pergunta que nos foi posta durante o desenvolvimento da pesquisa: qual é o modelo de jornalismo que atenderia à dinâmica educacional e não repetiria o descaso dos poderes instituídos junto aos docentes? Como não ser um construtor do “mal-estar” que marca a identidade do professorado atualmente? As práticas tradicionais do jornalismo e o gênero informativo (no contexto de valorizado dos noticiários enxutos e objetivos) é o adequado para tratar as questões da educação e dos professores?

Inicialmente, resgatamos algumas falas dos participantes do grupo focal que cobraram medidas como “a imprensa tem que colaborar com a educação”, “deve estar mais presente”, “mostrar os pontos positivos” e “não distorcer os fatos”. Os noticiários fornecem pouca informação contextualizada sobre a educação. Logo, auxiliaram na pouca participação de toda uma sociedade nos projetos de transformação do ensino.

Parece-nos condizente apontar, como uma resposta para as sugestões apontadas pelos professores, um noticiário mobilizador, que entenda a educação como uma grande causa nacional. Assim como são as notícias de campanhas que convocam os valores do nacionalismo (como as eleições e os esportes), as que dizem sobre direitos humanos e sobre solidariedade (como as mais variadas doações). As matérias jornalísticas destas temáticas são construídas com base em um texto convocatório, uma contextualização dos fatos e uma alimentação constante de informações (repercussões), com vistas a fazer dos leitores participantes de uma grande causa.

O jornalismo, assim como a educação, enquanto instituição ícone da modernidade precisa repensar alguns de seus valores para atender à cidadania do século XXI. Esta pesquisa oferece algumas provocações, para que jornalistas e empresas jornalísticas repensem o seu poder na socialização. Sobretudo para mudar o contexto de várias acusações pelo fato de construir uma realidade deturpada, repleta de silenciamentos e baseada em estereótipos. O jornalismo, portanto, precisa se voltar para o seu papel educativo e, assim, para uma localização renovada da temática em seu estatuto e nos instrumentos de imprensa. Deveríamos ter, como referência, um jornalismo mediador entre os cidadãos e a política educacional desejada, com a docência tratada enquanto promotora de cidadania. Principalmente, voltar os olhares do jornalismo para sua capacidade de direcionar interpretações e valores cotidianamente.

Nossa proposta é que a mídia, de maneira geral, contribua para a construção de um verdadeiro espaço público, em que possa oferecer compreensões sobre a educação e a docência que não sejam as que temos hoje, com base em silenciamentos e estereótipos negativos dos professores e suas práticas reivindicatórias. Mas que, pelo contrário, possa ampliar os seus ciclos de identificação com a docência colaborando, assim, para o alcance da transformação social tão almejada por professores e jornalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal/Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.
- CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Maria Eugênia Balczak. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. In: **Informação & Sociedade: Estudos**. v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002621&dd1=a0003>>. Acesso em: 7 jan. 2013.
- DOLL JR., William E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DUBAR, Claude. **A socialização**. Construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.
- FERNANDES, Livia. **As manchetes na história da Tribuna de Minas/ Juiz de Fora – MG**. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom Júnior. Rio de Janeiro, 2005, 12p. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142942587485891836485365395138343351106.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, Antônio Francisco Ribeiro de. Imprensa portuguesa constrói imagem negativa da profissão docente. In: **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, v.1, n.1, p.207-222. Disponível em:
<<http://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/251/216>>. Acesso em: ago. 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, v. 16, n. 46, p. 235-274, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. In: AMARAL, Márcia F. (org). **Olhares sobre o jornalismo: a contribuição de Adelmo Genro Filho**. Santa Maria: Facos, 2007. pp. 79-102.

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e identificação**. Ressonâncias no Jornalismo. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desornamentos. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

JACKS, Nilda. **Abordagem sociocultural**. In: JACKS, Nilda (coord.). Meios e audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp. 25-60.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa: Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MACEDO, Elizabeth. Formação de professores e diretrizes curriculares nacionais: para onde caminha a educação? **Revista Teias**, v. 1, n.2, jul-dez 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/29/31>>. Acesso em: ago. 2013.

MALDONADO, Alberto Efendy (et. al.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades identidades, alteridades: mudanças e opacidade da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo**. Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MENDES, Gláucia da Silva. **A naturalização do atraso: os noticiários de El Universal e O Globo sobre o governo Hugo Chávez e as projeções identitárias sobre a América Latina**. 234p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

MONTEIRO, Gabriel Ferreira; GONÇALVES, Gean Oliveira. **Educar ou informar: dilemas do jornalismo educacional nos jornais de São Paulo**. In: Anais do II Fórum de Pesquisa do Centro de Comunicação e Letras. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Pesquisa_e_Extensao/EDUCAR_OU_INFOMAR_DILEMAS_DO_JORNALISMO_EDUCACIONAL_NOS_JORNAIS_DE_SAO_PAULO.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2013.

MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

NACARATO, Adair Mendes; VARANI, Adriana; CARVALHO, Valéria de. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... Abrindo as cortinas. In: FIORENTINI, Corinta Maria Grisolia Geraldi, PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **Cartografias do trabalho docente: professor (a) – pesquisador (a)**. Campinas: Mercado de Letras, 2 ed., 2011.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2004. pp. 15-53; 115-136.

NÓRA, Gabriela. **Sobre a consolidação do modelo de editorias nos jornais impressos**. In: Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia. Niterói-RJ, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Sobre%20a%20consolidacao%20do%20modelo%20de%20editorias%20nos%20jornais%20impressos.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (org). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

ORSO, Paulino José. A educação na sociedade de classes: possibilidades e limites. In: ORSO, Paulino José, GONÇALVES, Sebastião Rodrigues, MATTOS, Valci Maria. **Educação e lutas de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa & MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp. 51-70.

PARK, Robert. Notícia e poder da imprensa. In: BERGER, Christa & MAROCCO, Beatriz (orgs). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp. 71-82.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António(org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

SANGLARD, Fernanda Nalon. **A representação da política no Jornal Nacional e a construção das identidades políticas dos jovens juiz-foranos**. 146p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, TomazTadeu da (org), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Dênis (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARRDIF, Maurice. O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise. In: TARRDIF, Maurice. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil**. Representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional. UNESCO, São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>>. Acesso em: set. 2013.

WOODS, Peter. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

APÊNDICE A

Levantamento das notícias relacionadas à educação e aos professores entre os meses de fevereiro e junho de 2013 (amostragem):

Mês de fevereiro de 2013

Notícias relacionadas diretamente à categoria docente (selecionadas para a análise de conteúdo)

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
UFJF abre 366 vagas em licenciaturas	1/02/13 – Geral p.4	Inscrições para licenciatura a distância em física, ciência da computação, educação física, matemática e química.
Professor volta às aulas com liminar	1/02/13 – Política pág.9	Professores ganharam liminar que garante o exercício de 1/3 da jornada em atividades extraclasse, com base na Lei do Piso.
Aulas na PJJ começam com paralisação por 1/3 CAPA: Aulas na PJJ começam com paralisação de professor	6/2/13 – Política pág. 7	Parte dos educadores conseguiu na Justiça a liminar de 1/3, portanto já estão fazendo horário especial.
Professores ameaçam fazer greve em março CAPA: Professores da PJJ ameaçam greve em março	7/2/13 – Política pág. 7	Aprovado indicativo de greve para 1º de março.
Parecer ameaça 98 mil em Minas	7/2/13 – Política pág. 7	Divulgado parecer de inconstitucionalidade da Lei Complementar 100/2007, que efetivou funcionários contratados em MG (inclusive professores).
Presos terão cursos técnicos	8/2/13 – Brasil pág. 11	Cursos do Pronatec serão oferecidos para 90 mil presos. Governo prevê investimentos para a contratação de professores nas escolas técnicas federais e estaduais.

Nova espécie de sapo localizada no Parque da Lajinha	12/2/13 – Geral p. 3	Professora do ICB/UFJF coordenou projeto de pesquisa sobre anuros, que são animais indicadores da qualidade do ambiente.
Servidor faz ato por lei 100	16/02/13 - Política Pág. 5	Protesto de servidores da educação pela lei de regularização da situação funcional.
JF faz encontro para capacitar educadores	16/02/13 - Geral Pág. 4	Cidade realiza o Seminário de Formação de professores do pacto nacional pela alfabetização.
Ameaça de greve adianta campanha CAPA: Bruno pode enfrentar 1º greve de servidores	24/02/13 – Política pág.9	Lei do piso, que ainda não é cumprida integralmente no município, pode levar categoria à greve.
Escrita sem seguidores Inter título: Ineficiência do sistema educacional	24/02/13 – Dois pág.1 inteira com continuação na pág. 4	Estudo da literatura de ficção nacional, sob o ponto de vista do índice de leitura no Brasil. Discutido também o papel dos professores nessa questão.
Escolas investem no ensino do xadrez	24/02/13 – Geral pág. 6	Ensino do xadrez e seus resultados na aprendizagem, a partir da avaliação de alunos e professores.
TJMG suspende liminar de 1/3 CAPA: Suspensas liminares que dão 1/3 para professor	27/2/13 – Política pág. 5	Prefeitura consegue barrar, na Justiça, o horário para tarefas extraclasse dos professores.
Corte de 25% no orçamento do HU CAPA: Com orçamento cortado, HU reduz atendimento	28/02/13 – Geral pág. 3 – topo	Anúncio da UFJF sobre suspensão de recursos do MEC. Apesar de não ter sido ressaltado na matéria, afeta condições de trabalho de professores e alunos, pois se trata de um hospital-escola.
PJF propõe 1/3 para ano que vem CAPA: Bruno quer 1/3 para professor só em 2014	28/02/13 – Política pág. 5 – centro	PJF apresenta proposta durante mesa de negociação com o SinproJF.

Notícias em que professores são personagens

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Arte lúcida	5/2/13 – Dois p. 6 - completa	Matéria sobre a artista Anna Bella, que é professora no ateliê do Museu de Arte Moderna do RJ.
Golpista presa após levar R\$ 380 mil de médica CAPA: Ameaçada, médica entrega R\$ 380 mil a professora	6/2/13 – Geral p. 3	A suspeita de estelionato vinha exercendo a função de professora particular dos filhos da médica.
Extorsão contra médica pode ter mais envolvidos	7/2/13 – Geral p. 4	Novos depoimentos no caso de estelionato (suspeita exercia cargo de professora).
Um espaço de formação	7/2/13 – Dois p. 1 – completa	Professora da UFJF (nova diretora do MAMM) fala das medidas tomadas para a administração do museu.
Rumo a BH	14/2/13 – Cesar Romero - p. 4	Professor assume cargo de catedrático titular da PUC Minas.
Escritos de um poeta sonhador	17/02/13 – Dois p. 4	Sobre docente Sandro Mendes, que também é escritor.
Cotação alta	17/02/13 – Cesar Romero - p. 2	Prof. de Educação Física teve trabalho aprovado para Congresso.
Ponto de vista	17/02/13 – Cesar Romero - p. 5	Resposta de professores a uma nota sobre odontologia.
Mestre com carinho	17/02/13 – Tevê p. 3 – pág. inteira	Personagem professor em Malhação.
Justiça manda escola indenizar pai de ex-aluna	20/02/13 – Geral p.4	Escola condenada a pagar por danos morais ao pai de aluna esquecida dentro da instituição.
“Plá” em Barbacena	20/02/13 – Cesar Romero - p.5	Profa. Leila Barbosa faz palestra sobre médicos escritores.
Biólogo e músico	20/02/13 – Cesar Romero - p.5	Proposta para integrar corpo docente da UFRN.
Nome antigo ainda prevalece em avenida	21/05/13 – Geral p. 5	Reportagem traz enquete e entrevista com professora da UFJF, Christina Musse.
Detentos fazem rebelião em Contagem	22/02/13 – Geral p. 10	Professora foi feita refém.
E mais...	22/02/13 – Cesar Romero - p. 5	Comentário do professor Márcio Guerra.
50 anos de teatro	22/02/13 – Cesar Romero - p. 5	Livro sobre os 50 anos de teatro do professor e diretor José Luiz Ribeiro.

Luis Krausz vence prêmio Benvirá	22/02/13 – Dois p.6	Premiado é professor de literatura da USP.
Termina rebelião em Contagem	23/02/13 – Brasil p. 8	Professora feita refém pelos presos foi libertada.
Mais obras	23/02/13 – César Romero - p. 5	Reitor da UFJF, prof. Henrique Duque, anuncia investimentos no C.A. João XXIII.
Entre os melhores	23/02/13 – César Romero - p. 5	Artigo de professores selecionado para jornal latinoamericano de informática.
No Voo Livre	23/02/13 – César Romero - p. 5	Diretor anuncia novos professores para a Faculdade de Administração da UFJF.
Palestra e livro	24/02/13 – Cesar Romero - p.2	Divulgação do livro sobre Mandado de Segurança, escrito pelo professor Paulo Medina.
FOTO – Leila Barbosa e Marisa Timponi	24/02/13 – César Romero - p. 3	Professoras ao lado da sobrinha do escritor Murilo Mendes.
A evolução do Barroco	26/02/13 – Dois p. 4	Professor lança livro sobre história, costumes e arte.
Voo livre	27/02/13 – Cesar Romero - p. 5	Professora do CES inaugura, com alunos, mostra de maquetes.
Educação ambiental	28/02/13 – Cesar Romero – p. 5	Apresentação de Lucimar Brasil sobre o Paraibuna na UFJF.
Voo Livre	28/02/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora estreia aulas de dança.
Voo Livre	28/02/13 – Cesar Romero – p. 5	Sobre a pesquisa de aluna e também professora orientada pelo prof. Márcio Guerra.

Notícias em que professores são fontes especializadas em algum assunto:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Ministério Público apura perturbação do sossego	3/2/13 – Geral p. 3 – inteira	Professor aposentado do depto. de neurofisiologia da UFMG e autor de estudo sobre importância do sono defende que quem não dorme bem tem criatividade afetada e se relaciona mal.
Cesta regional custaria 2,3% a mais	3/2/13 – Economia p. 5 – inteira	Professor e pesquisador do Cândido Tostes fala o quanto derivados do leite são nutritivos e característicos de MG.
Preço de serviço sobe até 12,5% na cidade	7/2/13 – Economia p. 5	Professor de finanças diz que efeito é natural e inflação pressiona toda a cadeia.

Novatos marcam território na Câmara	10/2/13 – Política p. 8 - inteira	A formação dos eleitos seria de grande valia para a atuação parlamentar e política, segundo professores e cientistas políticos.
Papa se diz incapacitado e renuncia	12/2/13 – Mundo p. 6	Professor da UFJF e teólogo classificou pontificado como intransigente e pessimista.
Serrinha bate marca de cem mil passageiros	14/2/13 – Economia p. 3	Professor de Engenharia de Transportes diz que para suportar a demanda deve haver boas condições de infraestrutura.
Caramujos africanos no Bairro Santa Rita	15/2/13 – Geral p. 3	Professora de Ciências Biológicas alerta para o fato dos caramujos serem vetores para bactérias e fungos, causando doenças.
Shopping popular ainda polêmico	15/2/13 – Economia p. 5	Professor da UFJF acredita que a melhor opção é mesclar barracas nas ruas e shopping.
Desgaste em pontes revela abandono	17/02/13 – Geral p. 3 – pág. completa	Opinião do professores da Engenharia da UFJF.
Região leste predomina na Câmara	17/02/13 Política p. 5	– Sobre a eleição de vereadores com votos específicos por regiões de JF, na avaliação de professor da UFJF.
JF tem a 6° gasolina mais cara de Minas	20/02/13 Economia p. 5	– Opinião do economista e professor da Fiap.
Referência sólida	24/02/13 – Dois p. 5 - inteira	Professoras de História da Arte da UFJF falam da obra “Tiradentes supliciado”.

Notícias em que o assunto é Educação:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Lista de livro chega a R\$1.996	1/02/13 – Economia p.3	Levantamento de preços realizado pela Tribuna.
Aulas começam hoje em parte da rede municipal	1/02/13 – Geral p.4	Agentes de trânsito retomam trabalho nas portas das escolas.
UFJF apresenta projeto cultural à PJF	1/2/13 – Dois p.4	Salas e museus para abrigar materiais de conhecimento das ciências naturais e humanas.

35% ausentes na segunda chamada do Sisu	2/2/13 – Geral p. 5	Prazo para efetivação de matrículas e casos de desistência.
João XXIII abre edital com 72 vagas	2/2/13 – Geral p. 5	Vagas para EJA e inscrições.
Volta às aulas amanhã impacta trânsito de JF	3/2/13 – Geral p. 4	Esquema especial da Settra para reduzir transtornos.
Volta às aulas tem baixo impacto nas ruas	5/2/13 – Geral p. 3	Somente pequenos gargalos em frente às escolas
Sisu tem lista de espera para a UFJF	7/2/13 – Geral p.4	Alunos que não foram aprovados ainda podem conseguir vaga.
Denunciados pelo MP, absolvidos pela USP	7/2/13 – Brasil p. 8	Ocupação da reitoria da USP em novembro de 2011: processo administrativo absolveu alunos.
Um espaço de formação	7/2/13 – Dois p. 1	Nova diretora do MAMM anuncia projetos que vão aproximar as escolas do museu.
SRE pode ter nova sede na cidade (capa) JF pode ganhar nova sede para a SRE	8/2/13 – Política p. 9 – sup. Dir.	Governo do Estado sinaliza recursos para a Superintendência Regional de Ensino.
Matrícula segue até o dia 19 em creches municipais	8/2/13 – Geral p. 5	Mais de cem famílias contempladas ainda não efetuaram a inscrição.
Escola municipal permanece sem aulas no Santo Antônio	8/2/13 – Geral p. 5	Escola ficou alagada após últimas chuvas, o que causou danos a seus materiais.
Emprego atrai estudantes estrangeiros	12/2/13 – Mundo p.5	Pesquisa sobre a procura de cidades brasileiras para estudar.
Vaga escolar para crianças é garantida	15/2/13 – Geral p. 3	Liminar permite entrada de crianças no ensino fundamental (6 anos).
Travessia vai ser reativado	15/2/13 – Geral p. 3	Banco Travessia oferece poupança a famílias carentes que retornam aos estudos.
Mão Amiga arrecada material escolar	15/2/13 – Geral p. 3	Para crianças e adolescentes das famílias assistidas.

Projeto de informática oferece 118 vagas	15/2/13 – Geral p. 4	Proex da UFJF oferece cursos de edição de documentos, planilhas e Internet.
Chuva muda rotina de escolas, clube e comércio em SP	16/02/13 – Mundo (Pelo Brasil) p. 8	Colégios ficaram sem aulas devido ao temporal.
Vagas no campus de Valadares	16/02/13 - Geral p. 4	Inscrição para o vestibular.
Merenda saudável ajuda escola	17/02/13 – Geral p. 4	Proibição de venda de merenda com alto teor calórico e opinião de nutricionistas.
Settra e PM realizam campanha educativa	17/02/13 – Geral p. 4	Cuidados básicos para segurança.
Mercado de beleza atrai novos empreendedores	17/02/13 – Economia p. 7	Sobre a busca por cursos profissionalizantes, na avaliação de profissionais do Senac.
62% apoiam cotas para alunos negros, pobres e da escola pública, diz Ibope	17/02/13 – Geral p. 8	2 em cada 3 brasileiros são a favor das cotas.
Vivências teatrais	17/02/13 – Dois p. 3	Cursos de teatro do Grupo Divulgação para estudantes.
Pelotão faz alerta na volta às aulas	19/02/13 – Geral p.3	Pontos de retenção nas ruas com a volta às aulas.
Polêmica com nome de escola	19/02/13 – Geral p.3	Insatisfação com a mudança de nome de escola no bairro Bairu.
Sisu: listas de espera já são divulgadas	19/02/13 – Geral p.3	Convocação dos candidatos da espera.
Matrículas em creches municipais até hoje	19/02/13 – Geral p.3	Divulgado prazo para matrículas.
Abertas inscrições para 175 novas vagas do Pronatec	19/02/13 – Economia p.7	Programa de Acesso ao ensino técnico.
Justiça manda escola indenizar pai de ex-aluna	20/02/2013 – Geral p. 4	Criança ficou na escola após horário, trancada.
Evento discute filosofia e educação	21/05/13 – Geral p. 4	Sobre a XIV Semana de Filosofia do Seminário Santo Antônio.

Ministério da Educação descredencia do ProUni uma em cada cinco faculdades	21/05/13 – Mundo “Pelo Brasil” - p.9	Por falta de quitação de tributos e contribuições federais, instituições foram descredenciadas.
Conchas de todo o mundo	21/05/13 – Dois p. 3	Visitas de alunos de escolas municipais e estaduais ao Museu de Malacologia da UFJF.
Bom exemplo	21/05/13 – Dois p. 5	Trote na Engenharia é de doações de sangue e alimentos.
Parceria Internacional	21/05/13 – Dois p. 5 – César Romero	Intercâmbio da Suprema com Universidade de Miami.
Estudos e viagem em Portugal	22/05/13 – Dois p.4 – Diário de Bordo	Sobre as experiências do doutorado sanduíche em Portugal.
História de JF	22/05/13 –Dois p. 5	Sobre a criação de um catálogo didático para estudantes.
Conscientização ambiental	23/02/13 – Dois p. 3	Projeto de educação ambiental do Museu Mariano Procópio.
Pism: UFJF divulga notas do Módulo III	26/02/13 – Geral p. 3	Gabaritos podem ser acessados pela Internet.
IF Sudeste libera lista de aprovados	26/02/13 – Geral p. 3	Nomes divulgados no site da instituição.
Cursos do Pronatec adiados começam em março	26/02/13 – Economia p. 7	Alunos terão que confirmar matrícula.
UFJF abre pós-graduação em direito do consumidor	26/02/13 – Economia p. 7 – Etc. esq. centro	Curso busca qualificar para diferencial no mercado.
UFJF tem 329 vagas disponíveis	27/02/13 – Geral p. 4	Vagas ociosas para entrada de estudantes no 1º semestre de 2013.
Federal terá que matricular estudante	27/02/13 – Geral p. 4	Aluno passa no Enem mesmo sem ter completado o ensino médio e vai à Justiça para se matricular.
Encantadores de histórias	27/02/13 – Dois p. 3	Curso oferecido pela Funalfa para professores e bibliotecários.
Arte e Educação	28/02/13 – Dois – p. 6	Museu de Arte do RJ inaugurado com proposta pedagógica.

Artigos, cartas, entre outros textos opinativos que tratam da educação e da docência

Título do artigo	Dados da edição	Resumo
Recomeçar: uma grande lição	5/2/13 – Opinião p.2 - Artigo	Professora assina artigo sobre Educação e o retorno às atividades, sempre um recomeço.
Começa 2013	14/2/13 – Opinião p. 2 – Editorial	Entre os desafios para a cidade, “... um deles é o impasse com os professores, cuja categoria tenta inaugurar a primeira greve de 2013”.
Parlamento e sociedade	15/2/13 – Opinião p. 2 - Artigo	Dados sobre acesso à educação, creches e escolas.
Nossos rios	19/02/13 – Opinião p.2 - Artigo	Artigo de um professor sobre o problema das inundações e a convivência harmônica com os rios.
Descaso: Precariedade das pontes revela abandono em que se encontram equipamentos públicos	20/02/13 – Opinião p.2 - Editorial	Artigo menciona a falta de valorização do bem público, como na frase: “isso sem falar em postos de saúde, <u>escolas</u> e outras repartições públicas que funcionam em prédios antigos...”.

Mês de março de 2013

Notícias relacionadas diretamente à categoria docente (selecionadas para a análise de conteúdo)

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Estatual diz que HU receberá recursos	1/03/13 – Geral pág. 5	HU não recebe verba suficiente para custeio e docentes criticam a pressão para aderir à EBSEH e a falta de autonomia das universidades.
SEE inicia convocação de aprovados em concurso para professor	1/03/13 – Economia pág. 7	Mais de 11.700 docentes (do estado de MG) serão convocados.
Professor reduz aulas em 5 minutos CAPA: professores reduzem aulas em 5 minutos	2/03/13 – Política pág. 7	Objetivo é pressionar a PJJ, que não cumpre Lei do Piso. Professores também aprovam campanha salarial de 2013.

Mal-estar	3/3/13 – Opinião pág. 2 - Painel	Professora Victória Mello assinou nota sobre salários dos vereadores de JF, dizendo que são os maiores do estado. Vereador e professor Roberto Cupolillo se defendeu dizendo que fica só com o montante correspondente ao seu salário como docente.
Detento aprovado na UFJF	3/03/13 – Geral pág. 4	Vencer preconceitos junto aos professores que dão aulas no presídio.
Preocupação com junção de turmas	7/03/13 – Geral p. 5 – topo esq.	Insatisfação de sindicato e professores com a proposta de junção de turmas do Instituto Estadual de Educação (Escola Normal).
Protesto contra fusão de turmas CAPA: manifestação no centro: estudantes e professores da Escola Normal protestam contra a junção de turmas	8/03/13 – Geral pág. 4	Protesto contra fusão de turmas na Escola Normal sai da Rua Espírito Santo e segue por ruas do centro da cidade.
Corte em aula vai até quarta	9/03/13 – Política pág. 7	Estratégia dos professores municipais como forma de pressão pela imediata aplicação da Lei do Piso em JF.
Salas de aula sem professor CAPA: Alunos à mercê da falta de professores na rede pública	10/03/13 – Geral pág. 3 – inteira	Situação de escolas estaduais e municipais que iniciaram período letivo e ainda estão sem professores. Opiniões de sindicato, alunos, pais, diretores e declarações das secretarias de educação.
Alunos denunciam falhas na estrutura de escolas CAPA: Instalações precárias em escolas estaduais	12/03/13 – Geral pág. 4	Prédios antigos oferecem riscos a professores e alunos.
Estudante mata professora a facadas no interior paulista e é preso	13/03/13 – Mundo pág. 8	Aluno invadiu a sala de professores e matou a docente, por quem era apaixonado.
Acidentes no Grupo Central motivam protesto	14/03/13 – Geral pág. 7	Acidentes com professores e alunos, devido à falta de estrutura nas escolas. Manifestantes denunciam descaso.
Professor da Prefeitura para hoje CAPA: Professores da rede municipal param hoje	14/03/13 – Política pág. 10	Professores reivindicam cumprimento imediato da Lei do Piso, com carga horária destinada às atividades extraclasse.
Alunos se unem em nova reivindicação por melhorias	15/03/13 – Geral pág. 4	Objetivo é chamar atenção para os problemas estruturais das escolas estaduais. Alunos e docentes estão unidos.

Servidor da PJJ abre campanha por 18%	15/03/13 – Política pág. 5	Possibilidade de deflagração do movimento grevista pelos professores municipais.
HU reduz atendimento e fecha unidade	16/03/13 – Geral pág. 7	Verbas federais para custeio não foram enviadas e movimento docente na UFJF está contra a privatização da unidade.
Cobra encontrada dentro de escola	16/03/13 – Geral pág. 7	Sobre problemas estruturais na escola municipal do bairro Ipiranga. Também repercussão dos protestos de alunos e professores das escolas estaduais.
Readequação do HU afeta 33 especialidades	19/03/13 – Geral pág. 5	Fechamento temporário de setores do hospital afeta atendimento e ensino. Professores alegam pressão para aderir à EBSEH, empresa a qual são contrários.
Professores	23/03/13 – Opinião pág. 2 - Painei	Comissão de Educação da Câmara vai discutir problemas das redes municipais e estaduais de educação
PJJ condiciona verba para HU à oferta de serviços CAPA: Prefeitura ameaça cortar 30% de verbas do HU	23/03/13 – Política pág. 3	Sem prestar assistência, Prefeitura ameaça cortar verbas. Residentes pedem adesão à EBSEH, enquanto movimento de professores é contrário.
Alunos tomam ruas do centro CAPA: Centenas de estudantes em protesto	23/03/13 – Geral pág. 5	Estudantes de oito colégios estaduais protestam por melhorias nas condições de ensino (falta de professores e infraestrutura adequada). O ato contou com apoio de professores.
SER convoca professores	24/03/13 – Geral Pág. 4	Aprovados devem se apresentar na Secretaria.
Trabalhador luta por ganho real	24/03/13 – Economia – pág. 5 - inteira	São 50 mil servidores da PJJ em cenário de campanhas salariais.
Escolas estaduais	27/03/13 – Opinião p. 2 - Painei	Vereadores lançam documento a ser entregue ao Governo de MG por melhor infraestrutura e mais professores.
Definição sobre o HU só na próxima semana	27/03/13 – Política pág. 5	Fechamento de leitos interfere no ensino; residentes querem adesão à EBSEH como solução. Professores e TAEs são contrários.
Inscrição para concurso para campus da UFJF em Governador Valadares termina hoje	27/03/13 – Economia pág. 7	51 vagas oferecidas para mestres e doutores em diferentes áreas.

Notícias em que professores são personagens:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Quase artesanal	1/3/13 – Dois p. 1	Cantora e professora da Bituca (Universidade de Música) ministra oficina em JF.
Voo Livre	1/3/13 – Cesar Romero - p. 6	Turma faz homenagem a Lúcio Barra, professor da UFJF.
Saúde do idoso	3/03/13 – Cesar Romero - p.4	Professora coordena pesquisa na área de psicologia.
Combate ao crime	6/03/13 – Geral p. 5	Professores da UFJF participam do seminário sobre violência urbana em Juiz de Fora.
Antenado	6/03/13 – César Romero – p. 5	Professora Elda Dias faz projeção sobre registro de homicídios ao longo de 2013.
Nova Diretoria	6/03/13 – César Romero – p. 5	Posse da professora nova diretora das Faculdades Vianna Jr.
Imagem corporal	6/03/13 – César Romero – p. 5	Dissertação de mestrado do professor da Universo.
Novo fôlego para o brado	7/03/13 – Dois pág. 4	Professor guia passeio pelas galerias e calçadão de JF na programação do Grito do Rock 2013.
Voo Livre	7/03/13 – Cesar Romero – p. 5	Nota sobre o professor Frederico Braida na programação do Grito do Rock 2013 (galerias de JF).
Poesia plugada	9/03/13 – Dois p. 4	Lançamento do livro do professor Anderson Pires.
Voo Livre	9/03/13 – Cesar Romero p. 5	Sobre lançamento do livro do professor Anderson Pires.
Voo Livre	9/03/13 – Cesar Romero p. 5	Professores e alunos expõem trabalhos no Guest Fashion
FOTO	12/03/13 – Cesar Romero p. 5	Foto das professoras da UFJF no evento “Mesa Redonda Mulheres no Museu”.
Nos porões da memória	12/03/13 – Dois p. 1 e 6	Caso do professor Roberto Dilly, que tem arquivo particular sobre os alemães em JF.
Vice-Liderança	13/03/13 – Opinião Painel – p.2	Sobre indicação da professora e deputada Margarida Salomão à cadeira de vice-líder do PT na Câmara.
Rumo aos EUA	13/03/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora de inglês Tetê Aleixo vai para congresso internacional.
Voo livre	15/03/13 – Cesar Romero – p. 5	Palestra do professor Marcelo Mostaro no CES.
Zine Cultural (foto)	16/03/13 – Dois p. 6	Professores na calourada da turma de Design da Estácio de Sá.
47% dos vereadores são servidores	17/03/13 – Política p. 7 – inteira	Caso dos vereadores Betão e Ana Rossignoli, que são professores.

Voo Livre	19/03/13 – Romero – p. 5	Cesar	Professor Antonio Gaio faz palestra na UFRRJ.
Voo Livre	19/03/13 – Romero – p. 5	Cesar	Professora Fabiana Ballesteros homenageada em formatura em BH.
A música em primeiro plano	20/03/13 – Dois p. 3 – topo		Professora da UFSCar faz palestra sobre música no cinema, que acontece no MAMM/UFJF.
Histórias são para ser contadas	20/03/13 – Dois p. 3		Professora da USP faz palestra na área de arte-educação, sobre contação de histórias.
Online	22/03/13 – Romero – p. 5	Cesar	Artigo publicado das professoras Neusa Marsicano e Márcia Siervi.
Semana Santa deve reunir 270 mil fiéis	24/03/13 – Geral p. 4		Professora fundadora do grupo Judac fala sobre a experiência de fazer jovens refletirem sobre o catolicismo e frequentarem a igreja
Zine Cultural	24/03/13 – Dois p. 6		Professores e chefs de cozinha participam de festival em SP.
Poesia para a alma	26/03/13 – Dois p. 3 – centro		Professor Luiz Fernando Carvalho faz palestra sobre Murilo Mendes no Mamm.
Educação mineira	26/03/13 – Cesar Romero – p. 5		Revista Exame revela que as melhores escolas públicas estão em MG.
Rumo à Inglaterra	27/03/13 – Cesar Romero – p. 5		Professor do Cave, Rafael Basto, foi premiado em concurso mundial de redação.
Voo Livre	28/03/13 – Romero p. 5	Cesar	Prof ^ª . Cristina Brandão comenta sobre curso de especialização na UFJF.
Curso em Brasília	31/03/13 – Cesar Romero – p.4		Professor Ricardo Spinelli na foto com ministra do STJ: implantação de disciplina do Vianna.

Notícias em que professores são fontes especializadas em algum assunto:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Desestrutura urbana afeta milhares em Juiz de Fora	3/03/13 – Geral p. 3	Entrevistados professores Luciane Tasca (planejamento urbano) e Eduardo Condé (políticas públicas e desigualdade).
Coletânea revela o poeta Paulo Leminski por inteiro	3/03/13 – Dois p. 4	Comentários dos professores da Faculdade de Letras da UFJF, Alexandre Faria, e da UFMG, Maria Maciel, sobre a obra e a vida do escritor.
Falhas em imóveis e preconceito	5/03/13 – Geral p. 4	Repercussão da matéria anterior. Prof. Eduardo Condé, da UFJF, aponta problemas na estruturação do programa.
Além das paisagens	5/03/13 – Dois p. 1	Falas da professora de história da arte da UFRJ, Sônia Pereira, sobre acervo do Museu Mariano Procópio.

Moradores pedem mais segurança em rodovia	6/03/13 – Geral pág. 7	Professor da UFJF, José Castañon, esclarece riscos da Estrada União e Indústria.
Ao pé do ouvido	10/03/13 – Dois p. 1 + p. 4	Os sons no espaço urbano sob a perspectiva do professor da Faculdade de Música, Daniel Quaranta.
‘Prende e solta’ eleva a sensação de impunidade	14/03/13 – Geral p. 3	Professor de direito penal da UFJF, Leandro Oliveira, analisa o envolvimento de adolescentes com o crime.
Igreja elege Papa argentino	14/03/13 – Mundo p. 11	Professora de teologia do CES e coordenador da pós em ciência da religião analisam escolha.
Painel: novos tempos	16/03/13 – Opinião p. 2	Avaliação sobre eleição do novo Papa pelo professor da UFJF, Faustino Teixeira.
Trabalho informal cresce na região	17/03/13 – Economia p. 3	Professor da USP diz que ocorrem recusas entre duas partes, quem contrata e o candidato.
Usuários de droga tomam área abandonada no Bonfim	17/03/13 – Geral p. 4	Professor da UFJF fala sobre a carência de praças públicas na cidade.
Entre espinhos	17/03/13 – Dois p.1	Análise do professor da UFJF, Potiguara Mendes, sobre o papel da arte ao retratar tabus.
Falta de recursos barra índice de inflação em JF	19/03/13 – Economia p. 8	Opinião de professores da Economia da UFJF e do Ibre sobre a falta de um índice de para medir a inflação para o consumidor em JF.
Laboratórios de reflexão sobre a violência	20/03/13 – Geral p. 4	Opiniões dos professores Paulo Fraga, da UFJF, e Cintia Toledo, do Vianna Jr., sobre ações de combate à violência.
PJF quer gestão compartilhada de manancial	22/03/13 – Geral p. 4	No Dia Mundial da Água três professores da UFJF analisam situação dos mananciais na cidade.
Custo com doméstica pode aumentar R\$ 1.012 por ano	23/03/13 – Economia p. 7	Professor da PUC –SP defende que as relações de trabalho serão modificadas e terão que ser repensadas.
Entre três traços	23/03/13 – Dois p. 1	Professores de arquitetura (UFJF e UFRJ) falam sobre o triângulo formado pelas avenidas Rio Branco, Francisco Bernardino e Rua Espírito Santo.
Pontos comuns e Tucanos resistem	26/03/13 – Opinião p. 2 - Painel	Professor da UFJF, Paulo Roberto Leal, observa que candidatos já estão em campanha e cada um enfrenta cenário político distinto.
A mulher na multidão	29/03/13 – Dois p. 2	Professor do Seminário Sto. Antônio e do CES, Altamir Andrade, fala da história de Verônica, mulher que limpa o rosto de Cristo na <i>Via Crucis</i> .

Restaurantes buscam mão de obra	31/03/13 – Economia p. 3 – topo	Professor da Faculdade de Economia da UFJF, Fernando Perobelli, compara escassez da mão de obra com ascensão das classes C e D.
Páscoa mobiliza cristãos e judeus	31/03/13 – Geral p. 4	Professor de teologia da UFJF, Volney Berkenbrock, fala dos significados atribuídos à Páscoa.
Prédios tornam-se risco para a dengue	31/03/13 – Geral p. 5	Professora de engenharia sanitária e ambiental da UFJF, Maria Helena Gomes, fala dos perigos dos prédios abandonados.
Emergência da diversidade	31/03/13 – Dois p. 1	Professores do IAD/UFJF, Ricardo Cristofaro, Priscila de Paula, Valéria Faria e Afonso Rodrigues falam sobre os rumos das artes plásticas em JF.

Notícias em que o assunto é ou está relacionado à Educação:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
No Granbery	1/03/13 – Cesar Romero - p.6	Aula inaugural do curso A Melhor Idade.
Desestrutura urbana afeta milhares em Juiz de Fora	3/03/13 – Geral p. 3	Faltam equipamentos públicos como escolas (principal queixa) nas regiões do “Minha Casa, Minha Vida” em JF.
Polêmica judicial adia resultados do PISM III	5/03/13 – Geral p. 4	Questionamentos na prova de literatura.
Greve prejudica 1.200 crianças das creches	7/03/13 – Geral p. 5	Faltam funcionários e professores que não conseguiram chegar devido à greve do transporte.
Drogas: inscrição de trabalho em congresso	8/03/13 – Geral p. 5	Divulgação das inscrições de trabalhos no 4º Congresso Internacional sobre Drogas, na UFJF (relacionando tema com educação entre outras áreas).
Estudo mostra descentralização da violência por armas de fogo no país	8/03/13 – Mundo (Pelo Brasil) – p. 8	Pesquisa do Centro de estudos Latino-Americanos e Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais sobre o caso do Brasil.
UFJF divulga resultados do Pism sem nota de literatura	9/03/13 – Geral p. 5	Foi concedida nota máxima em literatura para todos os concorrentes, conforme determinado pela Justiça.
Repasso de royalties deve aumentar em cinco vezes	9/03/13 – Política p. 7	Alteração da distribuição dos royalties e a repercussão para Juiz de Fora (o que inclui a área da educação).

Educação ambiental no museu	10/03/13 – Geral p. 4	Programação especial no Museu Mariano Procópio para o Dia Mundial da Água
MG propõe reajuste de 5% a 40,55%	13/03/13 – Política p. 7	No quadro de carreira contemplado estão professores de arte e restauro.
Seminário sobre violência começa	14/03/13 – Geral p. 6	Participação da UFJF, Vianna Jr. e professor da USP como palestrante.
Evento busca caminhos para a segurança	15/03/13 – Geral p. 4	Seminário sobre violência urbana em JF reúne instituições de ensino (UFJF e Vianna Jr.).
Indecisão sobre o PISM causa tensão	15/03/13 – Geral p. 4	UFJF recorre à decisão da Justiça que anulou questões de literatura.
Diagnóstico da violência em escolas	16/03/13 – Geral p.3	Revelação de dados pelo secretário de educação durante seminário sobre violência.
Mutirão estudantil contra dengue	16/03/13 – Serviço p. 6	Alunos participam de mutirão contra dengue.
Mamã sem formalidades	16/03/13 – Dois p. 4	Projeto educativo “microlições de arte”.
Painel: Contra o crack	17/03/13 – Opinião p. 2	Criação de um Comitê Gestor em JF para o combate ao crack envolvendo a Secretaria de Educação.
Força-tarefa conta criminalidade	17/03/13 – Geral p. 5	UFJF vai somar esforços com criação de curso em Segurança Pública e Cidadania.
Colégio João XXIII vai sortear 34 vagas	19/03/13 – Geral p. 5	Oferecidas 34 vagas para ensino fundamental.
Trote com teor racista	19/03/13 – Brasil p.9	Trote dos estudantes de direito da UFMG envolve comportamentos racistas.
Polêmicas nas redações do Enem	20/03/13 – Brasil p. 8	Redações com erros graves receberam boas notas.
Voo Livre	20/03/13 – Cesar Romero – p. 5	Palestra sobre educação de crianças e adolescentes na Fundação Logosófica.
Briga de alunas mobiliza polícia	21/03/13 – Geral p. 3 – topo	Briga provocou tumulto em escola estadual.
Cadastro do cartão passe Fácil até semana que vem	21/03/13 – Vida Urbana – p. 6	Cadastramento para cartão que concede gratuidade no transporte para alunos da rede pública.
UFJF realiza seminário	21/03/13 – Economia p. 7	Objetivo é fortalecer instituições públicas e privadas.
Compromisso com a memória	21/03/13 – Dois p. 1	Acervo da Tribuna doado para a UFJF, facilitando pesquisa de estudantes.

Acervo da Tribuna	21/03/13 – Cesar Romero – p. 5	Doação do acervo pelo empresário Juracy Neves.
Escritório da UFJF já atende 11 projetos	22/03/13 – Economia p. 7	Instituição anunciou criação do Escritório de Gerenciamento de Projetos que oferece serviços de capacitação e gerenciamento.
Inep estuda regra para ‘deboche’ em redações	22/03/13 – Brasil p. 8	MEC quer correção mais precisa e punição aos deboches.
Acabando com o medo da obra de arte	22/03/13 – Dois p. 6	Professora e diretora do Mamm diz que projeto “microlições de arte” será levado às escolas.
Dia Mundial da Água mobiliza alunos	23/03/13 – Geral p. 4	Alunos fazem diagnóstico das bacias hidrográficas no entorno das escolas.
UFJF cogita fecharanel viário CAPA: UFJF admite necessidade de fechamento do campus	26/03/13 – Geral p. 3	Problema do trânsito no campus tem causado prejuízo no ensino.
Membros do Comitê de Defesa do HU e residentes buscam solução	26/03/13 – Política p. 7	Situação do hospital de ensino na pauta da Tribuna Livre da Câmara.
Terminam hoje as inscrições para Colégio João XXIII	27/03/13 – Geral p. 4	Sorteio para 34 vagas no ensino fundamental.
Imóvel interditado e escola alagada CAPA: Chuva interdita imóvel e alaga escola	28/03/13 – geral p. 3	A água atingiu cinco salas de aula em Escola Municipal
Café com hip-hop retorna ao CCBM	28/03/13 – Dois p. 1	Iniciativas de combater a violência através da cultura e educação, além de levar o hip-hop às escolas.
Painel: Até dia 29	29/03/13 – Opinião p. 2	Vereadores vão avaliar questões ligadas à educação, como dificuldade de vagas na rede pública.
Restaurantes buscam mão de obra	31/03/13 – Economia p. 3	Diretor do Senac fala sobre a procura por cursos para ingresso no mercado.

Artigos, cartas, entre outros textos opinativos que tratam da educação e da docência

Título do artigo	Dados da edição	Resumo
Jornada de professor	1/3/13 – Opinião p.2 – Dos Leitores	Descumprimento da lei do piso por parte da PJJ.
Educação	3/3/13 – Opinião p.2 – Dos Leitores	Resposta ao comentário anterior sobre o termo “professorinhas regentes”.
Detento aprovado na UFJF	5/03/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Comentário sobre a notícia publicada no jornal.
PISM III	7/03/13 – Opinião p.2 – Dos Leitores	Sobre erros na elaboração das provas.
Calar, falar e resistir...	8/03/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Artigo assinado por professora sobre o 8 de março e a questão de gênero.
Painel: Duque na política	9/03/13 – Opinião p. 2 – Painel	Candidatura do professor e reitor da UFJF para deputado.
Ombudsman	9/03/13 – Opinião p. 2 – Painel	Sobre professora e deputada Margarida Salomão, que deu posse ao conselho político de seu mandato
Editorial: Bonde da História	12/03/13 – Opinião p. 2	Opinião do jornal sobre a falta de professores na rede pública. Um comparativo entre Brasil e outros países.
Travessia de alunos	13/03/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Falta de agentes de trânsito em JF.
Educação no estado	13/03/13 – Opinião p. 2 - Artigo	Professores regentes assumindo aulas de Educação Física.
Enquete: recursos dos royalties exclusivos para a educação	14/03/13 – Opinião p. 2 - Enquete	70% sim e 30% não concordam.
Trote	22/03/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Por causa dos abusos, ritual é cada vez mais mal visto pela sociedade
Lição de cidadania	24/03/13 - Opinião p. 2 - Artigo	Seminário sobre violência em JF reuniu educadores a fim de dar passos para compreender a sociedade
Enem	24/03/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Crítica ao sistema de correção de provas, direcionada ao governo brasileiro.
Frases	24/03/13 – Opinião p. 2	Frase do presidente do Inep sobre seriedade nas provas.
Fechamento do campus	27/03/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Opiniões favoráveis e contrárias à proposta anunciada na edição anterior.
Enquete	28/03/13 – Opinião p. 2	Opiniões sobre a intenção de fechar o campus.

Estão matando a língua portuguesa	28/03/13 – Opinião p. 2 - Artigo	Abreviações e erros ortográficos do escrever prático dificulta aprendizado.
--	-------------------------------------	---

Mês de abril de 2013

Notícias relacionadas diretamente à categoria docente (selecionadas para a análise de conteúdo)

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Consu avalia hoje adesão à EBSEH	2/4/13 – Política p.7	A possibilidade de adesão será tema central da reunião do Consu, devido a cortes de verbas por que passa o HU.
Sem solução para HU, residente ameaça greve	3/04/13 – Política p. 5	Professores, funcionários e alunos decidem sobre adesão ou não do HU à EBSEH. A primeira reunião do Conselho terminou sem definição.
Alunos transferidos do Grupo Central	4/4/13 – Geral p.3	Escola passa por reforma. Na mesma matéria, informação da contratação de 74 professores na rede municipal para ocupar vagas ociosas.
Grupo invade escola e agride estudante	5/4/13 – Geral p. 3	Quatro adolescentes ameaçaram uma professora e agrediram um estudante com um simulacro de arma de fogo.
Escolas ainda sem professores	6/4/13 – Geral p. 4	Escolas municipais estão sem aulas em algumas disciplinas há dois meses por falta de professores.
Crianças terão que ir para escola aos 4 anos	6/4/13 – Brasil p. 8	LDB foi alterada e passa a obrigar educação escolar pública e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade. Além disso, o MEC poderá estabelecer nota mínima no Enem para ingresso em cursos de formação de professores.
Cidade será base para distribuição de fumacê Intertítulo: Aulas suspensas por causa da doença	6/4/13 – Geral p. 5	Escola Municipal no bairro Ipiranga sem aulas por causa da infestação de mosquitos e focos de dengue.
Cem dias com o ‘pires na mão’ Intertítulo: Ameaça de greve	7/4/13 – Política p. 3	“Peregrinação” do prefeito em busca de verbas. Na matéria, com o subtítulo “provas de fogo”, ameaça de greve dos professores.

Suspeita de morte por dengue em JF Intertítulo: Escola continua sem aulas	9/4/13 – Geral p. 5	Escola municipal no Ipiranga continua sem aulas. Professora conta que dava aulas em uma sala infestada por pernilongos.
PJF soma 10 mil licenças na educação CAPA: PJF registra dez mil licenças de professor	10/4/13 – Política p. 5	Número de atestados apresentados por professores em 2012 levou a 10 mil afastamentos na rede municipal. Carência de pessoal é considerada uma das grandes dificuldades.
Consu vota por adesão do hospital à Ebserh CAPA: Hospital Universitário adere à Ebserh	10/4/13 – Política p. 5	29 conselheiros votaram pela adesão contra 22. Professores demonstraram revolta com a decisão.
Professor pressiona por um terço	11/4/13 – Política p. 7	Professores da rede municipal indicam greve e paralisações para acelerar resposta do executivo para itens da campanha salarial.
Encosta ameaça escola no São Pedro	12/4/13 – Geral p. 4	Barranco desabando e matagal nos fundos da Escola Municipal Tancredo Neves ameaça alunos, professores e funcionários.
Prefeitura vai manter repasse para HU CAPA: PJF vai manter repasse de 30% para HU	13/4/13 – Política p. 7	Secretaria de Saúde anunciou que não irá mais suspender o repasse mensal ao HU. Foi logo após a decisão do Consu e anúncio das primeiras reuniões com a Ebserh.
R\$ 300 mil são liberados para JF Intertítulo: No Ipiranga	13/4/13 – Geral p. 4	Alunos de escola estadual no Grama promoveram passeata com distribuição de repelentes caseiros fabricados por eles. A escola do Ipiranga continua sem aulas.
Defesa Civil reavalia escola e diz que não há risco em encosta	13/4/13 – Geral p. 4	Segundo o órgão, não há risco de desabamento e sim a necessidade de recompor muro de divisa.
Escola debate violência Alunos fazem reflexão sobre a violência	14/4/13 – Geral p. 4	Jovens da Escola Municipal Adhemar de Andrade, no São Pedro, participam de projeto de promoção da paz nas comunidades. Professora é responsável pela organização de um núcleo de cidadania dentro da escola.
Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula	16/4/13 – Geral p. 3	Adolescente acende cigarro de maconha durante a aula em escola da Zona Norte. Secretaria de Educação registra 645 notificações entre 2009 e 2012.
PJF contrata mais docentes temporários	16/4/13 – geral p. 3	Foram abertas 48 vagas. As demandas foram identificadas principalmente por conta dos afastamentos temporários.

Tráfico no entorno de escola CAPA: Tráfico perto de escola	17/4/13 – Geral p. 5 – Centro esq.	Adolescente foi apreendido suspeito de traficar drogas nas intermediações da Escola Municipal Santa Cândida.
Professores protestam nas ruas	18/4/13 – Política p. 5 – centro	Passeata dos professores pelas ruas do centro para alertar sobre situação do ensino na cidade.
Charge do Mário	19/04/13 – Opinião p. 2	Aluno de escola ontem e hoje (remete à matéria sobre aluno que acendeu cigarro de maconha na sala)
Professores farão paralisação de três dias na próxima semana	19/4/13 – Política p. 9	Assembleia aprova paralisação de três dias, conforme calendário nacional do CNTE.
Professor do estado fará ato na segunda	20/4/13 – Política p. 5	Professores protestam contra a resolução que determina que as aulas de educação física e ensino religioso do 1º ao 5º ano podem ser ministradas por professor regente.
Professores param até quinta-feira CAPA: Paralisação afeta 80 mil alunos em JF	23/4/13 – Política p. 5	Professores da rede municipal e estadual irão paralisar atividades em 3 dias. Mobilização nacional é organizada pela CNTE.
Educação é tudo	24/4/13 – Opinião p. 2 – Editorial	Ensino básico e fundamental continuam sendo uma opção de segunda linha, bastando ver a situação das escolas e tratamento dado aos professores.
Adolescente ameaça e xinga diretora	24/4/13 – Geral p. 4	Estudante desacatou e ameaçou de agressão e de morte diretora de uma escola estadual no Linhares.
Paralisação atinge cerca de 90%	24/4/13 – Política p. 8	Primeiro dia de paralisação dos professores teve grande adesão e apresentou pauta da categoria.
PJF tenta impedir greve de professor	25/4/13 – Política p. 8	PJF apresenta contra-propostas às reivindicações dos professores. O texto foi apresentado à imprensa e ao Sinpro.
Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão	26/4/13 – Política p. 3	Paralisação por tempo indeterminado foi deflagrada em assembleia com mais de 800 pessoas. Sindicato busca apoio ao movimento grevista.
Alunos da Escola Normal protestam	26/4/13 – Política p. 3	Paralisação de três dias na rede estadual também envolveu protesto dos alunos da Escola Normal.

Escola invadida 3 vezes na semana CAPA: Fotografia – Escola no Bom Jardim foi arrombada três vezes nesta semana. Há suspeita que crime foi cometido pelos mesmos ladrões	27/4/13 – Geral p. 3	Escola municipal no Bom Jardim foi arrombada pela terceira vez e foram furtados objetos.
90% de adesão no primeiro dia	27/4/13 – Política p. 7	Categoria fez ato no calçadão com abaixo-assinado buscando apoio da população.
Greve completa 5 dias hoje	30/4/13 – Política p. 5	PJF e Sinpro se reúnem para rodada de negociações.

Notícias em que professores são personagens:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Em POA	4/4/13 – Cesar Romero - p. 5	Diretor do IAD participa de seminário.
Espiritualidade, filosofia e saúde	6/4/13 – Dois p. 3	Professor da UFJF e pesquisador sobre espiritualidade e saúde participa da programação da Semana de Kardek.
Tome Nota	10/4/13- Cesar Romero – p. 5	Jornalista e professor Rodrigo Barbosa assume Secretaria de Comunicação Social da UFJF.
Incentivos Culturais	11/4/13 – Dois p. 3	Professora da UFMG lança livro sobre cartografia das políticas públicas de cultura da Zona da Mata mineira. Lançamento contará com a participação dos professores Paulo Fraga (UFJF) e Rogéria Martins (UFV).
Murilo Mendes em Roma	11/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Livro tem coordenação editorial do professor José Alberto Pinho Neves.
Dono dos neologismos	12/4/13 – Dois p. 2	Programa Diverso da TV Brasil homenageia o artista plástico e professor Felipe Ehrenberg.
Voo Livre	12/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Diretora do Granbery, Simone Borrelli e professora Anesley Pereira acertam intercâmbio com Colégio Metodista Maria Alvarado (Peru).
Comenda será entregue dia 27	17/4/13 – Política p. 7	PJF divulga lista dos homenageados, com os professores: Joaquim Castellões (UFJF) e Murilo Hingel.

Juiz-forano do mundo	17/4/13 – Dois p. 1	Maestro atualmente é professor convidado de universidades com Unirio, Conservatório de Pequim, Universidade Simón Bolívar e de Santiago
Saúde e justiça	17/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Felipe Aensi fala sobre sistema de saúde brasileiro e sua judicialização na OAB.
Amor que transcende rótulos	14/4/13 – Dois p. 1	Assim como na história do livro “Toda forma de amor”, as professoras da UFJF Cláudia Lahni e Daniela Auad são mães de Leila, 5 anos.
Zine Cultural	14/4/13 – Dois p. 6 – Página inteira	Professora de artes do Granbery, Anesley Pereira, embarca para o Peru para acertar detalhes do intercâmbio com o Colégio Metodista Maria Alvarado.
Voo Livre	14/4/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 3	Professor e maestro Benito Taranto tomou posse na Academia Nacional de Música.
Voo Livre	14/4/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 3	Diretor da Faculdade de Administração da UFJF , Marcos David, e de Comunicação, Márcio Guerra, são convidados para a mesa redonda no Vianna Júnior.
Fala quem pode	19/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Felipe Asensi faz palestras sobre argumentação e marketing jurídico.
Sobre Almodóvar	19/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor da Comunicação da UFJF, Cristiano Rodrigues, e aluna Ingrid Hannah, participam do Congresso de Novela e Cinema Noir da Universidade de Salamanca.
Dispositivos de roubo em caixas eletrônicos	21/4/13 – Geral p. 5 – centro	Três agências de uma rede bancária foram alvos de ação criminosa, em que foram instalados “pescadores”. Uma professora foi vítima e não conseguiu fazer o depósito.
3 perguntas para Carlos Torres	21/4/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	Professor da Estácio de Sá e designer da logomarca Cesar Romero em entrevista.
Ana Maria Braga volta ao ‘Mais Você’ hoje	23/4/13 – Dois p. 6 – “Conta Gotas”	Professor Alberto Ferreira de Souza, que desenvolveu veículo do Projac que anda sozinho e atropelou a apresentadora, disse que faltou procedimentos de segurança.
Amor à música	25/4/13 – Dois p. 1	Faleceu Nelson Nilo Hack, maestro e educador que ensinava músicos na formação de orquestras. Trabalhou com a Orquestra do Pró-Música.
Jovem Guarda é alvo de polêmica	25/4/13 – Dois p. 4	Livro da historiadora e professora Maíra Zimmermann sobre a Jovem Guarda recebeu notificação por caricatura de Roberto Carlos.

Quem fala	26/4/13 – Cesar Romero – p. 5	A convite do professor Carlos Torres, designer da Revista Superinteressante faz bate-papo com alunos da Estácio de Sá.
Zine Cultural	27/4/13 – Dois p. 6 (inteira)	Professora e ex-assessora da CBF, Ana Lúcia Rangel, coordena curso sobre imprensa em eventos esportivos.
Feira de adoção de cães atrai 900 pessoas	28/4/13 – Geral p. 4 – inf. Centro	Professor Darílio Araújo de Freitas foi um dos que adotou cão na feira em JF.
Voo Livre	28/4/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 2	Sucesso das aulas da professora Ana Maria Beraldo no Centro de Ação Cultural (CAC).
Sem medo de comparações	28/4/13 – Tevé p. 8	Atriz Manuela do Monte fará personagem professora em um orfanato na novela “Chiquititas” do SBT.

Notícias em que professores são fontes especializadas em algum assunto:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Partes do todo	7/4/13 – Dois p. 1	Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, João Maia, fala sobre a representação da mulher comum e seu cotidiano na mídia.
Novo reencontro	7/4/13 – Dois p. 5	Professora universitária norte-americana Cristel Russel pesquisa releitura de obras. Reportagem conta com depoimentos dos professores Maria Lúcia Ribeiro, Ana Maria de Andrade (CES) e Alexandre Faria (UFJF).
Desvio de armas provoca desligamento de militares	10/4/13 – Geral p. 3	Coordenador do Núcleo de Pesquisa sobre Violência e Políticas de Controle Sociais da UFJF, André Gaio, explica que o desvio de armas pode estar relacionado ao perfil dos homicídios na cidade.
Necessidade de ações além das obras viárias	14/4/13 – Geral p. 4	Para professor do depto de Transportes da UFJF, César Barra, ações articuladas precisam ser feitas, como retorno do transporte troncalizado. Ex-professor da UFJF, Willian Aquino, defende melhoria do transporte coletivo.
Venezuelanos vão às ruas hoje	14/4/13 – Mundo p. 8	Nicolás Maduro mostra favoritismo na avaliação dos professores Juliana Costa (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) e Rafael Duarte Villa (USP)

Inúmeros tons	16/4/13 – Dois p. 1	Sobre a popularidade da poesia nas redes sociais, professor de Letras do CES, Anderson Pires, trata-se de um esgotamento da prosa.
Quando aprender a ler	18/4/13 – Dois p. 4	Professora do programa de Mestrado em Letras do CES, Moema Rodrigues, diz que nem sempre a obra mais conceituada para a idade será a mais agradável.
Marco de descaso	23/4/13 – Dois p. 1	Professor do curso de Arquitetura da UFJF, Jorge Arbach, e coordenador do curso de Arquitetura do CES, Paulo César Lonrenço, falam sobre o Marco do Centenário de Juiz de Fora, monumento abandonado pelas autoridades.
Bota-fora funciona como lixão	25/4/13 – Geral p. 4	Professores do Depto. de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFJF, Fabiano Leal e José Homero Pinheiro Soares, dão sugestões sobre descarte adequado de lixo da construção civil e proteção de mananciais.
Alianças nacionais engessam base	28/4/13 – Política p. 7	Cientista político da UFJF e professor, Paulo Roberto Figueira, diz que partidos devem buscar meio-termo para negociações partidárias saudáveis e ações nos municípios e estados.
Do que ainda há por falar	30/4/13 – Dois p. 1	Professor da Faculdade de Arquitetura da UFJF, Marcos Olender, fala da exposição sobre Arthur Arcuri.
Peso morto	30/4/13 – Dois p. 6	Evento da Funalfa “Olhar sobre o que é nosso” trouxe falas dos professores do CES, Milena Andreola e Nikola Arsenic, sobre a fragilidade de quem é proprietário de imóvel tombado.

Notícias em que o assunto é ou está relacionado à Educação:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Pism I e II: Notas são divulgadas, mas matrículas estão suspensas	2/04/13 – Geral p.5	Questões da prova de literatura foram anuladas.
Projeto estabelece eleição direta nas universidades	3/04/13 – Política p. 5	Projeto de lei do Senado estabelece eleição direta para reitor, vice e dirigentes das instituições públicas de educação superior e trata da composição do colegiado.
MEC pode cortar verba para JF	4/4/13 – Política p. 5	Município pode deixar de receber recurso do Fundeb caso não atualize a situação do conselho de acompanhamento do fundo.
Colégio João XXIII: Sorteio de 34 vagas acontece hoje	6/4/13 – Geral p. 4	Vagas remanescentes no ensino fundamental

Insegurança pública interfere no consumo de bens culturais	7/4/13 – Dois p. 2	Superintendente da Funalfa diz acreditar que a educação é a única possibilidade de mudança de um cenário de insegurança.
Da Gestup	7/4/13 – Dois p. 6 – Zine Cultural	Curso via Facebook sobre plano de negócios.
Matrícula na UFJF começa 6ª	9/4/13 – Geral p. 5	Definido o cronograma de matrícula dos aprovados no vestibular, Sisu e Pism.
Novo sorteio de vagas indefinido	9/4/13 – Geral p. 5	UFJF aguarda decisão judicial para realizar novo sorteio.
Consu deve definir hoje a adesão ou não do HU à EBSEH	9/4/13 – Política p. 7	Nota sobre a reunião do Consu, que tem prazo até 30 de abril para definir situação.
Homem invade faculdade e esfaqueia 14 em Houston, nos Estados Unidos	10/4/13 – “Pelo Mundo” – p. 8	14 pessoas feridas por um homem que atacou várias pessoas em uma faculdade no Texas.
Desenvolvimento cultural	10/4/13 – Dois p. 4	Palestras na UFJF e exposição de trabalhos acadêmicos do curso de arquitetura; palestra do professor da UFJF, Mauro Campello.
Mostra de inverno	10/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Alunos do curso de moda da Estácio participam da Mostra de Inverno, com exposição de trabalhos.
Aula magna	10/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Aula magna dos cursos de administração e engenharia de produção da Universo
Projeto de conscientização ecológica	11/4/13 – Geral p. 3	Alunos da Faculdade de Engenharia da UFJF desenvolveram projeto Grana Verde, que transforma a coleta de lixo reciclável e eletrônico em prêmios. Ideia original foi do professor Paulo Villela.
Isenção em inscrição do Vestibular	12/4/13 – Brasil p. 10	Lei isenta estudantes de baixa renda que cursaram todo o ensino médio em escola pública das taxas de vestibulares.
Pronatec oferece oito cursos	16/4/13 – Economia p. 7	Começa período de inscrições para oito novos cursos do programa
Voo Livre	17/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Desligados os spots dos Grupos Centrais pois atrapalhavam aulas do noturno.
Voo Livre	14/4/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 3	2.500 alunos retornam às aulas no IF Juiz de Fora.
Educação na pauta	14/4/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 4	Filósofo Bernard Charlot, da Universidade de Paris, participa do Seminário Internacional de Educação no Ritz Hotel.

Senadores aprovam Estatuto da Juventude, que cuida de pessoas de 15 e 29 anos	18/4/13 – Mundo p. 8 – Pelo Brasil	Um dos pontos é a obrigatoriedade de reserva de ingressos para espetáculos culturais e esportivos para estudantes e jovens pobres.
Período de matrículas na UFJF termina hoje	18/4/13 – Geral p. 4	Último dia de matrícula dos aprovados no Pism da UFJF.
Projeto “Monitores de travessia” ganha voluntário	18/4/13 – Geral p. 4	Ação consiste em pessoas que auxiliam estudantes a atravessar em frente aos colégios.
Arcelor expande ação social	19/4/13 – Economia p. 3	Empresa anuncia possibilidade de ampliação do programa e cursos profissionalizantes.
Orientações para evitar furtos	19/4/13 – Geral p. 5	Ação educativa contou com a distribuição de panfletos feita por alunos da Escola Estadual Patrus de Souza.
Agentes treinados para usar carro fumacê CAPA: Fotografia: Alunos de escola particular pararam o trânsito da Avenida Sete, ontem, para distribuir panfletos a motoristas sobre risco da dengue	19/4/13 – Geral p. 4	Panfletos e repelentes caseiros foram distribuídos por cerca de 100 alunos da Escola Novos Rumos.
Inspiração poética	20/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Noite de colação unificada da UFJF em que reitor fez saudação aos 600 formandos citando Murilo Mendes.
Sobre diversidade	20/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Aula magna do Colégio Apogeu para mais de 500 alunos sobre diversidade.
Com vagas à vista, metalúrgico muda perfil	21/4/13 – Economia p. 4	Senai disponibiliza cursos técnicos por meio do Pronatec, com previsão de formação de 1.778 profissionais. O Instituto Federal – Campus Juiz de Fora a cada ano forma 50 profissionais.
UFJF assina contrato de adesão à Ebserh	24/4/13 – Política p. 8	A previsão é que representantes da empresa visitem HU e definem modelo de administração do hospital.
UFJF planeja campanha de conscientização para usuários do campus	25/4/13 – Serviço p. 6 – “Vida Urbana”	Instituição pretende desenvolver campanhas de conscientização pelo bom uso das dependências do campus. Chafariz da praça cívica apresentou sujeira pela falta de zelo.

CCJ da Câmara aprova cota para meia-entrada	25/4/13 – Dois p. 4	Comissão aprovou projeto que cria cota de 40% para venda de ingressos com meia entrada para estudantes.
Olimpíada de ciências nas escolas públicas	26/4/13 – Geral p. 4	Competição coordenada por alunos do ITA para estimular aprendizagem alunos da escola pública nas disciplinas de física, matemática, biologia, etc.
UFJF é a 12ª colocada no país em aprovação	26/4/13 – geral p. 4	Instituição é uma das 50 com mais aprovações no exame da OAB.
Antenado	27/4/13 – Cesar Romero – p. 5	Olimpíada Internacional de Neurociência no Colégio Apogeu envolve estudantes do ensino básico
Técnicos para exportação	28/4/13 – Esporte (caderno especial) – p.2	Treinamento de instrutores de futebol para atuação nos Estados Unidos. A seleção de técnicos é voltada para estudantes e graduados em educação física.
Inscrições para o IF Sudeste	30/4/13 – Geral p. 3	Abertas as inscrições para o processo seletivo, com 208 vagas.
Recital violado	30/4/13 – Dois p. 3	“Violões na Casa”, projeto de extensão da Faculdade de Música da UFJF, traz apresentação de violonistas orientados pelo professor Luís Leite.

Artigos, cartas, entre outros textos opinativos que tratam da educação e da docência

Título do artigo	Dados da edição	Resumo
Um desejo para o educador em 2013	9/4/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Mestra em educação, Francisca Paris escreve sobre a qualidade do clima escolar.
A educação e seus desafios	12/4/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Artigo assinado pela editora do portal Planeta Educação sobre as metas do PNE e a qualidade da educação.
Trânsito	16/4/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Professor de geografia comenta sobre ciclismo e melhoria do trânsito.
Descaso	25/4/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Leitora menciona constante descaso e abandono de prédios públicos e necessidade de trabalho voltado para a educação.
O desastre aéreo de JF	25/4/13 – opinião p. 2 – Artigo	Artigo assinado por professor da PUC Minas cobra empenho político dos prefeitos para definir situação do aeroporto
Pichadores	28/4/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Opinião sobre a pichação enquanto vandalismo, e como as escolas poderiam orientar os jovens.

Mês de maio de 2013

Notícias relacionadas diretamente à categoria docente (selecionadas para a análise de conteúdo)

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Judicialização	1/05/13 – Opinião p. 2 - Painei	Redução de 1/3 da jornada tornou-se o principal impasse entre Prefeitura e professores.
Permanece impasse entre PJJ e Sinpro	1/5/13 – Política p. 7	Professores reivindicam cumprimento imediato da Lei do Piso, enquanto Prefeitura pede negociação sem greve.
Greve de professor completa uma semana CAPA: Greve na rede municipal completa 7 dias	3/5/13 – Política p. 9	Professores realizaram protesto no centro da cidade. Reunião da PJJ com Sinpro foi adiada.
Reajuste de 10% para servidor da Câmara	4/5/13 – Política p. 5	Situação do funcionalismo da Prefeitura é diferente, professores estão em greve e demais profissionais já apresentaram reivindicações.
Negociações	5/5/13 – Opinião p. 2 – Painei	Prefeitura alega que não há proposta nova a apresentar para os professores.
PJJ negocia com servidores sem definir índice	7/5/13 – Política p. 7	Negociação com os professores agendada para esta data, com vistas a solucionar o impasse.
Prefeitura insiste em Lei do Piso para 2014 CAPA: Fotografia com a legenda “Sem acordo com a PJJ, professores voltam às ruas e seguem parados há 13 dias”	8/5/13 – Política p. 7	Impasse ainda continua e professores levam telão para as ruas com as promessas do então candidato Bruno Siqueira, que defende a Lei do Piso.
Gargalo nas creches deixa 2.253 à espera de vagas	10/5/13 – Geral p. 3	Faltam escolas / centros de educação infantil e formação adequada à docência do ensino infantil e ensino nos anos iniciais do fundamental

PJF aciona Justiça contra greve dos professores CAPA: PJF vai ao TJMG contra greve de professor	11/5/13 – Política p. 5	PJF entra na Justiça questionando a legalidade da mobilização.
Justiça determina que PJF matricule crianças	11/5/13 – Geral p. 4	Defensoria Pública de MG dá prazo de 30 dias para que PJF ofereça vagas a todos os cadastrados.
PJF oferece índice escalonado de 6,5%	14/5/13 – Política p. 5	Aconteceu a audiência entre professores e PJF no TJMG, em Belo Horizonte.
Greve continua na PJF	15/5/13 – Política p. 7	Após audiência no TJMG, professores aprovam manutenção da greve.
Casa aberta	15/5/13 – Dois p. 1 – inteira	Mamm disponibiliza ônibus para escolas públicas e alunos têm espaço educacional que extrapola os muros da escola.
Aprovado reajuste de servidores estaduais	16/5/13 – Política p. 7	Assembleia de Minas aprovou proposta do Executivo de reajuste para várias carreiras, totalizando 37 mil servidores.
Professor de federal terá que ser doutor	16/5/13 – Brasil p. 8	MP 614 determina que candidato a professor de universidade federal tenha ter título de doutor. Salvo apenas os casos de localidades com grave carência.
Estudante suspensa por vandalismo	17/5/13 – Geral p. 5	Aluna agrediu funcionário e cometeu atos de vandalismo na escola.
Professor da PJF busca apoio na Câmara CAPA: Professores pedem apoio a vereadores	17/5/13 – Política p. 9	Professores levaram suas reivindicações à Câmara Municipal com o abaixo-assinado organizado pelo Sinpro.
Professor volta às aulas 2ª CAPA: Greve de professores chega ao fim, e aulas voltam na 2ª	18/5/13 – Política p. 3	Categoria deliberou em assembleia pelo fim da mobilização e aprovou termo de conciliação.
Apes retoma mobilização	22/5/13 – Política p. 7	Professores da UFJF e IF Sudeste – campus Juiz de Fora cumprem agenda de mobilização para pressionar negociação com o governo e fazer reestruturação da carreira.

Pretérito perfeito	23/5/13 – Dois P. 1	Exposição Juiz de Fora “Verbo e cor”, de artistas plásticos e escritores, apresenta história da cidade. Pró-Reitor de Cultura da UFJF, Gerson Guedes, afirma que, como professor, ficava incomodado com o desconhecimento dos alunos em relação à história local. Está prevista distribuição de cinco mil exemplares do catálogo da exposição para escolas públicas.
Universidade pesquisa droga contra câncer Capa: UFJF estuda medicamento contra câncer	25/5/13 – Geral p. 4	Professores e alunos desenvolvem estudos sobre medicamentos à base de compostos metálicos para combate à doença.
Prefeitura define índice antes de fechar acordo	29/5/13 – Política p. 11	PJF encaminhou a proposta de reajuste do funcionalismo para a Câmara; índice proposto é de 6,5%.
Estudante agride professor com tapas em sala de aula CAPA: Aluno de 15 anos agride professor em sala de aula	30/5/13 – Geral p. 5 – superior	Professor de Geografia foi agredido com vários tapas no rosto e nas costas por um aluno de 15 anos na Escola Estadual Deputado Olavo Costa, no Monte Castelo. Zelador da escola também foi agredido dias atrás.

Notícias em que professores são personagens:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Bons números	1/5/13 – Cesar Romero p. 5	Professor coordenador da pós-graduação da UFJF, Alexander Moreira Almeida, comemora o crescimento de artigos inscritos.
Destaque científico	4/5/13 – Cesar Romero p. 5	Professor Aurélio Casali de Moraes teve trabalho aprovado na Jornada Científica do Vianna Júnior.
Professor é rendido na garagem de casa e tem carro roubado	5/5/13 – Geral p. 4	Professor chegava em casa quando bandidos entraram pelo portão da garagem.
Nhá Chica é a primeira beata negra do país	5/5/13 – Brasil p. 8	Nhá Chica teve o milagre declarado pela professora Ana Lúcia Leite.
Alunos da Facsum visitam sede da OAB	5/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p.8	Alunos acompanhados pela coordenadora e professores do curso de Direito visitaram sede da OAB dentro do projeto Atividades Práticas Supervisionadas.

Noite de Arte	7/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Pró-reitor de Cultura da UFJF idealizou exposição “Tributo à Stehling”, com obras restauradas no MAMM/UFJF.
IAB luta contra mudança na lei de uso do solo	10/5/13 – Política p. 5	Instalado o Conselho Municipal de Política Urbana, que será formado por dois arquitetos e professores: Luciane Tasca (UFJF) e Mauro Santoro Campello (IAB-MG). Ambos lutam pela suspensão de projetos de lei em tramitação.
Seis cães são recolhidos por dia nas ruas	15/5/13 – Geral p. 4	A professora universitária Jussara Araújo de Almeida montou ONG para resgate, castração e adoção de animais.
JF pode conduzir sucessão em MG	12/5/13 – Política p.7	Os professores Margarida Salomão e Henrique Duque estão entre as principais lideranças juiz-foranas na candidatura para o governo mineiro e parlamento de 2014.
Pós em Fitness	12/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p.4	Início do curso de pós-graduação da Faculdade Redentor com coordenação dos professores Rogério Tasca e Raphael Soares.
Em festa	12/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 6	Professoras Kitty Nardelli Araújo e Vânia Sampaio comemoram a certificação de Cambridge para o curso “Steps”.
Fotografia	12/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 6	Fotografia do reitor Henrique Duque com a recém empossada professora de arquitetura da UFJF, Raquel von Randow Portes.
Confira: barcos em detalhe	14/5/13 – Dois p. 3	Professor de história da arte da Universidade Federal do recôncavo da Bahia, Dilson Midlej, escreveu texto de apresentação da exposição fotográfica “paisagem fragmentada / série barcos”.
Fotografia	14/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Foto do reitor da UFJF com comandante da 4ª RPM e Secretário de Estado de Defesa Social na aula inaugural do curso de pós-graduação em Segurança Pública e Cidadania.
Rede social facilita resgate de cadela	15/5/13 – Geral p. 4	Professora da UFRPE viu rapaz abandonar cadela e fez uma postagem na rede social para que o animal fosse ajudado.
Parlamento Jovem discute cidadania	17/5/13 – Política p. 7	Professor da PUC MG, Leandro Rangel, palestra no intercâmbio do Parlamento Jovem, no Colégio Jesuítas.
Voo Livre	15/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora Alcina de Souza Cardoso lança livro sobre educação efetivo-sexual na Academia.
Biografia real	15/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora Mary Del Priori lança biografia de Princesa Isabel e Conde d’Eu.

Voo Livre	16/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Supervisor pedagógico do IESP/Faculdade Redentor, Marcos Paulo Shlinz, fez palestra no Congresso de terapia Intensiva do Rio.
Projeto de vôlei realiza peneira	17/5/13 – Esporte p.12	Time de vôlei da UFJF faz processo de seleção de atletas, em que participam professores de educação física de escolas públicas e privadas locais.
Voo Livre	18/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora Maria Aparecida Schmitt venceu concurso literário internacional.
Quem fala	19/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p.1	Professoras Leila Barbosa e Marisa Timponi fazem palestra sobre “a poética da doença por médicos juiz-foranos”.
Seminário	22/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Antônio Pereira Gaio Júnior faz conferência e lança obras em Assunção.
Novo Manual	23/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor de português, Walter Rossignoli, lança “Manual de ortografia – teoria e prática”.
Do Xingu para JF	23/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Pajé Sapaím faz apresentação para alunos do curso de música da UFJF a convite do professor Daniel Pimenta.
Sobre Paulo Freire	23/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora Neuza Marsicano faz palestra com o tema “Paulo Freire 90 anos”.
Dilma indica Luís Roberto para o STF	24/5/13 – Política p. 9	Nota do planalto diz que o professor de direito constitucional cumpre os requisitos necessários para o cargo.
Noite de estreia	24/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professores Lucy Brandão, Marise Mendes, Aluizio Trinta, Teresa Neves, Gerson Gudes e Rubens de Oliveira na estreia de nova peça do Grupo Divulgação.
A ordem é ‘causar’	24/5/13 – Dois p. 6	Professora Letícia Sabino é curadora do festival de dança “Causa”, dentro das atividades do Corredor Cultural.
Fotografia	25/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Reitor Henrique Duque, professor e pró-reitor Gerson Guedes na abertura do acervo do historiador Dormevilly Nóbrega e exposição “Juiz de Fora verbo e cor”.
Voo Livre	25/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Raimundo Ferreira (“Sergipe”) faz reunião da turma do box.
Voo Livre	25/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora Tayane Mockdece ministra workshop de sapateado.

Fotografia	25/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professores Célia Fassheber, Cíntia Toledo Chaves e Luís Antônio Bittencourt após debate sobre exclusão e violência no Vianna Jr.
Zine Cultural	25/5/13 – Dois – p. 6	Professores e alunos da Fibra Academia se reúnem em aula super circuito.
Voo Livre	26/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 2	Professora do CES, Sônia Cupertino, faz palestra no SESC sobre inclusão.
Livro é sucesso de vendas	26/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 3	Professor José Antônio Chehuen lança livro sobre Metodologia da Pesquisa Científica. Fotografia com outros professores.
Aula de mestre	30/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Murilo Hingel falou em nome dos homenageados na entrega da medalha Comendador Henrique Halfeld.

Notícias em que professores são fontes especializadas em algum assunto:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Ativismo on-line ganha força	5/05/13 – Política p. 7	Para professora da UERJ, Alessandra Aldé, a internet organiza grupos e facilita acesso a fatos políticos. Cientista político da UFV, Diogo Tourino, e o coordenador do departamento de Democracia Digital da UFMG, Marcus Abílio Pereira, também falam sobre o tema.
Mais que um legado econômico	10/5/13 – Dois p. 4	Seminário sobre a estrada União e Indústria contará com professor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Mário Chagas.
Crimes virtuais sem investigação	12/5/13 – Geral p. 3	Aumento da exposição aumenta o da agressão, segundo professor de direito eletrônico do Instituto Mackenzie e da escola Paulista de Direito, Rony Vainzof.
Nome antigo ainda prevalece em avenida	21/5/13 – Geral p. 5	Professora da UFJF, Christina Musse, avalia que o correto seria um plebiscito antes da mudança do nome da avenida (Itamar Franco).
Erosão traz prejuízo no Estrela Sul	21/5/13 – Geral p. 5	Professor de engenharia geotécnica da UFJF, Márcio Marangon, alerta para incidência de maior desmoronamento com demora em resolver problema.

Medidas para controlar violência em residenciais	24/5/13 – Geral p. 3	Professor Eduardo Salomão Condé, diretor do Instituto de Ciências Humanas da UFJF, condena a forma como foram implementados os residenciais, com clima de loteamento mal estruturado.
---	-------------------------	---

Notícias em que o assunto é ou está relacionado à Educação:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Rojões levam polícia até escola	1/05/13 – Geral p.4	Lançados rojões na Escola estadual Ali Halfeld (Bairro de Lourdes), ação criminosa foi inibida pela Polícia.
MEC irá monitorar bolsistas do Prouni	1/5/13 – Brasil p. 8	Estudante que não se enquadrar nos critérios pode ter bolsa cancelada.
Obra de moradia estudantil entra na reta final	3/05/13 – Geral p.3	Previsão de entrega é agosto e ainda haverá licitação para mobiliário.
Projeto de Lei destina royalties para educação	3/5/13 – Brasil p. 10	Presidente encaminhou projeto ao Congresso direcionando todos os royalties do petróleo e do pré-sal para a educação.
200 vagas no IF Sudeste	4/5/13 – Geral p. 3	Inscrições abertas para cursos técnicos a distância.
Campanha faz alerta contra trote abusivo CAPA: UFJF inicia campanha contra trote humilhante	4/5/13 – Geral p. 4	Vídeo produzido por alunos está sendo divulgado nas redes sociais; DCE promove trote solidário.
Avião pulveriza inseticida em escola	4/5/13 – Brasil p. 8	50 pessoas foram intoxicadas depois que avião jogou inseticida na região de uma escola municipal rural no interior de Goiás.
Universidade	5/5/13 – Opinião p. 2 – Paineis	Vereador Aparecido Reis Miguel formalizou projeto de lei criando Universidade Municipal de Juiz de Fora, instituição gratuita voltada para alunos de escolas públicas.
Antenado	5/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	UFJF lembra que o trote é proibido e vai disponibilizar serviços de proteção aos calouros.
Calouros recepcionados com trote	7/5/13 – Geral p. 3	UFJF recebeu ao todo mais de 15 mil estudantes. Instituição proibiu trote abusivo e realizou programação de recepção aos estudantes.
Antenado	7/5/13 – Cesar Romero – p.5	Trote promoveu sujeira nas ruas.

Selo Solidário	8/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Colégio Santa Catarina, Granbery e Escola Degraus recebem selo 2013 por projeto de jovens voluntários.
Atraso em convênio preocupa estudantes	8/5/13 – Geral p. 4	Poupança Jovem ainda não teve início. Proposta é estimular atividades extracurriculares e conter a evasão escolar.
Adolescentes bebem até desmaiar na UFJF	9/5/13 – Geral p. 4	Garotas de 12 e 13 anos consumiram bebida alcoólica dentro do campus; outro caso foi de trabalhador da obra em uma Faculdade que entrou no banheiro feminino.
Parque Tecnológico: UFJF negocia com 20 empresas e laboratório	9/5/13 – Economia p. 5	Empresas podem ter estadia no Parque Tecnológico, atuando na área de saúde, tecnologia e leite e derivados. Obras ainda estão paradas por problemas jurídicos.
MEC divulga novas regras para redação	9/5/13 – Brasil p. 8	Ministério prometeu mais rigor na análise das redações , após episódios de deboche nas provas do Enem.
OAB quer fim de limite para educação no IR	10/5/13 – Política p. 5	Senado Federal alega que não pode interferir neste pedido, que deve ficar à cargo do Congresso.
Incentivo à leitura	10/5/13 – Dois p. 3	<i>Sexta de Contos</i> , da Estação Palco, recebe crianças para contação de histórias com pedagogas e alfabetizadoras.
Campus da UFJF terá mais de mil câmeras	11/5/13 – Geral p. 3	800 dispositivos de alta definição serão espalhados pelo campus. Sensação de insegurança predomina no local, segundo declaram universitários.
Inscrição para cursos do Pronatec	11/05/13 – Economia p. 7	Beneficiário poderá se candidatar a um curso para recepcionista, operador de computador, auxiliar administrativo, soldador ou torneiro mecânico.
Enem: inscrição começa amanhã	12/5/13 – Geral p.4	Quem deseja estudar na UFJF ou em outras instituições pelo Prouni. Enem acontece em outubro.
Boa medida	12/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 2	Sobre a medida do reitor de abrir o RU aos domingos e feriados.
Mais tempo	12/5/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 8	Colégio Apogeu elaborou o curso preparatório Super Pism, com matrículas abertas.
Vagas para professor	14/5/13 – Economia p. 7	Concurso do Exército oferece 101 vagas para professor nas escolas da instituição.
Voo Livre	14/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Curso de Letras da UnB recebe Affonso Romano de Sant’Anna na programação de 50 anos.

Congresso discute temática das drogas	15/5/13 – Geral p. 4	UFJF realiza IV Congresso Internacional sobre Drogas.
Plenário aprova MP que amplia beneficiários do Pronatec	15/5/13 – Política p. 7	Houve ampliação das bolsas de formação de estudante e aumento de 160 para 200 horas de carga horária mínima dos cursos.
Visita ao Centro Socioeducativo	15/5/13 – Geral p. 5	Conselho Municipal da Criança e do Adolescente visita local e verifica baixo nível de escolarização.
Aula prática	15/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Alunos da Estácio de Sá visitam Rodoviário Camilo dos Santos e conhecem plataforma no Park Sul.
Reunião na Câmara discute violência	16/5/13 – Geral p. 4	Aprovada em reunião na Câmara o envio de carta para o reitor da UFJF para que a instituição abrigue o laboratório de estudo da violência.
Aluno baleado fica 29min sem socorro	16/5/13 – Brasil p. 8	Estudante da PUC-SP levou um tiro após sofrer um assalto próximo ao campus.
Peça teatral difunde prevenção a incêndios	16/5/13 – Geral p. 4	Alunos do Curumim de Santa Luzia participam de apresentação de teatro de bonecos do Corpo de Bombeiros.
De arrepiar os cabelos	17/5/13 – Dois p.1	Além de programação cultural, como a Noite no Museu, 11ª Semana de Museus tem Seminário do Laboratório de História da Arte, na UFJF, com conferência da professora Letícia Squeff (Unifesp).
Tome Nota	17/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Profissionais e estudantes da área de saúde participam do 1º Curso de Neurointensivismo no Monte Sinai e organizado pela Unipac.
Ministra apoia projeto regional	17/5/13 – Geral p.4	Ministra da secretaria de Direitos Humanos, Maria do Rosário, esteve no Centro de referência em Direitos Humanos da Zona da Mata e falou sobre trabalho educativo no local.
Inclusão e cidadania em debate	17/5/13 – Geral p.4	1º Seminário de Inclusão Social e Cidadania de Juiz de Fora, com ciclo de palestras realizadas no MAMM/UFJF.
Antenado	18/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Aluno da Universidade Estadual de Araraquara pagará multa por organizar “rodeio das gordas”.
Página virada	19/5/13 – Dois p.1	Coleção da obra de Dormevilly Nóbrega (jornalista e professor) será disponibilizada na biblioteca da UFJF após restauro e organização.
Evento discute filosofia e educação	21/5/13 – Geral p. 4	XIV Semana de Filosofia do Seminário Santo Antônio tem como tema o ensino de filosofia nas escolas.

Ministério da Educação descredencia do Prouni uma em cada cinco faculdades	21/5/13 – Mundo – Pelo Brasil – p. 9		22% das instituições de ensino superior particulares foram descredenciadas por falta de comprovação de pagamento de tributos e contribuições federais.
Conchas de todo mundo	21/5/13 – Dois p. 3 – Confira		Museu de Malacologia da UFJF oferece visitas guiadas com alunos de escolas municipais e estaduais.
Bom exemplo	21/5/13 – Cesar Romero – p. 5		Gincana da Engenharia da UFJF promove trote solidário.
Parceria Internacional	21/5/13 – Cesar Romero – p. 5		Visita do reitor da Universidade de Miami para programa de intercâmbio com alunos e profissionais da Suprema e Monte Sinai.
História de JF	22/5/13 – Cesar Romero – p. 5		Exposição “Verbo e Cor” vai ilustrar catálogo didático para estudantes e banners para escolas e institutos da UFJF.
UFJF e Settra estudam via alternativa ao campus Capa: mesmo título	23/5/13 – Geral p. 3		Settra e UFJF planejam nova via para ligar zona sul à cidade alta. Discussão se deve ao atropelamento de um estudante que estava no ponto de ônibus. O trânsito também traz problemas para a comunidade acadêmica.
Bando danifica carros em frente ao HU	24/5/13 – Geral p. 4		15 alunos de Medicina da UFJF tiveram seus carros danificados em frente ao HU – Bairro Dom Bosco.
Mudanças no ingresso à UFJF	24/5/13 – Geral p. 4		UFJF anunciou mudanças no Pism e Vestibular a distância.
Anastasia quer PSDB ‘pró-ativo’	24/5/13 – Política p. 9		Em entrevista coletiva, governador repetiu várias vezes que o governo tucano conseguiu elevar a qualidade da educação em MG, com o melhor resultado do Ideb atualmente.
Cotação alta	24/5/13 – Cesar Romero – p. 5		Alunos de Publicidade e Propaganda do CES venceram prêmio Tubal Siqueira.
Voo Livre	24/5/13 – Cesar Romero – p. 5		Granbery festeja Dia Mundial do Metodismo.
Evento debate formas de combate às drogas	25/5/13 – Geral p. 4		IV Congresso Internacional sobre Drogas acontece na UFJF reunindo professores, estudantes e pesquisadores sobre o tema.
Curso superior eleva ganho em até 219%	25/5/13 – Economia p. 7		Pesquisa do IBGE sobre a diferença salarial dos brasileiros.
‘Cenário’ flagra produção de JF	26/5/13 – Economia p. 3		Revista Cenário, publicação da Tribuna, traz alguns resultados dos 163 anos de Juiz de Fora. Saúde e educação são dois segmentos que mostram fôlego; viabilização do Parque Tecnológico da UFJF como aposta.

Legislação é ignorada até em prédios públicos Capa: Acessibilidade é ignorada 10 anos após lei ser criada	26/5/13 – Geral p. 5	Empecilhos enfrentados diariamente por deficientes. Estudante de direito da UFJF, cadeirante, tem dificuldade de estudar; professor de história e deficiente visual com dificuldades de locomoção pela cidade.
Acesso ao Fies é garantido na Justiça	29/5/13 – Geral p. 4	Houve mudança na regra no ano em que passou no vestibular, passando a exigir o Enem. Acadêmico de Direito recorreu à Justiça para ter o Fies sem ter prestado Enem.
Total de inscritos no Enem atinge 7,8 mi	29/5/13 – Brasil p. 12	Número deste ano supera o do ano passado, de 6,4 mi.
Voo Livre	29/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Encontro de capacitação das equipes municipais da Superintendência Regional de Ensino no Granbery
Antenado	29/5/13 – Cesar Romero – p. 5	Quase metade dos calouros da UFJF são de outras cidades.
Contra a dengue	30/5/13 – Geral p. 8	75 alunos da escola Uirandê, no Costa Carvalho, participaram de uma passeata contra a dengue. Foi também um protesto contra a água parada em frente ao colégio.

Artigos, cartas, entre outros textos opinativos que tratam da educação e da docência

Título do artigo	Dados da edição	Resumo
Professor Municipal	1/5/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Opinião de leitora sobre o triste cenário dos professores terem que lutar por um salário a que têm direito por força de lei.
Negros continuam lutando	5/5/13 – Opinião p. 2 - Artigo	Baixa remuneração da população negra é reflexo de ensino de ponta não ofertado nas escolas públicas.
Professores	5/5/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Leitor comenta sobre a desvalorização do salário docente e compara sua situação como pedreiro com a do professor: ganha mais.
Enquete	7/5/13 – Opinião p. 2 – Enquete	“Você acha que a campanha da UFJF contra abusos nos trotes vai inibir esta prática entre os alunos?”. Sim – 34% e Não – 66%.
Trotes	9/5/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Críticas aos trotes aplicados pelos veteranos da UFJF.
Você considera humilhantes os trotes aplicados nos calouros da UFJF?	9/5/13 – Opinião p. 2 - Enquete	83% SIM; 17% NÃO

Trote	10/5/13 – Opinião p.2 – Dos Leitores	Os calouros gostam e aceitam os trotes.
País em “lege ferenda”	12/5/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Artigo de advogado e professor sobre a necessidade das leis e o caminho da civilidade.
Lei do solo	14/5/13 – Opinião p.2 - Painel	Alunos e professores de Arquitetura da UFJF querem debate sobre o projeto de revisão da lei de Ocupação e Uso do solo.
Você acha que o aumento do número de câmeras na UFJF vai evitar abusos no campus?	14/5/13 – Opinião p.2 – Enquete	70% SIM e 30% NÃO.
Professores	19/5/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	Avaliação de dois leitores sobre o desfecho da greve dos professores municipais.
Atropelamentos	23/5/13 – Opinião p.2 – Dos Leitores	Leitores discutem alternativas para anel viário do campus da UFJF.
Criar e crescer sempre	26/5/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Ismair Zaghetto, sociólogo e professor, escreve sobre a Tribuna de Minas e a história da cidade.
A esfinge pernambucana	30/5/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Do professor universitário, Paulo Diniz, sobre a política e o governador Eduardo Campos.

Mês de junho de 2013

Notícias relacionadas diretamente à categoria docente (selecionadas para a análise de conteúdo)

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Inversão de valor	1/6/13 – Opinião p. 2 - Editorial	Sobre os casos de agressões a professores e a repercussão do caso do professor agredido noticiado em 30/5/13.
Escola estadual tem R\$ 1 mil furtados	4/6/13 – Geral p. 4	Porta de acesso foi arrombada e o dinheiro sumiu.
Lições ambientais fora da sala	5/6/13 – Geral p. 4	Estudantes da Escola estadual Lindolfo Gomes tiveram lições sobre meio ambiente em oficinas ministradas por policiais ambientais.
Documento sobre Reposição de aulas	5/6/13 – Geral p. 4	A Secretaria de Educação enviou documento às escolas com o quadro de reposição das aulas, referentes às paralisações e greve dos professores.

Professor estadual para hoje Capa: Professor do estado faz paralisação hoje	5/6/13 – Política p. 5	Paralisação referente à campanha salarial dos professores do estado, com assembleia agendada em Belo Horizonte.
Professor paralisará atividades na Copa das Confederações	6/6/13 – Política p. 5	Cinco paralisações programadas dentro da campanha salarial, inclusive com manifestações durante as partidas internacionais.
Larvas do Aedes já nascem infectadas	9/6/13 – Geral p. 4	Professora do Departamento de Microbiologia da UFJF realiza estudo que demonstra que, uma vez infectada, a larva vai permanecer assim até morrer.
Jovens querem redução de tarifa	9/6/13 – Geral p. 3	Plano Municipal da Juventude foi elaborado com a participação de alunos, profissionais da educação, entre outros. Professora comenta que levou alunos para as reuniões e que uma das propostas é a criação de fóruns de instituições de ensino.
MEC cria Avaliação da Alfabetização	11/6/13 - Brasil p. 8	Avaliação vai conferir a qualidade da instrução primária das escolas públicas, com prova aplicada no final do 3º ano fundamental.
Insegurança muda rotina no entorno das escolas Capa: Assaltos perto de escolas mudam rotina de alunos	12/6/13 – Geral p. 3	Assaltos ficaram rotineiros no entorno de escolas particulares de JF, aumentando a sensação de insegurança de alunos, professores e pais. Sindicato considera que violência na porta das escolas é a mesma de outros lugares, “a escola não é uma ilha”.
Protestos na Copa	16/6/13 – Opinião p.2 - Painei	Liminar do TJMG vai impedir realização de protestos durante a Copa das Confederações, em jogos em BH. Professores do estado, em campanha salarial, agendaram protestos.
Professor estadual exige direito à greve	19/6/13 – Política p. 3	Professores protocolaram no MP solicitação de investigação de algumas posturas do governo de Minas, como práticas contrárias ao direito de greve e intransigências.
Ladrões invadem e roubam o Grupo Central	19/6/13 – Geral p. 7	Janela foi arrombada e foram levados cinco monitores, um HD externo e dois <i>pen drives</i> .
Ato começa na rua e termina no estádio	20/6/13 – Brasil p. 8	Em BH, manifestantes fecharam diversas ruas, já que o STF cassou a liminar que havia sido expedida pelo TJMG proibindo manifestações. O TJ havia negado o recurso do Sind-UTE.

Cidade ganha Dia Mundial da Segurança Escolar	27/6/13 – Geral p. 5	Prefeito sanciona lei criando inclusive a Semana Municipal da Segurança Escolar. Objetivo é criar áreas de proteção e trabalhar a conscientização, gerando melhores condições para estudantes e professores.
Reajuste	28/6/13 – Opinião p. 2 - Painei	Governo de MG reajustou tabelas de servidores de 78 carreiras.
Governo de MG sanciona reajuste	28/6/13 – Política – p. 3	Governador sancionou lei que reajusta tabelas de 78 categorias. Novos valores entram em vigor em julho.
João XXIII lança edital para seleção de cinco professores efetivos	28/6/13 – Economia p. 9	Exigida titulação mínima de mestrado para as vagas no depto. de Letras e Artes e uma no depto de ciências humanas.
Grupos de esquerda se articulam	30/6/13 – Política p. 5	Sindicalistas da cidade, entre eles professores, se articulam e querem aproveitar os movimentos e promover um avanço da esquerda e das bandeiras dos trabalhadores.

Notícias em que professores são personagens:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Soneto da saudade	1/6/13 – Dois p. 4	Sobre o falecimento da professora e escritora Creusa Cavalcanti França, com um resgate da sua trajetória literária.
Voo Livre	1/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professoras da escola Saci, Bárbara Pires e Zenise Santos estão no 34º Encontro dos Educadores Montessorianos.
Destino na ponta dos pés	2/6/13 – Dois p. 4	Professores Arthur Mouro e Letícia Sabino criaram coreografias para a bailarina que representará Jf no Festival de Dança de Joinville.
Em Brasília, visita aos principais órgãos	2/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) p. 4	Citado o professor Ricardo Spinelli, coordenador do Projeto Direito Itinerante do Vianna Júnior.
Calendário	4/6/13 – Opinião p. 2 – Painei	Citado o reitor da UFJF, Henrique Duque, que pode disputar cadeira na Assembleia ou Câmara Federal.
Voo Livre	5/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professores Maria Cristina Vasconcellos Furtado e Abraão Elias Hallak Neto na coordenação da residência médica do HU.
Técnica dos afetos	6/6/13 – Dois p. 1	Professor e artista, responsável pela criação de vários cursos de artes plásticas, recebe homenagem em exposição “João Rossi, através do tempo”, no espaço Cultural Correios.

Voo Livre	7/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor e treinador de vôlei do Jesuítas, Tídnho Rocha, comemora os 30 anos na profissão.
Jogo de tensões	7/6/13 – Dois p. 6	Professor do IAD da UFJF, Fabrício Carvalho, realiza exposição “Cúbico”, com esculturas e desenhos.
Comissão identifica novo local de tortura em JF	8/6/13 – Política Pág. 3	Professora do departamento de História da UFMG e assessora da Comissão Nacional da Verdade foi responsável por pesquisa sobre locais de detenção e tortura.
Barroso é nomeado ministro	8/6/13 – Política p. 4	Ministro é advogado, procurador de Estado e professor.
Escritos de um poeta mineiro	8/6/13 – Dois p. 3	Professor Luiz Fernando Medeiros de Carvalho organiza lançamento do livro do escritor Milton Rezende.
Voo Livre	9/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 3	Professor Carlos Fernando Cunha organiza bate papo entre alunos de música da UFJF e Maristela Rocha.
Semana de moda no Rio	9/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 6	Professora Lúcia Rebello na foto com Ana Paula Calixto, convidada para debate na Estácio de Sá/RJ sobre moda e comunicação.
Sobre miados, latidos e afins	9/6/13 – Dois Págs. 1 e 2	Professora de História, Natália Paganini, conta sobre cotidiano com sua gata, Liberdade.
Juiz-forano começa a receber nova nota fiscal	11/6/13 – Economia p. 7	A professora Elosaine Pires Oliveira não havia percebido que na nota fiscal da compra havia descrito o imposto pago.
Ele provou que pensa em você toda hora	11/6/13 – Dois p. 1	Entrevistada a respeito do show do Roberto Carlos em JF, a professora aposentada Ligia Ferreira de Souza criticou estrutura e “choradeira” do público.
Entrevista/Carlos Mendes de Souza, professor de literatura brasileira: Pinceladas em busca da paz	11/6/13 – Dois p. 4	Entrevista sobre Clarice Lispector, principalmente sobre os estudos do professor que ressaltam a presença da pintura na vida e obra de Clarice.
Acidente com ônibus mata dois estudantes	13/6/13 – Brasil p. 6	Dois estudantes morreram em acidente do ônibus que transportava alunos, inspetores e professora para cidade de Silva Jardim (RJ).
Tome nota	13/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Benito Taranto vai tocar no Jantar Orquestrado da Academia Nacional de Música. Será homenageado o reitor da UFJF, professor Henrique Duque
Lá e cá	15/6/13- Cesar Romero – p. 5	Pesquisa norte-americana sobre empregos revela que o professor universitário de tempo integral nos EUA é o profissional menos estressado.
Juiz de Fora nas Confederações	16/6/13 – Esporte p. 10	Professor do departamento de Química da UFJF, Luiz Antônio Sodré Costa, acredita que o trabalho voluntário na Copa é uma forma de aproximação com outras culturas.

Alerta para golpe contra idosos	19/6/136 – Geral p. 5	Crime consiste em carta informando sobre direito à pecúlio. Duas denúncias chegaram ao Serviço de Defesa do Consumidor, uma delas de um professor aposentado da UFJF.
Instrumento de libertação	20/6/13 – Dois p. 4	Edição juiz-forana do Festival Guitar Player recebe Mozart Melo, um dos mais conceituados professores de guitarra do país.
Falou e disse	20/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Coluna reproduz frase do professor Márcio Guerra.
Funalfa seleciona quatro propostas em prêmio de fotografia Rumo aos EUA	21/6/13 – Dois p. 4	Um dos avaliadores das fotografias é o professor Carlos Reyna, da UFJF.
PM realiza ação na Vila Olavo Costa	21/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professora Maria Nazaré Laroca vai para NY em visita ao escritório de Esperanto da ONU e Carolina do Norte para curso superior de literatura em Esperanto.
Minha academia, minha vida	23/6/13 – Geral p. 5	Ação cívico social no bairro Olavo Costa contou com a participação do professor de fisioterapia da Universo, Marcelo Resende Machado.
Dose dupla	23/6/13 – Esporte p.9	Dupla de lutadores e professores de <i>muay thai</i> , <i>kung fu</i> e <i>jiu-jitsu</i> , Daniel Siqueira e Vinícius Costa, falam da rotina de mais de 15 horas na academia.
Jantar para o reitor	23/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	Professora Neuza Marsicano ministrou palestra sobre educação a distância e redes sociais na Casa de Cultura. Também coordenou mesa em seminário na UERJ.
Voo Livre	23/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 4	Professor Benito Taranto orquestrou o jantar em homenagem ao reitor da UFJF oferecido pela Academia Nacional de Música.
Voo Livre	23/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 4	Na programação do festival de Dança, a professora carioca Renata Peçanha.
Campeão em Itabira	23/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 6	Alunos de design de Moda do CES promovem desfile no término do semestre letivo
A arte pulsa	25/6/13 – Dois p. 1	Atleta campeão de tumbling do Campeonato Brasileiro de Ginástica na foto ao lado do professor, Deber Zambelli.
Tema atual	25/6/13 – Cesar Romero - p. 5	15 ensaios foram organizados pela professora do IAD/UFJF, Maria Lucia Bueno, em livro intitulado “Sociologia das artes visuais no Brasil”, com lançamento no Mamm.
Voo Livre	25/6/13 – Cesar Romero - p. 5	Professor da UFJF, Paulo Roberto Figueira Leal, palestra sobre manifestos populares no colégio Apogeu.
Voo Livre	25/6/13 – Cesar Romero - p. 5	Professora Kellma Leal organizou jantar temático com alunos de gastronomia do CES no restaurante Til.
Ônibus na mira dos	25/6/13 – Cesar Romero - p. 5	Professor Saulo Araújo lança livro “Ecos do passado: estudos de história e filosofia da psicologia”.
Ônibus na mira dos	26/6/13 – Política	Entrevistada sobre o atendimento das linhas de ônibus e

manifestantes	p. 3	horários, a professora Flávia da Silva Araújo reclama da falta de linhas que atendam bairros próximos.
Um papel fundamental	26/6/13 – Dois p. 1 – inteira	Lançamento do livro do restaurador de papel do Mamm conta com a presença do professor Howard Besser da Universidade de Nova York.
Farsa cotidiana	26/6/13 – Dois p. 3 – Confira	Peça “A cidade da felicidade”, do núcleo de adolescentes do grupo Divulgação, tem como personagem a professora Cida, na história, consciente do poder da educação e do seu ofício.
Voo Livre	27/6/13 – Cesar Romero – p. 5	A convite da professora Viviane Basílio, Ricardo Barcellos faz oficina de arte com alunos do Centro de Educação do Menor.
Conversa séria com pitada de fantasia	27/6/13 – Dois p. 3 – Confira	Professora aposentada Ângela da Silva Vaz Pereira lança livro infanto-juvenil sobre os problemas ambientais.
FHC é novo imortal	28/6/13- Dois p. 4	Fernando Henrique Cardoso é graduado em sociologia pela USP, seguiu carreira acadêmica e tornou-se professor emérito na mesma universidade.
Despedida do professor Cruz	28/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Sociólogo e professor Afonso Cruz deixa a superintendência da Tribuna de Minas.
Voo Livre	28/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professores Deborah Lisboa e Lucas Aguiar promovem oficina de arte circense.
Futebol nos EUA	29/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Professor Sérgio Moraes ensina metodologia de treinamento do futebol brasileiro em Las Vegas.
30 anos de educação	30/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	Diretora do sistema Degraus comemora 30 anos como educadora e inaugura novo prédio da creche escola Cantinho Feliz.
Avô do samba	30/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	Professora Carolina dos Santos Bezerra lança livro “Cavará Jongueiro Velho” no MAMM.
Voo Livre	30/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 4	Professor Bernardo Hallack e alunos do Apogeu participam da campanha de doação de sangue.
Olho vivo	30/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 6	Necessidade de um novo trevo de acesso ao novo HU e Faculdade de Medicina.

Notícias em que professores são fontes especializadas em algum assunto:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Com 4G à porta, 3G ainda falha	2/6/13 – Economia p. 3	Professor do curso de Engenharia de Telecomunicações do CES, Almir Gonçalves Pereira, comenta sobre o baixo potencial do sistema e os fatores que impedem altas velocidades em JF.
Dissecando o tempo	2/6/13 – Dois p. 1	Professora aposentada da Faculdade de Letras da UFJF, Ilma de Castro Barros e Salgado comenta sobre os estudos da obra do escritor Pedro Nava.
Cesama garante que uso do manancial não muda	6/6/13 – Geral p. 3	Professor do curso de especialização em análise ambiental da UFJF, César Henrique Barra, acredita que PJF está abrindo mão de uma grande reserva (Represa de São Pedro).
De volta em grande estilo	6/6/13 – Dois p. 6	Professor do departamento de Turismo da UFJF, Marcelo do Carmo Rodrigues, fala sobre a realização do Miss Brasil Gay no Cine-Theatro Central, inserindo a cidade numa temática atual no mundo.
Brincadeira de criança atleta	9/6/13 – Esporte p. 4	Professor da Faefid UFJF, Jorge Perrou, é organizador da corrida infantil e defende o esporte enquanto socialização das crianças.
Sobre miados, latidos e afins	9/6/13 – Dois Págs. 1 e 2	Professora de letras/UFJF, Jovita Noronha, fala sobre autobiografia a partir da reportagem sobre o livro “Um gato de rua chamado Bob”.
Na Basílica	15/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Cerca de 60 professores e funcionários do Colégio Santa Catarina participam da comemoração do quarto centenário da fundação da Congregação de Irmãs de Santa Catarina.
Sem link	18/6/13 – Opinião p. 2 – Painei	Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF, Paulo Roberto Figueira, não vê ligação entre as vaias à Dilma e os protestos no Rio, São Paulo e Brasília.
Pela tela, pela janela	18/6/13 – Dois p.1	Professora da linha de Estética, redes e Tecnocultura do Mestrado em comunicação da UFJF, Marta Pinheiro, há um desejo crescente de participação do público, um espectador participativo (fenômeno de multiplicação dos dispositivos tecnológicos em ambientes culturais).
Popularidade de Dilma cai para 55%	20/6/13 – Política p. 4	Cientista político e professor da Fundação Getúlio Vargas, Fernando Luiz Abrucio, afirma que tem início um novo ciclo político e social no país, um reclame para a melhoria da qualidade de vida da população.

Demanda represada	21/6/13 – Opinião p. 2 - Painel	Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF, Wedencley Alves, observa que a necessidade dos jovens é de serem ouvidos; Professora Iluska Coutinho observa que as redes sociais estão sendo mais eficientes que mídia tradicional.
A voz do íntimo	21/6/13 –Dois p. 6	Professora da UFRRJ, Patricia Reinheimer, analisa as manifestações artísticas associadas ao tratamento psiquiátrico.
Classe política vive momento de incerteza	23/6/13 – Política p. 4	Cientistas políticos e sociais e professores Paulo Roberto Figueira (UFJF), Fernando Perlatto (UERJ) e Diogo Tourino (UFV) analisam as manifestações do ponto de vista de seus objetivos e estratégias.
JF começa o ano fora do mapa de investimentos	23/6/13 – Economia p. 7	Diretor da Faculdade de Economia da UFJF, Lourival Batista de Oliveira Júnior, avalia concentração de investimentos em apenas um negócio.
Um papel fundamental	26/6/13 – Dois p. 1	Professora do curso de conservação-restauração de bens culturais da UFMG, Iacy-Ara Froner, comenta pesquisa realizada pelo restaurador do Mamm, que propõe questões relativas à memória.

Notícias em que o assunto é ou está relacionado à Educação:

Título da notícia	Dados da edição	Resumo
Entrevista/Tamires Rizzo, executiva nacional da Anel: “A UNE foi de mala e cuia para o governo”	1/06/13 – Geral p.4 – Política	Acontece na UFJF o 2º Congresso da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres, que debate movimento estudantil e conjuntura da educação superior.
Entrevista/Marlon Martins, secretário de agricultura e abastecimento	1/06/13 – Geral p.5 – Economia	Secretário fala sobre como atender o programa Nacional de Alimentação Escolar na cidade.
Sinalização falha em área escolar	1/06/13 – Serviço p.4 – Vida urbana	Escola Saci reivindica melhorias na sinalização da via, já que vários acidentes aconteceram próximo à escola.
Metade dos calouros vem de fora	2/6/13 – Geral p. 5	Ingressantes pelo Sisu, na maior parte, vêm do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Professores e dirigentes defendem a diversidade de alunos.
Prestígio + Aliás	2/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 2	Reitor da UFJF anuncia a liberação das obras de restauração da antiga sede do DCE.
Sons de outros tempos	4/6/13 – Dois p. 1	Festival de Música Antiga tem oficinas práticas e cursos de didática da musicalização para professores da rede estadual.
Vale tudo	4/6/13 – Cesar	UFMG não terá aulas durante os jogos a serem

	Romero – p. 5	realizados no Mineirão para a Copa das Confederações.
CEM oferece 169 vagas para cursos	5/6/13 – Geral P. 4	Prazo para inscrição nos cursos oferecidos no Centro de Educação de Jovens e Adultos Geraldo Moutinho.
Fim do impasse	5/6/13 – Dois p. 1	Justiça concedeu decisão favorável para que UFJF restaure antigo prédio do DCE. Instituição planeja construir o Centro Universitário de Cultura e Arte do DCE (Cuca).
Voo Livre	5/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Alunos lançam projeto CES Sustentável.
Despertar musical	6/6/13 – Dois p. 4	Quarteto Spalla Pró-Música foi selecionado para o Prêmio Funarte de Concertos Didáticos e seis escolas receberão os instrumentistas.
Voo Livre	6/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Aluna da UFJF eleita diretora de políticas educacionais da UNE.
5 entidades beneficiadas por trote	7/6/13 – Geral p. 4	Projeto Trote Solidário na Engenharia de Produção da UFJF, em que entidades ganham mini consultoria.
Mobilização pela represa	8/6/13 – Geral p. 5	Professor coordenador do Núcleo de Análise Ambiental da UFJF, César Henrique Barra, diz que UFJF poderia assumir e preservar manancial.
Lixo no campus da UFJF	11/6/13 – Geral p. 4	Há acúmulo de lixo próximo a um estacionamento da instituição, o que foi denunciado nas redes sociais.
Estudantes de JF definem prioridades	12/6/13 – Política p. 5	Alunos participam da plenária final do parlamento jovem na Câmara Municipal
Aprovada MP para educação	13/6/13 – Política p. 5	MP 606 autoriza pagamento de convênios entre prefeituras e pré-escolas sem fins lucrativos com recursos federais.
Faltam voluntários para atuar em áreas escolares	16/6/13 – Geral p. 4	Programa da Settra “Monitores de travessia” tem alta demanda e baixa procura de voluntários para auxiliar na travessia de pedestres próximos a escolas.
UFJF terá novos RU e Reitoria	16/6/13 – Geral p. 4	UFJF vai erguer novo prédio para Reitoria, próximo ao ICH, e anexo um novo restaurante. Na avaliação da administração da UFJF, prédio da reitoria ficou com pouco espaço.
Sorteio de vagas ainda sem definição	16/6/13 – Geral p. 4	UFJF ainda aguarda decisão judicial para marcar novo sorteio. Pais de estudantes inscritos se preocupam com a demora.
Protesto e confronto próximo a estádio	16/6/13 – Brasil p. 8	Manifestação no estádio Mané Garrincha durante a abertura da Copa das Confederações teve como um dos motes “Copa eu abro mão, quero dinheiro para saúde e educação”.

Medalha de ouro	16/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	Juiz-forano é ganhador da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas 2012. Premiação acontece no Teatro Municipal do Rio.
Voo Livre	16/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 2	Lançados os cursos preparatórios para o Enem, PISM e vestibulares do Educar – Espaço Pedagógico.
Milhares protestam em Juiz de Fora	18/6/13 – Política p. 3	Manifestantes tomaram as ruas com críticas aos gastos com eventos esportivos e escassez de recursos para algumas áreas, como educação.
Arte no calçadão	18/6/13 – Geral p. 6	Crianças de nove escolas municipais fizeram uma intervenção artística no calçadão, intitulada “A dança da escola no calçadão”.
Para apreciadores de Mozart	18/6/13 – Dois p. 3 – Confira	Inauguração do Projeto Orquestra de Câmara do pró-Música, oportunidade de apresentação dos alunos de Música/UFJF com a orquestra do Pró-Música.
Manifestantes querem licitação de ônibus	19/6/13 – Política p. 3	Protesto marcado por Facebook, além de questões relacionadas ao transporte, reivindica mais investimentos para educação.
Verba para Parque Tecnológico	19/6/13 - Economia p. 4 – sup. dir.	Parque Científico e Tecnológico da UFJF deverá receber R\$ 500 mil do governo estadual. 20 empresas e 1 laboratório negociam estadia no local.
Música nas escolas	19/6/13 – Cesar Romero – p. 5	ArcelorMittal lança projeto “Acordes”, beneficiando cem alunos com ensino de música erudita nas escolas. Primeira é a Escola Municipal Theodoro Frederico Mussel.
Cadastro na rede municipal termina amanhã	20/6/13 – Geral p. 5	Cadastro tem o objetivo de atender crianças que completem 4 e 5 anos até 31 de março de 2014 para educação infantil e 6 anos para ensino fundamental.
Ato traz pauta local para as ruas	21/6/13 – Política p. 3	Cartazes dos manifestantes cobram recursos para áreas essenciais como saúde e educação. Alguns dizeres: “Saúde e educação padrão Fifa”; “menos copa, mais sala de aula”.
Dilma diz que irá receber manifestantes	22/6/13 – Política p. 3 – sup. centro	Presidente diz que o foco é destinar 100% dos recursos do petróleo para a educação.
70 municípios debatem segurança com a PM	22/6/13 – Geral p. 4	No seminário “ação para prevenção”, o reitor da UFJF disse que a realização do curso de especialização em segurança pública e cidadania busca a prevenção à criminalidade.
Rio volta a registrar violência e saques	22/6/13 – Brasil p. 8	Ao menos oito colégios e uma faculdade dispensaram alunos e funcionários por causa dos atos.
Inscrições abertas no Cândido Tostes	23/6/13 – Geral p. 5	30 vagas são oferecidas para o próximo semestre no curso técnico em leite e derivados.

Zine Cultural	23/6/13 – Dois p. 6	Sobre a Semana do design Gráfico na Estácio de Sá, com o tema sustentabilidade.
Expô no Stella	23/6/13 – Cesar Romero (caderno especial) – p. 1	Alunos do 9º ano do Stella Matutina organizam exposição “JF com sagrados”, com obras de arte plástica de artistas locais.
Dilma quer plebiscito e Constituinte	25/6/13- Política p. 3	Presidente reuniu governadores e prefeitos e apresentou cinco propostas para um reforma política. Um dos pontos é a destinação de 100% dos royalties do petróleo e 50% do pré-sal para a educação.
Atendimento especial para pessoas com deficiência	25/6/13 – Geral p.5	Candidatos ao PISM que têm deficiência visual ou auditiva podem pedir isenção da taxa de inscrição por meio de intérpretes, letores e transcritores em esquema especial.
Cadastramento escolar é prorrogado até sexta-feira	25/6/13 – Geral p. 5	Aumentou o prazo para cadastramento de crianças para o ensino infantil e fundamental na rede pública de ensino.
70 anos de CLT	25/6/13 - Economia p. 7	Advogados e estudantes de direito participaram de seminário na subseção Juiz de Fora da OAB sobre os 70 anos da CLT e o trabalho feminino no país.
Mais um dia de atos faz duas mortes	25/6/13 – Brasil p. 10	Em BH, estudantes da UFMG realizam protesto contra a direção, já que a Força Nacional de Segurança ficou camuflada na mata da instituição para monitorar manifestantes. No RJ, protestos pediam mais educação. Em São Luís (MA) estudantes participaram dos protestos levando a pauta da educação.
Só artistas locais	25/6/13 – Dois p. 3 – Confira	Telas de artistas locais estão expostas ao público no colégio Stella Matutina, na programação da Semana de Arte com Sagrados promovida por alunos do 9º ano.
Vivências de cinema	25/6/13 – Dois p. 4	Semana do Audiovisual (Seda) traz oficinas e debates, como sucata animada, músicas, imagens e ferramentas independentes e realização audiovisual.
Renan propõe passe livre para estudantes	26/6/13 – Política p. 4	Presidente do Senado apresentou projeto de lei de sua autoria criando o passe livre para estudantes, com recursos do petróleo e pré-sal.
Concurso literário	26/6/13 – Cesar Romero - p. 5	Concurso histórico literário para alunos do ensino fundamental com tema “200 anos do nascimento do Barão de Mauá”.
Aprovada urgência para projeto de royalties	27/6/13 – Política p. 4	Aprovado o requerimento que pede urgência na votação do projeto que prevê 75% dos royalties do petróleo para educação e 25% para a saúde.
Mais 500 alunos são formados no Proerd	27/6/13 – Geral p. 5	Alunos de escolas públicas e particulares da zona sul tiveram a formatura pelo Programa Educacional de Resistência às Drogas.

Voo Livre	27/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Alunos do voluntariado jovem do Colégio Santa Catarina promovem festa junina para 160 crianças do Cepron.
Pedidos de isenção de taxa até hoje	28/6/13 – Geral p. 5	Podem reivindicar a isenção de taxa de inscrição do PISM alunos de escolas públicas, bolsistas da rede particular, desde que a renda familiar per capita seja um 1,5 salário e pessoas com deficiência visual ou auditiva.
Programa contra as drogas	28/6/13 – Geral p. 5	500 alunos de escolas da Zona Sul participaram da solenidade de formação do Programa Educacional de Resistência às Drogas, desenvolvido pela PM.
Primeiríssima	28/6/13 – Cesar Romero – p. 5	Aluna do Colégio Militar é primeiro lugar na etapa estadual do Soletrando.
‘Canal de diálogo’ com jovens nas redes sociais	29/6/13 – Política p. 5 – centro dir.	Presidente e ministros, entre eles o da Educação, Aloizio Mercadante, receberam movimentos ligados à juventude no palácio do planalto para a criação de um canal, nas redes sociais, de diálogo com a juventude.
Um viva para o museu	30/6/13 – Dois p. 3	Comemorações do aniversário do Museu com alunos da Escola de Artes Pró-Música/UFJF e integrantes do projeto Ação Social através da Música.

Artigos, cartas, entre outros textos opinativos que tratam da educação e da docência

Título do artigo	Dados da edição	Resumo
Frases	1/6/13 – Opinião p. 2 – Frases	Fala de um professor da escola em que houve caso de agressão: “Eles não se portam como alunos”.
Educação começa no peito	6/6/13 – Opinião p. 2 – Artigo	No início do contato com a vida é que começa a educação, na família.
Muito barulho por nada	8/6/13 – Esporte p. 9 – Nada no balaio	Artigo do jornalista Ricardo Miranda sobre os modernos e caros estádios de futebol em que cita as opiniões de um professor universitário.
Nós somos o meio ambiente	9/6/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Professor de geografia, Adriano de Amorim Fernandes, considera que mudança de postura para preservar a natureza envolve se sentir como parte de um todo.
Nota fiscal	16/6/13 – Opinião p. 2 – Dos Leitores	A nova nota fiscal mostra medidas “maquiavélicas” na arrecadação de impostos, enquanto áreas como saúde, educação e estradas federais estão precárias.
Enquete	18/6/13 – Opinião p. 2 - enquete	Você acha que protestos como os dessa semana podem prejudicar a organização da copa das confederações? Professora Valéria Casimiro foi entrevistada.

Protestos	22/6/13- Opinião p. 2 – Dos Leitores	Vamos protestar contra a lei 100 do estado de MG, contra contratos temporários de professores deixando uma grande maioria de aprovados sem contratação.
Do manifesto às manifestações	27/6/13 – Opinião p. 2 – Artigo	Artigo assinado pelo advogado e professor João Carlos de S. L. Figueiredo sobre as características das manifestações e o capitalismo.

APÊNDICE B

Grupo de tabelas 2 - Aspectos do enquadramento jornalístico nas notícias relacionadas aos professores:

Mês de fevereiro de 2013

Notícia	Temática / acontecimento	Editoria / posição de destaque	P.	Tamanho da matéria	Gêne-ro jornalístico	Recursos imagéticos	Fontes entrevista-das / utilizadas
Professor volta às aulas com liminar	Lei do Piso - 1/3 da jornada de trabalho para atividades extraclasse	Política Capa: “Professor inicia ano com menos tempo em sala”	9	5cm / 3 col. Total: 6,3 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Sindicato - Coordenador do Sinpro e vereador Roberto Cupolillo (Betão)
UFJF abre 366 vagas em licenciaturas	Recursos e condições de trabalho	Geral	4	7,6 cm / 1 col. Total: 11,3 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	UFJF
Aulas na PJF começam com paralisação por 1/3	Lei do Piso - 1/3 da jornada de trabalho para atividades extraclasse	Política Capa: “Aulas na PJF começam com paralisação de professor	7	35 cm / 1 col. Total: 41,8 cm / 1 col. + foto de 12 X 12,5 cm	Inf.	Fotografia – Alunos chegando com os pais à Escola Municipal Amélia Mascarenhas.	Aluna do ensino fundamental; Pai de aluno; Avó de alunos; Sindicato – Coordenadora do Sinpro Aparecida de Oliveira Pinto; Assessoria da Prefeitura.
Professo-res amea-çam fazer greve em março	Campanha salarial / Greve do magistério	Política Capa: “Professores da PJF ameaçam greve em março	7	9,5 / 3 col. + foto de 9 X 19,5 cm Total: 25,7 / 3 col.	Inf.	Fotografia – Professores na fila para abertura de ações individuais na Justiça, referentes ao 1/3 da	Sindicato – Presidente do Sinpro Flávio Bitarello; Assessoria da Prefeitura; Procuradoria Geral do Município;

						jornada. A cena de recolhimento dos documentos e assinaturas foi fotografada durante a assembleia, realizada no Pró-Música.	Secretaria de Educação.
Parecer ameaça 98 mil em Minas	Lei 100/2007 (efetivação de funcionários contratados pelo Governo de Minas)	Política	7	7,7 / 3 col. Total: 9,2 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Advocacia Geral da União – advogado Luís Inácio Adams; Assembleia Legislativa de MG; Governo de MG.
Presos terão cursos técnicos	Política Educacional (Pronatec)	Brasil	11	10,3 / 2 col. Total: 11,7 / 2 col.	Inf.	Não tem	Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo; Ministro da Educação Aloizio Mercadante.
Nova espécie de sapo localizada no Parque da Lajinha	Pesquisa e desenvolvimento	Geral	3	13,4 cm / 3 col., incluindo foto de 8,4 X 18,1 cm + foto de 5 X 4,8 cm.	Inf.	Fotografia (2) Professora ao lado de dois alunos no laboratório; Sapo encontrado no parque.	Professora do ICB/UFJF, Rose Marie Hoffman de Carvalho.
Servidor faz ato por Lei 100	Lei 100/2007 (efetivação de funcionários contratados pelo Governo de Minas)	Política	5	6,2 / 2 col. + foto de 6,3 X 14,4 cm Total: 14,1 / 2 col.	Inf.	Fotografia – Professora participante do ato aberta a mão do governador	Governador de MG Antônio Anastasia; Presidente da Associação de Professores Públicos de MG (APPMG), Joana D’Arc Gontijo.
JF faz encontro para capacitar educadores	Política Educacional (Pacto nacional pela Alfabetização	Geral	4	10,3 / 1 col. Total: 14 cm / 1 col.	Inf.	Não tem.	Supervisora pedagógica do Seminário, Lúcia Bezerra.

	na Idade Certa)						
Ameaça de greve adianta campanha	Greve do magistério municipal	Política Capa: Bruno pode enfrentar 1ª greve de servidores	9	19,6 / 5 col. + 8,2 / 2 col. + infográfico de 11,4 X 18,8 cm + foto de 8,5 X 14,5 cm Total: 38,5 / 5 col.	Interp.	Infográfico – imagem de uma mesa redonda, fazendo referência às negociações, com as principais demandas de professores, servidores e médicos municipais. Fotografia - Secretário de Administração e Recursos Humanos da PJF, Alexandre Jabour.	Secretário de Administração e Recursos Humanos da PJF Alexandre Jabour; Coordenadora do Sinpro Aparecida de Oliveira Pinto; Presidente do Sinserpú Amarildo Romanazzi; Presidente do Sindicato dos Médicos Gilson Salomão.
Escrita sem seguidores	Ensino escolar	Caderno Dois	1 e 4	13,8 / 2 col. + 10,7 / 2 col. + fotos de 9,3 X 3,9 cm (2); de 6,4 X 4 cm col.(2) e de 6,9 X 4 cm Total: 39,5 / 2 col. + 11,5 cm / 2 col. (continuação)	Interp.	Fotografias dos escritores entrevistados e “olho” com as falas mais interessantes.	Escritor, jornalista e professor Felipe Pena; engenheira e escritora Carol Sabar; escritora Tatiana Salem Levy; escritor Paulo Scott; poeta André Capilé.
Escolas investem no ensino de xadrez	Ensino escolar	Geral	6	14, 2cm / 4 col. + 13, 8cm/1 col. + 7,6 / 2 col. + foto de 7,1 X 10,3 cm + infográfico de 7,7 X 14,5 cm Total: 40,2 cm / 4 col.	Interp.	Fotografia – Professora orienta aluno durante aula de xadrez; Infográfico: As escolas da rede municipal que oferecem aulas de xadrez (com imagem do	Doutoranda e pesquisadora Letícia Perani; Professora Patrícia Coelho e aluno Murilo dos Santos, campeão nos Jogos Escolares de MG; Professor Haroldo Carvalhido;

						tabuleiro e peças).	Justino de Paula; vereador Francisco Canalli; Secretária de Educação; Alunos Júlia Maximilia-no, Pedro Ferreira Lage
TJMG suspende liminar de 1/3	Lei do Piso - 1/3 da jornada de trabalho para atividades extraclasse	Política Capa: Suspensas liminares que dão 1/3 para professor	5	11,1 cm / 3 col. + 16,5 cm / 1 col. + 6,7 / 2 col. + foto de 9,8 X 11,1 cm Total: 37,8 cm / 3 col.	Interp.	Fotografia – Diretor do Sinpro, Flávio Bitarello.	Desembargador Bandeira Melo; procurador-geral do município Leonardo Carvalho; Secretário de Educação Weverton Vilas Boas de Castro; Presidente do Sinpro Flávio Bitarello.
Corte de 25% no orçamento do HU	Ensino superior	Geral Capa: Com orçamento cortado, HU reduz atendimento	3	8,5 cm / 4 col. Total: 13,2 cm / 4 col.	Interp.	Não tem	Reitor da UFJF, Henrique Duque; Diretor do HU/UFJF Dimas Augusto Carvalho de Araújo; Secretário de Saúde de JF José Laerte.
PJF propõe 1/3 para ano que vem	Lei do Piso - 1/3 da jornada de trabalho para atividades extraclasse	Política Capa: Bruno quer 1/3 para professor só em 2014	5	11, 8 cm / 2 col. Total: 18,7 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Secretário de Educação Weverton Vilas Boas de Castro; presidente do Sindicato dos Professores Flávio Bitarello.

Total: 15 notícias em fevereiro de 2013

Mês de março de 2013

Notícia	Temática / acontecimento	Editoria/ posição de destaque	P.	Tamanho da matéria	Gênero jornalístico	Recursos imagéticos	Fontes entrevista-das / utilizadas
Estatual diz que HU receberá recursos	Ensino superior	Geral	5	24,9 / 2 col. Total: 28,7/ 2 col.	Inf.	Não tem	Assessoria de imprensa da EBSEH; HU/UFJF; diretor financeiro do HU Alexandre Magno; Coordenador do Sintufejuf (Sindicato dos Técnico-Administrativos) Lucas Simeão; Presidente da Apes (Associação dos Docentes) Paulo César de Souza Ignácio; setor de Regulação da secretaria de Saúde.
SEE inicia convocação de aprovados em concurso para professor	Recursos e condições de trabalho	Economia – Seção “Tribuna de Empregos”	7	Total: 5,2 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Governo de MG.
Professor reduz aulas em 5 minutos	Lei do Piso - 1/3 da jornada de trabalho para atividades extraclasse	Política Capa: Professores reduzem aulas em 5 minutos	7	10,3 cm / 3 col. + foto de 8,6 X 19,6 cm	Inf.	Fotografia – Momento da aprovação do corte da carga horária pela assembleia dos professores municipais	Prefeitura e Sinpro.
Mal-estar	Militância e participação na política	Opinião (Painel)	2	8,2 cm / 1 col.	Op.	Não tem	Professora Victória Mello (SindUTE) e professor e vereador Roberto

							Cupolillo (Sinpro).
Detento aprovado na UFJF	Política Educacional (Programa de ressocialização de detentos)	Geral	4	15,5 cm / 3 col. + 5,8 cm / 3 col. + foto 15,5 X 9,7 cm Total: 28 cm / 3 col.	Interp.	Fotografia – momento em que detento preenche documentos	Detento Ronaldo Tadeu da Silva (personagem); diretora geral da Penitenciária Ariosvaldo Campos Pires, Ândrea Valéria Andres Pinto; pedagoga da penitenciária Viviane de Freitas.
Preocupação com junção de turmas	Recursos e condições de trabalho	Geral	5	17,3 cm / 2 col. Total: 19,8 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Coordenadora de Comunicação do Sind-UTE, Yara Aquino; Assessoria da Secretaria de Estado de Educação; professor da Escola Normal e diretor do Sind-UTE Julio Cezar Lang Doria.
Protesto contra fusão de turmas	Recursos e condições de trabalho	Geral	4	14,6 cm / 3 col. + foto de 9 X 14,8 cm Total: 17,3 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia: Alunos e professores em marcha pela Avenida Itamar Franco, durante protesto.	Professor de Geografia da Escola Normal, Patrick de Alencar; diretora da escola Normal, Patrícia Granato; Diretora da SER, Belkis Furtado.
Corte em aula vai até quarta	Lei do Piso - 1/3 da jornada de trabalho para atividades extraclasse	Política	7	6,8 cm / 2 col. Total: 8 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Presidente do Sinpro Flávio Bitarello; Assessoria da Secretaria de Educação.
Salas de aula sem professores	Recursos e condições de trabalho	Geral Capa: Alunos à mercê da	3	14,3 cm / 3 col. + 26,2 cm / 1 col. + 9,3 cm / 3	Interp.	Fotografia: Aviso pregado na parede de	Coordenadora da subseção do Sind-UTE (Sindicato dos

		falta de professores na rede pública		col. + 6,5 cm / 3 col. + foto de 10,6 X 17,1 cm + quadro de 43,5 X 4,3 cm Total: 50 cm / 3 col.		escola municipal dizendo que não haverá aula enquanto não houver contratação de professores. Quadro com um resumo da situação de cada escola pública com problema de falta de professores.	Trabalhadores da Educação Estadual), Victória Melo; Pais de alunos (2); Educador da Escola Estadual Deputado Olavo Costa; Docente de História; Estudantes do sexto ao nono ano do Grupo Central; Aluno do 2º ano do ensino médio; Alunos do Polivalente de Benfica; Diretor da Escola Municipal Prefeito Dilermando Cruz Filho, Marcus Vitoi; Tia de aluno; Diretora da Escola Municipal Professor Augusto Gotardelo; Assessoria da Secretaria Estadual de Educação; Coordenadora de comunicação do Sind-UTE, Yara Aquino; Professor do Instituto Estadual de Educação; Coordenadora do Sinpro, Aparecida de Oliveira; Secretário de Educação, Weverton Vilas
--	--	--------------------------------------	--	--	--	---	---

							Boas.
Alunos denunciam falhas na estrutura de escolas	Recursos e condições de trabalho	Geral	4	23,5 cm / 3 col. + foto de 23,5 X 7,2 cm Total: 30,8 cm / 3 col.	Interp.	Fotografia: Carteiras quebradas e paredes deterioradas em sala de aula do Colégio Polivalente.	Alunos do 2º ano do ensino médio do Grupo Central (2); do Polivalente (1); Diretora do Polivalente; Assessoria de comunicação da SEE.
Estudante mata professora a facadas no interior paulista e é preso	Recursos e condições de trabalho (Violência)	Mundo – “Pelo Brasil”	8	Total: 8,7 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Professores que estavam na sala e testemunharam o assassinato da colega de trabalho.
Acidentes no Grupo Central motivam protesto	Recursos e condições de trabalho	Geral	7	15 cm / 4 col. + foto de 10 X 14,9 cm Total: 17,9 cm / 4 col.	Interp.	Fotografia – momento do protesto dos alunos em frente à escola	Professora de Ciências do Grupo Central, Daniela Renhe (personagem); Estudante Cristian Oliveira (personagem); Diretor do Sind-UTE Júlio Sezar Lang Doria; Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado de Educação; Aluna da Escola Estadual Duarte de Abreu.
Professor da Prefeitura para hoje	Greve / Campanha salarial	Política	10	8 cm / 3 col. Total: 9,5 / 3 col.	Inf.	Não tem	Coordenador do Sinpro e vereador Roberto Cupolillo (Betão).
Alunos se unem em nova reivindicação por melhorias	Recursos e condições das escolas	Geral – Seção “Etc.”	4	Total: 5,1 cm / 1 col.	Inf. (nota)	Não tem	Estudantes organizadores do movimento
Servidor da PJJ abre	Greve / Campanha	Política Capa:	5	26,5 / 3 col.+ 6,5 / 2	Inf. (retran-	Fotografia: imagem da	Diretoria do Sinpro.

campanha por 18%	salarial	Servidor da PJF quer reajuste de 18%		col. + foto de 9X 13,5 cm Total: 33,5 cm / 3 col.	ca da matéria principal)	assembleia dos servidores (Sinserpu).	
HU reduz atendimento e fecha unidades	Ensino superior	Geral Capa: HU fecha Hospital Dia e Centro Cirúrgico	7	11,5 cm / 3 col. + 6cm / 3 col. Total: 26,3 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Diretor financeiro do HU/UFJF, Alexandre Magno; Reitor da UFJF, Henrique Duque; Diretor Geral do HU, Dimas Augusto de Araújo; médica-residente do HU, Luciana Marcondes; membro da Comissão em Defesa do HU, servidor Flávio Sereno.
Cobra encontra-da dentro de escola	Recursos e condições de trabalho	Geral	7	11,2 cm / 3 col. + foto de 9,7 X 19,5 cm Total: 23,9 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia: Mato alto no entorno da quadra da escola	Professor de biologia e vice-diretor da Escola Municipal Gabriel Gonçalves da Silva, David Trincheira Irsigler; Professor de Educação Física Edson Martins; Secretaria de Administração e Recursos Humanos; Secretaria de Educação; Secretaria de Estado de Educação (retranca sobre o protesto dos alunos).
Reade-	Ensino	Geral	5	14,5 cm / 2	Interp.	Infográfico –	Secretário

quação do HU afeta 33 especialidades	superior			col. + quadro de 10,5 X 14,5 cm Total: 35,4 cm / 2 col.		quadro dos setores do HU que sofreram reduções	Municipal de Saúde, José Laerte; deputada e ex-reitora Margarida Salomão; reitor Henrique Duque; vereador Antônio Aguiar.
Professo-res	Recursos e condições de trabalho	Opinião (Painel)	2	7,5 cm / 1 col.	Inf.	Não tem.	Comissão de Educação da Câmara Municipal de JF.
PJF condiciona verba para HU à oferta de serviços	Ensino superior	Política Capa: Prefeitura ameaça cortar 30% de verbas do HU	3	34,3 cm / 1 col. + 3,7 / 3 col. Total: 41,5 cm / 3 col.	Interp.	Fotografia: Protesto de residentes no campus pela adesão à EBSERH.	Secretário de Saúde, José Laerte; Diretor financeiro do HU, Alexandre Magno; reitor da UFJF, Henrique Duque; Presidente da comissão dos médicos residentes, Glauco Rocha; membro do Comitê em Defesa do HU, Flávio Sereno.
Alunos tomam ruas do centro	Recursos e condições de trabalho	Geral	5	22 cm / 2 col. + 10,6 cm / 3 col. + foto de 9,4 X 18 cm Total: 26,5 cm / 5 col.	Interp.	Fotografia: Protesto dos estudantes da rede estadual na Av. Rio Branco, em frente ao Calçadão.	Aposentada que presenciou o protesto; Pelotão de Trânsito da Polícia Militar; presidente do Grêmio estudantil do IEE Juliano Rezende; professora de história Ângela de Paula; pai de aluna Francisco Martins; vereador Luiz Otávio Coelho (Pardal); vereadora Ana Rossignoli; Secretaria de

							Estado de Educação.
SER convoca professo-res	Recursos e condições de trabalho	Geral – Seção “Etc”	4	Total: 7,3 cm /1 col.	Inf. (nota)	Não tem	Superintendência Regional de Ensino.
Trabalha-dor luta por ganho real	Greve / Campanha salarial	Economia	5	26 cm /1 col. + 5 cm / 4 col. + quadros (com fotos) de 13,5 X 10 cm, 11,8 X 10 cm; 12,5 X 10 cm; 13X 10 cm; 8,5 X 23,8 cm Total: 46,5 / 5 col.	Interp.	Fotografias: Atendimento na PJF; lojista durante trabalho; professora em sala de aula; atendimento no banco; trabalho de metalúrgicos em montadora de veículos.	Coordenador de Relações Sindicais do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), José Silvestre; Diretor da Faculdade de Economia da UFJF, Lourival de Oliveira Júnior; Presidente do Sinserp, Amarildo Romanazzi; Vice-Presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio Wagner França; Coordenadora do Sinpro, Aparecida de Oliveira; Presidente do Sindicato dos Bancários, Robson Marques; Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, João César da Silva; Advogada trabalhista e professora de Direito do Trabalho, Suzana Maria Paletta Guedes Moraes;

							Secretário de Organização e Política Sindical da CUT-MG, Carlos Alberto Nunes.
Escolas Estaduais	Recursos e condições de trabalho	Opinião - Painel	2	Total: 6,3 / 1 col.	Inf.	Não tem	Câmara Municipal
Definição sobre o HU só na próxima semana	Educação superior	Política	5	16,8 / 2 col. + foto de 10 X 9,4 cm Total: 29,8 cm / 2 col.	Inf.	Fotografia: Manifestação dos residentes favoráveis à adesão da UFJF à Ebserh, no calçadão. Manifestantes seguram faixas.	Comitê em Defesa do HU; Sintufejuf; Membro do Comitê, Flávio Sereno; presidente da comissão dos médicos residentes do HU, Glaucio Mendonça.
Inscrição para concurso para Campus da UFJF em Governador Valadares termina hoje	Recursos e condições de trabalho	Economia – Tribuna de Empregos	7	Total: 9,2 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	UFJF

Total: 26 notícias em março de 2013

Mês de abril de 2013:

Notícia	Temática / acontecimento	Editoria / posição de destaque	P.	Tamanho da matéria	Gêne	Recursos imagéticos	Fontes entrevistadas / utilizadas
Consu avalia hoje adesão à EBSERH	Ensino superior	Política	7	9,5 cm / 2 col. Total: 16 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Comitê em Defesa do HU.
Sem solução para HU, residente	Ensino superior	Política Capa: Sem definição no HU	5	8,8 cm / 3 col. + 6,1 cm / 3 col. + foto de	Inf.	Fotografia – Conselheiros momentos antes do início	Reitor da UFJF, Henrique Duque; presidente da comissão dos

ameaça greve				7,5 X 19,5 cm Total: 31 cm / 3 col.		da reunião do Consu, no MAMM/UFJF, que pautou a situação do HU.	médicos residentes da UFJF, Glauro Mendonça; diretor da Faculdade de Medicina, Júlio Chebli; diretor geral do HU, Dimas Augusto Carvalho; procurador-geral da República, Roberto Gurgel; coordenador geral da Fasubra, Paulo Henrique Rodrigues; presidente do Andes, Marinalva Oliveira; reitor da UFRJ, Carlos Levi; EBSEH.
Alunos transferidos do Grupo Central	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	3	8 cm / 2 col. Total: 10,5 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Secretaria de Estado de Educação; Prefeitura.
Grupo invade escola e agride estudante	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	3	6,5 cm / 2 col. Total: 9 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Subtenente da 70ª Companhia da PM, Alcinei de Souza; presidente do Sind-UTE, Victória Melo.
Escolas ainda sem professores	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	4	14,3 cm / 3 col. Total: 15,5 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Pais/responsáveis de alunos; coordenadora pedagógica da Escola Fernão Dias Paes, Maria Leopoldina Pereira; Secretaria de Educação.
Cidade será base para distribuição de fumacê	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	5	8,3 cm / 3 col + 5,8 cm / 3 col. + foto de 8,4 X 19	Inf.	Fotografia de uma sala de aula vazia na Escola Municipal	Superintendência Regional de Saúde; coordenadora do Programa

Intertítulo: Aulas suspensas por causa da doença				cm Total: 32 cm / 3 col.		Jesus de Oliveira, no bairro Ipiranga.	Estadual de Controle da Dengue, Geane Andrade; Secretário de Saúde de JF, José Laerte; superinten-dente regional de saúde, Cláudio Reis; diretora da Escola no Ipiranga, Ivânia Teixeira; familiar de alunos; Secretaria de Educação.
Crianças terão que ir para escola aos 4 anos	Política Eduacional	Brasil	8	8,8 cm / 3 col. Total: 15,5 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Diário Oficial da União.
Cem dias com o pires na mão	Greve / campanha salarial	Política	3	44,8 cm / 1 col. + 19,3 cm / 1 col. + 17,6 cm / 1 col. + quadro (com textos e fotos) de 45 X 15,5 cm Total: 49,7 cm / 4 col.	Interp.	4 fotografias: do Prefeito ao lado do Secretário de Estado de Saúde em evento sobre combate à dengue; do encontro do prefeito com o governador em BH; momento em que prefeito anunciou a falta de pagamentos da gestão anterior; encontro do prefeito com os deputados federais, Margarida Salomão e Marcos Pestana.	Prefeito de JF, Bruno Siqueira; cientista político e professor Paulo Roberto Figueira; Secretário de Estado de Saúde, Antônio Jorge Marques; TRT- MG; Tribunal de Contas do Estado; vereadores Wanderson Castelar, Roberto Cupolillo, Rodrigo Mattos; André Zuchi da Secretaria de Desenvolvi- mento Econômico e Geração de Emprego e Renda.
Suspeita de	Recursos e	Geral	5	9,3 cm / 2	Inf.	Não tem	Secretaria

morte por dengue em JF Intertítulo: Escola continua sem aulas	condições de trabalho nas escolas			col. + 11,8 cm / 3 col. + inforgráfico de 3 X 3 cm. Total: 33,3 cm / 2 col.			Municipal de Saúde; Secretaria de Educação; vice-diretora da Escola Municipal Jesus de Oliveira, Maria Luciana Alves; uma docente infectada.
PJF soma 10 mil licenças na educação	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Política Capa: PJF registra dez mil licenças de professor	5	6,1 cm / 3 col. Total: 7,5 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Secretário de Educação, Weverton Vilas Boas; vereador Jucelio Maia; Secretário de Administração e Recursos Humanos, Alexandre Jabour.
Consu vota por adesão do hospital à EBSERH	Ensino superior	Política Capa: foto com a legenda: “Manifestantes cercaram o reitor Henrique Duque em protesto contra decisão do Consu, ontem, no Mamm”.	5	8,7 cm / 3 col. Total: 15,8 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Reitor da UFJF, Henrique Duque; diretor geral do HU, Dimas Augusto Carvalho; diretor da Faculdade de Medicina, Júlio Chebli; representante do Comitê em Defesa do HU, Flávio Sereno.
Professor pressiona por um terço	Greve / campanha salarial	Política	7	24,5 cm / 1 col. + foto de 9,6 X 24,3 cm Total: 27,2 cm / 1 col.	Inf.	Fotografia: Professores de braços levantados na assembleia (aprovaram manutenção de indicativo de greve).	Coordenador geral do Sinpro, Roberto Cupolillo; Secretaria de Educação.
Encosta ameaça escola no São Pedro	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	4	8,7 cm / 3 col. + foto de 10,3 X 10 cm Total: 10,3 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia: Da janela da sala de aula dá para ver o mato alto na área externa.	Vice-diretor da Escola Municipal Tancredo Neves, Guilherme de Almeida Machado; Secretarias de Educação e

							Obras; responsável pelo imóvel vizinho, Dahilda Alves; Defesa Civil; Secretarias de Estado de Educação e de Saúde.
Prefeitura vai manter o repasse para HU	Ensino Superior	Política Capa: PJF vai manter o repasse de 30% para HU	7	9,2 cm / 3 col. Total: 16,4 cm / 3 col.	Informativo	Não tem	Secretaria de Saúde de JF; diretor financeiro do HU, Alexandre Magno; reitor da UFJF.
R\$ 300 mil são liberados para JF Intertítulo: No Ipiranga	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	4	15 cm / 2 col. Total: 17,5 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Secretaria de Estado de Saúde; Secretário de saúde da cidade, José Laerte; vice-diretora da Escola Municipal Jesus de Oliveira, Maria Luciana Alves; Secretaria de Comunicação da PJF.
Defesa Civil reavalia escola e diz que não há risco em encosta	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	4	Total: 6,5 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Defesa Civil; Secretaria de Educação.
Escola debate violência	Ensino escolar	Geral Capa: Alunos fazem reflexão sobre violência	4	12,7 cm / 4 col. + foto de 7,7 X 11,8 cm Total: 17,4cm / 4 col.	Inf.	Fotografia: Aluno em sala de aula segura capa da Tribuna de Minas que teve, como manchete principal, os casos de violência envolvendo a juventude em JF.	Professora responsável pelo Núcleo de Cidadania da Escola Municipal Adhemar Rezende de Andrade, Eliane Ferreira; presidente do núcleo, estudante Moisés Moura; professora da Faculdade de Serviço Social da UFJF, Maria

							Aparecida Cassab.
Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	3	18 cm / 2 col. + quadro de 19,3 X 10,5 cm + 21,7 /1 col.	Interp.	Infográfico com o diagnóstico da violência na rede municipal de ensino: mapa de JF com a localização das escolas e número de casos.	Secretário de Educação de JF, Weverton Vilas Boas; diretor da escola em que ocorreu o caso; professor da Faculdade de Comunicação da UFJF e integrante do Instituto de Medicina Social da UERJ, Wedencley Alves; presidente do Sind-UTE em JF, Victória Mello; vereador Roberto Cupolillo e coordenador do Sinpro; vereador Wanderson Castelar; PM.
PJF contrata mais docentes temporários	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	3	9,9 cm / 1 col. Total: 13,1 / 1 col.	Inf.	Não tem	Secretaria Municipal de Educação
Tráfego no entorno de escola	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral Capa (com foto): tráfego perto de escola	5	18,3 cm /2col. + 9,5 cm/ 2 col. Total: 32 cm / 2 col.	Interp.	Não tem	Polícia Civil; direção da Escola Municipal Santa Cândida; funcionário da escola; Assessoria de Comunicação da Polícia Militar; delegado à frente do caso, Carlos Eduardo Rodrigues; assessor de comunicação da 4ª Região de PM, major Paulo Alex Moreira.

Professores protestam nas ruas	Greve / campanha salarial	Política	5	3,3 cm / 2 col. + foto de 7,9 X 14,3 cm Total: 12,5 cm / 2 col.	Inf.	Professores em marcha com faixa reivindicando cumprimento de 1/3 para atividade extraclasse	Coordenadora-geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira Pinto; PJF.
Charge do Mário	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Opinião	2	9,4 X 14,3 cm	Op.	Charge do aluno de ontem e de hoje, fazendo referência à notícia sobre o aluno que acendeu cigarro de maconha em sala de aula.	Não tem
Professores farão paralisação de três dias na próxima semana	Greve / campanha salarial	Política	9	Total: 7,4 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Conselho Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE); coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira.
Professor do estado fará ato na segunda	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Política	5	8,5 cm / 2 col. Total: 11 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Diretora do SindUTE, Victória Mello.
Professores param até quinta	Greve / campanha salarial	Política Capa: Paralisação afeta 80 mil alunos em JF	5	7,6 cm / 2 col. Total: 9 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira; assessoria da Prefeitura; SindUTE.
Educação é tudo	Política educacional	Opinião	2	Total: 17,7 / 2 col.	Op.	Não tem	Demlurb.
Adolescente ameaça e xinga diretora	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral	4	Total: 9,7 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Diretora de uma escola estadual na Zona Leste; PM.
Paralisação atinge cerca de 90%	Greve / campanha salarial	Política	8	7,7 cm / 3 col. Total: 10,3 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	CNTE; PJF; coordenador geral do Sinpro, Roberto Cupolillo; diretor do SindUTE,

							José Maria Carneiro; SEE.
PJF tenta impedir greve de professor	Greve / campanha salarial	Política	8	9 cm / 2 col. + 4,3 cm / 2 col. Total: 23 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Secretário de Administração e Recursos Humanos, Alexandre Jabour; CNTE; coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira.
Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão	Greve / campanha salarial	Política Capa: Professores iniciam 1ª greve do governo Bruno	3	26,5 cm / 1 col. + foto de 27,5 X 13,7 cm Total: 34,8 cm / 1 col.	Inf.	Professores em manifestação após aprovada a greve. Eles levam faixa e bandeirinhas.	PJF; coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira.
Alunos da Escola Normal protestam	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Política	3	10,7 cm / 1 col. Total: 14,3 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Presidente do Grêmio Estudantil da Escola Normal, Juliano Rezende.
Escola invadida 3 vezes na semana	Recursos e condições de trabalho nas escolas	Geral Capa (com foto): Escola no Bom Jardim foi arrombada três vezes nesta semana. Há suspeita que crime foi cometido pelos mesmos ladrões	3	10,6 cm / 2 col. Total: 13 cm / 2 col.	Informativo	Não tem	Diretora da Escola Municipal Vereador Raymundo Hargreaves, Soely Goulart Consulmagnó.
90% de adesão no primeiro dia	Greve / campanha salarial	Política	7	24,2 cm / 1 col. 27 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira.
Greve completa 5 dias hoje	Greve / campanha salarial	Política	5	6,5 cm / 2 col. Total: 7,9 / 2 col.	Inf.	Não tem	PJF; coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira.

Mês de maio de 2013:

Notícia	Temática / acontecimento	Editoria / posição de destaque	P.	Tamanho da matéria	Gênero jornalístico	Recursos imagéticos	Fontes entrevistadas / utilizadas
Judicialização	Greve / campanha salarial	Opinião	2	7 cm / 1 col.	Op.	Não tem	PJF e Sinpro.
Permanece impasse entre PJF e Sinpro	Greve / campanha salarial	Política	7	18,3 cm / 2 col. Total: 21,2 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Secretário de Administração e Recursos Humanos, Alexandre Jabour; coordenadora geral do Sinpro, Aparecida de Oliveira; procurador geral do município, Leonardo Guedes.
Greve de professor completa uma semana	Greve / campanha salarial	Política Capa: Greve na rede municipal completa 7 dias	9	10,3 cm / 3 col. + foto de 8,6 X 19,4 cm. Total: 26,2 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia – Protesto dos professores no centro. Eles levam faixa “Bruno não cumpre a lei! Estamos em greve!” e bandeiras	Presidente do Sinpro, Aparecida de Oliveira; assessoria da PJF; Sinsperpu; presidente do Sindicato dos Médicos de JF, Gilson Salomão; assessoria do Sindicato dos Odontologistas de JF.
Reajuste de 10% para servidor da	Greve / campanha salarial	Política	5	13,4 cm / 2 col. + foto de 13,4 X 7	Inf.	Fotografia – Vereador Júlio	Presidente da Câmara, Júlio Gasparete.

Câmara				cm Total: 20,6 cm / 3 col.		Gasparete em sessão na Câmara Municipal	
Negocia-ções	Greve / campanha salarial	Opinião	2	Total: 7,5 / 1 col.	Op.	Não tem	PJF.
PJF negocia com servidores sem definir índice	Greve / campanha salarial	Política	7	13 cm / 2 col. Total: 22,4 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	PJF; presidente do Sinserpu, Amarildo Romanazzi.
Prefeitura insiste em Lei do Piso para 2014	Greve / campanha salarial	Política	7	9,5 cm / 3 col. + foto de 9 X 19,5 cm Total: 26,2 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia: professores em marcha pela Av. Rio Branco, exibindo em telão as promessas de campanha do Prefeito.	PJF; direção do Sinpro.
Gargalo nas creches deixa 2.253 à espera de vagas	Educação escolar	Geral Capa: Há mais crianças na fila de espera do que nas creches	3	13 cm / 3 col. + 9,1 cm / 2 col. + quadro (texto e infográfico) de 25 X 6,8 cm + 28 cm / 1 col. Total: 32,4 cm / 5 col.	Interp.	Infográfico: Pequenos textos sobre as novidades na LDB em ilustrações de pedaços de papel e ilustração de um menino lendo um livro.	Secretaria de Educação; Chefe do depto. de Educação Infantil da Secretaria de Educação, Renata Rainho; professora da Faculdade de Educação da UFJF, Hilda Micarello; faxineira Clenice Gonçalves; doméstica que aguarda para matricular filho.
PJF aciona Justiça contra greve dos professo-res	Greve / campanha salarial	Política Capa: PJF vai ao TJMG contra greve de professor	5	6,8 cm / 3 col. Total: 14,2 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Procurador geral do município, Leonardo Guedes; desembarga-

							dor Edgar Amorim; Sinpro; Secretário de Educação, Weverton Vilas Boas.
Justiça determina que PJF matricule crianças	Ensino escolar	Geral	4	8,4 cm / 3 col. Total: 16,7 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Juíza Maria Cecília Gollner; defensor da infância e juventude responsável pela ação, Ramon Costa; PJF.
PJF oferece índice escalonado de 6,5%	Greve / campanha salarial	Política	5	28,8 cm / 1 col. Total: 35,8 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	PJF; presidente do Sindicato dos Médicos de JF, Gilson Salomão.
Greve continua na PJF	Greve / campanha salarial	Política Capa: Professor mantém greve e tenta negociar	7	7,2 cm / 3 col. 11,2 X 19,5 cm	Inf.	Fotografia – Professores na Praça Antônio Carlos no término de um manifesto realizado após assembleia. Eles levantam bandeiras do sindicato, CUT e da greve.	Sinpro; PJF.
Casa aberta	Ensino escolar	Caderno Dois	1	16,5 cm. / 2 col. + 9,4 cm / 3 col. + foto de 16 X 29,5 cm + foto do ônibus de 5 X 18	Interp.	Fotografias: Visita de alunos da Escola Estadual Ali Halfeld às galerias do Mamm; foto	Aluna Lidia Maria; aluno João Victor Careli; Pró-Reitor de Cultura da UFJF, Gerson

				cm		do ônibus que a UFJF disponibiliza para os estudantes de escolas públicas da cidade.	Guedes; professora de artes Maria Inez Moyses; arte-educadora Raphaela Corrêa; diretora do Mamm, Nícea Helena Nogueira; arte-educador do museu, Vinícius Steinbach.
Professor da PJF busca apoio na Câmara	Greve / campanha salarial	Política Capa: professores pedem apoio a vereadores	9	26,8 cm / 1 col. + foto de 10,9 X 14 cm Total: 33,3 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia: Professores entregam abaixo assinado para o vereador João do Joquinho.	Vereador João do Joquinho; Sinpro.
Aprovado reajuste de servidores estaduais	Greve / campanha salarial	Política	7	10,3 cm / 3 col. Total: 17,4 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Governo de MG; ALMG.
Professor de federal terá que ser doutor	Ensino superior	Brasil	8	6,5 cm / 2 col. Total: 9 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Governo federal.
Estudante suspensa por vandalis-mo	Recursos / condições de trabalho	Geral	5	15,8 cm / 1 col. Total: 18,5 cm/1 col.	Inf.	Não tem	PM; diretor da escola Dep. Olavo Costa, André Avelar.
Professor volta às aulas na 2ª	Greve / campanha salarial	Política Capa: Greve de professores chega ao fim, e aulas voltam na 2ª	3	20,7 cm / 2 col. + foto de 20,7 X 12,2 cm	Inf.	Fotografia: Professores de braços levantados durante a assembleia, momento da aprovação do termo de conciliação.	Diretora do Sinpro, Maria Aparecida de Oliveira; secretário de administração e recursos humanos, Alexandre Jabour.
Apes retoma mobiliza-ção	Greve / campanha	Política	7	5 cm / 1 col. + foto	Inf.	Fotografia do presidente da	Presidente da Apes, Paulo

	salarial			de 8,4 X 10,4 cm Total: 14,7 cm / 1 col.		Apes, Paulo César Ignácio.	César Ignácio.
Pretérito Perfeito	Ensino escolar	Caderno Dois	1 e 4	16,1 cm / 2 col. + fotos de 8,2 X 11,2 cm (2) + foto de 11,4 X 10 cm + foto de 7,1 X 10,3 + foto de 4,5 X 29,5 cm Total: 39,5 / 2 col. + continuação na página 4 com 7,7 cm / 3 col.	Interpretativo	Fotografias de cinco quadros de artistas plásticos juizes-foranos da exposição “Juiz de Fora – Verbo e cor”.	Pró-reitor de Cultura da UFJF, professor Gerson Guedes.
Universidade pesquisa droga contra o câncer	Pesquisa e desenvolvimento	Geral Capa: UFJF estuda medicamento contra o câncer	4	9,2 cm / 3 col. + foto de 10,8 X 9,4 cm Total: 10,8 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia: No laboratório do departamento de Química, professora e alunos realizam experimentos.	Professora do depto de Química e pesquisadora do Núcleo de Investigação em Complexos de Platina, Heveline Silva.
Prefeitura define índice antes de fechar acordo	Greve/ campanha salarial	Política	11	10,4 cm / 3 col. Total: 17,1 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	Presidente da Câmara, Júlio Gasparete; secretário de Administração e Recursos Humanos, Alexandre Jabour; diretor do Sinserp, Antônio Carlos de Sant’Ana.
Estudante agride	Recursos e condições	Geral Capa: Aluno	5	16 cm / 4 col., com	Interp.	Fotografia: entrada da	Delegado da 3ª Delegacia

professor com tapas em sala de aula	de trabalho	de 15 anos agride professor em sala de aula		foto de 10,2 X 11,7 cm + 21,8 / 1 col. Total: 23,7 cm / 5 col.		Escola Estadual Dep. Olavo Costa, onde aconteceu a agressão.	de Polícia Civil, Rodolfo Rolli; Diretor da escola, André Avelar; professor da escola.
--	-------------	---	--	---	--	--	--

Total: 23 notícias em maio de 2013

Mês de junho de 2013:

Notícia	Temática / acontecimento	Editoria / posição de destaque	Pág	Tamanho da matéria	Gênero jornalístico	Recursos imagéticos	Fontes entrevistadas / utilizadas
Inversão de valor	Recursos / condições de trabalho	Opinião	2	Total: 16 cm / 2 col.	Op.	Não tem	-
Escola estadual tem R\$ 1 mil furtados	Recursos / condições de trabalho	Geral	4	Total: 7,3 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Diretora da escola Estadual Cândido Motta Filho.
Lições ambientais fora da sala	Ensino escolar	Geral	4	9,5 cm / 2 col. + foto de 11 X 14,2 cm 10,8 cm / 2 col.	Inf.	Fotografia: crianças participam da oficina sobre animais peçonhentos da Polícia Ambiental.	Professora da Escola Estadual Professor Lindolfo Gomes, Cléia Monteiro; alunos Marcos Patrick Fernandes e Jefferson Teixeira.
Documento sobre reposição das aulas	Greve / campanha salarial	Geral	4	Total: 7,7 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Secretaria Municipal de Educação.
Professor estadual para hoje	Greve / campanha salarial	Política Capa: Professor do estado faz paralisação hoje	5	6 cm / 2 col. Total: 7,5 cm. / 2 col.	Inf.	Não tem	Coordenadora de comunicação do SindUTE, Yara Aquino.

Professor paralisará atividades na Copa das Confederações	Greve / campanha salarial	Política	5	Total: 6,6 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	SindUTE.
Larvas do Aedes já nascem infectadas	Pesquisa e desenvolvimento	Geral	4	12,6 cm / 3col. + 3 cm / 3 col. Total: 24,4 cm / 3 col.	Interp.	Não tem	Professora do Departamento de Microbiologia da UFJF, Betânia Drummond Andrade.
Jovens querem redução de tarifa	Recursos e condições de trabalho	Geral	3	17,7 cm / 2 col + 7 cm / 2 col. + 16,2 cm / 1 col. + infográfico com 9,8 cm X 13,5 cm. Total: 23,8 cm / 5 col.	Interp.	Infográfico com as reivindicações dos jovens contendo imagem de mãos levantadas e bandeiras, dando a ideia de manifestações.	Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Políticas de Controle Social da UFJF, André Gaio; Professora Eliane Souza; vereador Jucélio Maria (PSB); Prefeito Bruno Siqueira; estudante Igor Teixeira.
MEC cria avaliação da alfabetização	Política educacional	Brasil	8	9 cm / 3 col. Total: 15,9 cm / 3 col.	Inf.	Não tem	MEC; Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Luiz Cláudio Costa; Agência Estado; Ministro da Educação, Aloizio Mercadante.
Insegurança	Recursos e	Geral	3	12 cm / 3	Interp.	Não tem	Diretor Geral

<p>muda rotina no entorno das escolas</p>	<p>condições de trabalho</p>			<p>col. +5,3 / 3 col. + 21,4 / 1 col. Total: 26,2 cm/ 4 col.</p>			<p>do Colégio Apogeu, Makerley Arimatéia; Aluno da escola; Aluna da escola; diretor pedagógico do Colégio Pio XII, Erickson Aragão; coordenadora de cultura do Colégio Cristo Redentor, Maria Elizabeth Sachetto; Mãe de aluno da escola; Diretora Administrativa do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Sudeste de MG (Sinepe), Ana Gilda Dianin; assessor de comunicação organizacional da 4ª Região da PM, major Paulo Alex Moreira; coordenadora do Sinpro, Aparecida Pinto; vereador Wanderson Castelar.</p>
--	------------------------------	--	--	--	--	--	--

Protestos na Copa	Greve / campanha salarial	Opinião	2	Total: 6,8 cm / 1 col.	Op.	Não tem	Governo de MG.
Professor estadual exige direito à greve	Greve / Campanha salarial	Política	3	Total: 9,4 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Sind-UTE; Secretaria Estadual de Educação.
Ato termina na rua e começa no estádio	Greve / campanha salarial	Brasil	8	9,5 cm / 3 col. + foto de 12 X 19,5 cm + 8,8 cm / 3 col. + 8 cm / 3 col. Total: 49,8 cm / 3 col.	Inf.	Fotografia do protesto na Arena Castelão (Fortaleza), no momento em que a tropa de choque entra em confronto com manifestantes; alguns deles, de mãos levantadas.	PM; Ministro do STF, Luiz Fux; Movimento Passe Livre (SP).
Cidade ganha Dia Mundial da Segurança Escolar	Recursos e condições de trabalho	Geral	5	Total: 6,2 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	PJF
Reajuste	Greve / campanha salarial	Opinião	2	Total: 7,2 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Governo de MG
Governo de MG sanciona reajuste	Greve / campanha salarial	Política	3	11,1 cm / 1 col. Total: 14,7 cm / 1 col.	Inf.	Não tem	Governo de MG
João XXIII lança edital para seleção de cinco professores efetivos	Recursos e condições de trabalho	Economia	9	Total: 7,5 cm / 2 col.	Inf.	Não tem	Colégio de Aplicação João XXIII
Grupos de esquerda se articulam	Militância política	Política	5	10,7 cm / 3 col. + 5 cm / 3 col. + 6,1 cm /	Interp.	Foto de Oleg Abramov (CUT); Victória Mello	Cientista político e professor da UFJF, Paulo

				3 col. + 4 fotos de 12,2 X 5 cm		(SindUTE / PSTU); Geraldeli da Costa (PCdoB); Péricles de Lima (Sinpro).	Roberto Figueira Leal; Diretor da CUT, Oleg Abramov; militante do PSTU e diretora do Sind-UTE, Vitória Mello; diretor do Sinpro, Péricles de Lima; presidente do PCdoB/JF, Geraldeli Rufino; cientista político da UFJF, Raul Magalhães; presidente do PT/JF, Rogério de Freitas; secretário político do PCB, Luiz Carlos Torres; diretora da UNE, Mirelly Cardoso; vice- presidente do PSOL/JF, Álvaro Lobo.
--	--	--	--	--	--	---	--

18 notícias no mês de junho de 2013

APÊNDICE C

Grupo de tabelas 3 – Categorias da identidade docente presentes no noticiário:

Mês de fevereiro de 2013

1) Professor volta às aulas com liminar

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“<u>Apesar</u> de a Prefeitura <u>não cumprir integralmente a norma</u> [Lei do Piso], o Governo municipal se reuniu ontem com o Sindicato dos Professores (Sinpro) para <u>estudar</u> uma forma de <u>se adequar</u> à legislação <u>sem prejudicar o ensino</u>”.</p> <p>“Conforme o sindicato, quase duas mil decisões favoráveis aos professores foram concedidas pelas varas da Fazenda Municipal”.</p>
Operariado / elite, status	<p>“Milhares de professores da rede municipal <u>voltarão às salas de aula hoje (...)</u>”.</p>
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“(…) no dia seguinte, o Sinpro marcou assembleia com indicativo de paralisação para apresentar aos docentes o andamento das negociações”.</p>
Competência e Despreparo	

2) UFJF abre 366 vagas em licenciaturas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	

Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“A UFJF abriu edital para 366 vagas em cinco cursos de licenciatura a distância oferecidas para o primeiro semestre letivo de 2013 (...). Esta modalidade de estudo é gratuita e segue o mesmo padrão dos cursos presenciais”.

3) Aulas na PJJ começam com paralisação por 1/3

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“O ano letivo <u>mal começou e já há</u> indicativo de paralisação – programada para hoje – dos professores da rede municipal”.</p> <p>“(…) parte dos educadores <u>conseguiu, na Justiça</u>, liminar que garante o cumprimento de um terço da jornada com atividades extraclasse (...)”.</p> <p>“Como os <u>beneficiados</u> pela liminar (...)”.</p> <p>“(…) ‘todo início de ano <u>é assim</u>. O horário normal só vai começar mesmo <u>depois do carnaval</u>’”.</p> <p>“(…) confirma que é <u>comum haver carga horária menor</u> na primeira semana”.</p> <p>“(…) setores administrativos têm <u>se desdobrado</u> para conseguir cumprir os horários de aula”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“Segundo a assessoria do Executivo, as negociações terão de <u>estar adequadas ao orçamento da PJJ, à pedagogia da escola</u> , sem prejudicar o direito do servidor”.
Engajamento, militância política e sindical	<p>“A esperança do Sinpro é que a Prefeitura e a categoria <u>entrem em consenso</u> o mais rápido possível, <u>para que estudantes e professores não sejam prejudicados</u>. O sindicato (...) espera <u>avançar nas negociações</u>”.</p> <p>“Nunca em um início de administração se abriu <u>um diálogo tão intenso com as lideranças sindicais</u>. Isso comprova o objetivo da Prefeitura de ouvir sempre as <u>reivindicações dos servidores e procurar soluções de consenso</u>”.</p>
Competência e Despreparo	

4) Professores ameaçam fazer greve em março

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“Os professores municipais aprovaram ontem indicativo de greve para o dia 1º de março, o que reforça a <u>expectativa de um início de ano conturbado para os alunos</u> da rede pública de ensino de Juiz de Fora. Além da <u>ameaça</u> de deflagração de novo movimento grevista, <u>as escolas enfrentam dificuldades para fechar o calendário</u> de disciplinas já que parte dos docentes conquistou na Justiça liminar garantindo o cumprimento de um terço da carga horária de 20 horas em atividades extraclasse”.</p> <p>“(…) a Procuradoria Geral do Município procura <u>providências jurídicas para minimizar o impacto pedagógico das liminares obtidas por parte dos professores</u>”.</p> <p>“Enquanto o Sinpro avalia a adesão em 95% do corpo docente, a Secretaria de Educação estima que <u>67% dos educadores cruzaram os braços</u>”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>Título: Professores da PJJ <u>ameaçam</u> greve em maio</p> <p>“Ontem à tarde, durante a assembléia realizada no Pró-Música, com <u>boa participação da categoria</u>, o Sinpro recolheu a assinatura de outros servidores para que novas ações individuais fossem ajuizadas”.</p> <p>“Na busca por solução, representantes da Prefeitura e do sindicato já realizaram seis reuniões este ano”.</p> <p>“<u>Tentamos negociar</u> desde o final das eleições, para evitar estes problemas de calendário. A <u>responsabilidade não é do sindicato, mas da Prefeitura</u>, que precisa ser ágil para resolver a situação”.</p> <p>“Até que o <u>impasse seja equacionado</u>, a categoria irá <u>exigir</u> pagamento pelo tempo trabalhado além do que prevê a Lei do Piso”.</p>
Competência e Despreparo	

5) Parecer ameaça 98 mil em Minas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“ A Advocacia Geral da União (AGU) apresentou <u>parecer pela inconstitucionalidade</u> da Lei Complementar 100, de 2007, que efetivou 98 mil funcionários contratados pelo Governo de Minas até 31 de dezembro de 2006”. “De acordo com o parecer da AGU, quatro incisos do artigo questionado no Supremo são inconstitucionais”.</p>

Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

6) Presos terão cursos técnicos

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“O governo prevê investimentos de R\$ 180 milhões na contratação de professores, aquisição de material didático e pagamento de auxílio transporte e alimentação. Os cursos serão ofertados pelo Sistema S, escolas técnicas federais e estaduais”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“ ‘Essa perspectiva de ter um projeto de ressocialização, profissão, de ter uma qualificação, seguramente é um estímulo para que (o preso) possa ter uma vida plena na sociedade. É isso que estamos estimulando”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

7) Nova espécie de sapo localizada no Parque da Lajinha

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	

Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“O estudo <u>que descobriu</u> o animal é de pesquisadores da UFJF, e <u>durou cerca de seis anos</u>. A publicação, que valida a pesquisa, <u>saiu em dezembro passado em uma revista alemã</u>”.</p> <p>“Encontrar espécies novas em pequenos fragmentos de mata, como no Lajinha, <u>mostra</u> que estas áreas merecem ser estudadas e que nelas há possibilidade de encontrar novas espécies, que podem estar correndo o risco de serem destruídas antes mesmo de serem encontradas”.</p>

8) Servidor faz ato por Lei 100

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“Devemos <u>reconhecer</u> as décadas e décadas de trabalho que vocês e outros milhares pelo estado afora dedicaram a favor de Minas”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Cerca de 400 servidores da educação, liderados pela Associação de Professores Públicos de Minas Gerais, <u>realizaram ontem um ato em defesa da Lei Complementar 100/2007</u> (...). O <u>protesto</u> ocorreu no Palácio Tiradentes (...)”.
Competência e Despreparo	

9) JF faz encontro para capacitar educadores

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“ <u>Garantir</u> que todas as crianças de até 8 anos de idade sejam capazes de ler e escrever até o ano de 2020 é a quinta <u>meta</u> do Plano Nacional de Educação”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“Para alcançá-la, está sendo realizado, em todo o Brasil, o Seminário de Formação de Professores do Pacto Nacional Pela Alfabetização na

	<p>Idade Certa”.</p> <p>“(…) muitos alunos saem do ensino fundamental básico <u>sem</u> estarem alfabetizados. Em 2011, a prova de Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização (ABC) mostrou que <u>apenas metade das crianças</u> que concluiu o terceiro ano (segunda série) <u>aprendeu</u> o que era esperado no período.</p>
--	---

10) Ameaça de greve adianta campanha

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“(…) <u>já no início do ano letivo</u> , houve paralisação e a assembléia marcada para 1º de março com indicativo de greve, que será deflagrada caso a categoria <u>não aceite a proposta</u> que deve ser apresentada esta semana pela Prefeitura”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>Título: Bruno <u>pode enfrentar</u> 1ª greve de servidores – Professor <u>pressiona</u> por 1/3 da jornada; outras categorias <u>abrem conversa</u> com PJJ.</p> <p>“<u>Impasse</u> em torno do cumprimento de 1/3 da jornada com atividades extraclasse <u>pode fazer professor suspender</u> aulas a partir de 1º de março”.</p> <p>“(…) mas os desdobramentos da movimentação dos docentes <u>são reais e irreversíveis</u> (...)”.</p> <p>“Sei que a situação dos professores <u>acumulou um desgaste muito grande</u> ao longo dos últimos meses. Isso é <u>complicado</u> (...)”.</p> <p>“(…) demais servidores também começaram a revelar suas campanhas”.</p> <p>“O Sindicato dos Professores (Sinpro) <u>deu a largada</u> (...) para tentar solucionar o impasse referente à Lei do Piso (11.738/2008), que ainda não é cumprida integralmente em Juiz de Fora”.</p>
Competência e Despreparo	

11) Escrita sem seguidores

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“Não sou um profissional da escrita, sou um professor. Barthes dizia que ‘ <u>escreve para ser amado</u> ’, o que é diferente de escrever para ser lido”.
Operariado / elite,	“O professor também é um dos signatários do Manifesto Silvestre,

status	criado em defesa da narrativa e popularização da literatura. ‘A própria linguagem da academia é produzida como estratégia de <u>poder</u> . Quanto menos compreendidos, mais nossos brilhantes docentes se eternizam em suas cátedras de mogno, sem o controle da sociedade, e isso é refletido na literatura”.
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“A discussão está atrelada à <u>ineficiência</u> do sistema educacional brasileiro, indo além de bandeiras levantadas em prol de uma ou outra vertente literária (...). ‘Nenhum governo apostou em educação de maneira séria. Os nossos estudantes fingem que aprendem o que <u>professores despreparados</u>, que trabalham a troco de pouco dinheiro e em condições precárias, se propõem a tentar ensinar”.</p> <p>“(…) a solução também passa pela mudança nos bancos de formação. ‘O que ocorre é uma <u>defasagem na instrumentalização dos modos de leitura</u>. Os livros que são cobrados em vestibulares, por exemplo, são formatados por um manual, reduzindo a possibilidade de o próprio texto falar””.</p>

12) Escolas investem no ensino de xadrez

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>Título: Escolas <u>investem</u> no ensino do xadrez Subtítulo: Alunos também <u>reconhecem</u> benefícios “(…) um projeto do então vereador Francisco Canalli (PMDB) chegou a ser aprovado na Câmara Municipal, <u>prevendo que os colégios municipais incluíssem o ensino do xadrez em seu programa</u>, aberto a alunos de todos os períodos, com carga horária mínima de uma hora semanal”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“(…) pesquisadores <u>constataram um aumento impressionante no rendimento</u> de alunos que jogavam xadrez. Acho que a educação de Juiz de Fora será muito beneficiada”.

	<p>“Vários colégios têm <u>testemunhado</u> esses resultados”.</p> <p>“(…) a professora Patrícia Coelho começou a incentivar a prática em 2006, mas, só em 2009, conseguiu implantá-la na grade curricular”.</p> <p>“Além de ter melhorado meu raciocínio, e concentração, passei a ter mais gosto pela leitura”.</p> <p>“(…) o ensino envolve o uso de uma apostila elaborada pelo professor Haroldo Carvalhido (…). Para o docente, o primeiro grande benefício é a promoção da sociabilidade”.</p> <p>“O jogo é muito importante no desenvolvimento cognitivo deles, por isso, é essencial fazer com que se interessem pela atividade. Só assim, desfrutarão de todos os benefícios que ela pode oferecer”.</p>
--	--

13) TJMG suspende liminar de 1/3

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>Capa: <u>Suspensas liminares que dão 1/3</u> para professor</p> <p>“Uma decisão do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) <u>determina a suspensão</u> das tutelas de urgência deferidas em favor de centenas de professores da rede municipal de ensino (…)”.</p> <p>“A imediata adequação da carga horária do magistério <u>municipal revela-se de improvável exequibilidade</u>, dada a complexidade inerente à gestão da rede de ensino fundamental do município e considerando-se outras <u>implicações na esfera administrativa</u>”.</p> <p>“A Prefeitura <u>entende</u> que todas as liminares obtidas até aqui estão <u>suspensas</u> (…). ‘O efeito prático, porém, é que <u>ninguém está mais amparado</u> judicialmente para cumprir a jornada de um terço”.</p> <p>“(…) a manutenção das liminares <u>poderia trazer grandes problemas</u> de ordem pedagógica e administrativa para o município. <u>Apesar de reconhecer</u> o mérito dos anseios dos professores (…), o Executivo estima que <u>os custos para isso</u> devem variar entre R\$ 12 milhões e R\$ 15 milhões anuais (…)”.</p> <p>Com dívidas (…), a nova Administração ainda estuda a melhor maneira de <u>resolver o imbróglio</u> com a promessa de contornar a situação no menor tempo possível”.</p>
Operariado / elite, status	<p>“De acordo com o Secretário de Educação, Weverton Vilas Boas de Castro, a expectativa é de que <u>tudo já esteja normalizado</u> a partir de hoje.</p> <p>“(…) cada uma [escola] se organizou para minimizar <u>possíveis problemas</u> causados pelas liminares”.</p>
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Após a realização de seis reuniões (…), <u>ainda não houve um consenso</u> entre as partes”.</p> <p>“(…) os docentes aprovaram deliberação que permite o sindicato <u>buscar acordo</u> projetando uma resolução em até dois meses,</p>

	<p>prorrogáveis por mais dois. Até que o <u>impasse</u> seja equacionado, os sindicalistas <u>exigem pagamento</u> pelo tempo trabalhado além do que prevê a Lei do Piso”.</p> <p>“Vamos continuar buscando nossos direitos individuais e coletivos na Justiça. Qualquer decisão é passível de recurso”.</p> <p>“(…) a adoção de um terço para atividades extraclasse é um direito alienável”.</p>
Competência e Despreparo	

14) Corte de 25% no orçamento do HU

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“O corte foi a solução encontrada para minimizar a <u>suspensão de recursos</u> de custeio pelo Ministério da Educação (MEC), pelo fato de o HU não ter aderido à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH)”.</p> <p>“(…) o hospital terá <u>déficit mensal</u> de R\$ 1,8 milhão”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>“ ‘Ou aderimos à EBSEHR, ou <u>vamos ter que cortar</u> ainda mais os atendimentos. Porque existe um limite fiscal e controle do TCU”’.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

15) PJF propõe 1/3 para ano que vem

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“(…) a dívida atual do município de R\$ 34 milhões, herdada da gestão Custódio Mattos (PSDB), <u>inviabiliza uma mudança</u> na carga horária ainda este ano”.</p> <p>“ ‘Temos que ter algum tipo de pagamento ainda este ano, nem que seja pelo tempo a mais que estamos trabalhando além do que prevê a Lei do Piso”’.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>Títulos: Bruno <u>quer</u> 1/3 para professor só em 2014 PJF <u>propõe</u> 1/3 para ano que vem</p> <p>“ ‘É uma proposta e ao mesmo tempo um compromisso. Fizemos sete reuniões em 57 dias. Esta é a primeira vez que a administração faz uma proposta concreta neste sentido’, afirma o secretário de Educação, Weverton Vilas Boas de Castro, <u>que ressalta</u> a importância de se <u>manter um diálogo aberto</u> entre as partes (…)”.</p>
Operariado / elite,	

status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Presidente do Sindicato dos Professores, Flávio Bitarello afirma que, num primeiro momento, a proposta não atende aos anseios da categoria, que espera uma resposta ainda em 2013. ‘Não chegamos a um consenso.’ (...) <u>Temos que ter algum tipo de pagamento ainda este ano, nem que seja pelo tempo a mais que estamos trabalhando além do que prevê a Lei do Piso</u> ”.
Competência e Despreparo	

Mês de março de 2013:

1) Estatal diz que HU receberá recursos

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“(...) a instituição [UFJF] recebeu apenas duas parcelas destinadas a custeio (...). O <u>valor só seria suficiente</u> para manter dois meses de funcionamento da unidade [HU] (...). Informações da UFJF dão conta de que <u>não haverá mais repasse</u> do MEC e de outros órgãos federais para suplementação. Caso o montante repassado pelo Rehuf não seja reajustado, <u>a instituição não terá condições</u> de se manter”.</p> <p>“(...) a <u>necessidade de corte</u> de 25% nos contratos de fornecedores e prestadores de serviço – como divulgado ontem na Tribuna – tem o intuito de adequação à receita”.</p> <p>“na avaliação do presidente da Associação dos Professores de Ensino Superior (Apes), Paulo César de Souza Ignácio, ainda que o Governo federal afirme não se tratar de retaliação, parece que há <u>pressão</u> para adesão à estatal. ‘As universidades deveriam ter autonomia. Se for constatado que as federais não terão recursos para manter seus hospitais, fundamentais para a formação acadêmica, é preciso rever até a razão de existência dos cursos de medicina. Esse <u>corte trará prejuízos</u> não só ao ensino, mas à sociedade”.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	

Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

2) SEE inicia convocação de aprovados em concurso para professor

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“Os professores aprovados no último concurso público da Secretaria de Estado de Educação serão nomeados”.</p> <p>“(…) mais de 11.700 docentes serão convocados (…). Foram abertas 13.993 vagas para os cargos de professores que terão remuneração inicial de R\$ 1.386 para uma jornada de 24 horas semanais”.</p>

3) Professor reduz aulas em 5 minutos

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“O Executivo reconhece o não cumprimento deste item da legislação (…). Com dívidas de R\$ 34 milhões, herdadas da gestão anterior, a Prefeitura alega dificuldades de ordem orçamentárias e pedagógicas (…).”.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os professores da rede municipal de ensino vão adotar uma nova estratégia para <u>forçar a Prefeitura a adequar</u> a jornada de trabalho da categoria à Lei do Piso”.</p> <p>“(…) os docentes irão fazer redução de cinco minutos a cada módulo/aula. A ação foi <u>aprovada por ampla maioria de votos, em assembleia</u> realizada ontem à tarde”.</p>

	<p>“Em um primeiro momento, a <u>oferta foi rechaçada</u> pelo Sindicato dos Professores (Sinpro) (...)”.</p> <p>“A <u>tática de redução de jornada</u> foi adotada após o anúncio da Prefeitura, na última terça-feira, de que havia conseguido suspender as liminares obtidas por centenas de professores (...)”.</p> <p>“(…) o sindicato justifica a <u>estratégia</u> como uma forma de <u>minimizar possíveis pressões</u> sobre os docentes, além de buscar <u>unificar a categoria</u> por um anseio comum”.</p> <p>“(…) 71% do corpo docente aderiram ao movimento. A <u>assembleia aprovou</u> ainda a manutenção do indicativo de greve (...)”.</p> <p>“Os professores também aprovaram ontem a <u>pauta de reivindicação da campanha salarial</u> deste ano. Os servidores buscam um reajuste de 15% em seus vencimentos (...). A pauta também prevê questões específicas da categoria, como a realização de concurso público para várias disciplinas, e <u>imediate implementação</u> do processo de seleção interna (...), entre <u>outras reivindicações</u>”.</p>
Competência e Despreparo	

4) Mal-estar

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“(…) causou um ligeiro mal-estar durante a assembleia dos professores. A professora tratou sobre questões polêmicas referentes aos salários dos vereadores (...). O vereador Roberto Cupolillo (Betão, PT) defendeu-se afirmando que, deste montante, fica apenas com o que corresponde a seus vencimentos como docente da rede pública (...)”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

5) Detento aprovado na UFJF

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“Para se preparar, ele contou com uma parceria entre a unidade prisional e um curso preparatório para vestibulares de Juiz de Fora. Assim, o candidato teve acesso a livros didáticos com exercícios e pôde tirar dúvidas com professores”.

	<p>“(…) ter um acautelado aprovado no ensino superior é resultado do <u>esforço</u> que tem sido feito para manter a educação na unidade.</p> <p>‘Chegar com professores e deixá-los, de quatro a cinco horas, em um pavilhão com detentos não é fácil. Tivemos que <u>vencer preconceitos</u>, mostrando que os presos são alunos como aqueles lá fora’.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	<p>“ ‘Ter um sentenciado aprovado em uma universidade e ter a perspectiva de haver outros no mesmo caminho é muito gratificante’ . Sete sentenciados ainda aguardam a segunda chamada do programa Universidade Para Todos (...)”.</p> <p>“Quando eles [os presos] trabalham e estudam, saem do ócio, a cabeça fica ocupada. A penitenciária ganha tranquilidade, e os funcionários se sentem mais seguros”.</p> <p>“(…) eles resgatam o indivíduo anterior ao delito, que é nosso objetivo (...). Quando acontece o sucesso de um, todos os outros se nutrem de esperança”.</p>
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

6) Preocupação com junção de turmas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“ ‘(…) demonstrar o <u>descontentamento</u> com essa possibilidade. Tememos que a qualidade do ensino seja <u>prejudicada</u>, que as salas fiquem superlotadas e que possa haver redução no quadro de professores”.</p> <p>“ (...) o remanejamento de turmas e alunos é uma atividade natural, que cabe à direção da escola a partir de orientação da inspeção escolar (...)”.</p> <p>“ ‘(…) A legislação fala que o número máximo é 35 alunos, mesmo porque algumas nem comportam fisicamente essa quantidade. Inchar as salas de aula só <u>prejudica o trabalho dos educadores</u> e demonstra que, em Minas, os gestores estão mais preocupados em <u>reduzir custos</u> do que em manter a qualidade”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento,	“Um grupo de professores e alunos do Instituto Estadual de Educação

militância política e sindical	(Escola Normal), juntamente com representantes do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação (SindUTE), repassou ontem à Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Juiz de Fora a preocupação com a possibilidade de junção de turmas do colégio”.
Competência e Despreparo	

7) Protesto contra fusão de turmas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“(…) reclamaram que as <u>salas não seriam apropriadas</u> para o novo contingente de alunos e <u>questionaram a falta de professores</u> ”. “ ‘Vivo um <u>dilema</u> , pois realmente as salas são apertadas para abrigar mais alunos. Mas, ao mesmo tempo, quanto mais tempo essa situação demorar, maior é a demora que terei para a designação de novos professores’, diz a diretora”. “(…) o colégio possui um <u>déficit</u> de dez professores somente no turno da manhã”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Insatisfeito com a proposta de junção de turmas de algumas séries – como divulgado na edição de ontem da Tribuna - , um grupo de estudantes e professores do Instituto Estadual de Educação (Escola Normal) decidiu fazer <u>protesto para sensibilizar os inspetores e a Superintendência Regional de Ensino (SRE)</u> a não efetivarem a medida”. “A diretora da SRE, Belkis Furtado, afirma que <u>ouviu representantes</u> de alunos e professores na manhã de ontem em seu gabinete (...) analisar a <u>viabilidade</u> de atender os pedidos”.
Competência e Despreparo	

8) Corte em aula vai até quarta

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	

Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os professores municipais vão <u>manter a redução de cinco minutos a cada módulo/aula</u> até que a próxima quarta-feira, quando a categoria realiza <u>uma nova assembleia com paralisação</u> de suas atividades. O Sindicato dos Professores (Sinpro) avalia de forma positiva a estratégia adotada (...) de <u>forçar a Prefeitura a adequar a jornada</u> (...)”.</p> <p>“Todas as escolas conseguiram adequar suas grades à redução. A adesão foi geral. Sabemos que os <u>alunos podem ser prejudicados</u>, e esta é uma <u>responsabilidade da Prefeitura</u> já que <u>estamos amparados por uma legislação nacional</u>”.</p>
Competência e Despreparo	

9) Salas de aula sem professores

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Bigode” (capa): Salário baixo e burocracia nas contratações <u>agravam</u> quadro</p> <p>“Pela <u>carência de professores nas redes estadual e municipal</u>, parte dos alunos ainda está sem atividades. Das 15 escolas procuradas pela Tribuna na última semana, em 13 havia <u>esse problema</u>”.</p> <p>“(…) o <u>sindicato também recebeu denúncias</u> de turmas com superlotação (...)”.</p> <p>“<u>Alunos e educadores temem</u> que as classes fiquem superlotadas e que não haja substituição da quantidade de professores considerada ideal”.</p> <p>“(…) a <u>crise</u> é decorrente da ‘falta de valorização do servidor e da política de enxugamento de verba. A <u>educação padece</u>’. (...) a situação é generalizada”.</p> <p>“Alguns pais já estão pedindo a transferência dos filhos, muitos <u>nos cobram uma solução</u>, mas ela <u>não depende só da escola</u>. Precisamos de uma resposta da Secretaria de Educação. A informação que recebi foi que o sistema de contratação mudou e que <u>nossas vagas sequer haviam sido oferecidas</u>”.</p> <p>“(…) também <u>teme</u> a forma de reposição”.</p> <p>“Também juntamos temporariamente duas turmas para <u>evitar mais prejuízos</u>”.</p> <p>“Essa incerteza é muito ruim, dificulta a programação dos educadores, compromete o ensino e deixa os alunos perdidos”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>Título (capa): <u>Alunos à mercê</u> da falta de professores na rede pública</p> <p>“(…) os pais não sabem a quem recorrer para garantir o direito constitucional de acesso à educação”.</p> <p>“(…) o <u>temor dos familiares e dos educadores</u> é que o <u>tempo perdido agora não seja compensado</u> da forma ideal”.</p> <p>“Meu filho tem uma ou duas aulas por dia, pois no restante dos horários, <u>ou não tem professor ou o que tem não aparece</u>. E já</p>

	<p>estamos no mês de março”.</p> <p>“ ‘Chegamos todos os dias sem saber o que vamos ter. (...) pode ser aula de qualquer coisa”.</p> <p>“Os pais são orientados a não encaminharem à instituição de ensino os alunos das turmas que <u>não têm disponibilidade de professor</u>.”</p> <p>“ ‘Essa <u>contratação está sendo feita de maneira tardia</u>. As aulas começaram no dia 4 de fevereiro e, desde então, estou sem sete professores. Cinco não foram contratados, e dois estão afastados por atestado, mas ainda não foram substituídos”’.</p> <p>“Editais de designação ainda em aberto comprovam a demanda por docentes na rede estadual.</p> <p>“(…) garante <u>ser natural</u> devido à rotatividade na rede em casos de aposentadorias, licenças, entre outras situações imprevisíveis”.</p> <p>“‘Tentam fazer a população acreditar que isso é algo normal, quando não é”’.</p> <p>“(…) ao <u>excesso de burocracia</u> para realizar contratações temporárias e à <u>demora nas nomeações</u> de efetivos”. “(…) fato de Minas investir nas contratações temporárias mesmo havendo concurso recém-homologado”.</p> <p>“(…) foram realizados 1.626 contratos, o que seria suficiente para suprir a demanda, mas, após os trâmites, houve 129 desistências”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

10) Alunos denunciam falhas na estrutura de escolas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“A gravidade da falta de docentes na rede pública municipal e estadual (...) <u>não é o único entrave que compromete o aprendizado</u> dos estudantes”. “(…) outra <u>reclamação recorrente</u> diz respeito à falta de estrutura adequada no interior dos colégios”.</p> <p>“(…) a <u>queixa</u> é referente às salas que estão interditadas (...)”.</p> <p>“A comunidade escolar ainda <u>reclama</u> de áreas comuns da escola e dos banheiros, que também estariam em <u>condições precárias</u>”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>Título: <u>Instalações precárias</u> em escolas estaduais.</p> <p>“ ‘<u>Prometem</u> reformar as salas que estão fechadas, mas, até hoje, não vimos nada”’. “(…) Ficamos de férias por mais de dois meses e <u>já era para terem feito</u> as obras”.</p> <p>“(…) a escola passa por <u>reforma geral, que solucionará todos os problemas</u> apontados”.</p>

	<p>“(…) os trabalhos não foram iniciados durante as férias <u>por causa dos trâmites necessários</u> e porque a ordem de início foi dada em fevereiro deste ano”.</p> <p>“o projeto está em fase de elaboração, mas <u>não há previsão</u> de quando será concluído”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

11) Estudante mata professora a facadas no interior paulista

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Por não ser correspondido, Thomas Hiroshi Haraguti invadiu a sala dos professores na noite de segunda-feira e matou a docente, Simone Lima, a facadas”.</p> <p>“(…) rapaz chegou e entrou pela porta da frente trajando um sobretudo preto”.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

12) Acidentes no Grupo Central motivam protesto

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Uma professora tropeçou em outra falha existente no piso e torceu o pé”. “Quando um professor cai na sala, espera que os alunos riam. Mas meu tombo foi tão feio, e eles estavam tão <u>preocupados</u> com a situação da escola, que ninguém fez qualquer piada”.</p>

Prestígio e Desprestígio	<p>“(…) para denunciar à população o que está acontecendo aqui”.</p> <p>“(…) a comunidade escolar <u>cobra providências rápidas</u> para que os cerca de dois mil alunos da Delfim Moreira <u>saíam da situação de risco</u>”.</p> <p>“Essa manifestação é pelo descaso do Governo estadual com a educação. (...) Além disso, os representantes do sindicato foram impedidos de entrar na instituição hoje”.</p> <p>“(…) a Superintendência de Regional de Ensino tem ciência da gravidade da situação e, por isso, foi autorizada a alugar um prédio (...)”.</p> <p>“(…) não havia mobiliário suficiente para que todos se sentassem”.</p> <p>“(…) mandaram a gente sentar no chão ou voltar para casa. Ficamos revoltados e resolvemos denunciar”</p> <p>“(…) a equipe da SRE vai apurar junto à escola o problema para adotar as medidas necessárias”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“(…) motivaram um protesto no Centro de Juiz de Fora na manhã de ontem. O movimento, capitaneado por alunos da Escola Estadual Delfim Moreira (Grupo Central), contou com o apoio de professores e pais e reivindicou melhores condições de ensino”.</p>
Competência e Despreparo	

13) Professor da Prefeitura para hoje

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“<u>O impasse</u> com relação à adequação da carga horária dos professores da rede municipal <u>terá um novo capítulo hoje</u>, dia em que a categoria fará mais uma paralisação de suas atividades”.</p> <p>“Os professores reivindicam o cumprimento imediato da Lei do Piso (...). <u>Para contornar o problema</u>, o Executivo propôs uma adequação a partir de janeiro do ano que vem”. A <u>solução ofertada</u> pelo município é <u>justificada</u> por dificuldades orçamentárias e pedagógicas para a aplicação do novo formato ainda em 2013. Em um primeiro momento, a <u>proposta foi rechaçada</u> pela categoria”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade /	

transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“<u>Não houve acordo</u>. Mostramos nosso posicionamento sobre algumas questões referentes à pauta de reivindicações. <u>Estamos no mesmo ponto</u> e vamos buscar uma evolução nas conversas amanhã (...)”.</p> <p>“Os professores <u>pedem</u> um reajuste (...). O <u>pedido</u> é de que a correção seja retroativa a janeiro de 2012”. “(...) os <u>docentes lutam</u> ainda (...)”.</p> <p>“(...) a diretoria do Sinpro vai levar o resultado da reunião para a <u>apreciação da categoria</u>(...). A possibilidade da mobilização dos servidores <u>evoluir para uma paralisação</u> por tempo indeterminado também será debatida (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

14) Servidor da PJJ abre campanha por 18%

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>Subtítulo: Professor <u>mantém protestos</u></p> <p>“A proposta da Administração <u>não agrada</u> aos docentes, que podem <u>cruzar os braços</u> por tempo indeterminado no próximo dia 10 (...)”</p> <p>“A categoria deliberou pela manutenção da estratégia (...)”. “A <u>assembleia também deliberou pela continuidade do indicativo de greve</u>”.</p> <p>“Segundo a diretoria do Sinpro, a paralisação de ontem teve a adesão de 91% dos docentes, enquanto a avaliação da Secretaria de Educação é de que 72% dos professores participaram da mobilização”.</p>
Competência e Despreparo	

15) HU reduz atendimento e fecha unidades

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“O <u>cenário caótico</u> é reflexo das medidas de contenção de gastos, adotadas depois que as verbas federais para custeio da entidade deixaram de ser enviadas pelo Governo federal.</p> <p>“As <u>dificuldades financeiras</u> do HU começaram a surgir após a UFJF</p>

	ter se negado a aderir à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (...).
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	À tarde, representantes (...) da Associação de Professores de Ensino Superior (Apes/JF) e do Comitê em Defesa do HU, contrários à adesão, encontram-se com o reitor e diretor geral (...).
Competência e Despreparo	

16) Cobra encontrada dentro de escola

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Uma cobra foi encontrada, na noite da última quarta-feira, dentro da sala de professores da Escola Municipal Gabriel Gonçalves da Silva (...). Como parte de um muro caiu há cerca de um ano – e ainda não foi recomposta – e não há capina regular na instituição, <u>o espaço se tornou propício</u> para o aparecimento de animais”.</p> <p>“A ocorrência deixou os docente <u>preocupados</u> (...) alguns problemas estruturais deixam os alunos em <u>risco</u>”.</p> <p>“(…) pessoas costumam invadir o estabelecimento nos fins de semana (...)”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>“Responsável pela programação da capina nas escolas, a Secretária de Administração e Recursos Humanos informou que o <u>serviço ainda não foi realizado</u> devido à alta demanda e às chuvas”.</p> <p>“Já a secretaria de Educação informa que a manutenção e administração das escolas são <u>de responsabilidade dos diretores</u>”.</p> <p>“Estudantes das escolas estaduais (...) realizaram mais protestos”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

17) Readequação do HU afeta 33 especialidades

Categoria	Trechos das notícias
------------------	-----------------------------

Heroísmo (+) / Vitimização (-)	“(…) <u>afeta</u> 33 especialidades. Entre elas, estão áreas que já são carentes de profissionais na rede pública (...). Com o corte, cerca de 1.500 [atendimentos] deixarão de ser feitos (...)”. “Além da <u>preocupação</u> com uma das principais funções de um hospital universitário, que é a formação de profissionais na área de saúde, os <u>impactos</u> na assistência também deixam a cidade em alerta”.
Prestígio (+) / Desprestígio (-)	
Operariado (O) / elite, status (S)	
Agente de manutenção da sociedade (M) / transformação social e cidadania (T)	
Engajamento, militância política e sindical (+ e -)	“Por conta disso, o Comitê em Defesa do HU já se reuniu com os três deputados federais que representam a cidade (...)”. “Essa é <u>uma luta dos trabalhadores</u> em prol do quadro efetivo, que endosso e apoio. Vou buscar audiência com o Ministro da Educação (...)”.
Competência (+) / Despreparo (-)	

18) PJF condiciona verba para HU à oferta de serviços

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	Título: Risco de fechamento: <u>Prefeitura ameaça cortar</u> 30% de verbas do HU “Eu, particularmente, como servidor público, gostaria que todos os funcionários fossem concursados, mas algumas medidas adotadas pelo Governo estão <u>complicando essa possibilidade</u> ”. “O <u>prazo máximo</u> dado pelo Governo para adesão ou não à empresa é dia 30 de abril”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

19) Alunos tomam ruas do Centro

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“No início do mês, outros <u>protestos</u> foram realizados questionando a <u>falta de professores e a demora em solucionar falhas na infraestrutura</u> de algumas instituições de ensino, o que foi <u>denunciado em uma série de reportagens</u> da Tribuna”.
Prestígio e Desprestígio	“À tarde, foi realizada reunião com os diretores das escolas para repassar os questionamentos, que serão apurados. <u>Caso as denúncias tenham procedência</u> , a pasta diz que tomará as providências cabíveis”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	Subtítulo: <u>Movimento unificado para denunciar</u> problemas nas escolas <u>provocou retenções</u> nas principais vias e <u>chamou a atenção</u> da população “O ato também contou com apoio de movimentos estudantis e sindicais, <u>além de alguns pais e professores</u> , provocando retenções nas principais vias da região central. Quem se deparou com o trajeto da passeata <u>se surpreendeu com a quantidade de gente</u> e precisou aguardar para prosseguir”. “ <u>Eles se mobilizaram para lutar</u> por uma educação de qualidade e contra o sucateamento das escolas. <u>Eles não querem que se repita nos próximos anos a demora na contratação de professores</u> , já que, até agora, temos quadros incompletos”, disse a professora de história Ângela de Paula”. “O assunto foi alvo de comentários dos vereadores na reunião que ocorreu em seguida no plenário”.
Competência e Despreparo	

20) Trabalhador luta por ganho real

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“(…) a reivindicação é por reajuste de 14,64% este ano”. “Em 2012, o aumento concedido ficou em torno de 6% sem ganho real. Aparecida acredita que, desta vez, pode-se avançar”. “Embora o reajuste do piso salarial de professores do ensino básico tenha sido de <u>7,97% este ano, conforme o Fundeb</u> , a diferença, segundo ela, deve-se a déficit de campanha”.
Operariado / elite, status	“A data-base dos 4.400 professores da rede municipal é maio”.

Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

21) SRE convoca professores

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“Os <u>aprovados</u> para os cargos de professor de língua português e de língua estrangeira moderna/inglês devem comparecer (...). Os selecionados para Juiz de Fora (...) e para outros municípios da regional (...)”.

22) Escolas Estaduais

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“A Câmara Municipal aprovou uma <u>representação</u> assinada pelos 19 vereadores <u>cobrando soluções</u> para as situações de precariedade (...)”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e	“A medida foi proposta <u>após os seguidos protestos</u> realizados por alunos (...) que reivindicam melhores estruturas físicas, mais

sindical	professores e fim da junção de turmas”.
Competência e Despreparo	

23) Definição sobre o HU só na próxima semana

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“O cenário caótico que, desde o início do mês, tomou conta do Hospital Universitário (HU) (...) deve continuar até abril”. “(…) a universidade foi obrigada a reduzir os atendimentos oferecidos”.
Prestígio e Desprestígio	“(…) <u>apenas na próxima semana</u> , quando o Conselho Superior da Universidade irá se reunir, deve ser apontado um caminho sobre a adesão ou não do HU à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh)”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“(…) membros do Comitê em Defesa do HU procuraram o MPF (...)”.

24) Inscrição para concurso para Campus da UFJF em Governador Valadares termina hoje

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“As remunerações oferecidas são de R\$ 5.466 para mestres e R\$ 8.049 para doutores”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“(…) processo seletivo de professores que irão atuar no Campus de Governador Valadares da UFJF. São oferecidas 51 vagas (...). Os candidatos devem ter titularidade mínima de mestrado e doutorado, de acordo com o curso pretendido (...)”.

Mês de abril

1) Consu avalia hoje adesão à Ebserh

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	Bigode: “Com <u> corte de verbas</u> , HU <u> restringe</u> atendimentos e internações”. “(…) medidas restritivas no atendimento, visando a redução de gastos orçamentários em 25%”. “Para piorar, a Prefeitura ameaça reduzir as verbas do SUS, a partir desse mês, na proporção dos serviços prestados”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“(…) diante da realização de manifestações de grupos contrários e favoráveis à empresa. Os protestos foram incitados pela situação delicada em que se encontra o HU (…)”. “Formado por representantes de professores, alunos e funcionários da UFJF, o Comitê em Defesa do HU espera que o Consu valide o resultado da consulta feita à comunidade (…)

2) Sem solução para HU, residente ameaça greve

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“Para pressionar uma resposta mais rápida da universidade, os médicos-residentes do HU irão se reunir (…)

	“(...) o hospital vive um ciclo vicioso de ausência de verbas e corte nos serviços. ‘Tivemos um corte de 54% no orçamento. O que gera dívidas (...)’”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“ ‘Os conselheiros querem ter maiores detalhes para votar com mais consciência’”.</p> <p>“(...) sindicatos questionam a mudança de gestão e a legalidade da criação da empresa é contestada na Justiça”. “Os principais sindicatos de professores e técnicos também são contrários”.</p> <p>“ ‘No dia 24, teremos uma posição final do plebiscito que estamos fazendo nas universidades e levaremos para o Ministério da Educação’, conta Marinalva Oliveira, presidente do Andes, sindicato nacional dos professores”.</p>
Competência e Despreparo	

3) Alunos transferidos do Grupo Central

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“A <u>transferência inicial</u> de cinco turmas foi feita ontem. (...) uma ampla reforma está programada para a escola, e as primeiras turmas a serem trocadas temporariamente são as que <u>estavam alocadas</u> no segundo andar do grupo, <u>onde havia problemas graves</u> de infraestrutura”.</p> <p>“(...) a Prefeitura anunciou a contratação de 74 professores que <u>ocuparão vagas ainda ociosas</u> neste período letivo devido a afastamentos e pedidos de demissão”. “A seleção foi feita com objetivo de <u>acelerar o processo</u>”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

4) Grupo invade escola e agride estudante

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Quatro adolescentes pularam o muro de uma escola (...), <u>invadiram</u> uma sala de aula, <u>ameaçaram uma professora</u> e <u>agrediram um estudante</u> com um simulacro de arma de fogo”.</p> <p>“Três deles <u>são alunos do colégio</u> e estavam fora do período de aula”.</p> <p>“(…) a comunidade escolar está <u>chocada</u> com a ocorrência, já que alunos, professores e demais funcionários viveram momentos de <u>pânico</u> com a invasão do grupo”.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

5) Escolas ainda sem professores

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Mais de 160 crianças <u>enfrentam a situação</u> desde a volta às aulas, em fevereiro”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>“Apesar das contratações (...), estudantes, familiares e funcionários de algumas escolas municipais denunciam que as instituições permanecem sem educadores”.</p> <p>“(…) há dois meses, existem estudantes na rede que ainda não tiveram sequer uma aula de determinadas disciplinas”.</p> <p>“(…) a instituição já formalizou os pedidos junto à secretaria, mas, até ontem, as vagas continuavam em aberto”.</p> <p>“(…) 202 professores foram contratados entre março e a primeira semana de abril, mas <u>a demanda atual ainda será levantada</u>. (...) as vagas de professor de matemática foram apresentadas em diversas ocasiões, mas as vagas <u>não foram preenchidas</u>”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	

Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

6) Cidade será base para distribuição de fumacê – Aulas suspensas por causa da doença

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	Legenda: “495 alunos foram dispensados...” “Cerca de 495 estudantes da Escola Municipal Jesus de Oliveira, no Ipiranga, estão <u>sem aula por causa da dengue</u> ”. “(…) a atitude [suspensão das aulas] também levou em conta a constatação de que alunos e educadores apresentaram a moléstia. (...) ‘é a <u>saúde dos alunos e professores que está em risco</u> ’”. “(…) o local estaria infestado de mosquitos”.
Prestígio e Desprestígio	“Acho que demoraram muito para tomar uma providência. É uma situação de <u>risco</u> de morte (...)”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

7) Crianças terão que ir para escola aos 4 anos

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“(…) o novo texto diz que o <u>Estado é obrigado</u> a garantir à população educação escolar pública e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade. A nova lei torna <u>dever dos pais ou responsáveis</u> efetuar matrícula”. “Outra novidade na lei foi a inclusão de mais um princípio a ser observado no processo de ensino das escolas. Trata-se da consideração com a diversidade étnico-racial”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e	“(…) poderá estabelecer uma <u>nota mínima</u> no Exame Nacional do

Despreparo	Ensino Médio (Enem) como pré-requisito para quem pretende ingressar em cursos de graduação de formação de professores (...). O objetivo é <u>evitar que candidatos com baixo aproveitamento escolar se tornem professores</u> ".
-------------------	--

8) Cem dias com o 'pires na mão'

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	"Em pouco mais de três meses à frente da Prefeitura, Bruno teve que atuar como ' <u>apagador de incêndios</u> ' em várias situações".
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	No quadro: "Dia 27: <u>Depois de várias reuniões</u> , PJJ propõe adequação da jornada de trabalho dos professores à Lei do Piso a partir de 2014. <u>A proposta é rechaçada</u> pela categoria". "Em relação aos servidores, o Governo abriu negociação com os professores da rede municipal <u>já no primeiro mês do mandato</u> ". "Desde a gestão passada, <u>a categoria trava uma queda de braço</u> com o Executivo pela implantação do item da Lei do Piso que determina um terço da jornada de trabalho para atividades extraclases. A atual Administração <u>signalizou</u> o cumprimento da legislação apenas a partir de janeiro de 2014, alegando dificuldades orçamentárias. <u>A proposta foi rechaçada pelos docentes</u> e Bruno já <u>enfrenta</u> a primeira ameaça de greve de seu Governo".
Competência e Despreparo	

9) Suspeita de morte por dengue em JF – Escola continua sem aulas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	"A Escola Municipal Jesus de Oliveira, no Bairro Ipiranga, <u>não vai retornar as aulas hoje</u> , conforme tinha sido previsto pela Secretaria de Educação". "(...) o tratamento focal ainda não teria sido realizado (...). A decisão sobre o retorno das atividades deve ocorrer só na quinta-feira, quando a direção obtiver <u>uma resposta definitiva</u> ". "(...) pais de alunos informaram que não permitiriam o retorno dos filhos antes da resolução do problema". "(...) duas professoras já <u>teriam sido picadas</u> (...). Uma das docentes infectadas, que preferiu não ser identificada, contou que <u>dava aulas em uma sala infestada por pernilongos</u> . Ela garantiu ter visto mosquitos de pernas rajadas (...)".

Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

10) PJF soma 10 mil licenças na educação

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“É um número que surpreende, mas também é <u>compreensível</u>. A <u>função do professor é muito desgastante</u>”, afirmou o vereador Jucélio Maria (PSB), que defendeu a <u>adoção de políticas</u> voltadas para a categoria a fim de minimizar o problema (...)”.</p> <p>“(…) classificou a carência de pessoal como uma das grandes <u>dificuldades</u> do setor (...)”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>“O número de atestados apresentados por professores, no ano passado, <u>provocou cerca de dez mil afastamentos</u> na rede municipal”.</p> <p>“(…) defendeu que o salário pago aos profissionais ao início da carreira (PRA-1) de R\$ 743 ‘é um convite para procurarem outras redes’”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“A remuneração dos docentes volta a ser discutida em assembleia hoje, quando a categoria paralisa suas atividades”.</p> <p>“Ontem, o secretário de Educação e o de Administração e Recursos Humanos (...) se reuniram com representantes do Sinpro para mais uma rodada de negociações, mas não houve avanços”.</p>
Competência e Despreparo	

11) Consu vota por adesão à Ebserh

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Bigode”: “Expectativa é de que, com definição, repasse de recursos seja <u>retomado, normalizando o atendimento</u>”.</p> <p>“ ‘Os representantes da empresa asseguraram que, com a adesão até o dia 30 deste mês, teremos todo o apoio para que os serviços voltem à</p>

	<u>normalidade</u> ”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“ ‘Alguns pontos são fundamentais, como o respeito ao patrimônio da universidade’, afirmou Duque, que ainda defendeu a manutenção da forma de trabalho dos servidores”.</p> <p>“ ‘Cabe à comunidade do hospital e à UFJF acompanharem a elaboração (do contrato), para que nossos anseios <u>sejam respeitados</u>”.</p> <p>“Membros do Comitê em Defesa do HU, formado por técnico-administrativos, estudantes e professores, demonstraram revolta com a decisão. Aos gritos de ‘traidor’, os manifestantes cercaram Duque (...). O grupo alega que o reitor não seguiu a decisão da comunidade do HU (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

12) Professor pressiona por um terço

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os professores da rede municipal <u>ameaçam cruzar os braços</u> na próxima semana”.</p> <p>“ ‘Caso o quadro permaneça, a greve será inevitável’, afirmou Betão”.</p> <p>“Também foi definido que, entre os dias 23 e 25 de abril, o Sinpro <u>seguirá o movimento nacional e paralisará</u> suas atividades”.</p> <p>“A assessoria da Prefeitura ainda informou que foram realizadas 12 reuniões com o Sinpro e que a negociação continua até que todos os pontos de debate sejam <u>sanados</u>”.</p>
Competência e Despreparo	

13) Encosta ameaça escola no São Pedro

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“Um muro caído, um barranco desabando e um verdadeiro matagal nos fundos da Escola Municipal Tancredo Neves, no Bairro São Pedro, na Cidade Alta, são <u>indícios da situação preocupante</u> vivenciada pela instituição. Se a encosta deslizar, pode <u>colocar em risco</u> cerca de 800 alunos do colégio, além dos professores e funcionários”.
Prestígio e Desprestígio	“(…) ambas [secretarias] alegam não terem conhecimento da situação”. “ <u>escolas recebem</u> verba do município para manutenção, reparo e conservação do patrimônio”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“Alunos da Escola Estadual Mariano Procópio (...) e da Escola Estadual Hermenegildo Vilaça (...) participaram de ações do dia denominado ‘Todos contra a Dengue’”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

14) Prefeitura vai manter repasse para HU

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“A Secretaria de Saúde anunciou (...) que <u>não irá mais suspender</u> o repasse mensal de 30% de verbas destinadas ao Hospital Universitário (HU) para manutenção dos serviços prestados ao SUS”. “(…) reforçando que as atividades seriam normalizadas”. “Desde o início do mês passado, o Governo federal <u>cortou mais da metade das verbas</u> de custeio do HU. A medida foi atribuída pela comunidade como <u>restrição</u> pela não adesão à Ebserh. Sem o dinheiro, a instituição demitiu 66 funcionários, cancelou a marcação de consultas (...)”. “os representantes da empresa asseguraram que, com a adesão até o dia 30 deste mês, a UFJF terá todo o apoio para que os serviços sejam <u>regularizados</u> ”.
Prestígio e Desprestígio	“quem ganha com a decisão de acabar com o corte será a própria população local, que <u>corre o risco de perder serviços essenciais</u> como cirurgias e leitos de UTI”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social	

e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

15) R\$ 300 mil são liberados para JF – No Ipiranga

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“As atividades <u>só serão retomadas</u> quando for realizado o bloqueio dos focos do <i>Aedes aegypti</i> por meio do Ultra Baixo Volume Costal, o fumacê costal”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

16) Escola debate violência

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	<p>“Jovens da Cidade Alta, estudantes e ex-alunos da Escola Municipal Doutor Adhemar Rezende de Andrade, no São Pedro, participam (...) do <u>projeto “Sou da Paz”</u>, organizado pelo Núcleo de Cidadania da instituição. Com auxílio de professores voluntários e parceiros, os adolescentes são convidados a discutir as conseqüências do aumento da violência (...)”.</p> <p>“De acordo com a professora responsável pela organização do núcleo, Eliane Ferreira, o objetivo é que, a partir das discussões sobre o tema, os jovens se tornem <u>multiplicadores</u> da paz dentro das escolas e em suas comunidades”.</p> <p>“(…) cerca de 40 meninos e meninas, entre 11 e 18 anos, compõem o</p>

	<p>grupo, que se reúne fora do horário das aulas”.</p> <p>“O presidente do núcleo, (...), se diz motivado por estar contribuindo com a <u>formação da cidadania dos colegas</u>”.</p> <p>“(…) oportunidades para <u>divulgar direitos e deveres</u> deste público”.</p> <p>“(…) o grupo realiza outros trabalhos voluntários. Um deles é a direção de uma rádio (…)”.</p>
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“(…) iniciativas como a da escola, que utiliza informações jornalísticas como instrumento didático, são importantes porque contribuem para a formação do jovem”.</p> <p>“Se for usado com a perspectiva crítica ao que o jornal veicula, ou se for além do que está escrito, colabora ainda mais para a formação da consciência deste cidadão”.</p>

17) Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>Chapéu: <u>Risco constante</u></p> <p>Bigode: <u>Violência sai do controle</u> em escolas com casos de agressão, porte de armas e uso de drogas.</p> <p>“Um adolescente acendeu um cigarro de maconha durante uma aula (...). O fato surpreendeu a professora que, <u>sem reação</u>, não acionou a Polícia Militar”.</p> <p>“Casos como esses, que extrapolam a responsabilidade das escolas, apesar da <u>gravidade</u>, acabam sendo subnotificados (...)”. “(…) o receio de retaliações ou, até mesmo, a vontade de resguardar a imagem da escola e o aluno são motivos mais prováveis (...)”.</p> <p>“Apenas entre 2009 e 2012, 645 ocorrências foram registradas pela pasta, em 101 escolas”.</p> <p>“ ‘Como o professor vai denunciar? Ele <u>teme</u> contra a própria vida”.</p> <p>“(…) o <u>medo</u> dos professores e funcionários é <u>compreensível</u>, já que eles irão encontrar com este possível agressor no dia seguinte”.</p> <p>“Como levar a paz à escola se a cidade não tem paz?”.</p> <p>“Muitos dos casos de violência e indisciplina no ambiente escolar não chegam ao conhecimento das autoridades competentes”.</p> <p>“A presidente do Sind-UTE em Juiz de Fora, Victória Mello, afirma haver pressão política para que os conflitos da rede estadual não sejam divulgados, sendo tratados apenas no âmbito pedagógico”.</p> <p>“Estamos incentivando as escolas a nos informar para que possamos <u>resguardar os profissionais</u> (...) um braço de apoio dos problemas”.</p> <p>“(…) casos como esses também ocorrem na rede particular, mas não são registrados. ‘Às vezes, são pais de alunos que agredem fisicamente os professores’”.</p>
Prestígio e Desprestígio	<p>“Autor da lei que instituiu as áreas de proteção e segurança escolar (...) lamenta que seu conteúdo ainda não tenha sido colocado em prática. ‘Ela está esquecida’”.</p> <p>“(…) muitos os casos de violência que chegam ao meu conhecimento</p>

	e poderiam ser evitados”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“(…) Juiz de Fora e 85 municípios da região contam com diversos projetos que visam a coibir esses delitos”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“Atualmente o município estaria recebendo uma equipe que visita as escolas com o objetivo de orientar professores e diretores sobre como lidar com situações que envolvam violência”.

18) PJF contrata mais docentes temporários

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“Do total, 15 vagas foram abertas ontem, tendo sido preenchidas apenas sete. <u>As outras oito permanecem em aberto</u> e serão alvo de nova chamada”.</p> <p>“Conforme a Secretaria de Educação, as demandas foram identificadas, principalmente, por conta dos <u>afastamentos temporários (como licenças médicas) e desistências de recém-contratados</u>. A pasta informa <u>ter realizado 397 contratações este ano e registrado 157 desistências</u>”.</p>
Operariado / elite, status	“A Prefeitura iniciou ontem o processo de contratação temporária de profissionais do magistério.
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

19) Tráfico no entorno da escola

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“No mesmo dia em que a Tribuna mostrou a <u>preocupação de professores e funcionários</u> devido à escalada da violência dentro do ambiente escolar, um adolescente de 16 anos foi apreendido suspeito de realizar tráfico de drogas nas intermediações da Escola Municipal

	<p>Santa Cândida (...). “O caso (...) é <u>pelo menos o quinto</u> com características semelhantes ocorrido na cidade este ano”. “A situação tem levado medo a moradores e colocando em risco a vida de funcionários e alunos”. “(...) por volta das 11h, houve troca de tiros em frente à escola”. “Professores também estariam cogitando mudanças de local de trabalho, pois o simples fato de estacionar o carro na rua já estaria sendo <u>arriscado</u>, na visão deles”.</p>
Prestígio e Desprestígio	“Pedimos uma área de lazer porque a escola não possui quadra (...)”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“ <u>Já fazemos um trabalho para não perder esses alunos</u> para o tráfico, com aulas de capoeira, dança e grafite fora dos horários de aula, para mantê-los por mais tempo no colégio. Mas estamos pedindo ajuda com ações concretas”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

20) Professores protestam nas ruas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os professores da Prefeitura (...) realizaram uma passeata pelas ruas do Centro para <u>alertar à população</u> sobre a situação do ensino na cidade. Com apitos, cartazes e gritos de protesto (...)”.</p> <p>“De acordo com o Sinpro, 90% da categoria não trabalharam ontem. Conforme a PJJ, o movimento atingiu 84,5% dos docentes”.</p>
Competência e Despreparo	

21) Professores farão paralisação de três dias na próxima semana

Categoria	Trechos das notícias
------------------	-----------------------------

Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“ <u>Somente nesse ano</u> , os professores da PJJ interromperam suas atividades por seis dias”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Os professores da rede municipal irão <u>paralisar suas atividades mais uma vez</u> na próxima semana”. “(…) acompanha movimento liderado pelo Conselho Nacional dos Trabalhadores em educação, que convocou os docentes a realizarem greve unificada em busca de valorização dos profissionais. Em Juiz de Fora, as aulas serão suspensas entre as próximas terça e quinta-feira”.
Competência e Despreparo	

22) Professor do estado fará ato na segunda

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“Os professores temporários estão perdendo seus empregos”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Os professores da rede estadual de ensino farão um ato público na próxima segunda-feira (...) para buscar apoio para a revogação da resolução nº2.253/2013 (...)”. “(…) a categoria definiu que também irá <u>buscar apoio popular</u> por meio de um abaixo assinado que será encaminhado ao conselho geral da categoria em Belo Horizonte (...)”.
Competência e Despreparo	“O documento determina que as aulas de educação física e ensino religioso para alunos do primeiro ao quinto ano podem ser ministradas pelo professor regente (...) <u>quando a escola não tiver profissional efetivo</u> com formação específica”. “Os regentes ministram aulas em assuntos que não possuem formação técnica (...)”.

23) Professores param até quinta

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“O movimento acompanha a greve nacional pela valorização da categoria, organizado pela Central Única dos Trabalhadores em Educação (CNTE), de Brasília. Em Juiz de Fora, <u>a greve poderá afetar</u> cerca de 80 mil alunos”.</p> <p>“o Governo <u>abriu diálogo</u> sobre reajuste do Adicional (...). A categoria também quer aumento (...). O Executivo <u>sinalizou</u> aumento de 10% para os dois benefícios”.</p> <p>“Os professores também pleiteiam reajuste (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

24) Educação é tudo

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“O ensino básico e o ensino fundamental, apesar dos investimentos, continuam sendo uma <u>opção de segunda linha</u>, bastando ver a <u>situação das escolas</u> pelo país afora e o tratamento dado aos professores. Não se olha a base”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	<p>“O resultado não fica apenas na ascensão educacional. Um povo educado no sentido pleno não comete insanidades como as que se vê no trânsito e, muito menos, joga lixo nas ruas (...)”.</p> <p>“Como educação leva à conscientização, a falta da primeira inibe o exercício da segunda”.</p>
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

25) Adolescente ameaça e xinga diretora

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo (+) / Vitimização (-)	“(…) uma estudante de 14 anos foi apreendida pela PM por suspeita de <u>ameaçar a diretora</u> da escola estadual onde estuda, no Linhares (…)”. “A vítima relatou aos militares (…) que foi desacatada, ameaçada de agressão e de morte”. “A aluna disse aos policiais que <u>havia se sentido injustiçada</u> por não ter sido liberada logo depois da aula”.
Prestígio (+) / Desprestígio (-)	
Operariado (O) / elite, status (S)	
Agente de manutenção da sociedade (M) / transformação social e cidadania (T)	
Engajamento, militância política e sindical (+ e -)	
Competência (+) / Despreparo (-)	

26) Paralisação atinge cerca de 90%

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“(…) contou com a <u>adesão de cerca de 90% dos docentes</u> do município e <u>deixou pelo menos 30%</u> das escolas estaduais com déficit de profissionais”. “(…) caso não seja apresentada uma nova proposta pelo Executivo nos próximos dias, a <u>previsão é de que a greve seja estendida</u> por tempo indeterminado”. “O que foi proposto até agora foi insuficiente para a reivindicação da categoria”. “O Executivo afirma que continua aberto a negociações”.
Competência e Despreparo	

27) PJF tenta impedir greve de professor

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Estamos nos <u>esforçando</u>, mas não podemos prometer algo que <u>não seja responsável</u> (...)”.</p> <p>“A equipe <u>manifestou a preocupação</u> de todas as propostas serem levadas à categoria. Entre as novidades apresentadas ontem (...)”.</p> <p>“Após avaliar o documento, o sindicato não se mostrou satisfeito”.</p> <p>“Do início do ano até agora, <u>foram nove dias de paralisação</u> e 15 reuniões entre Prefeitura e Sinpro”.</p>
Competência e Despreparo	

28) Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“Em menos de quatro meses de gestão, <u>o Governo</u> do prefeito Bruno Siqueira (PMDB) <u>enfrenta</u> a primeira greve do seu quadro de funcionários”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“A paralisação dos professores da rede municipal foi deflagrada ontem, em assembleia que reuniu <u>mais de 800 pessoas</u>. A decisão favorável foi <u>votada em massa</u> pela categoria (...)”.</p> <p>“O <u>movimento deve atingir</u> os 42.500 alunos das 101 escolas do município. Atualmente o quadro de professores conta com 4.654 funcionários”.</p> <p>“O sindicato inicia agora coleta de assinaturas em vários bairros da cidade em <u>busca de apoio</u> ao movimento grevista”.</p>
Competência e	

Despreparo	
-------------------	--

29) Alunos da Escola Normal protestam

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“Conforme a presidente da entidade [grêmio estudantil] (...), ‘queremos que a educação se torne <u>prioridade</u> dos governos, que não haja sucateamento das escolas, salas superlotadas e falta de professores. Também lutamos para que os professores sejam melhor <u>remunerados</u> e tenham <u>mais condições</u> para trabalhar”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“(…) em todo o estado, o movimento afetou 15% das escolas estaduais”. “(…) a ação foi realizada para cobrar melhorias nas escolas e apoiar a mobilização da CNTE.
Competência e Despreparo	

30) Escola invadida 3 vezes na semana

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“A diretora encontrou o basculante da cozinha quebrado e constatou o furto de um botijão de gás e um forno micro-ondas, além de materiais de limpeza. Para fugir com os objetos, o ladrão quebrou o muro lateral do imóvel”. “ ‘Lamento muito que isso tenha ocorrido. O dinheiro que estamos gastando para reparar os danos <u>poderia ser usado para a compra de materiais que ajudariam no aprendizado</u> dos alunos’, disse a diretora (...)”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

31) 90% de adesão no primeiro dia

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“O primeiro dia de movimento grevista dos professores da rede municipal de ensino contou ontem com a <u>adesão</u> de aproximadamente <u>90% do efetivo e deixou boa parte</u> das 101 escolas do município com suas atividades paralisadas (...)”.</p> <p>“ (...) visto que a <u>adesão</u> ao movimento foi muito <u>expressiva</u>”.</p> <p>“(…) parte da categoria se reuniu no Calçadão da Rua Halfeld para <u>conquistar apoio da população</u> ao abaixo assinado elaborado pelo sindicato”.</p> <p>“A ação dos docentes deve <u>atingir</u> 42.500 alunos”.</p> <p>“A decisão de paralisação por tempo indeterminado foi determinada (...) após <u>rejeição da contraproposta</u> enviada pela Prefeitura”.</p>
Competência e Despreparo	

32) Greve completa 5 dias hoje

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os docentes estão em greve desde a última sexta-feira, por <u>não chegarem a um denominador comum</u> com o Executivo a respeito da pauta de reivindicações da categoria. Entre as principais <u>críticas</u> está o não cumprimento imediato da Lei do Piso (...)”.</p> <p>“(…) ‘A Prefeitura deveria ter procurado o MEC para receber essa verba. Só é necessário <u>abrir as contas</u> e provar que a ajuda é necessária’”.</p>

Competência e Despreparo	
---------------------------------	--

Mês de maio

1) Judicialização

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“Os sindicalistas têm usado a <u>não aplicação da lei</u> em todas as manifestações públicas contra o Executivo. A Prefeitura, por sua vez, se sustenta na decisão da Justiça que reconhece a impossibilidade de adoção da nova jornada imediatamente, por conta <u>do impacto financeiro e pedagógico</u> ”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

2) Permanece impasse entre PJF e Sinpro

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Durante reunião realizada ontem, a 16ª desde o início do ano, Prefeitura e Sindicato dos Professores de Juiz de Fora (Sinpro-JF) mantiveram impasse”. “(…) os professores exigem avanços (…)”. “(…) a Prefeitura afirmou ter apelado para que o magistério retorne às aulas em nome do diálogo estabelecido pela gestão (…) sem necessidade de uma medida extrema como a greve, que não é do

	<p>interesse da Prefeitura nem do sindicato, além de prejudicar a população”.</p> <p>“(…) até o momento, o Executivo não apresentou qualquer nova proposta que atenda às exigências já enviadas pela categoria (…).</p> <p>‘Vamos continuar com o movimento, arrecadando assinaturas de apoio da população e com panfletagens no Centro’”.</p> <p>“(…) decisão do Tribunal de Justiça que não obriga o município a aplicar a Lei do Piso de imediato”.</p>
Competência e Despreparo	

3) Greve de professor completa uma semana

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>Na capa: “(…) manutenção do movimento, que afeta 42 mil estudantes”.</p> <p>“Com apitos, cartazes e faixas, conclamando uma resposta da Prefeitura às reivindicações (…)”.</p> <p>“ ‘O mínimo que se espera, pelo fato de aproximadamente 42 mil alunos estarem fora das salas de aula, é um desdobramento para tentar solucionar o impasse, que já é bem conhecido”.</p> <p>“Os professores cobram avanços nos principais pontos da pauta de reivindicação (…)”.</p> <p>“De acordo com informações do Sinpro, a adesão de professores chega a 86% na cidade. Já pela avaliação da Prefeitura, o movimento grevista atinge 77% da categoria”.</p>
Competência e Despreparo	

4) Reajuste de 10% para servidor da Câmara

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	

Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Após pouco mais de quatro meses à frente do Executivo, o prefeito já enfrenta sua primeira greve de servidores, após os professores da rede municipal cruzarem os braços no último dia 26”.</p> <p>“A PJJ trabalha para definir um índice único de reajuste a ser proposto a todas as categorias e novidades podem surgir nas mesas de negociações já agendadas para a semana que vem”.</p>
Competência e Despreparo	

5) Negociações

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“A Prefeitura vê com otimismo as negociações com os sindicatos dos servidores públicos e dos Médicos, mas admite que permanece o impasse com o Sindicato dos Professores (Sinpro)”.</p>
Competência e Despreparo	

6) PJJ negocia com servidores sem definir índice

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e	<p>“Mês referência para a data-base dos servidores municipais, os primeiros dias de maio significam a intensificação das negociações</p>

sindical	entre Prefeitura e os representantes das diversas categorias (...). “Apesar de elogiada em várias situações, a disponibilidade do novo Governo em manter um diálogo aberto com os trabalhadores ainda não resultou entendimentos significativos até aqui, o que levou os professores de rede municipal de ensino a cruzarem os braços, com a deflagração de um movimento grevista no último dia 26”. “As partes retomam a negociação para solucionar o impasse que já se arrasta desde a última gestão”.
Competência e Despreparo	

7) Prefeitura insiste em Lei do Piso para 2014

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Em queda de braço com os professores municipais, que estão em greve há 13 dias, a Prefeitura voltou a afirmar o compromisso de adequar a carga horária do magistério à Lei do Piso (...) a partir de janeiro do ano que vem. A proposta não atende aos anseios dos docentes, que exigem adequação imediata de suas cargas horárias”. “O Executivo está agindo conforme o entendimento do Tribunal de Justiça (...)”.</p> <p>“A argumentação parece não ter convencido os professores que votaram pela continuidade da greve (...)”.</p> <p>“(…) centenas de manifestantes fizeram uma passeata (...). A movimentação durou quase duas horas (...). Como forma de pressionar o executivo, em todo o trajeto, um caminhão equipado com um telão exibiu imagens de uma entrevista do prefeito Bruno Siqueira “(…) fala em valorização dos professores municipais e defende a aplicação da Lei do Piso”.</p> <p>“(…) os professores classificaram como avanço o que chamaram de ‘exercício’ iniciado com o Executivo na reunião de ontem (...) os sindicalistas sugeriram que, como medida paliativa, o módulo/aula fosse reduzido em cinco minutos até o final do ano (...)”.</p> <p>“(…) o entendimento é de que o índice de reajuste referência para os docentes é de 7,97%, que corresponde ao percentual de aumento Fundeb entre 2011 e 2012”.</p>

Competência e Despreparo	
---------------------------------	--

8) Gargalo nas creches deixa 2.253 à espera de vagas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“Bigode – capa”: “PJF diz que está se preparando para a demanda”
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“Há mais crianças aguardando vaga do que matriculadas nas creches de Juiz de Fora. Segundo levantamento repassado à Tribuna pela Secretaria de Educação, 2.253 meninos e meninas de até 3 anos têm os nomes na fila de espera, enquanto outros 2.155 já freqüentam as creches”.</p> <p>“Mas se não existem vagas suficientes nas 23 creches da rede, a questão é: o Município está se preparando para a nova demanda [a partir de 2016, educação infantil obrigatória para crianças de 4 e 5 anos]”.</p> <p>“Para a professora da Faculdade de Educação da UFJF e pesquisadora de educação infantil Hilda Micarello, (...) as creches ficam em segundo plano. Com isso, as mais afetadas são as famílias de baixa renda que não encontram vagas para os filhos de 0 a 3 anos”.</p> <p>“A professora Hilda Micarello acredita que a sociedade não costuma compreender os critérios porque eles não deveriam existir”.</p> <p>“A construção das escolas resolverá parte dos problemas relativos às vagas e à infraestrutura da rede, mas, segundo a professora (...), também é preciso investir em outras frentes. ‘(...) é preciso sim ter vagas para todos, mas também professores capacitados e com formação continuada, espaços adequados, brinquedo... Hoje temos realidades muito diversas no ensino infantil”.</p> <p>“O próprio curso de pedagogia só passou a ofertar recentemente formação adequada à docência do ensino infantil e anos iniciais do fundamental. Ainda falta haver concursos específicos voltados aos profissionais da educação infantil e reduzir a rotatividade de professores (...)”.</p>

9) PJF aciona Justiça contra greve dos professores

Categoria	Trechos das notícias
------------------	-----------------------------

Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Bigode” da capa: na tentativa de acordo, Tribunal convoca Prefeitura e Sinpro para audiência na segunda-feira em Belo Horizonte.</p> <p>“A queda de braço entre a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) e os professores da rede municipal, em greve há 16 dias, chegou ao judiciário. A PJF entrou com uma ação civil pública no TJMG questionando a legalidade da mobilização”.</p> <p>“(…) as negociações de ontem revelaram novos rumos. De forma conjunta, o Executivo e o Sinpro sinalizaram a adoção de uma medida paliativa: a de redução de cada módulo-aula em cinco minutos a partir do dia 31 de julho. ‘Isso representa o cumprimento do que determina a jornada estabelecida pela Lei do Piso já nesse ano (...)’”.</p>
Competência e Despreparo	

10) Justiça determina que PJF matricule crianças

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“A decisão acata a ação civil pública proposta pela Defensoria Pública de Minas Gerais, com o objetivo de garantir aos meninos e meninas de 0 a 5 anos o direito de acesso à educação infantil”.</p> <p>“A Secretaria de Educação tem 30 dias, a contar da data em que foi intimada, para oferecer as vagas (...)”.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“ ‘Os critérios adotados pelas autoridades municipais violam o princípio da igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. Negar os munícipes um direito constitucionalmente consagrado, mais do que afrontar o ordenamento jurídico, viola o</p>

	<p>princípio da dignidade da pessoa humana”.</p> <p>“Por meio de nota, a Prefeitura admite a carência de vagas, mas pondera não ser possível reverter a situação no ‘curto espaço de tempo assinalado’ (...)”.</p>
--	--

11) PJF oferece índice escalonado de 6,5%

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	<p>“Com relação ao índice de reajuste oferecido pelo Executivo, a recomposição de 4,63%, retroativa a janeiro, fica abaixo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado nos últimos 12 meses, estimado em 6,49%. O indicador, porém, seria atingido com acréscimo de 1,87%, de forma escalonada (...)”.</p>
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os docentes avaliarão o conjunto de propostas apresentado pela Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) ontem, durante audiência de conciliação que ocorreu no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), em Belo Horizonte”.</p> <p>“(…) o Executivo costurou uma nova lista de proposições, com 14 itens. Pela primeira vez, a PJF apresentou o índice de reajuste para a categoria: 6,5% a ser pago de forma escalonada até janeiro de 2014”.</p>
Competência e Despreparo	

12) Greve continua na PJF

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>Capa: “Professor mantém greve e tenta negociar”. “(…) categoria continua parada para tentar garantir avanços na pauta junto à PJF”.</p> <p>“Apesar de não rejeitar o termo de conciliação (...), os professores da rede municipal votaram pela do movimento de greve, que completa 20 dias hoje. A deliberação deve estender a mobilização até amanhã,</p>

	quando uma nova assembleia está agendada”. “A intenção é trabalhar um novo exercício com o Executivo em busca de um denominador comum, que não prejudique os custos já estipulados pelos entendimentos feitos em Belo Horizonte. Na tentativa de aparar arestas, PJF e professores fazem nova reunião hoje”.
Competência e Despreparo	

13) Casa aberta

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	<p>“ ‘Aprendi muita coisa que não conhecia’ ”.</p> <p>“Mais do que um passo rumo à tão almejada democratização de seus espaços museais, a UFJF dá um novo passo com o projeto Coletivo Cultural, o qual disponibiliza um ônibus para que estudantes de escolas públicas da cidade conheçam as exposições no local”.</p> <p>“Segundo Maria Inez Moyses, professora de artes da escola, que acompanhou uma das turmas, apesar de todo o trabalho feito em sala, a fim de criar o interesse pela arte nos alunos, ainda falta facilitar esse acesso. ‘Quando criamos o hábito, acabamos gostando. É preciso mostrar tudo sem imposições’, comenta, certa de que, ao regressarem, a visita renderá muito trabalho”.</p> <p>“ ‘Facilitar o acesso da escola pública é um ganho muito grande’ (...). Entendo formação de público como trazer o estudante para cá, seduzindo-o para que volte e lhe dando os referenciais culturais necessários para a vida. Isso é treinar o olhar”.</p>
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“De acordo com a arte-educadora do espaço, Raphaela Corrêa, é preciso extrapolar os muros da escola, na certeza de que o museu também deve desempenhar um papel na educação”.

14) Professor de federal terá que ser doutor

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	

Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“Um dos dispositivos da medida [Medida Provisória 614] determina que o candidato a professor inscrito em concurso público para universidade federal deverá ter título de doutor”.</p> <p>“(…) poderá ser substituída no edital de concurso ou título de mestre, especialista ou apenas graduação somente quando se tratar de localidade ‘com grave carência de docentes com doutorado’”.</p>

15) Aprovado reajuste de servidores estaduais

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	<p>“A Assembleia de Minas aprovou ontem a proposta do Executivo para reajustar o salário de várias carreiras dos servidores estaduais”.</p> <p>“(…) prevê percentuais de reajuste que variam de 5% a 40,55% e serão aplicados às categorias que não tiveram aumentos específicos após abril de 2012”.</p> <p>“Os novos vencimentos irão beneficiar cerca de 37 mil servidores estaduais e representam um acréscimo de R\$ 102 milhões por ano à folha de pagamento já a partir de 2013”.</p>
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“A proposta de reajuste aprovada ontem faz parte de acordos pactuados pelo Governo e Minas com entidades representativas dos servidores públicos e foi desenvolvida com o objetivo de uniformizar salários nas carreiras do Poder Executivo”.</p>
Competência e Despreparo	

16) Estudante suspensa por vandalismo

Categoria	Trechos das notícias

Heroísmo e Vitimização	“Uma aluna (...) foi suspensa temporariamente da instituição após agredir um funcionário e cometer atos de vandalismo no colégio (...)”. “para evitar novos conflitos, afastamos a estudante das aulas até que o colegiado, juntamente com a família, decida o seu futuro”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

17) Professor da PJJ busca apoio da Câmara

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	Capa: professores pedem apoio a vereadores “O magistério da rede municipal adotou ontem uma estratégia política e levou suas reivindicações à Câmara Municipal”. “(...) entregou um abaixo-assinado com cerca de dez mil assinaturas (...) a intenção é tentar mostrar que o movimento tem o apoio da opinião pública e sensibilizar os vereadores para que o Legislativo interceda junto à Prefeitura para que a categoria possa atingir seus anseios (...)”. “O discurso [sobre o exercício de redistribuição dos recursos] é de que a realocação iria favorecer os professores com menores salários, com aumentos de benefícios (...)”.
Competência e Despreparo	

18) Professor volta às aulas na 2ª

Categoria	Trechos das notícias
------------------	-----------------------------

Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Após 22 dias de braços cruzados e intensas negociações com a Prefeitura, os professores da rede municipal decidiram colocar um ponto final no primeiro movimento grevista enfrentado pela Administração Bruno Siqueira (PMDB)”.</p> <p>“(…) as aulas serão retomadas (…). A ordem de prioridade para a reposição são os sábados, as emendas de feriados, as datas entre o Natal e o Ano Novo e, por último, o sexto horário”.</p> <p>“Até o último momento, os docentes tentaram fazer com que estes recursos fossem distribuídos de maneira diferente, sem, entretanto, alterar os gastos (…).</p> <p>“Os professores comemoram a redução de cinco minutos, em cada módulo-aula (…)</p> <p>“ ‘Tudo resultado de muita luta. É assim que se constrói um plano de carreira’ ”.</p> <p>“(…) diálogo aberto com os professores, na busca por um entendimento”.</p>
Competência e Despreparo	

19) Apes retoma mobilização

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“(…) cumprem agenda nacional de mobilização na tentativa de forçar o governo federal a abrir negociação pela reestruturação da carreira da categoria. ‘Não estamos satisfeitos com o acordo feito no ano passado, assinado por uma entidade que não representa a categoria. Isso não pôs fim à mobilização dos professores por uma carreira mais atrativa e melhores condições de trabalho’ ”.</p>

	“ ‘Primeiro vamos buscar o diálogo’ ”.
Competência e Despreparo	

20) Pretérito perfeito

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“(…) prevê a ampla distribuição de cinco mil exemplares do catálogo da exposição, tanto para visitantes quanto para escolas públicas da região”.
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	“ ‘Como fui professor durante muito tempo, me incomodava ver o desconhecimento de meus alunos em relação à história local. É muito recente a introdução da história da cidade nos currículos escolares’, pontua Guedes, justificando o didatismo da mostra que espera desenvolver no próximo ano, dando continuidade cronológica (do século XX aos dias atuais) e diversificando o leque de artistas”.

21) Universidade pesquisa droga contra câncer

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“No mês passado, a pesquisa voltada para a atuação de derivados da cisplatina foi contemplada com novo financiamento da Rede Mineira de Química da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (Fapemig)”. “ ‘Conseguir o apoio financeiro da Fapemig é muito importante para conduzirmos nossos estudos, além de termos reconhecimento por parte da instituição’, ressalta a professora e pesquisadora do Nicop, Heveline Silva”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento,	

militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“Em Juiz de Fora, o Núcleo de Investigação em Complexos de Platina (Nicop), do departamento de Química da UFJF, desenvolve estudos sobre medicamentos à base de compostos metálicos no tratamento da moléstia [câncer]”.</p> <p>“Além de professores colaboradores da UFJF e de outras universidades, o núcleo fundado pela professora e doutora em química pela UFMG, Ana Paula Soares Fontes, conta com a participação de dez alunos (...)”.</p>

22) Prefeitura define índice antes de fechar acordo

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“(…) A Prefeitura encaminhou ontem para a Câmara Municipal proposta de reajuste do funcionalismo de 6,5% com base no IPCA (...)”.</p> <p>“Os docentes terão abono de 4,63% referente ao período de janeiro a abril de 2013, além de 10% de reajuste do adicional anual de incentivo ao magistério”.</p>
Competência e Despreparo	

23) Estudante agride professor com tapas em sala de aula

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“Um professor de geografia de 30 anos foi agredido com vários tapas no rosto e nas costas por um aluno de 15 anos, na Escola Estadual Deputado Olavo Costa, no Bairro Monte Castelo, Zona Norte”.</p> <p>“Esta foi a segunda agressão sofrida por um funcionário do colégio em menos de 15 dias. A situação deixou a comunidade escolar assustada, com relatos de professores com vontade de abandonar a carreira em função da insegurança”.</p> <p>“(…) o adolescente responsável pela agressão teria confessado seu ato. Ele ainda teria dito que tinha investido contra o professor sem motivo. A PM foi acionada e apreendeu o estudante”.</p> <p>“(…) o colégio sofre com um histórico de problemas envolvendo segurança”.</p>

	<p>“(…) em função da agressão, o professor de geografia ficou muito abalado e pensa em abandonar a carreira. ‘Vários outros professores estão querendo deixar de dar aula aqui por causa do medo’.</p> <p>“(…) a situação de insegurança entre os profissionais é grande.</p> <p>‘Apesar de matriculados, esses estudantes não se portam como alunos da escola, são infrequentes e, quando aparecem, dão problemas’.</p>
Prestígio e Desprestígio	“ ‘Já informamos as autoridades sobre as ocorrências, mas nada é feito’, lamenta o profissional”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	<p>“(…) que tipo de providência será tomada em relação aos dois alunos. Acredito que pode ser até prestação de serviço à escola, como forma de haver um trabalho pedagógico e não deixar que haja impunidade”.</p> <p>“(…) realiza campanhas educativas (...), atuando de maneira preventiva. ‘Todas essas ações dão resultado a médio e longo prazo. Nosso grande desafio é lidar com situações emergenciais (...). Já solicitamos até mais policiamento para a escola’.</p>
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

Mês de junho

1) Inversão de valor

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>“O histórico de agressões praticadas por estudantes contra professores <u>continua sendo uma das agendas mais preocupantes</u> dos segmentos que tratam do assunto, uma vez que, a despeito das campanhas, ainda há evidentes sinais de que <u>a mudança vai levar mais tempo</u>”.</p> <p>“Não é de hoje que o jornal e os próprios professores vêm denunciando (...)”.</p> <p>“(…) o número de profissionais licenciados continua em curva ascendente, pois <u>não há segurança para a nobre missão de ensinar</u>”.</p> <p>“Vai longe o tempo em que a figura do mestre era reverenciado por alunos e pais (...)”.</p>
Prestígio e Desprestígio	“(…) investir na educação deve ser <u>prioridade</u> de governos em todas as suas instâncias, porque <u>só pela formação é possível fugir da armadilha</u> do jogo fácil da sedução do ilícito, que tem artifícios próprios para elaborar seu convencimento”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social	

e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

2) Escola estadual tem R\$ 1 mil furtados

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	“Uma das portas de acesso às salas da direção foi arrombada. Vários objetos estavam revirados, e o dinheiro havia sumido”. “(…) um homem desconhecido que teria dito ‘que iria em companhia de outras pessoas promover <u>uma festinha na escola</u> ’”.
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

3) Lições ambientais fora da sala

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	“ ‘É <u>melhor</u> que ter ficado na sala de aula, porque aqui eles <u>aprendem brincando</u> ’, comenta a professora Cléia Maria de Assis Monteiro. (...) as crianças acabam <u>ampliando a conscientização</u> , já que repassam os assuntos tratados para os pais”. “Das 14h às 16h, os alunos tiveram cinco oficinas ministradas por policiais ambientais”. “A visita fez parte da programação da 2ª Semana do Meio Ambiente, organizada pela Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (Ciea) (...)”.

Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

4) Documento sobre reposição das aulas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“A Secretaria de Educação enviou a todas as instituições de ensino do município um documento contendo <u>orientações e sugestões sobre a elaboração do quadro de reposição das aulas</u> , referentes às paralisações realizadas neste ano, à redução dos cinco minutos em cada módulo/aula e aos dias de greve. O material foi encaminhado às direções escolares”.
Competência e Despreparo	

5) Professor estadual para hoje

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	“ <u>Perdemos tudo que conseguimos em trinta anos de luta</u> com a adoção da política de subsídios adotada pelo Governo de Minas como forma de remuneração”. “ <u>Os acordos não foram respeitados</u> ”. “Durante todo o mês de maio, os professores realizaram diversas atividades a fim de <u>intensificar a mobilização</u> da categoria, com a realização de visitas às escolas e encontros locais e regionais”.
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	“Os professores da rede estadual <u>pretendem cruzar os braços hoje</u> , em mobilização que integra a campanha salarial da categoria. Uma assembleia estadual está agendada (...) quando os docentes irão votar um indicativo de greve”.

Competência e Despreparo	
---------------------------------	--

6) Professor paralisará atividades na Copa das Confederações

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os servidores <u>vão cruzar os braços</u> nos próximos dias 17, 18, 22, 26 e 27. As datas coincidem com a realização de jogos da Copa das Confederações em Belo Horizonte”.</p> <p>“Entre outros itens, a pauta de reivindicações dos professores pede o <u>pagamento do piso salarial da categoria, retroativo a 2011, e questionam o congelamento do plano de carreira dos educadores</u>”.</p>
Competência e Despreparo	

7) Larvas do Aedes já nascem infectadas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“Os estudos têm participação de seis pesquisadores e oito alunos de graduação e mestrado, contando ainda com o apoio da Fiocruz –MG. O financiamento é da Fapemig e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFJF”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“Um <u>estudo inédito</u> sobre a situação da dengue em Juiz de Fora, realizado por pesquisadores da UFJF, mostra que a população não deve relaxar em relação ao combate à doença (...)”.</p> <p>“A coordenadora da pesquisa, Betânia Drummond Andrade, do Departamento de Microbiologia da UFJF, informa que, de todos os ovos depositados (...), entre 0,01% e 1% já estão infectados”.</p>

	<p>“A professora alerta também que, por isso, é importante manter as residências sem água parada, que possam se tornar criadouro do <i>Aedes aegypti</i>”.</p> <p>“<u>A pesquisa</u> (...) tem por objetivo caracterizar o vírus da doença e seus aspectos genético, assim como o <i>Aedes aegypti</i> (o hospedeiro) circulante na cidade. <u>O estudo, realizado desde 2011</u>, visa ainda a verificar quais características podem estar relacionadas à ocorrência de casos severos, como a febre hemorrágica”.</p> <p>“Além das larvas, houve coleta de sangue de 170 pessoas e 1.600 mosquitos”.</p>
--	---

8) Jovens querem redução de tarifa

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	<p>“Uma das participantes foi a professora Eliane Souza, que há 33 anos, trabalha com crianças e adolescentes. ‘É a primeira vez que vejo um trabalho assim. Desenvolvo discussões sobre estes temas na escola e percebi que a sociedade tem as mesmas demandas: políticas públicas para a juventude, com mais cultura, lazer e esporte. <u>Exigimos educação com mais qualidade e abertura maior para o novo. É importante sair da proposta curricular e colocar no conteúdo assuntos que prendam a atenção do aluno</u>”.</p> <p>“Segundo ela, uma das propostas do plano, que é a criação de fóruns entre instituições de ensino para compartilhar experiências bem sucedidas, servirá para apresentar o trabalho desenvolvido na escola e <u>inspirar</u> diretores e alunos a fazerem o mesmo. ‘Levamos 12 alunos para as reuniões. Eles se sentiram prestigiados e importantes’”.</p>
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Os jovens de Juiz de Fora foram ouvidos (...) eles reivindicam a redução do preço da passagem de ônibus durante os fins de semana; o uso de um trecho da Avenida Rio Branco, aos domingos, para a prática de esporte e lazer; <u>melhorias nas escolas</u>; ampliação na oferta de cursos profissionalizantes e mais acesso à cultura, principalmente nos bairros”.</p> <p>“(…) integram o Plano Municipal da Juventude, elaborado com a participação de alunos de escolas públicas e particulares (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

9) MEC cria avaliação da alfabetização

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e	

Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“(…) <u>conferir</u>, a partir de 2013, <u>a qualidade e eficiência do ciclo de propagação da instrução</u> primária (do 1º ao 3º ano do ensino fundamental) das escolas públicas”.</p> <p>“A avaliação será fundamental para que gestores possam implantar as ações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” (…)</p> <p>“(…) a avaliação será feita a partir deste ano, com estudantes de escolas públicas que estiverem concluindo o 3º ano do ensino fundamental”.</p> <p>“A criação de uma prova nacional para <u>medir o grau de alfabetização</u> de crianças (...) seria uma ampliação da Provinha Brasil (...). Nós faremos um exame nacional para ver a <u>qualidade do letramento</u>”.</p> <p>“(…) que estimule a melhoria dos padrões de qualidade e equidade da educação brasileira (...), produzir <u>informações sistemáticas sobre as unidades escolares (...)</u> e sobre as <u>‘condições intraescolares que incidem sobre o processo de ensino e aprendizagem’</u>”.</p>

10) Insegurança muda rotina no entorno das escolas

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	<p>Chapéu (capa): Sensação de insegurança frequente</p> <p>“Assaltos ocorridos nas imediações de escolas particulares da cidade têm aumentado a <u>sensação de insegurança de alunos, professores e pais</u> e deixado em alerta as direções dessas instituições”.</p> <p>“A violência é uma realidade e está presente em todos os ambientes que frequentamos. <u>Não tem como fugir</u>”.</p> <p>“A violência na porta das escolas é a mesma que está em todos os lugares. No sindicato, dizemos que a <u>escola não é uma ilha</u>. Por outro lado, é preciso uma avaliação das questões sociais”.</p> <p>“No entanto, o assessor de comunicação organizacional da 4ª Região da Polícia Militar, Major Paulo Alex Moreira, explica que o patrulhamento preventivo em áreas escolares está implantado na cidade e acontece por meio da patrulha escolar (...)”.</p>
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade /	

transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“Makerley ressalta que, desde então, tem desenvolvido ações em salas de aula para <u>conscientizar os alunos</u>”.</p> <p>“Disponibilizamos <u>cartilhas</u> que abordam a questão de <u>como o aluno deve se portar perante um assalto</u>”.</p> <p>“Atualmente temos a preocupação de não só orientar aos estudantes, mas seus pais também. Entendemos que tudo aquilo que <u>acrescenta para a formação desta criança, a escola precisa abordar</u>”.</p>

11) Protestos na Copa

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“O Governo do estado garantiu no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) uma liminar <u>que impede a realização de protestos</u> em todas as cidades mineiras durante a Copa das Confederações”.</p> <p>“A medida é endereçada principalmente aos representantes dos policiais civis, em greve desde o dia 10, e dos professores da rede estadual, em campanha salarial”.</p> <p>“(…) as duas categorias vêm agendando manifestações para os dias de disputa, com o objetivo de <u>obter maior visibilidade para os seus pleitos</u>”.</p>
Competência e Despreparo	

12) Professor estadual exige direito à greve

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	

Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“Professores da rede estadual de ensino protocolaram no Ministério Público de Minas Gerais uma representação solicitando que o órgão investigue algumas posturas adotadas pelo Governo de Minas com relação à categoria”.</p> <p>“(…) os docentes acusam a Secretaria Estadual de Educação (SEE) de adotar práticas contrárias ao <u>direito de greve dos servidores</u>, como corte de pontos e <u>intransigência</u> na definição de um calendário de recomposição das paralisações já realizadas em 2013 (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

13) Ato começa na rua e termina no estádio

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“Na terça, o ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal (STF), cassou a liminar que havia sido expedida pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais proibindo manifestações em todo o estado em dias de jogos da Copa das Confederações. A liminar havia sido expedida a pedido do Executivo, comandado pelo governador Antonio Anastasia (PSDB), e confirmada na terça-feira pelo desembargador Antônio Sérvulo, que negou recurso apresentado pelo Sind-UTE / MG alegando <u>danos à imagem externa do país</u>. De acordo com Fux, manifestações pacíficas são ‘legítimas’”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

14) Cidade ganha Dia Municipal da Segurança Escolar

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	<p>“Foi instituído em Juiz de Fora o Dia Municipal da Segurança Escolar, em 25 de março”.</p> <p>“(…) também prevê a criação da Semana Municipal da Segurança Escolar, no mesmo mês”.</p> <p>“projeto de lei (...) pretende efetivar a criação de áreas de proteção e segurança escolar e elevar a consciência da sociedade, gerando <u>melhores condições</u> para estudantes, professores e comunidade”.</p>
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	

15) Reajuste

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“O governador Antonio Anastasia sancionou ontem lei que reajusta as tabelas de vencimento básico para servidores de 78 carreiras do Executivo (...) faz parte de acordos pactuados previamente pelo Executivo com entidades representativas dos servidores públicos (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

16) Governo de MG sanciona reajuste

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“O governador Antonio Anastasia sancionou ontem a Lei 20.748, que reajusta as tabelas de salários para servidores de 78 carreiras do Executivo, <u>beneficiando</u> ativos e aposentados. O aumento abrange cerca de 36 mil servidores e terá um impacto anual sobre a folha de pagamento de R\$ 49,7 milhões, em 2013, e mais R\$ 75 milhões, em 2014”.</p> <p>“O documento faz <u>parte de diversos acordos pactuados</u> pelo Governo com sindicatos de classe. A norma abrange os funcionários de órgãos e entidades que não tiveram reajustes salariais específicos após abril de 2012”.</p>
Competência e Despreparo	

17) João XXIII lança edital para seleção de cinco professores efetivos

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	
Competência e Despreparo	<p>“As oportunidades são para lecionar no ensino básico, técnico e tecnológico”.</p> <p>“É exigido a <u>titulação mínima de mestrado</u> (...). Das cinco vagas,</p>

	quatro são para o departamento de letras e artes e uma para o departamento de ciências humanas”. “regime de trabalho de 40h semanais, em <u>tempo integral e dedicação exclusiva</u> ”.
--	--

18) Grupos de esquerda se articulam

Categoria	Trechos das notícias
Heroísmo e Vitimização	
Prestígio e Desprestígio	
Operariado / elite, status	
Agente de manutenção da sociedade / transformação social e cidadania	
Engajamento, militância política e sindical	<p>“ Os movimentos sociais fecharam-se em gabinetes e deixaram o contato direto com a população”.</p> <p>“ Os manifestantes cobraram de quem sempre prometeu um futuro melhor para a juventude, mas não cumpriu quando chegou ao poder”.</p> <p>“ Entendemos que esse é um movimento justo de pautas legítimas. Muitas dessas bandeiras de luta são as mesmas que, historicamente, sempre defendemos nas ruas. Não há razão para ficarmos de fora. Após reuniões em todo o país, decidimos ir para dentro do movimento, disputar o terreno e afastar qualquer tipo de pensamento fascista, que repudia os grupos organizados”.</p> <p>“ Os movimentos sociais estavam presentes porque suas bandeiras históricas, pelos direitos do trabalhador e melhorias na educação, constavam nas reivindicações (...)”.</p>
Competência e Despreparo	

APÊNDICE D

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM PROFESSORES DO ESTADO DE MG – JUIZ DE FORA

DIA: 14/12/2013

HORÁRIO DE INÍCIO: 15H

HORÁRIO DE TÉRMINO: 17H30

LOCAL: CENTRO CULTURAL BERNARDO MASCARENHAS (CCBM) – SALA “CASTELINHO”

INÍCIO:

- 1) SOBRE A PESQUISADORA
- 2) EXPLICAÇÕES SOBRE A PESQUISA
- 3) O QUE É GRUPO FOCAL
- 4) GRAVADOR
- 5) APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES:

Nome, idade, escola onde trabalha, disciplina que ministra, há quanto tempo se dedica à carreira de professor (a), qual relação com o sistema (concursado ou designado), turmas para as quais ministra aulas.

- Qual é a importância da comunicação na sociedade contemporânea?
- E como essa importância da comunicação se revela no cotidiano de vocês?
- Quais são seus hábitos midiáticos?

QUAL VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO VOCÊ UTILIZA PARA SE INFORMAR? MAIS DE UM?

QUAL O MAIS UTILIZADO POR VOCÊ? POR QUÊ?

TEM COSTUME DE LER JORNAL IMPRESSO? PREFERE LER PELA INTERNET OU PAPEL?

QUAL JORNAL VOCÊ PREFERE LER? ASSINA? COMPRA EM BANCA?

E AS NOTÍCIAS LOCAIS, DE JUIZ DE FORA E REGIÃO, COMO VOCÊS BUSCAM ESSAS INFORMAÇÕES?

VOCÊS LEEM COM FREQUÊNCIA NOTÍCIAS SOBRE EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA? ONDE PROCURAM?

VOCÊS COSTUMAM LER A TRIBUNA DE MINAS?

QUAL A RELAÇÃO COM O VEÍCULO? (ASSINA, COMPRA EM BANCA, LÊ EM ALGUM LUGAR)

A TRIBUNA CHEGA NA ESCOLA EM QUE VOCÊ TRABALHA?

- Vocês acreditam que a Tribuna de Minas faz uma boa cobertura dos fatos da educação?
- E vocês, professores, aparecem com frequência nestas matérias?
- Vocês se reconhecem nas notícias da Tribuna sobre os professores?
- Se pudessem mudar algo, o que mudariam nesses textos?

- Fazendo um comparativo com a imprensa do sindicato de vocês: quais são seus hábitos de leitura dos informativos do sindicato?

- Os informativos do sindicato conseguem representá-los de maneira diferente que a Tribuna? Como?

- Qual é a importância da imprensa para a formação da sua opinião sobre ser professor? Exerce muita ou pouca influência?

- Os meios de comunicação ajudam a moldar a sua identidade, interferem, ou a formação que vocês adquiriram nas escolas superiores e a experiência é que definem essa identidade?

- A mídia tem preferência por alguns temas relacionados aos professores? Quando o professor vira notícia?

- E qual imagem geralmente os veículos passam sobre a docência? E a Tribuna, qual é a tendência?

- O que lhe identifica como professor?

- Qual é o seu papel na sociedade enquanto professor?

- Vocês acham que o que aparece nos noticiários sobre professores interfere no pensamento da população em geral sobre vocês?

- No dia a dia como vocês verificam isso? Essa repercussão dos noticiários?

- DE QUE FORMA O PROFESSOR É REPRESENTADO PELA IMPRENSA? Onde estão os problemas dessa representação e onde estão os pontos positivos?

APÊNDICE E

Grupo focal realizado na tarde do dia 14 de dezembro de 2013, em sala no “castelinho” do centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), no centro de Juiz de Fora-MG.

Participantes (os nomes foram substituídos por letras):

A – Professora efetiva do estado na área de Educação Física, 57 anos.

B – Professor designado do estado de Língua Inglesa e também da rede particular, 30 anos.

C – Professora efetiva aposentada do estado, no ensino fundamental, nas áreas de Matemática e Ciências, 61 anos.

D – Professor efetivo do estado e município, das disciplinas de Português e Literatura, 50 anos.

E – Professor efetivo do estado na área de Sociologia e professor bolsista da UFJF de Latim, 34 anos.

Transcrição completa das falas:

MONIQUE: Boa tarde. Vou me apresentar porque alguns de vocês conheço por conversa no telefone, quando fiz o convite. Meu nome é Monique, sou jornalista formada na UFJF e sou mestranda atualmente pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação também da UFJF. A pesquisa que desenvolvo no mestrado se refere à representação da identidade dos professores na imprensa. Estou estudando especificamente como a Tribuna de Minas representa essa identidade docente fazendo um comparativo com os informativos do Sind-UTE, que é o sindicato que representa vocês. Dentro dessa pesquisa faço uma análise de conteúdo de matérias que recolhi de fevereiro até junho, para ver a tendência da Tribuna de Minas e do Sind-UTE em abordar os professores. Os fatos e acontecimentos relacionados aos professores. Num segundo momento, que é esse de hoje, reuni vocês em um grupo focal para conversarmos a respeito das percepções que vocês têm dessa imprensa na cobertura sobre a educação e a docência. Verificar o que vocês têm a dizer sobre isso e comparar com o material que eu recolhi. Alguém já participou de um grupo focal antes?

NEGATIVA DE TODOS.

MONIQUE: O grupo focal é um método de pesquisa que envolve um debate, um bate-papo mesmo entre os participantes, todo gravado. Um pode complementar a resposta do outro, não tem problema algum. Se chegar um momento em que você queira falar e ver que não está conseguindo, é só levantar o dedo como na escola, eu faço uma inscrição de quem é o próximo a falar. Isso para ter um controle maior de quem vai falar, para garantir a fala de todos. É livre, não tem problema querer falar naquele momento e complementar alguma coisa. Procurei convidar professores das mais variadas idades, escolas, disciplinas, tentei contemplar uma diversidade de disciplinas. Alguns colegas ainda não apareceram, vamos ver se vão chegar. E também convidei professores que já se aposentaram, quem é concursado e

quem é designado, tudo isso para termos mais informações para a pesquisa. É todo gravado, como já falei. Não tem problema usar uma linguagem mais coloquial, linguagem da nossa fala mesmo, o grupo focal é mais livre, depende dessa interação de vocês. Vamos seguir, de uma forma bem flexível, um roteiro. Toda a fala de vocês virá no anexo da pesquisa, o grupo focal por inteiro é transcrito para o anexo. Tem um ponto que preciso perguntar para vocês: se vocês querem ser identificados ou não. O grupo focal é um método que tem essa liberdade, de não revelar nomes. “Monique, eu falo melhor e tenho mais tranquilidade se não for identificado”, isso será respeitado. Só que deve ser uma decisão de todo mundo, porque a regra valerá para todos. O que me dizem? O que vocês decidem?

PROFESSORES: “Tanto faz” (disseram ao mesmo tempo).

D: Isso vai ser só para a sua pesquisa?

Monique: Sim, só pra a minha pesquisa. A pesquisa é aberta, as pessoas podem ler depois.

A: O interesse dela é a Tribuna...

C: Para mim é indiferente, pensei se vou poder te ajudar em alguma coisa, sou aposentada há algum tempo...

Monique: Claro, é importante sua participação aqui hoje.

A: Essa abordagem sua é em relação à educação. Seria o papel da Tribuna na educação? Ou existe outro meio de comunicação? Você está falando especialmente da Tribuna?

Monique: Na minha pesquisa a Tribuna e o informativo do Sind-UTE. Mas aqui no grupo vamos conversar sobre papéis da imprensa não especificamente da Tribuna, em alguns momentos. Vocês podem falar de outros veículos, outros contextos. Vocês perceberão na condução do roteiro.

A: Podemos decidir se vamos ou não nos identificar no final?

D: Então no final.

E: Vamos ver para onde a conversa vai.

Monique: Está certo então. Vamos começar com as apresentações. Vou perguntar o nome de vocês, disciplinas que ministram, escolas onde trabalham ou trabalharam na trajetória de docência, entre outras perguntas. Vamos começar com você que está do meu lado na roda, C.

C: Trabalhei no Delfim Moreira, que é o Grupo Central, mas sou aposentada desde 2002. Em 2002 já não trabalhei. Trabalhei também no Jucelino Kubischek e no Fernando Lobo. No Fernando Lobo era efetiva, no JK ainda era contratada. No grupo Central como efetiva. Na época, fui convidada pela diretora, a diretora pediu para que eu fosse para lá.

Monique: Preciso saber a idade.

C: Tenho 61 anos.

Monique: Qual disciplina? E para quais turmas?

C: No ensino fundamental trabalhei com Matemática e Ciências. A maior parte do tempo para a 4ª série do ensino fundamental, na época. Trabalhei uns dois ou três anos com a 3ª série, mas a maior parte foi com a 4ª série.

Monique: O tempo todo na educação estadual?

C: Sim, o tempo todo.

Monique: Vamos passar para a próxima da roda.

A: tenho 57 anos, um cargo de aposentada, me formei em 1982 em educação Física e trabalho com Educação Física esse tempo todo. Passei no concurso no interior da Zona da Mata e depois vim removida para Juiz de Fora. Depois fiz outro concurso, passei, e continuo. Me aposentei no primeiro cargo tem 6 anos e continuo no segundo cargo. Trabalhei no Bairro Industrial em Juiz de Fora, no Duque de Caxias e no Polivalente de Teixeiras. E continuo lá. Inicialmente de 1ª à 4ª série do ensino fundamental. Depois do 5º ao 8º ano, agora do 6º ao 9º ano, pela no nomenclatura.

Monique: Sempre na educação estadual?

A: Sempre, os dois cargos são do estado.

Monique: Concursada?

A: Concursada.

Monique: Pode prosseguir, E.

E: Sou professor de Sociologia na Escola Normal, comecei este ano como professor concursado, em pouco tempo, mais ou menos uns quatro ou cinco meses trabalhei na escola que fica na entrada do Grajaú (esqueci o nome). Tenho formação em Sociologia e em Português/Latim, tem dois anos que sou professor bolsista na Federal com latim. Minha idade é 34 anos.

Monique: Você dá aulas de Sociologia no estado?

E: Sociologia, exatamente.

Monique: Para quais turmas?

E: Nos últimos três anos a sociologia passou a ser um curso obrigatório oferecido para todos os anos do ensino médio. No caso hoje tenho aulas no 1º, 2º e 3º ano. Fui nomeado em maio, sou recente no estado.

Monique: Agora você, D.

D: Trabalho na rede estadual com português e literatura e na rede municipal com língua inglesa. Tenho curso superior de português, inglês, francês, italiano, além dessas quatro línguas estudei espanhol e esperanto. Já dei aula de todas essas línguas fora da rede estadual, na rede estadual já trabalhei com português, inglês, literatura, e com espanhol também já participei de um projeto. Na rede municipal com língua inglesa.

Monique: Sempre na Escola Normal?

D: No estado comecei na escola Barão do Retiro, em Chácara, já trabalhei no Patrus, no Polivalente de Teixeiras, no Henrique Burnier e agora no Instituto Estadual de Educação. Já trabalhei também no Francisco Bernardino.

Monique: Já está há quanto tempo no estado?

D: No estado vai fazer 18 anos.

Monique: E fora do estado há mais tempo?

D: Não, meu período de estado é o mais antigo. Na Prefeitura tenho um tempo menor.

Monique: Você é concursado?

D: Concurado.

Monique: Você mencionou as turmas?

D: Esse ano estou trabalhando com o ensino médio, mas já trabalhei com todos os níveis. Inclusive na Prefeitura até com educação infantil trabalhei. Porque na minha escola tinha um projeto – agora não tem mais – minha ex-escola no Bairro Santa Lúcia, tinha um projeto de inglês para todos os níveis. Então eu trabalhava com todos os níveis mesmo. Trabalhei desde a educação infantil até o ensino médio e também com EJA. Com EJA trabalhei no estado com português e inglês. Com a mesma turma.

Monique: Qual sua idade?

D: 50 anos.

Monique: Agora você.

B: Sou professor de língua inglesa. Atualmente trabalho na escola Estadual Almirante Barroso, na Escola Estadual Professor Lindolfo Gomes, e essa escola Almirante Barroso tem um o que eles chama de braço em Igrejinha. É uma escola do estado que funciona no prédio da Prefeitura em Igrejinha. Também trabalho no Instituto Vianna Júnior, no Colégio Equipe de São Mateus e nos Novos Rumos. Formei em 2006.

Monique: Você dá aulas só de inglês nessas escolas?

B: Só de inglês.

Monique: Há quanto tempo?

B: Oito anos.

Monique: Você é designado?

B: Sim, sou designado.

Monique: Quais turmas?

B: Hoje estou com o primeiro período do ensino infantil (crianças de 4 anos) até o primeiro ano do ensino médio, com tudo nesse meio, tudo.

Monique: No estado?

B: Não, no estado estou com o sexto ao primeiro ano do ensino médio. Tenho 30 anos.

Monique: Vamos começar nosso grupo falando de comunicação e começar a responder algumas perguntas que A

antecipou, sobre os “hábitos midiáticos”, como vocês adquirem as informações no dia a dia para depois a gente discutir sobre as matérias da Tribuna. Primeiro gostaria que vocês falassem qual é a importância da comunicação na sociedade em que vocês vivem. Vale começar pelo sociólogo, já que perguntei sobre a sociedade?

Risos

Monique: Quem quer começar?

D: Importância do?

Monique: Da comunicação na sociedade.

D: Acho que a importância da comunicação na sociedade é esclarecer o que está acontecendo, trazer a informação verdadeira sobre os fatos, com o objetivo de tentar melhorar a sociedade, né? Porque só trazer informação e permanecer tudo do mesmo jeito não tem sentido. Tem que ter um objetivo: informar e tentar transformar, para tentar melhorar, esclarecer as pessoas e ajudar a vigiar, né, aqueles que estão no poder. A imprensa pode ter esse papel. Que na minha opinião esse papel está muito fraco atualmente., muito fraco.

B: É, essa fraqueza normalmente acontece por algum interesse que há entre imprensa e a própria política, né?

D: É.

B: É muito comum a gente ver a imprensa ligada a algum partido, por um interesse por traz de alguma informação que se vai passar. Então acho que essa fraqueza que ele falou vai muito disso: por trás de interesses políticos que não deixam a imprensa se expressar da forma como deveria, né. Não deixam ou às vezes não é conveniente para ela mesmo se expressar.

D: Eu esqueci de trazer aqui, já escrevi uma crítica sobre isso. Eu lembro mais ou menos, em resumo é o seguinte. Eu fiz uma pergunta, escrevi até no Facebook lá, como é possível uma pessoa ter mais capacidade informativa do que uma grande rede de informação, uma grande rede jornalística. Porque a rede jornalística está ligada a um tipo de classe social que no caso seria a grande burguesia nacional, entendeu? Elas estão ligadas a esse grupo. Então eles não dão a informação de qualidade, entendeu? Eles têm repórteres formados, com curso superior, treinados, até às vezes participam de congresso internacional, mas eles não dão informação de qualidade porque eles se submetem aos interesses dos donos das empresas. E às vezes uma pessoa que nunca estudou jornalismo nem nada passa mais informação de qualidade pela Internet porque ela fala a verdade. Ela analisa o que está acontecendo e fala a verdade, sem medo dos donos das empresas jornalísticas. Mais ou menos foi isso que eu escrevi.

Monique: O que é informação de qualidade?

D: A informação verdadeira, entendeu, e sem perseguir por exemplo, já percebi, quando a Globo vai falar de greve, de MST, ela sempre fala mal, de forma pejorativa, para colocar o povo contra esses movimentos. Igual esse jornal de Juiz de Fora quando tem movimento de professores ou não falam nada ou falam de uma forma muito fria. Não mostram a realidade, que os professores estão sendo massacrados.

C: Não valorizam de verdade...

D: Isso, aí a pessoa que não tem essa prisão com essas redes, ela põe a informação real. Isso que é informação de qualidade pra mim.

E: É... Na pergunta que você faz, eu só coloco assim: você diz qual a importância da comunicação. O que fazemos aqui agora é comunicação. Então é uma coisa inerte do ser humano. O ser humano se comunica. Mas se for pensar na imprensa, na grande imprensa, ela está cumprindo um papel social que é expandir essa comunicação que é feita face a face, os fatos que acontecem. O problema é que o jornal ou revista ele vende notícia. Aí eu discordo um pouco assim do... Entendo essa ideia ficcional de que ela falaria a verdade. Não, ela conta uma versão do fato. O que é problemático, acho na maioria dos jornais e revistas ou televisão é ela ser clara quanto a posição política dela. Minha opção é essa. No Brasil você não tem um editorial claro o que o Globo quer vender. Se você for um bom leitor você entende o que ali está querendo vender pra você. Se você for ler uma Folha de São Paulo você quer, se você for ler uma Caros Amigos, que é de esquerda, você tem. Talvez é o editorial mais claro que tem das revistas. Mas se você for ler uma Veja ela se diz democrática, liberal, quando na verdade ela é totalmente conservadora e até reacionária muitas vezes. A questão é essa: eles estão ali para vender notícia. Eu não vou criar uma notícia para um leitor da Folha de São Paulo igual eu crio para o jornal O Dia, O Extra, mesmo sendo do mesmo grupo. Eu dou uma maquiada. Na nossa cidade a gente tem somente um jornal porque o Diário Regional é um jornal meio familiar, que circula muito pouco. O jornal mesmo que circula na nossa cidade é o Tribuna de Minas. Acho que também envolve – aí entra dentro da mesma coisa – depende da época e do grupo a que ele está interessado. A sua pergunta, o que é a comunicação, é claro, ela é essencial. O que o meio de comunicação faz é às vezes estar nesse jogo de interesse. De trabalhar com essa coisa que é inerte - que todo mundo tem interesse - de informar, ou se está no ponto de desinformar também. Que às vezes ele parece que está informando quando na verdade está desinformando a população. Porque você compra aquilo como se fosse verdade. A gente cria essa ilusão de que aquilo é verdade, enquanto aquilo não é verdade, enquanto aquilo é uma linha editorial que está sendo seguida ali. Esse é o meu ponto de vista, assim.

B: A partir do momento que o governo faz uma propaganda na televisão com ator da Globo falando que a educação em Minas Gerais está ótima, como uma pessoa que muitas vezes não tem instrução, como que ela não vai acreditar naquilo ali? O ídolo dela está falando que está bom, como ela não vai acreditar naquilo? Então faz daquilo a verdade dela e vai achar que professores são um bando de vagabundos. Porque pedem mais dinheiro sem razão alguma.

C: Eu até também não sei se a coisa mudou. Porque na minha época não tinha essa interação, por exemplo, do meio de comunicação com a escola. Só ia lá numa época, digamos assim, de manifestação, de greve. Mas, independente disso, não se via o jornal ir à escola para fazer... até assim para valorizar a educação naquele momento, uma coisa boa que a escola fez, independente de partido político, de propaganda, entendeu? Na minha época não tinha. Não sei se isso hoje mudou.

A: Acho que não mudou não, continua a mesma coisa. Inclusive ela só vai lá não é para saber... para ver greve não à serviço dos professores e da educação, mas à serviço do meio que ela trabalha. Quando você perguntou sobre a comunicação acho assim... a informação. Qual o papel da comunicação? É informar. Agora... muitas vezes ela está sendo deturpada. Ela está querendo esclarecer, ela está querendo colocar goela abaixo da gente o que... No caso, o que a Secretaria de Educação, no caso de Minas Gerais, querendo vender uma coisa que o estado, que a Secretaria de Educação está fazendo para educação. Não é bem assim. Nós que estamos lá há mais tempo a gente percebe claramente que está tudo maquiado. A coisa não é... A gente que está lá, que está no dia-a-dia, que está vendo o que está acontecendo.

E: Existem esses jornais oficiais, assim. Oficiais no sentido de estar circulando, como Folha de São Paulo, Estado de Minas. Mas hoje você tem a internet que faz esse papel de comunicação. Aí se você compara, você chega assim, opa, porque o jornal está dizendo isso, mas a internet de alguém que é mais independente está dizendo de outra maneira. Não que o outro está certo também, mas gera uma contradição nas informações.

A: Isso.

E: Um diz de uma maneira, outro diz de outra maneira. Aí você pensa assim: E aí? Onde está a verdade?

D: Acho que nesse caso a internet causou uma revolução na informação e na comunicação.

E: Na comunicação, é.

D: Porque não é mais só um tipo de ideia, de notícia. Agora ela vem também de outras tendências.

C: Diversificou, né? Acho que diversificou.

D: Cada um se torna um jornalista pela internet.

A: Acho que ficou assim, mais barato, né. Porque antes quem tinha acesso a uma Folha de São Paulo não era...todo mundo assinava Globo, Jornal do Brasil, mas uma Folha de São Paulo, Carta Capital, Caros Amigos, a gente procurava nas bancas Carta Capital e Caros Amigos você não encontrava nas bancas de Juiz de Fora. Eu sou de uma época que eu amanhecia na banca para ver, para comprar a Folha de São Paulo...

E: Senão acabava.

A: Porque acaba. Aos domingos, principalmente, porque o professor também tinha acesso não é à assinatura, aos domingos, à Folha de São Paulo mensal, a gente lia a Folha de São Paulo mensal. Até um certo tempo a Folha serviu para isso. Mas depois das redes sociais a Folha de São Paulo degradingolou, está à serviço de outras...

D: Outra coisa que percebi também é que na escola pública a biblioteca recebia antigamente só revista Veja. Aí depois que o PT chegou à Presidência, agora pelo menos a gente vê nas escolas chegando Carta Capital, nas bibliotecas né. Isso porque é revista informativa.

Monique: É o governo que envia?

D: É. Essas revistas vêm do Programa Nacional do governo. Mas só que eles enviam revistas sobre vários temas, matemática, português – que eu adoro ler que chama “Língua Portuguesa” – e de ciências, enviam várias. As revistas de notícias, de informação, atualmente tem vindo a Carta Capital, que eu acho melhor do que a Veja. Melhor do que a Veja.

Monique: Vocês falaram de comunicação, mas falaram também da questão da mídia, que é uma comunicação mediada utilizando uma tecnologia, que consegue expandir essa comunicação. Hoje em dia temos acesso a muitas coisas por meio da mídia. Ela está na nossa cultura. Temos acesso a várias dimensões da própria sociedade através de um meio de comunicação. Através de uma informação mediada por este meio, né. Então eu queria saber qual é a importância dessa mídia na vida de vocês, no cotidiano de vocês. Se mudou alguma coisa de uns anos para cá. Falamos em gerações aqui também, o B, por exemplo, se desde a infância já tem essa presença muito forte da mídia e a C, como é o caso dela. Como vocês utilizam a mídia, se informar e formar opiniões?

E: Lembro que, quando eu era criança, o Jornal Nacional que era a verdade. Meu pai chegava em casa, todo mundo calado, vamos assistir o jornal. Eu era pequeno, tinha que ficar calado né? Comparo isso com hoje. Como o D falou, é uma revolução mesmo. Com a internet você tem informação na hora, ali. O que é interessante, não só pela minha disciplina, sociologia, mas pela profissão também. Há uma necessidade de uma informação constante para poder estar dialogando com a atualidade, dentro da sala de aula, né. Eu tenho essa necessidade. Além disso, a questão mesmo de

cidadania, de poder ter senso crítico e buscar isso de uma forma diferente em várias mídias. Não mais só no Jornal Nacional ou na Folha de São Paulo domingo. Ou na Revista Veja que, durante muito tempo, era a revista que você acabava lendo porque não tinha outras opções. Então é... hoje eu falo isso, tem essa mudança. Eu busco isso, a leitura disso, mais em blogs, para ver se têm pessoas que escrevem de outra maneira em blog. Eu às vezes eu brinco que tem um bom tempo que não assisto Globo. Tipo para perder o vício daquilo ali. Realmente eu não assisto tem um bom tempo a notícia ali. Prefiro buscar essas mídias alternativas. Mas é claro, não adotando isso como uma também liderança. Senão eu estou trocando um santo pelo outro...

A: Isso.

E: Mas pelo menos para gerar uma seleção...

A: Isso aí é uma busca de informações para nós nos nortearmos. Pra gente tirar nossas próprias conclusões, né.

E: Sim!

A: Porque antigamente a imprensa nos tratava como burros, né. É isso aqui, ó. Ela dava como se fosse um norte, é isso aí. Agora não, agora tem o que ele falou: tem blogs, do Asenha, do Paulo Henrique Amorim, Nassif. Não é trocar seis por meia dúzia, mas são pessoas que têm uma visão...

E: Abrem um diálogo pelo menos pra gente, né?

A: É, e daí a gente tira as nossas conclusões. Não é...palmatória, né. É isso aí, acabou, acabou.

B: Eu acho que a imprensa continua tratando a gente como burro, só que têm mais pessoas hoje em dia que não se fazem burros, que procuram outras informações. Mas acho que uma grande parte da população continua assim, alienada e acredita naquilo ali.

E: Acho que tem uma ferramenta que não sabem usar ainda.

B: Exatamente, a imprensa joga na lista. A maioria cai naquilo que foi veiculado. Nem todos buscam a verdade. Igual a internet. A internet nos traz verdades de notícias passadas na televisão que nunca passariam na televisão, a verdade, o real mesmo. A realidade mesmo.

D: Hoje em dia ouço mais informação mesmo é através da internet. Curti várias páginas do Facebook de revistas e jornais para pegar informação e uma diferença muito interessante e importante que é a população em geral... nós éramos receptores da informação, da comunicação, da comunicação que você fala midiática, né, hoje em dia não somos só receptores, mas somos produtores. Porque quando eu escrevo uma notícia lá, compartilho com todo mundo, eu também estou produzindo informação, também estou trabalhando na comunicação de uma forma. Hoje em dia tem isso. O receptor também pode se transformar em produtor da comunicação, da informação.

E: Rede social traz isso. Você não usa só para colocar o que você fez ontem, o seu dia-a-dia, mas botar sua opinião. Você tem uma capacidade de gerar informação hoje.

D: E cultura.

E: É, cultura. Discussão. Você acaba fazendo parte da mídia também.

B: E sem compromisso com patrocínio, com marketing, você pode colocar o que você quiser que você só está dando

sua cara à tapa ali em relação àquele fato. Você não tem compromisso com nada, assim.

A: Você está falando da sua verdade.

B: É.

E: Só reforça o que você havia perguntado só para não perder o fio da meada.

Monique: Da importância da mídia no cotidiano de vocês. Como vocês a utilizam no cotidiano de vocês?

C: Vejo também que ajuda até a atualizar. Você está sempre à par da informação, o que é melhor, o que você deve levar ou não para dentro de uma sala de aula. Fundamental mesmo na educação. Poderia ser melhor. Ser mais atuante.

Monique: Vocês como professores necessitam mais do que outros profissionais de estar no contexto da mídia, de sempre buscar informações? O que vocês acham?

D: Acho que sim.

E: É porque mesmo a professora de educação física, não quer dizer que ela não trabalhe o senso crítico com o aluno ali. Não é porque ele é professor de português que ele vai ter que trabalhar o texto. Todo mundo é formador de opinião. Então os meninos estão agitados com algum assunto lá do dia. Se você está totalmente desinformado ou tem até pré-conceito sobre aquilo ao invés de ajudar o seu aluno você acaba atrapalhando mais. Tem que saber com qual mídia você está lidando para você levar uma informação de algo para dentro da sala de aula. Vejo assim, ela serve nesse atendimento assim.

D: Queria aproveitar e falar, já que a gente está fazendo uma pesquisa, né, voltada para a comunicação e educação, queria falar por exemplo de que... eu participo de vários grupos no Facebook. Agora eu criei um grupo para a escola que se chama “IEEJF contra o bullying”. Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora contra o bullying. E esse grupo usei até para que os alunos postassem trabalhos nesse grupo. Foi uma coisa muito interessante, dividi a sala em equipes e eles tinham que postar trabalhos, com toda a ambientação, trabalho que eu vi em casa pelo Facebook. E dava a nota, depois falava com eles a nota lá. Escrevi nos comentários o que achei do trabalho, no próprio Facebook. Usei o esse grupo para isso e como uma fonte de educação contra esse negócio de bullying. Um problema sério que existe nas escolas e tudo. E eu criei outro grupo, esse não foi só para a escola não, esse é aberto, quem quiser participar inclusive tem muitas pessoas estrangeiras também. Chama “Mural de Línguas e Literatura”. Sabe, esse grupo também é para divulgar tudo relativo a esse tema. Línguas e literatura. Tem ensinamentos sobre língua portuguesa, inglês, francês, esperanto, músicas em várias línguas, poesias escritas por vários autores, inclusive as minhas poesias – também escrevo poesias. São esses dois grupos que eu queria citar e inclusive coloquei muitos alunos nele também, professores, ele [E] também participa do grupo. E... só citar esses dois grupos do Facebook que eu criei voltado para cultura e educação. Esses dois são voltados mais para isso.

Monique: Queria saber especificamente dos hábitos midiáticos de vocês. Eu vou fazer algumas perguntas mais direcionadas, tá? Queria alguém para começar e dizer para mim qual veículo utiliza mais para se informar.

A: Eu uso a Internet. Para eu me informar uso a internet. Uso mais os blogs e televisão muito pouco. A minha leitura jornalística é via internet.

Monique: Sites dos jornais ou os blogs?

A: Mais precisamente os blogs.

Monique: Que tipos de blogs? Do próprio jornalista? Dos jornais?

A: É, do próprio jornalista. O que escreve para qual jornal e eu vejo mais.

Monique: Tem mais de uma forma de se informar ou a internet domina?

A: O quê? Os blogs?

Monique: Não, a sua... tendência para buscar informação. A internet domina ou tem mais de uma...

A: Domina.

Monique: Algum outro veículo que você utiliza tanto quanto?

A: A internet domina.

Monique: Você tem o costume de ler jornal impresso?

A: Muito pouco. Atualmente muito pouco.

Monique: Você prefere ler pela internet do que pelo papel?

A: É mais fácil.

Monique: Independente do formato é uma leitura de texto...

A: Mais barato... Isso que é mais importante. Acho que professor, né, a gente está vendo as coisas mais baratas.

Monique: Mas quando você passa na banca e algo...

A: Se alguma leitura me chamar atenção compro. Compro.

Monique: Como você disse antes, mais uma consumidora...

A: Direcionada.

Monique: Da banca?

A: Da banca, isso.

Monique: E as notícias locais, de Juiz de Fora? Como você busca essas notícias?

A: Aí no jornal... Na internet também. Leio todos os dias.

Monique: O quê você lê?

A: Qual jornal?

Monique: É, na internet, qual jornal você procura?

A: A Tribuna.

Monique: Você abre o site da Tribuna e lê.

A: Leio.

Monique: Lê por completo ou vai nas seções que gosta mais?

A: Vou nas seções que gosto mais. E...

D: Quem curte a página deles vai recebendo informações pelo Facebook...

A: Isso.

Monique: Você lê com frequência notícias...

A: Ah, e leio também blogs de deputados e políticos. Acho importante você falar sobre isso. A gente lê não só de um... mas blogs de políticos também, de várias tendências e vários partidos.

Monique: Você busca matérias, lê matérias sobre educação? Tem interesse?

A: Interesse. Leio.

Monique: E você acessar por meio desses veículos de que falou?

A: É... No próprio blog tem, né. E nos jornais também, por exemplo, no 247. Vem lá escrito “opinião”, “cultura”, você clica.

Monique: E você vai para a seção de educação?

A: Vou.

Monique: A Tribuna não tem seção de educação. Você gosta de ler as matérias da Tribuna? E consegue identificar os assuntos relacionados à educação na Tribuna?

A: Leio, mas muito pouco. Quando aparece alguma coisa é alguma briga na escola, o enfoque da Tribuna é esse. É uma greve que está atrapalhando os alunos, coisas assim.

Monique: A Tribuna chega na escola onde você trabalha?

A: Chega.

Monique: E ela fica onde? Sala dos professores, secretaria...?

A: Mas ela chega através de alguém que levou. Algum professor que levou.

Monique: A escola não assina?

A: Não, não é assinatura.

Monique: Você costuma ler na escola?

A: Leio. E quando tem alguma conotação da educação deixa lá em cima.

D: Sobre a busca de informação, eu busco praticamente só pela internet ou mais pela internet, né. O segundo lugar vem jornal, imprensa escrita, e o último lugar, quase nada, televisão. Televisão é o último lugar, quase nada, em termos de informação. Na parte também de leitura sobre notícias, né, informação no geral, a minha leitura é também na internet. Mas quando se trata de livro eu gosto é do papel mesmo. Gosto de pegar no papel, estilo antigo mesmo, não gosto de ler livro pela internet não. Agora notícia eu só gosto de ler notícia pela internet porque posso ler notícias de vários jornalistas, várias fontes, entendeu, posso comparar, não preciso ficar preso numa só. E posso também, a partir daquela notícia, repassar essa notícia com aquilo que consegui interpretar. Fazer a interpretação de texto e passar esse texto para que as pessoas façam a interpretação. Então na parte de notícia e informação é a internet mesmo que estou usando.

Monique: Você visita o site daquele veículo?

D: Ou visito o site, ou através das páginas... Hoje em dia todos os jornais e revistas do Brasil e do mundo né têm páginas no Facebook. Como eu consigo ler em seis línguas eu vejo também essas outras, de outros países também.

Monique: Você costuma ler jornal impresso no cotidiano, só de vez em quando...

D: Cotidiano é em pé, na banca. Chego na banca e leio, todo dia. Sem falta.

(Alguns risos)

D: Agora para comprar e levar para casa às vezes, aí não é cotidiano não.

Monique: Qual jornal você prefere ler?

D: Quando chego na banca são todos que estão ali. As notícias de Juiz de Fora, que vejo pelo Tribuna e pelo Diário Regional, e as outras que estão ali, que estão sempre penduradas na banca. Procuo pegar rapidinho as notícias de todos eles ali. E quando tem alguma coisa mais interessante, que eu queira guardar, de repente fazer algum recorte, eu compro jornal também.

Monique: A Tribuna e o Diário você folheia? Abre uma seção e lê, ou fica só na capa?

D: Quando compro ou quando estou na banca? Na banca está sempre pendurado... Na banca fico na capa.

Monique: Quando você compra.

D: Quando compro procuro dar uma olhada em tudo. Aproveito e dou uma olhada em tudo.

Monique: Se tiver algo que chamou sua atenção você compra o jornal na banca?

D: Se tiver alguma coisa que eu acho que devo assim... de repente até guardar, recortar, às vezes faço isso, recorto alguma parte do jornal, guardo, entendeu? Acho interessante. Às vezes faço isso até mesmo pra pregar na sala dos professores. Exemplo, né. Achei notícia importante recorto e prego. Isso quando compro né. Porque na maioria das vezes pego a notícia na internet mesmo. Entendeu?

Monique: Você lê notícias sobre educação com frequência? Ou procura essas notícias?

D: Sim, leio.

Monique: Onde? Dentro dos jornais em seções de educação?

D: E também procuro informação participando de grupos de professores pelo Facebook. Entrei em alguns grupos só de professores aí eles vão dando informações para a gente também, passam informação compartilhando as postagens ou escritos. E aí vão informando uns aos outros. São grupos interessantes. Inclusive duas escolas que eu trabalho têm esse grupo só de professores da escola. Para informação, trocar ideias, avisar dia de reunião, sabe, então está sendo muito usado o Facebook hoje em dia no ambiente escolar. Tem escola que usa mais, tem escola que usa menos.

A: Tem escola que não usa nada.

D: Lá não tem página de vocês não? No Facebook, assim?

A: Tem, mas...

D: Grupo para trocar ideia, avisar sobre reunião...

A: Não, não.

D: Então, isso é importante, né? Na Escola Normal tem...

E: Na Escola Normal tem um bom grupo que funciona com notícias, aí colocam notícias de outros meios, não só internos, saiu no Globo isso, saiu na Tribuna isso hoje...

D: Saiu alguma coisa da Secretaria de Educação coloca lá...

E: Diário Oficial...

D: Por exemplo, alguma coisa falando de 13º, colocou lá. Dia de entregar do diário de classe, coloca lá. Dia da reunião. Vai colocando tudo.

A: A nossa agora vamos ter co-participação no Ipsemg também...

D: Antigamente... Não, isso não vi lá ainda não... Antigamente esses recados na escola vinham através de papéis pregados na sala dos professores. Tinha gente que não lia esses papéis. Agora tem também o Facebook para colocar essas informações. A escola lá tem usado. A outra em que eu trabalho lá no Santo Antônio tem esse grupo de professores.

C: Eu sou da época em que não tinha internet né? Então era igual ao que você estava falando: na sala dos professores, na hora do recreio, no encontro de professores, que passavam as coisas. Agora tinha uma... que eu estou tentando lembrar aqui... acho que na TVE também passavam assim muitos cursos para os professores. Então a gente tinha um momento, que era fora do nosso horário de escola, que você voltava na escola e através da televisão a gente fazia alguns cursos. Não tinha internet, principalmente em escola, né? Então isso já tem bastante tempo.

Monique: Só para fechar, D, a Tribuna chega na escola? Ou o Diário?

D: Você sabe?

E: Acho que não...

Monique: Ou como a Fátima falou, alguém leva?

D: Nas escolas da Prefeitura vejo mais Tribuna. Agora não sei se foi assinada pela escola, ou se alguém está levando. Se algum professor está levando. Tenho visto mais. Agora lá na escola... você tem visto? [perguntou ao E]. Não tenho visto não... Porque geralmente quando chega na escola eles colocam na mesa da sala dos professores. E lá não vi não...

Monique: Ou algum outro jornal? Se chegar algum outro vocês podem falar também...

D: Não...

C: Tem o Minas Gerais. Toda a escola tinha o Minas Gerais.

E: É o Diário Oficial.

C: Ele falava de...

D: Era mais pro pessoal do Departamento Pessoal.

C: Na minha época era o único jornal que tinha na escola.

D: Mas era mais pro Departamento Pessoal.

E: Ninguém fica lendo o Diário Oficial. Infelizmente.

D: A gente lê quando é relativo mais à educação, a gente pode pesquisar.

Monique: Você vai? Que veículo de comunicação você mais utiliza?

E: Hoje em dia é a internet. Apesar de que já comprei muito jornal em banca. Igual ao D, parava, ficava olhando. Comprava muito jornal por causa do caderno de cultura dos jornais que saíam geralmente sábado e domingo que, na minha opinião, caiu muito, então parei de comprar. Comprava até a Folha de São Paulo por causa do “Caderno Mais” que tinha, que era muito bom. Mas hoje eu sou... informação mesmo é na internet até porque você tem alguns jornais que disponibilizam quase todo o conteúdo ou até a revista mesmo se você quiser ler uma Veja hoje e não quiser comprar, claro que você vai ler com uns dias de atraso, mas vai estar lá o conteúdo todo dela lá. Talvez a revista que eu compro com mais frequência é a Carta Capital. Tem assuntos que me interessam mais, ou às vezes ela tem uma revista dedicada à escola. Uma edição dedicada à escola e acabo comprando, né. Ou uma revista dessas culturais, específica da área da Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa. Mas o resto é internet. Na minha casa tem o hábito de se comprar jornal no domingo. Meu pai compra jornal no domingo. Tribuna geralmente um jornal do Rio, Extra, O Dia, alguma coisa assim. Acaba que, ler no papel, acabo lendo no domingo. Tendo tempo, chego mais cedo, acabo lendo ali. Mas geralmente de manhã, se não estou em casa mas em outro lugar, acabo lendo pela internet também.

D: Só completar ele aqui, porque em termos de, igual eu falei, de jornais, a gente não vê lá não. Mas em termos de revistas, temos muitas. A gente recebe muitas revistas. Aqui por exemplo na escola normal, a gente recebe a revista Cálculo da Matemática, revista Filosofia...

E: Sociologia

D: A Revista Língua Portuguesa, de História, de Geografia, a revista Nova Escola, revista Carta Capital. Então em termos de revista, a escola está recebendo muito material. Direto. Chega todo mês.

E: Mas jornal acho que não.

D: Jornal não, revista recebe muito. Inclusive livro também. Aquele Plano Nacional de Leitura, né, a escola recebeu essa semana muitas caixas de livros. Sabe, vários didáticos, grandes autores, a biblioteca recebeu muita coisa. Então na parte de livro e revista tem muito material bom.

Monique: Uma comunicação mais direcionada, né...

D: Pode usar a biblioteca da escola para buscar informação, cultura, conhecimento educacional.

E: Em relação à primeira pergunta, na internet então eu leio basicamente todos os jornais, independente da minha posição, se concordo ou não com a linha editorial, estou lendo Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, que hoje é só na internet, Estado de Minas... Eu dou sempre uma garimpada assim, não todos os dias mas diria que dia sim dia não pelo menos para ficar informado.

Monique: E das notícias locais, da região?

E: Acabo lendo Tribuna durante a semana praticamente todo dia pela internet e no domingo pela internet ou às vezes lá em casa. Às vezes abro o blog do... site também do Diário... Como é que chama? Esqueci o nome... Diário Regional. Mas ele é um jornal para mim tipo... então para mim não interessa muito. Tinha um jornal antiquinho aqui, que circulou pouco tempo, o Panorama também, que foi distribuído gratuito, e de vez em quando pego de curiosidade porque tem uns jornais que aparecem, eles começam a distribuir nos sinais, no centro da cidade, se não me engano tem um na zona norte, que esqueci o nome, de vez em quando em pego e leio assim, uma informação mais local. Acabo lendo coisas assim.

Monique: Você se referiu ao Ter Notícias e depois Folha JF?

E: Isso. De vez em quando você está nessa travessa aqui eles estão distribuindo ainda. Mas como eles devem ter uma quantidade mínima, se você passar depois do horário já era.

Monique: Você procura frequentemente notícias sobre educação ou sobre a docência?

E: Às vezes se eu não procuro, se chama atenção, eu já estou lendo. Que às vezes naquele dia você está ali para um zoom geral, apesar de que, quando você vai ler coisas aqui a respeito da cidade geralmente é sobre violência. Você não tem uma informação assim mais elaborada, buscando fazer um diagnóstico da educação, ou falar que teve um projeto tal nas escolas que atendeu isso, geralmente na cidade você acaba sabendo de casos de violência.

B: É o que tem demais também...

C: O que há de bom mesmo não se valoriza, né.

E: Não que não deva se falar, mas assim, proposta e discussão com a sociedade, não a proposta de discussão, só vamos informar que a escola tal foi invadida e acabou.

Monique: Você quer falar, C?

C: Nessa parte dele que não valoriza, só fala aquilo que, digamos assim, é interesse coletivo deles, mas não valoriza o professor, o trabalho do professor. Isso a imprensa não colabora.

Monique: Vamos lá?

B: Eu utilizo mais a internet também. Muito pouca coisa, alguma coisa da televisão. Agora jornal impresso, quando comecei a trabalhar a oito anos atrás, eu comprava direto por causa dos classificados (risos). Aí de tabela eu via outras notícias, mas a primeira coisa que lia era os classificados para poder procurar emprego. Depois com o crescimento da internet ficou só a internet mesmo para buscar a informação. Mais barato também, com certeza, mais prático. Você liga o computador para fazer alguma coisa entra em um site, vai vendo as notícias e tal. E dá aquela zapeada geral em tudo que tem ali.

Monique: Você visita os sites dos jornais?

B: Tribuna.

Monique: Todo dia?

B: Todo dia não. Às vezes também que a gente fica sabendo de alguma coisa e tal, aí entro no site. Dia sim dia não.

D: Você tem essa fonte 24 horas por dia, né?

B: É. Na hora em que você precisar está ali.

Monique: E você procura a notícia local na Tribuna, não é? Outras notícias você costuma ler também? Ou só a notícia local mesmo?

B: Eu costumo, assim, quando quero uma notícia nacional ou internacional algo assim, também pelo tempo corrido da vida, acaba que entro no meu email Yahoo. Então acaba que estou na capa no Yahoo e já vou passando tudo que tem ali, já vejo tudo que está acontecendo e tal. De repente busco outra fonte para ver se aquilo é realmente... se é aquilo ali ou se tem alguma coisa por trás daquilo e tal. Mais ou menos isso aí.

Monique: Impressos?

B: Nada.

Monique: A Tribuna chega na escola?

B: Chega. Ah, é, quando ela está na escola eu leio. Porque esse ano, até o meio do ano, parece que estava assinada pela escola. Não sei como está agora, se alguém está levando, se a escola que assina, porque ela sempre está lá na sala dos professores. Aí quando está lá eu leio. Em outra escola onde trabalho também, às vezes está lá a Tribuna, aí eu leio. Mas... nem parar na banca, igual eles param, eu não paro não. Porque se eu estou na rua estou andando rápido sempre, não dá tempo de parar (risos).

A: Esqueci de falar que a informação que a gente tem também é através do sindicato, né.

B: Ah, é, o sindicato tem uns jornalzinhos.

A: Eles mandam para o email de cada sindicalizado, a gente abre, mas assim, tem informação mensal sobre os acontecimentos da categoria. Então a gente tem informações não só mensais, mas o que está acontecendo. E tem o blog específico do sindicato, que a gente abre todos os dias – eu tenho esse costume de abrir todos os dias – o blog da Beatriz que é a nossa atual presidente, coordenadora do Sind-UTE. E... o jornalzinho do sindicato.

Monique: O jornal do sindicato é impresso, chega para você em casa?

A: Chegava. Chegava, isso aí acho que é isso: chegava antes da internet. Agora tem chegado só via internet. Esporadicamente chega...

D: O sindicato da Prefeitura ainda manda via correio. Agora o sindicato do estado alguém vai na escola e entrega. Entrega, coloca no painel e na sala dos professores.

Monique: Estou perguntando isso para vocês porque peguei lá no sindicato duas edições da Revista que não está mais circulando. Chamava “Outras Palavras”. Uma revista do Sind-UTE. Procurei se este ano teve circulação desta revista, mas não teve. O que teve circulação periódica foi do “Informa”, chega por email, não sei se chega impresso para vocês. Porque ao que me parece vem de BH, eles entregam um pacote no sindicato...

A: Isso.

Monique: E o sindicato regional vai distribuindo. É isso que acontece?

A: É isso mesmo.

Monique: Vou buscar um modelo para vocês confirmarem. É esse o informativo?

A: É esse.

Monique: Está preto e branco aqui...

A: Chega colorido via internet, a propósito.

Monique: Todo mundo aqui é sindicalizado?

A: Eu sou.

Monique: Já tem muito tempo?

A: Já tem, sempre fui.

C: Não sou.

E: Não.

D: Eu assim que passei nos concursos e me efetivei eu me sindicalizei tanto no Sinpro, que é da Prefeitura, quanto no Sind-UTE, que é do estado. Sou sindicalizado nos dois.

Monique: E você, B?

B: Não.

Monique: O professor designado pode se sindicalizar?

Todos: Pode.

Monique: O Sind-UTE também representa trabalhadores da educação, aí não estão incluídos só professores, tem os funcionário...

A: É trabalhador, Sindicato dos Trabalhadores da Educação.

Monique: Agora vamos partir para um segundo momento em que a gente vai discutir especificamente a questão dos professores na imprensa de Juiz de Fora. Eu queria perguntar, já que todos têm acesso às matérias da Tribuna, se vocês acham que a Tribuna faz uma boa cobertura da educação ou não. O que vocês acham sobre a cobertura da Tribuna sobre a educação?

C: Olha, eu acho até que não. Porque lá em casa a gente assina a Tribuna, meu marido que lê todo dia e quando tem alguma coisa interessante ele me chama, me mostra, leva lá para eu ler, mas isso é raro. Não vejo assim no momento.

Monique: C, você falou dos seus hábitos de leitura antes?

C: Não, mas...

Monique: Desculpa, eu te pulei, pode falar agora.

C: Não, porque realmente não tenho hoje em dia tanto... lógico que tenho interesse quando vejo uma coisa diferente, assim e tal, mas como já estou fora há mais tempo, não fico procurando não. Se cai nas minhas mãos eu leio, mas para sair procurando...

Monique: Você assina algum jornal? Como se mantém informada?

C: Lá em casa a gente assina a Tribuna e o Globo também de vez em quando.

Monique: Recebem diariamente?

C: É diário. O Globo final de semana e o Extra todo dia meu marido compra.

Monique: Você procura nesses veículos matérias de educação para ler?

C: Nem sempre. Atualmente não. Quando ele lê alguma coisa de interessante, porque lê o jornal todo, ele sempre me mostra e me dá lá para ler. Mas assim de buscar não.

Monique: Internet, televisão, rádio? Algum desses veículos você utiliza para se manter informada?

C: Atualmente pouco. Porque estou muito tempo fora. Hoje estou mais pro lazer. A aposentadoria tem essa parte boa, né.

Monique: Você vai para uma notícia que interessa mais, é isso?

C: É. Lógico que quando alguma coisa dentro da educação chama atenção eu até pego. E gosto de ler. Gosto de estar sempre atenta às coisas que estão acontecendo na escola. Mas fora isso não.

Monique: Você lembra se lá na escola chegava jornal para vocês?

C: Na minha época não chegava. Nem jornal nem revista. Naquele tempo já tinha Veja, essas coisas, mas a escola não tinha. O professor é que levava para dentro da escola uma coisa diferente.

Monique: Agora voltando para a pergunta que nós iniciamos, o que você acha da cobertura dada pela Tribuna para a área da educação e a docência de uma maneira geral?

C: É o que eu estava te falando: é muito pouco ou nada. Aparece alguma coisa quando acontece na escola, alguma coisa assim geralmente até... uma agressão, uma coisa entre professor e aluno, professores, direção da escola, que me parece que a Tribuna chega. Fora isso eu não vejo.

E: Eu vejo a Tribuna também só nesse aspecto, já tinha colocado, de mostrar... acaba não sendo matérias sobre educação, mas sobre violência na verdade. Fica focado nesse assunto. E tirando um pouco do ensino médio, é um replicador de coisas que acontecem no geral. Coisas assim “a Universidade Federal abriu vaga para professor”, “foram chamados mais alunos para as próximas vagas”, é...

B: “Prefeito efetivou cento e vinte...”

E: “Prefeito efetivou”... é, exatamente. Claro que é um “ctrl C – ctrl V” do sai em outras mídias. Sai no site da federal ela vai lá e coloca; saiu na página da Prefeitura ela vai lá e coloca. Eu estava tentando lembrar aqui da época da greve, que acabou não ocorrendo ano passado, né. Na prefeitura, né, eu não estava trabalhando porque estava no mestrado. Mas eu via que, geralmente, sempre se colocava numa situação de... sem solução, nada resolvido. Mas em nenhum momento fez uma matéria para discutir um pouco a situação do professor, de explicar melhor o que era com um pouco mais de detalhe e repetia aquele conteúdo vago. As vezes saía só uma nota no final da matéria: “os professores estão brigando solicitando a redução da carga horária, não sei o que, e aí você via que acabou. Explicou aquilo, mas ficava muito focado no jogo de “os alunos estavam perdendo aula”, “os alunos não vão conseguir acabar o ano letivo e tal”, mas geralmente o foco nunca era a luta do professor. Era mais um problema que ele estava levando. É o que eu lembro como leitor assim, porque eu não estava trabalhando nessa época.

D: Acho que a imprensa de forma geral, com a educação, ela não está colaborando muito não. Com pouca informação, quando tem informação é informação sempre do lado do patrão e não é do lado dos trabalhadores, e em Juiz de Fora isso é mais fraco ainda. Você não vê uma página digamos assim educacional mesmo, entendeu? Uma coisa que informe a partir dos professores mesmo. Você não vê isso, não vê isso.

E: Sabe a única época em que vejo que tem uma matéria grande sobre educação? Eleição. Porque você pergunta pros candidatos qual vai ser o seu projeto para a educação. Eles não perguntam para... e aí talvez até tenha um diálogo, eles colocam alguém da área da educação ou um pai perguntando o que ele vai fazer. Tirando a época da eleição, tipo assim, uma página cheia, vamos tratar do assunto educação, chega lá, pergunta para os candidatos. Tirando isso...

D: A partir do que ele falou também é mais uma falha da imprensa. O que eles fazem... deixam o candidato falar do plano dele para a educação, mas depois a imprensa não ajuda a cobrar esse plano. Ela se cala.

E: Sim, verdade.

D: Ele não faz nada e ela se cala.

E: Deixa ele prometer, mas depois diz “não houve recurso”. Então para que prometeu?

C: Eu até vejo isso também mas não só em relação à Tribuna. Acho que é o Brasil, né?

E: Isso é geral.

C: Uma coisa de não valorizar mesmo o trabalho do professor. Aquilo ali é uma coisa, digamos assim, é uma rotina, a criança vai para a escola, o adolescente, mas não tem aquele valor, aquele apego ao conteúdo que eles levam de dentro de uma sala de aula, não valoriza.

Monique: É uma tendência da imprensa no geral, na sua opinião?

C: Da imprensa no geral, acredito que no Brasil seja isso.

E: Com exceção ao que eu falei antes, aquela revista ligada à Carta Capital, número especial que sempre tem, solta assim “prática do ensino de português, prática de algum professor, como trabalhar ... aí deixa o professor falar, mas é uma revista especializada para o professor, não é para a comunidade, não é para a sociedade. Duvido que um pai vai comprar uma revista dessa assim se ele não é da área. É uma exceção, mas não é uma exceção que atinge a sociedade.

D: As escolas recebem uma Carta Capital específica sobre sala de aula, sobre escola. Tem aquela normal, que tem nas bancas, e tem a específica, só sobre assuntos educacionais. Chega todo mês também. Acho que toda semana, né?

E: É, porque geralmente quando sai grande notícia sai assim: o ensino precisa ser reformado, né. Como se a escola fosse a culpada pelo que a sociedade é e não um reflexo do que é a sociedade. Geralmente tem isso também. Tem no Tribuna aqui, mas é... Porque eu acho que o professor é colocado sempre como um indivíduo que está sempre à esquerda, assim...

B: Ah é, com certeza.

E: Ele sempre vai estar... A mídia é de direita, ele de esquerda, então nunca vão favorecer quem está na esquerda. Como se todo professor também tivesse essa opção “eu sou de esquerda”. Não, ele está ali para lutar por direitos, né, melhoria da sociedade e tal. Esse tipo de classificação às vezes bate com a grande mídia. Porque você está lutando, querendo melhorar.

Monique: Vocês acham que tem um estereótipo, uma imagem do professor que está sempre aparecendo na imprensa?

E: É, parece que o professor é um eterno marxista, vamos colocar assim. O que é uma grande besteira.

B: Falar em professor e falar assim: “pensa numa cor ligada ao professor”. Todo mundo vai falar vermelho. É mais ou menos por aí.

D: A única coisa que mostra que nós queremos só é a justiça. Justiça pelo nosso trabalho, o que é certo. Igual por exemplo, mais uma crítica contra a imprensa, principalmente a juizforana. Qual a posição que ela ficou com relação à lei do piso? Entendeu? Ela podia ter se posicionado mais...

E: É...

D: Porque isso... a imprensa tem que pensar isso: se melhorar a educação, vai ter mais leitores, que serão de repente mais consumidores do próprio produto da imprensa... Mas não, ela simplesmente parece que fica contra.

E: Essa semana recebemos a notícia de que vai acontecer o fechamento dos primeiros anos noturnos. Então não serão abertas mais turmas de ensino médio noturno. Não houve uma linha na imprensa sobre isso. Então, quer dizer, isso vem lá de cima. Vem do governo. Se fosse o contrário, se tivéssemos feito uma bagunça, bagunça num bom sentido, movimentado melhor, infelizmente houve alguns problemas em relação a isso que a gente tentou, é... como é que a mídia traz? Geralmente fala que a gente parou a rua, aí tipo assim fica mais preocupada em falar que a gente fez a bagunça do que explicar porque está tendo essa bagunça.

D: Isso vai gerar...

C: Por que o aluno só pode estudar...

B: Não é bem assim. Resumindo. Porque é assim: o aluno que vai estudar à noite vai ter que comprovar que ele trabalha, entendeu? Aquele moleque que estudava de manhã, à toa, que quis ir pra noite, não vai poder mais.

D: Só que eles não tiveram uma visão da realidade dos fatos. Porque o aluno da noite... a maioria trabalha sem carteira assinada. E aí na reunião da escola falaram que eles vão ter que comprovar com carteira assinada. Então isso vai gerar a expulsão de pessoas que querem aprender e não vão poder. Porque como a maioria trabalha, mas sem carteira assinada, isso vai gerar um ciclo vicioso. Ele não vai poder ter emprego com carteira assinada porque ele não vai ter mais o ensino médio, não vai o direito a ter mais o ensino médio. E ele não vai mais poder estudar porque não tem carteira assinada.

B: E ele não pode largar o emprego também. Ele precisa do dinheiro.

D: Precisa pra sobreviver. Então isso aí tem que ser revisto e voltar atrás, liberar o curso noturno para todo mundo. Porque senão vai acontecer isso. Muita gente vai ficar proibida de estudar porque trabalha, mas não tem carteira assinada para comprovar que trabalha.

E: O que falta na mídia é estabelecer isso. Por exemplo: poderia chamar o D e chamar o secretário e vamos fazer um debate para explicar a situação? O faz é isso: o secretário fala lá, amém. E pode até chamar o professor também para falar. Mas fica assim: ele disse aquilo, então fica o dito pelo não dito. Não há uma... O jornal deveria promover um debate...

C: Uma coisa imposta. Não tem... Não chama os professores.

B: Envolve muitas outras coisas.

E: Estou querendo dizer o jornal em si. Não dizer simplesmente o secretário falou e acabou. Que aí a mídia acaba reproduzindo o sistema. Ao invés de estabelecer um debate, então tá, secretário, vamos discutir. O professor falou isso, como você rebate isso? Ali também falou sobre isso, outro professor... Mas não estabelece. Dá um comunicado e coloca lá e tipo assim... Você tem que entender que está trabalhando com a sociedade. A sociedade tem várias camadas, tem os bons leitores, gente que não está acostumado...

C: Poderia adotar o que seria melhor. Em todos os sentidos. Pro educando, pro professor. Até para a família também. Porque de repente tem um aluno de menor, mas precisa trabalhar porque a família precisa do dinheiro dele e ele tem que estudar à noite. Vai afastar o aluno da escola.

D: Se a imprensa desse a oportunidade, igual o "E" falou, dos dois lados colocarem sua opinião, ela chamava mais atenção até para a pessoa animar a comprar o jornal ou ver aquela notícia.

E: O que é o papel comunicativo. De debater, não é só informar.

D: Não é só copiar a notícia. Parece que a imprensa de Juiz de Fora ela copia uma notícia. Só. Mas e o papel social?

E: Se a sociedade decidir, aí é uma decisão da sociedade. E não de um técnico, burocrático, do governo, nem eu professor da escola. Mas que a sociedade decida, mas que ela seja esclarecida sobre o fato.

C: Tem que ser também, no meu ponto de vista, uma coisa mais regular. Não é uma coisa esporádica, de vez em quando acontece. Teria que assumir um compromisso com a escola, com a educação, para acontecer isso sempre, sei

lá, uma vez por semana ou de quinze em quinze dias. Não sei. Para ter resultado.

A: Agora acho que no meio do ano tirou-se a educação física de primeira à quarta...

B: É o começo.

E: Não debateu, procurou os profissionais, pensou evidentemente no lado econômico. Preciso reduzir custos, tiro uma disciplina e pronto. A sociedade não foi informada porque foi feito aquilo.

A: Qual o papel da imprensa, no caso a Tribuna? Não teve... Foi só acabou, acabou.

E: Vi só uma notícia no MGTV que aí eles deixaram os pais falando, que eles estavam solicitando isso. Mas é aquele tipo de notícia que você não sabe até que ponto também não foi meio que montada, montada no sentido pelo próprio repórter, para valorizar, né. Porque talvez naquele momento o repórter viu a importância, né? Mas...

D: Eu não sei se nos cursos de comunicação existe esse debate que eu acho que deve ter, qual o papel social da imprensa. Só que nas redes jornalísticas parece que isso não existe. Qual o papel social da imprensa? Porque ela vive por causa da sociedade, mas não tem um retorno. Qual o papel social dela? Parece que ela só está com um grupo que é a elite. E o papel social eu não vejo.

E: No Brasil a gente tem um problema maior do que a reforma política ou reforma fiscal, que é a reforma dos meios de comunicação. Ok, jornal é capital privado. Então se eu tenho dinheiro eu abro um jornal. Mas televisão e rádio são concessões públicas. Mas aí talvez levasse a pensar se o jornal não deveria ir para esse lado. Numa cidade como a nossa que basicamente você tem uma televisão só; tem a Alterosa também, mas é quase que a mesma coisa. Ou seja, você não gera isso que o “D” está falando, né, informação social mesmo. Ela tem um dever social a cumprir. E o pior, ela é pública, ela não é privada. Eu até entendo que o jornal... por isso que estou falando, até entendo que o jornal é bem privado, se eu tenho dinheiro eu monto uma gráfica. Mas até que ponto talvez o jornal também deveria ter para abrir esse diálogo. Porque senão você tem só o que? Eu estou ligado a um grupo então eu vou falar o que aquele grupo quer. E acabou. E aí em relação à educação é isso que aparece. Tem um estereótipo, que você falou, né, e aí vai. O professor é sempre tratado como um chato...

B: Um hippie, chato...

E: Chato, que está ali, não sabe nada, e esquece que nós ficamos o dia inteiro com o filho dele ali dentro da escola. E a gente tem que fazer milagre de vez em quando.

C: Na verdade a educação é o alicerce. Para tudo dar certo na vida de todo mundo tem que passar por dentro da educação mesmo, educação até em escola.

Monique: Eu trouxe algumas matérias aqui, só algumas que recolhi durante a pesquisa, para mostrar a vocês e ajudar no debate sobre o que apareceu nesse período em que eu analisei a respeito da educação e a docência. A Tribuna fez uma série de notícias sobre a questão da junção de turmas no estado. Até problemas específicos sobre as escolas...

E: Isso aí foi de que época?

Monique: Esta daqui é da Escola Normal...

E: Isso aconteceu no começo do ano, mas ela teve que... foi aquela situação: a escola se mobilizou. Os alunos se mobilizaram, a comunidade se mobilizou. Então é tipo assim: a gente se cala ou fala alguma coisa? Então esse tipo de

notícia vejo um pouco assim. A gente vai falar porque houve uma repercussão, uma movimentação. Porque se fosse alguma coisa assim, só os professores de novo reclamando, a gente faz um pé de página aqui.

D: Os alunos é que resolveram se unir...

E: Os alunos se movimentaram.

D: E fazer o movimento para evitar o fechamento das turmas. Foram até para as ruas e tal.

B: Teve um problema também esse ano se não me engano das escolas caindo aos pedaços, igual ao Grupo Central ali, em que os alunos foram para as ruas...

D: Os alunos que, de novo, foram para as ruas.

E: É aquela história: se a sociedade se movimenta, a imprensa fica obrigada a falar alguma coisa. Agora se for de novo os professores que estão lá falando que vão paralisar e fazer greve...

B: Mesmo que falem qualquer porcaria, né, mas tem que falar alguma coisa.

Monique: Vocês acham que quando o sindicato é ouvido pelo jornal já é um compromisso com “o outro lado”?

E: Acho que é uma obrigação, a gente tem que escutar o outro lado. Eu tenho que escutar os dois lados.

B: Tipo “deixa ele falar aí”...

E: É, preciso escutar o outro lado. Tipo assim, todo mundo tem direito a falar, é como se ainda existisse essa regra, né. Se eu perguntei para o Prefeito eu tenho que perguntar para o presidente do sindicato. Porque senão fica chato, entrevistei o prefeito e não deixei o sindicato falar. Mas aí tanto que tem que colocar até a nota: fomos procurar e não tivemos nenhuma fala no momento sobre isso. Acho que é mais uma obrigação da profissão do que uma questão moral ali, de fazer isso. Não sei se isso é um pouco radical na minha opinião.

Monique: O que vocês acharam dessa cobertura que a Tribuna fez sobre a falta de estrutura das escolas, os manifestos dos alunos, vocês acharam que deu visibilidade? Deu repercussão dentro das escolas?

C: Esse é um manifesto da Escola Normal?

E: O que aconteceu? “D” estava lá antes de mim, porque entrei em maio. Mas eu pude acompanhar, estava para ser nomeado, estava uma discussão sobre redução de turmas. Então houve um estudo para mostrar e o nosso governador não aceitou ele quis inchar mais algumas salas, então foi levado isso para os alunos, alguns professores também conversaram, mas os alunos tomaram a providência de se movimentar. Evidentemente que aquilo aconteceu no momento em que estavam começando aquelas manifestações por causa da Copa das Confederações. Então houve um...

D: Foi antes.

E: Foi um pouco antes, mas estava começando a ferver isso um pouco.

C: Os alunos da Escola Normal? Só da Escola Normal?

D: Os alunos subiram a Rua Espírito Santo e foram até a Secretaria de Educação. Alguns professores foram com eles.

A: Inclusive aqui a Secretaria de Educação não tem fala. Não é que ela não tem fala, não sei se ela se posicionou, mas pelo que eu estou vendo aqui na manchete “protesto contra fusão de turmas”, “preocupação com a fusão de turmas”, “estudantes e professores...” aí especifica Escola Normal, não fala numa questão do estado, de uma questão da educação do estado de Minas Gerais. É como se só a Escola Normal tivesse esse problema.

E: É porque chegou a ordem de cima.

A: Eu quero dizer o seguinte: a obrigação de um jornal que quer informar é ir ao nosso representante mais próximo, do estado, que é a secretaria estadual SRE. Ir lá e “perai está acontecendo isso aqui o que você tem para me falar disso?”. Porque não é só a Escola Normal que está com problema de excesso de alunos, todas as escolas. Então a gente vê que a Tribuna fez assim: vamos fazer um pouquinho pela educação...

E: Na verdade, o que acontece depois dessas manifestações? Há uma pressão da própria secretaria em cima da escola “por que vocês estão deixando essa imagem da escola chegar na mídia”?

A: Isso é verdade o que você está falando porque a gente nota que nas escolas o diretor fala “abafa esse caso aí”, “não deixa sair na imprensa não”.

E: Teve repercussão, tanto é que não se fechou as turmas. Foram obrigados a tirar os alunos do Delfim porque chegou no limite ali de poder estudar naquele prédio. Eu era professor no Duarte de Abreu (lembrei o nome), tive o mesmo problema lá. Os alunos fizeram uma manifestação. Mas logo em seguida houve uma pressão em cima do diretor. “Oh, não faça isso, não deixa isso ficar acontecendo”. Tipo assim, aí aquela ideia que quem quebra a carteira é o aluno. Tentar mudar um pouco a... Se isso aqui está quebrado, a culpa é do aluno. Ou seja, querer até responsabilizar o aluno, já que ele está reclamando, para mostrar que é uma falta de verba, da infraestrutura e tal.

B: Isso nem existe, né?

D: A imprensa poderia falar também, que é um problema que tem no ano inteiro, que é o da superlotação das salas de aula. Na minha experiência, minha opinião é que nenhuma sala de aula pode ter mais que 20 alunos e as salas de aula estão ficando muito lotadas, muito lotadas.

C: Sempre foi, né? Sempre foi.

E: Um dos pontos das manifestações foi isso. Porque você trabalhava numa sala com, sei lá, 38, 40 alunos. Ia virar 50 alunos. Os próprios alunos viram que isso é um absurdo. Que a sala é grande, mas não para comportar 50 alunos. Aí eles foram e fizeram manifestação. Por isso que realmente deu um impacto aí. A mídia teve que mostrar. Por que o trânsito está parado dois três dias seguidos e ninguém vai falar sobre isso? Mas aí o que a professora falou, é preciso mostrar que isso não é só na Escola Normal, é em Juiz de Fora e muitas escolas por aí.

Monique: Se não tivesse tido manifestação, vocês acreditam que teria noticiário sobre o problema?

A: Não...

E: É o que a gente falou, esse projeto de fechar, de começar a iniciar uma mudança no ensino com duas coisas: fechamento de turmas do noturno e retirada do ensino de primeira a quarta do estado. Até agora não houve um debate disso.

D: Eu não vi notícia sobre a destruição do ensino noturno na imprensa de Juiz de Fora. Mesmo assim não só dar

notícia, mas falar da tragédia social que isso pode gerar, como expliquei aqui do aluno que vai entrar num ciclo vicioso e não vai poder estudar mais.

E: Por que eles não explicam a quantidade de professores que vêm pedindo, são concursados, e estão pedindo para sair do estado? Por que não há um debate disso, né? A quantidade de professores afastados...

D: Doentes.

E: Doentes. De vez em quando soltam uma coisinha ou outra, mas cadê o debate. Tipo assim, estou precisando resolver o problema, não é só informar, isso que o “D” estava falando. Informar às vezes é prático, né.

Monique: Qual é o papel da imprensa na abordagem dessas questões do cotidiano dos professores? Tem que falar mesmo se tem muita coisa errada, das dificuldades, tem que falar mesmo, ou tem que abordar de uma outra forma, tendo em vista que se deixar a coisa mais negativa é pior. O que vocês acham? A imprensa está certa em apresentar só esses pontos negativos?

B: Ela tem que falar a verdade.

C: É, tem que mostrar a realidade.

B: Mas essa é uma discussão como discutir o sexo dos anjos. Porque isso não vai mudar. Enquanto a imprensa tiver um compromisso político por trás dela ela não vai falar a verdade. Ela vai falar a verdade que convém a ela. Que normalmente é a que nos prejudica. Acho que isso nunca vai mudar. Não sei qual geração vai ver isso mudar.

D: Ela vai perder. Eu não compro jornal em sinal de protesto contra essa imprensa que não fica do lado da classe trabalhadora e aí muitas pessoas também tem essa atitude. Ela vai só perdendo. Uma maneira da gente reagir contra essa omissão que a imprensa faz, principalmente a juiz-forana.

Monique: Vocês se sentem representados enquanto professores nessa imprensa? Quando lêem vocês se vêem ali naquela informação? É realmente esse sou eu, professor, e estou passado por isso ou não se vêem?

E: Às vezes sim. O fato é: tem violência. Tem o desrespeito. Isso existe. Mas a questão não é só essa. Vou bater nisso de novo. É um debate, eles não vêm nos questionar, no geral, um debate com a sociedade. Só querem informar. Aí eu conheço colegas meus que falam: será que isso não é ruim? O aluno mesmo informa: professor Fulano apanhou de aluno Tal. Até que ponto isso também não é ruim nesse sentido de que o aluno pense “opa, Fulano bateu. Por que será que eu não posso tentar aqui? Sou menor de idade, não vou ter muito problema...”. Até que ponto a informação – estou falando porque já escutei isso – da primeira assustei, pensei não, não pode ser sério, tem que informar porque tem violência, mas depois pensei em estar gerando uma preocupação de isso estar gerando um modelo assim...

A: Banalizar.

E: banalizar e o aluno pensar “opa, vou bater mesmo no professor que não está deixando a gente passear”...

C: Não toma providência também.

D: Sei que essa pesquisa vai interessar aos donos das empresas jornalísticas, aos jornalistas que já estão trabalhando. Porque eles têm que trabalhar a continuidade da notícia, na minha opinião. Deu notícia no dia, trabalha a continuidade da notícia nos dias seguintes. Mas não é só dar a notícia e sumiu aquilo. Amanhã já não tem mais nada. É trabalhar a continuidade da notícia. Isso é importante.

E: Isso que é debater.

A: Parece que isso é proposital, a não continuidade parece que é proposital.

D: Para esquecer.

A: Para esquecer, acabou. Aí fica a parte mais fraca.

E: No mês seguinte solta uma notinha: aquela coisa que aconteceu, fala uma coisinha assim.

B: Agora em relação ao debate que você falou outro assunto também que está vindo aí, e quem trabalha no estado sabe disso, é em relação às férias do meio do ano. De 13 de junho a 13 de julho. Mas perguntaram pra gente se a gente queria assim? Ninguém me perguntou se eu queria as férias desse jeito.

E: Não vão colocar para a gente porque estamos no local. Nem para a sociedade porque às vezes aquele pai precisa deixar o filho dele na escola com a gente porque ele trabalha meio expediente. Esse menino vai ficar aonde? Porque eu duvido que ele vai parar, que a empresa vai dar férias pra todo mundo.

C: Isso em função da Copa, Brasil inteiro. Então parece que o calendário escolar foi todo modificado aí em função de Copa.

A: Só o estado.

B: Aí o detalhe: e quem trabalha em duas redes? Ou três? Como faz? Não vai ter férias. Aí eu vou ficar de férias do estado de 13 a 13 e vou trabalhar em outro. Ou seja: não vou ter férias.

D: Na rede municipal as férias serão em julho, como sempre...

B: Normal.

D: A estadual durante a Copa.

A: É interessante que nós nunca tivemos férias 30 dias em julho. Nossas reivindicações eram para sempre...

C: Recesso, né?

A: Justamente. Ano que vem teremos um mês de férias, trinta dias.

E: Aí passa a ideia de que nós estamos a toa um mês...

C: É o que vai passar.

E: esquecem que a gente trabalha fora das salas de aula.

Monique: Outras notícias que trouxe para vocês, vou passar, uma é sobre as licenças, a questão do adoecimento que a gente comentou, esse é específico do município, mas não teve um levantamento do estado especificamente nessas edições que estudei, mas já é uma contribuição para vocês. Aqui também está falando do caso da falta de professores, as escolas iniciaram o ano letivo e em abril e as escolas estavam sem professores.

B: Vários assumiram o cargo e em uma semana ou menos pediram para sair. Cargo efetivo, passaram em concurso.

E: Quando você lê um pouco, não vou dizer que há má fé do jornal não, mas falta explicação de que o culpado dessa situação é a secretaria, é o estado. Porque a burocracia para se chamar um professor ao invés de se colocar um efetivo.

C: Às vezes quem precisa batalha e não consegue. Aí você vê isso.

E: Uma falta de organização você vai tirar férias prêmio em setembro e a partir de agosto já está contratado aqui um professor... Não, eles esperam chegar no último dia para abrir o processo para ver se vai aparecer alguém. Ok, a informação é verdadeira. Mas os detalhes são deixados de lado um pouco.

Monique: Falta então uma cobertura maior dos assuntos? A educação tem aparecido de uma...

B: Superficialmente.

Monique: Vocês acham que a educação aparece de forma muito pequena no noticiário?

B: E quando aparece é muito deturpado.

E: Não sei se eles estão fazendo um jornal para o leitor que quer uma notícia rápida. Se eu fizer um texto muito grande... Todo jornal, para mim, vende notícia. Ele não está aqui pra... Se ele não vender jornal, ele vai parar de circular. Uma notícia rápida, para ser lida num curto espaço de tempo, só que não faz o que o D falou, não dá continuidade.

D: Eu lembro dessas notícias...

E: Eu também, conheço quase todas.

Monique: E vocês acham que existem algumas temáticas que os jornalistas da Tribuna já vão procurar quando se fala de professores? Há uma tendência?

B: Estereótipos.

E: Isso, os estereótipos, a violência, porque isso vai chamar atenção né?

B: Igual essa semana mesmo, na Escola em Santa Efigênia, por sinal minha mãe trabalha lá, ela tomou um suco há um tempo atrás... Deu a notícia que pai invadiu lá, deu paulada na diretora, não sei o que... acaba que a pessoa que está lendo pensa: educação no jornal é só isso aí. O que aparece no jornal por exemplo. Só tem violência, só vê a parte negativa. Fica só nisso, sempre nisso.

E: Esse tipo de notícia a sociedade lê pouco. Ah, educação, o pessoal está afastado, não interessa. Nós lemos porque somos professores e somos interessados, mas a sociedade, para ela não interessa. Para ela, talvez se crie isso: uma linha na hora de fazer a reportagem, vamos fazer isso porque dá repercussão.

B: Claro que isso dá repercussão, coisa ruim dá muito ibope. Então é isso que aparece no jornal mesmo.

C: A imprensa precisaria estar mais atuante na escola no lado bom. Valorizando o trabalho do professor. Agora não teria que ser uma coisa esporádica, não. Várias escolas na cidade, eu acredito, coisas boas acontecem. Quase toda escola. E aí ia chamar atenção até dos pais mesmo, da sociedade, em relação à parte boa da educação. O trabalho do professor, talvez passasse a ser mais valorizado. A imprensa poderia fazer esse trabalho e não faz.

Monique: “C” chegou nesse ponto, eu tinha perguntado anteriormente para vocês se vocês acham que essa

continuidade de matérias negativas acabam afetando a representação de vocês. Sim ou não? É preciso que a imprensa tenha outra atitude em relação à educação ou não, isso é a verdade então tem que colocar ali. O que vocês pensam?

D: Eu acho que tem que continuar sendo divulgado porque, por exemplo, o caso da violência contra professores, para chamar mesmo a responsabilidade de todo mundo, das autoridades que têm que agir, da própria comunidade que tem que ter noção de ensinar o filho a ter mais respeito e valorizar o professor que está ali. E apoiar mesmo. Essas notícias estimulam muita gente, fica do lado dos professores quando vêm isso, vem como a luta está grande e acho que isso tem que continuar sim. Mas tem que ser, como eu disse, com continuidade, não é só fazer a notícia em um dia e acabou. Tem que dar continuidade. Durante vários dias comentar o assunto, o que está sendo feito para tentar resolver, e de repente denunciar gente que poderia ajudar e não está ajudando para melhorar a situação, por isso que é importante a continuidade da notícia. Eu não vi. O jornal não escreveu o que aconteceu com esse pessoal do Santa Efigênia. A continuidade. Só falou no dia, mas e depois? A população não está sabendo. Tem que ter a continuidade da situação. Mas isso tem que ser falado sim, é importante mostrar essa realidade.

E: Eu também concordo que tem que continuar uma pena é só esse detalhe. Outras informações importantes sobre educação, coisas que estão acontecendo politicamente, decisões burocráticas não são colocadas no jornal. A falta de informação...

D: Agora além de colocar essas coisas o que pode ocorrer é mostrar os projetos das escolas, as ideias, igual por exemplo eu tenho muito prazer de falar para o jornal sobre os grupos que eu fiz relativos à educação e nossa escola também tem vários projetos interessantes que os professores realizam durante o ano.

A: Então parece que na escola só está acontecendo isso. Só violência. Então as coisas boas da escola não estão aparecendo. Então fica a desejar, a matéria fica a desejar.

E: A escola tem hoje muito problema, mas ela ainda funciona, né.

B: Com certeza.

E: Você tem alunos que saem da escola pública hoje e vão para universidade federal, então alguma coisa funciona, senão você não teria esse aluno entrando na universidade, arrumando um emprego gabaritado. Mas concordo com D, tem que divulgar. Porque se não divulgar acho que fica pior. Sou contra meus colegas que acham ruim porque você está divulgando a violência então as pessoas vão tentar reproduzir o modelo batendo em outros professores. Acho que você tem que divulgar para mostrar que você pode ser preso, né, que a escola tem as regras, que as regras funcionam dentro da escola também.

Monique: Tem uma reportagem aqui que veio com o diagnóstico da violência de 2009 até 2012, a Tribuna colocou o diagnóstico dentro da matéria sobre o aluno que acendeu cigarro de maconha em sala de aula. Queria que vocês comentassem sobre a matéria, sobre essas informações do gráfico...

B: Isso não é violência, isso é falta de educação.

(Risos)

E: Existe a questão ilegal da maconha e você como professor fica obrigado a tomar uma posição ali, mas supondo que fosse um cigarro, também seria uma situação ilegal, não se fuma dentro de um espaço fechado e público ainda por cima. Você tem que tomar uma providência. O problema do professor é que se ele fala assim “aquele rapaz ali está envolvido com tráfico de drogas”, vai ter que se expor demais...

B: Não era para ser nossa função... as coisas estão muito mudadas ali...

Monique: Aqui a matéria do tráfico no entorno de uma escola.

B: No começo desse ano dei aula para um aluno que, durante a aula inteira, o moleque estava com uma arma dentro da sala. Dei aula tranquilo lá e todo mundo sabendo que o moleque estava armado.

Monique: Essas situações de violência estão no cotidiano de vocês, essas situações estão ali representadas pelo jornal?

C: Eu acredito que nem sempre. Tenho amigas que dão aulas, principalmente ali no Delfim Moreira, que é uma escola central, e ali parece que é pólo... não entendo muito bem, mas que parece que vem muita gente da periferia pra ali, não sei se pela facilidade de chegar até à escola, né, mas os professores que trabalham lá se sentem muito agredidos, preocupados com tudo que acontece em sala de aula, uma parte de sexo, droga, tudo. Eles estão ali, testemunham coisas que se você escuta contar você não acredita que aquilo aconteça dentro de uma sala de aula.

E: Existe um projeto com a Polícia Militar. A Polícia Militar vai na escola e tenta, não sei se exatamente dar cursos, mas palestras e tal sobre violência, sobre algumas coisas. Existe uma parceria da escola até para tentar solucionar isso, a escola não está totalmente a Deus dará, está tentando resolver isso, mas depende do apoio da sociedade. Isso que eu não vejo. A escola faz a parte dela, a escola Normal tem, inclusive policiais que rodam em volta da escola e são capacitados em questões de direitos humanos, policiais treinados para trabalhar com estudantes, na região escolar. E também vão à escola, em sala de aula. Isso não se fala não.

D: No Polivalente lembro que quase toda semana tinha vidro quebrado. Mas aí eu penso, se é escola estadual porque não poderia colocar, no fim de semana, uns dois PMs vigiando, pelo menos na porta, passar um carro lá. Quase todo fim de semana, pergunta pra ela [A]...

A: É.

B: Saiu muito no jornal o Polivalente. Furto também...

E: É, mas aqui tem um trecho: violência na escola particular também existe, só que não é divulgada. Imagina se um Granbery da vida, um Jesuítas da vida começa a falar que pegaram alguém fumando maconha lá...

D: Eu acho que o problema é geral.

E: Metade dos pais vão lá reclamar. Ou resolve isso ou tiro meu filho daqui.

D: O que o jornal publica deve ser uns 10% do que está acontecendo.

E: Sim.

D: Tem muita coisa acontecendo, que ninguém fica sabendo, que a própria escola não quer mostrar, isso não é só pública não, particular também.

A: Mas eu acho que estaria muito melhor se a imprensa assumisse esse verdadeiro papel social que ela tem. E trabalhar em conjunto com a educação para melhorar isso. Acho que a imprensa está omitindo isso.

Monique: Ao fazer esse noticiário muito mais específico sobre a escola pública fica uma imagem da escola pública e de vocês professores da escola pública diferente... a imprensa diferencia o que é escola pública e o que é a particular?

E: Esse ano fiz uma discussão com os alunos sobre essa questão de se vender a ideia de que a escola pública no Brasil é ruim. Pelo que ela é, ela é considerada boa. Eu considero que os professores fazem um trabalho muito bom pelas condições do dia-a-dia que realmente são problemáticas. Mas conseguimos fazer um trabalho ainda positivo. Então você tem uma venda no final das contas, por isso eu critico essas notícias nesse sentido, elas têm que informar, de que você vende uma ideologia de que a escola pública é uma porcaria.

C: Mas a impressão que a gente tem é que o próprio professor da escola privada acha que os professores são melhores, mas um engano, né?

E: Professores da escola pública muitas vezes são professores nas escolas privadas.

B: Estou eu aqui que trabalho no São Benedito, Benfica e Igrejinha e trabalho em três escolas particulares. Mesmo professor que está lá está aqui.

E: Livro didático muitas vezes é o mesmo, utilizado na escola pública e na escola particular. No geral o que se tem numa escola particular a mais tem um laboratório, uma sala de vídeo, mas muita coisa é sala de aula. É quadro, professor falando e aluno.

A: Cuspe e giz.

E: O famoso cuspe e giz.

B: Será que o professor que dá aula em uma escola particular, uma aula em certo nível, quando vai dar aula na escola pública ele se “emburrece” no meio do caminho? Na hora em que está indo para a outra escola ele vai ficando burro no meio do caminho? Isso não existe. É o mesmo professor.

E: Claro que a gente encontra colegas que pensam aqui é escola pública, eles não querem aprender, então também não vou fazer, vou fazer do jeito que eu quero. Porque na escola particular evidentemente ele vai sofrer uma pressão porque se o aluno dele não for aprovado no Enem ele corre o risco de perder o emprego. Mas tem, no geral, esse lado dessas matérias negativas. Vender a ideia de que a escola pública é ruim, o que é uma mentira. Por vários fatores que a gente está falando aqui.

Monique: Mas esse pensamento por parte dos próprios professores: onde ele surge? Em que momento o professor...

E: Não quero que vocês pensem que falo das categorias sociológicas aqui mas a ideologia é aquilo que você toma para você e você acredita naquilo como se fosse verdade. É uma verdade universal. Então por isso eu pergunto para o meu aluno: você acha que você está numa escola ruim? Aí se eu tiver oportunidade eu trago fotos de outras escolas pelo Brasil. Escola Normal tem uma estrutura invejável em relação a muitos lugares. Delfim Moreira, Polivalente... Não são escolas de estruturas ruins, tem escolas em que as condições são muito precárias então você choca: por que você ainda acredita nisso? Você mora às vezes a quinze minutos da escola, tem menino que vai andar uma hora até chegar na escola. Aí eu acho bonito isso. A imprensa também não é que ele faz de má fé não, ela compra a ideia porque se tornou uma coisa inconsciente de que a escola pública é ruim e ela vai ser ruim porque ela é pública. Como se as coisas públicas fossem ruins. Aí eu pergunto por que um Tiradentes é bom? Por um João XXIII é bom, Colégio Militar, são escolas públicas. Por que os IFETs são colégios bons? São escolas públicas. Mas por que você não tem as mesmas notícias de violência, não tem violência lá? Não tem confusão? Pai não briga lá? Acho pouco provável.

D: Eu pessoalmente... eu acredito, entendeu? Apesar de todos esses anos assim de angústias e decepções eu acredito em escola pública, coloquei o meu filho em escola pública e, na minha opinião, todos os professores de escola pública

têm que colocar seus filhos em escolas públicas. Opinião que até já divulguei. Acreditar no ambiente em que você trabalha.

Monique: E quando chega um momento de greve, em que todas as reivindicações que estão na pauta são colocadas no noticiário? Esse ano não teve greve dos professores estaduais...

A: Teve várias paralisações.

E: Houve uma greve muito desgastante.

D: Ano passado?

Monique: 2011.

E: Foi muito desgastante aquela greve então acaba desgastando o movimento.

C: Quando que vê que não está chegando, quando o objetivo nunca é alcançado...

A: Na verdade nas greves estamos lutando por conquistas... tivemos perda de conquistas. Quer dizer você frustra né.

E: Você está lutando para não perder aquilo.

A: Por um direito que já foi conquistado.

E: Plano de carreira, que eles alteraram “maravilhosamente”...

A: Isso.

Monique: Vocês acreditam que a imprensa tem um olhar mais voltado para o movimento, vamos dizer, abre o olhar para os professores em um momento de greve? Mais do que em outras situações do ano?

E: Inicialmente. Se essa greve dura três meses depois perde o interesse aí muda o foco. Alunos vão perder...

C: Tem isso sim. E se nisso é assim imagina nas outras coisas.

D: E ela não fala de uma coisa importante que sempre vejo nessas épocas é um direito de greve que está na própria Constituição. E que normalmente as autoridades não respeitam, elas fazem pressão, aqui na Prefeitura aconteceu nesse ano de... o juiz ia declarar a greve ilegal se não voltasse, isso que passaram para a agente lá, teve que ter um acordo para acabar a greve.

E: Olha só essa matéria, eu sou o professor mais novo aqui da turma. Toda greve foi campanha salarial? Professor não entra em greve só por campanha salarial. Mas colocam lá “campanha salarial: professores iniciam primeira greve”. Até uma discussão enorme, a gente está querendo turmas menores para o aluno estudar melhor, precisamos de recursos na escola, mas a conotação é campanha salarial.

D: A gente que trabalha com interpretação de texto a gente vê que isso aí coloca a população contra o professor.

A: Coloca.

D: Porque não é só campanha salarial, todos os movimentos são para melhorar muita coisa, para o professor e o aluno.

C: Qualidade...

D: Não e só campanha salarial...

C: Mas a imprensa coloca é isso aí. Chama atenção por essa parte.

D: Quem não está na escola e lê que estão fazendo isso só por causa de um aumento.

E: Eu ganho salário mínimo, professor está ganhando...

B: Mil e tanto...

E: Mil e quatrocentos...

B: Está chorando por que?

E: Sai onze e meia da sala de aula, tem gente que acha que a gente só trabalha de manhã. Então, o salário dele está bom. Não é só campanha salarial. A mídia devia mostrar que... claro, salário, um professor bem pago você tem um bom profissional para atender seu filho. Mas a campanha de greve geralmente envolve outros...

B: Tem um rapaz igual a você aqui (mostrou foto no jornal).

D: Sou eu mesmo. Ele me achou na foto.

(Risos)

Monique: No movimento sindical vocês vêm um papel diferente? Se ao lerem as notícias do Sind-UTE vocês se sentem representados.

A: Eu me sinto contemplada. Eu acredito nele. Estou no sindicato desde 85 mais ou menos, eu acredito no sindicato e acho que é o que a gente tem pra nos unirmos e lutar pelo que a gente acredita, uma educação de qualidade que vai melhorar a educação dos filhos dos trabalhadores. Porque na verdade quem está na escola pública são os filhos dos trabalhadores se a gente não lutar por eles... e através do sindicato que nós vamos nos fortalecer enquanto categoria. Eu acredito nisso.

C: Eu acho assim, não sou sindicalizada, mas que é uma representação legal que o professor tem, né, pelo menos um apoio. Que a gente pode contar. Acredito que o trabalho dele é um trabalho bom.

Monique: Então você não lê as notícias sindicais porque você não recebe.

C: Não recebo.

(C pede desculpa e avisa que precisa ir embora. A avisa que tem que ir também).

Monique: Quero agradecer imensamente, vocês contribuíram muito. Obrigada pela participação.

C: Qualquer dúvida a gente está às ordens.

E: Posso implicar de novo com essa matéria? Professor de português que sou eu e D também: “docentes na rede municipal iniciam hoje paralisação por tempo indeterminado e atingem 42 mil alunos. Ou seja, falou da questão negativa. Prefeitura de Juiz de Fora diz que está aberta ao diálogo.

A: Aí ta vendo? Ferra o professor e enaltece a Prefeitura.

E: Eu acho que é exatamente tipo... Eles estão ali para atrapalhar os alunos, mas a Prefeitura está tentando ajudar. Tem que ter cuidado com esse texto porque senão infelizmente você não está informando, você está criando uma desinformação para a sociedade. É isso que vejo muitas vezes com a educação, não se explica as coisas, não estica o debate.

A: Joga as coisas.

D: A imprensa já produz o texto contra o professor.

E: Não é de má fé, mas que o texto é cheio... ele está cheio de dados contra o professor.

C: Foi infeliz.

D: Que gera interpretações contra o professor.

C: Gente foi um prazer estar aqui, viu?

(A se despede também. Todos se despedem de A e C).

Monique: Obrigada! Queria perguntar para vocês a respeito do sindicato, se vocês lêem os materiais distribuídos por ele.

E: Eu leio, mas não sou sindicalizado.

Monique: Se as notícias do sindicato conseguem fazer uma contrapartida ao que a imprensa apresenta para vocês e se é uma comunicação suficiente, se a matéria do boletim do sindicato consegue representar o professor e seus anseios de maneira satisfatória.

E: D tem mais tempo que eu, acho que ele pode falar melhor do que eu sobre isso. O que eu percebo é que às vezes o sindicato tem o jogo político dele, então se ele quer pegar mais pesado contra determinado governo ele vai pegar mais pesado, se é outro governo ele pega mais leve. Mesmo que aquilo ali possa estar atrapalhando os professores. Eu acho que às vezes os professores são deixados de lado porque tem uma cúpula no sindicato que também tem uma tendência política.

D: Voltando para o meio da comunicação, a panfletagem, o Sinpro usa muito esse método. Em vários bairros, levando informações para as pessoas através da distribuição desses panfletos, isso aí ajudou. Porque não ficou só no meio dos professores, distribuiu para toda a comunidade. Então isso é importante. Então eu acho que o sindicato deve usar esse recurso: não apenas mandar os jornais para as escolas como também fazer um informativo para a comunidade.

E: Se o sindicato hoje quiser, uma força, ele tem que usar esse canal de comunicação para chegar à sociedade. O que está acontecendo é que as greves estão se desgastando porque parece uma coisa do professor ali. A greve não é uma coisa do professor, é da sociedade. Porque a qualidade da educação envolve toda a sociedade. Mas, por exemplo, qual é a diferença? Se você leu um pouco o jornal do sindicato, o jornal tenta explicar o que está acontecendo. Pra pedir uma melhora na escola tal, não só o salário. Essa é uma pequena diferença. Explicar qual lei está entrando e qual o problema e que essa questão do piso salarial é problemático. Não fala só assim porque o professor vai trabalhar menos, aí pronto. O pessoal olha lá fora, pessoal que tem que trabalhar oito horas por dia, porque eu que trabalho oito por dia e o professor está pedindo para trabalhar menos?

D: Os alunos estão mais conscientes e inclusive apoiando mais o professor, principalmente no ensino médio. A gente sente na escola que o pessoal do ensino médio tem dado apoio para muita reivindicação dos professores. Existe uma relação muito boa entre aluno e professor. E a gente sempre quer o melhor pela educação. Podem tentar perseguir, fazer injustiça, mas a gente sempre quer o melhor. A gente quer que tudo melhore para todo mundo aprender, em paz, sem problemas. Igual agora esse problema terrível, eu sempre falo que isso é tragédia social porque se você for ver a longo prazo vai ser, de destruir o ensino noturno. Isso é uma tragédia social, porque a maioria não tem carteira assinada e não vão poder estudar. Olha só, menino na idade de estudar e não vai poder estudar. Já está até passando da idade. Porque falaram que a matrícula vai ser ligada a esse fato, de carteira assinada. Eu ainda estou na esperança disso ser revertido. Sou meio otimista nessa história.

Monique: Vocês lêem os informativos?

D: Todo informativo que eu recebo do sindicato eu leio. Todos.

E: Sempre tem na sala dos professores, a gente acaba lendo. Ou no mural. Passa o olho.

D: Eu já gosto de ler tudo mesmo.

Monique: Esse noticiário da Tribuna e os informativos do sindicato influenciam na concepção que vocês têm da docência, de vocês mesmos professores? Essa imprensa influencia no que vocês pensam sobre o papel social de vocês? Ou isso vem apenas de uma formação anterior?

E: Qualquer imprensa?

Monique: Qualquer.

D: Acho que... no meu caso não tem muita influência não. Porque a minha influência é baseada na minha vivência dentro da escola, sala de aula, leitura, pesquisas que faço por conta própria e a formação durante todos esses anos. Desde a universidade até que eu caí nas escolas para começar minha missão educacional. Isso é que influencia. Todo esse acúmulo de conhecimento e experiência que a gente vai tendo. Independente do que a imprensa fizer, a minha parte eu não... Não vou mudar minha consciência por causa da imprensa. Pelo contrário: a escola tem que mudar a consciência de alguns jornalistas na minha opinião.

E: A mesma coisa. Porque eu leio muito, mas coisas fora desse tipo de material, de leitura. Minha formação também, e os alunos às vezes falam que eu sou implicante, porque leio uma matéria na Folha de São Paulo, igual houve uma questão da propina dos fiscais, aí coloco uma manchete assim “Fulano conhece Haddad pela televisão”. Quer dizer, um jornal desse porte colocar uma notícia... ele não conhece, então você não tem o que escrever. Aí a gente discute isso. Eu uso para discutir em sala de aula, mas no meu íntimo é mais para crítica mesmo. Eu sempre estou lendo para ver o que eles estão querendo falar. Porque senão você fica desinformado também. Não ler aquilo que você não concorda você fica desinformado. Mas não para formação pessoal, acho que tem mais coisa interessante para formação pessoal do que nossos jornais no Brasil.

B: As próprias convicções também.

E: Única exceção foi aquilo que eu falei, caderno de cultura eu gostava da Folha, do Valor Econômico (não sei se tem mais, achei que a qualidade caiu) porque eram referências para eu buscar, assim, está falando do livro tal do escritor francês tal. Ainda vai ser lançado. Então eu lia ali para ficar a par e ficar esperando chegar. Mas tirando a parte de cultura, que sei que é problemática em termos de formação mesmo acadêmica...

B: O que me influencia mais é a experiência que eu tenho em sala, do que já vivi até hoje. No meu norte, não me influencia em nada a imprensa.

Monique: E em relação aos pais, alunos e sociedade? Vocês acham que os meios de comunicação têm influência sobre eles, a respeito de vocês professores?

B: Com certeza.

D: Foi isso que E citou aqui, aquela maneira que as palavras são usadas. Isso é muito importante. A imprensa tem que tomar cuidado. Se ela coloca igual ele citou ali a notícia de que a Prefeitura abriu diálogo e aí...

E: Nem é tão verdade assim...

D: E aí escreveu campanha salarial como se fosse só uma luta por causa de pagamento. Aí a pessoa que não está dentro da escola vai ler aquilo e vai sendo influenciada, já começa a ficar contra o movimento.

E: Eu vejo os alunos... Os alunos ainda pegam muito o que a imprensa fala, né. Uma quantidade grande. Quando a Dilma foi vaiada, os alunos chegaram repetindo o que o jornal colocava. Ontem Dilma foi vaiada. Aí eu comecei “vamos discutir um pouco isso?”. “Quem vaiou a Dilma?” “Mas esse mesmo pessoal não apoiou a Copa aqui no Brasil?”.

B: Não estavam lá pagando o ingresso?

E: Exatamente. Não foi uma pessoa que pagou R\$ 500, R\$ 600... Uma pessoa que paga R\$ 600, eu não pagaria... Mesmo gostando de futebol eu não pagaria... Vamos discutir isso um pouco? Ah, quem vaiou lá é uma classe que pode pagar R\$ 600. Então não é... Não foi o Brasil que vaiou, foi aquele grupo.

B: Eu li uma entrevista outro dia... É o famoso “esquerda caviar”. É o cara que dá um de revolucionário que quer isso, que quer aquilo, mas está no meio daquilo ali, de toda aquela riqueza ali.

E: Não é para direcionar o pensamento do aluno, mas eu quero que eles digam, está tudo resolvido, não há nenhum problema do governo federal, não, mas não vá pela mídia. Por que a mídia... Outra coisa que acontecia: Dilma cai para 27%, 23% aí eles chegam “na próxima eleição vai perder, né”. Por eles falam disso mas por exemplo, a Dilma está caindo mas você sabia que o Alckmin, o Anastasia, todos estão caindo também? É isso que eu chamo de desinformação. A pessoa só fala... Altamente influenciado. Porque fica dentro de casa também, às vezes eu estou lá com a minha mãe e tenho que dar uma de professor.

D: E a imprensa fala muito que, de todos os profissionais de ensino superior, o que recebe pior é o professor. Qualquer concurso você vê isso. Você compara todos os concursos de ensino superior, o que vai receber pior é o professor. Por isso que os alunos, quando eu faço uma pesquisa com eles sobre quantos querem ser professores, quase todo mundo fala que não quer ser. E eles citam os motivos: baixos salários, falta de respeito da sociedade, dentro da sala de aula que o professor sofre essa falta de respeito, um monte de problemas eles citam. Todo ano eu faço essa pesquisa, no fim do ano, e a maioria não quer ser de jeito algum, fala que não teria condições mesmo.

Monique: Por que eles falam isso? Onde está o argumento que eles apresentam sobre estar ruim dessa maneira?

D: Eu acho que eles aprendem através da própria realidade, que eles conhecem a profissão profundamente. O aluno conhece a profissão de professor não só de leitura como ele conheceria outra profissão. Ele conhece porque convive

com ela o tempo inteiro. Às vezes ele convive mais com o professor do que com o próprio pai ou a mãe. Se você for somar o número de horas e tal. Aí o que acontece? Ele vê que a gente está sofrendo. São muitas situações negativas, que a gente tem feito o melhor...

E: Ele pode até não ter vivenciado ato de violência, mas conhece essa realidade e soma o que o jornal fala de outro colégio aí pronto, aí que ele diz “não vou ser professor na minha vida”. Porque na minha escola já vi como meu professor trabalha, tem que corrigir prova, correria, na outra escola teve outro que apanhou, então acho que é a realidade com uma informação que chega assim.

D: O interessante é que sempre eles vêm que temos qualidades e acham que nunca conseguiriam ter, como paciência, esforço, de continuar estudando sem parar...

B: É, professor se fosse eu não ia agüentar não. Ouço muito isso. “Tá difícil, né, fessor?”

E: A pior parte não é o aluno na escola, o aluno é a melhor parte. O problema é que você tem que lidar com vários ao mesmo tempo e muito problema...

D: É muito problema: a burocracia, leis injustas...

B: Se dar aula fosse só dar aula, né...

D: Leis injustas que vão sendo feitas sem consultar o professor, a burocracia, a incerteza, sabe? Então é muito complicado isso.

E: E isso o jornal não fala. Em nenhum momento... dá algumas matérias mas não apresenta isso. Ele não fala “vamos fazer uma comparação da educação no Brasil com os Estados Unidos ou Canadá?”. Nos Estados Unidos o professor trabalha tantas horas, tem tantos alunos e ganha tanto. Uma coordenadora fica no máximo com duas ou três turmas. Tem coordenador que está com oito dez turmas aqui na Escola Normal. Esse tipo de coisa que tem que comparar. Por isso que eu falei, apesar de tudo a gente consegue fazer muita coisa.

D: Você tem contato com os jornais?

Monique: Sim.

D: Você podia levar essas coisas assim, principalmente esse problema novo da destruição do ensino noturno, igual nós citamos não só noticiar, mas falar do problema social que isso vai gerar. Porque se só noticiar as pessoas não vão interpretar enquanto um problema social. Mas tem esse problema. Muitas famílias não vão ter mais os filhos no ensino médio. Não estou falando nem no superior, no médio. Que não vai poder nem fazer concurso. Porque não vai poder se matricular à noite mais. Esse é um problema muito sério, muito sério.

E: Está tendo uma privatização. Tinha que explicar, está fechando, por exemplo, tem uma coisa no Jesuítas legal que é uma bolsa pro aluno, mas provavelmente essa bolsa o Jesuítas está ganhando alguma coisa em contrapartida. Só que é à noite. Eles estão incentivando a continuação disso lá no Jesuítas, à noite, mas aqui a gente fecha. Para mim isso é privatizar. Privatização do ensino, aquilo que era obrigação do Estado. Então é um silêncio total sobre isso, ninguém fala isso.

D: Porque é escola pública, um espaço...

E: Ali que você vai ver a diferença, que você vai encontrar “eu moro no morro, você mora na Rio Branco”, a gente ali

vai se encontrar e vai ter que aprender a conviver um com o outro. Porque é muito bonitinho estudar no Granbery porque você tem que pagar uma mensalidade tal e tal. Você cria um isolamento, mas isso tudo é um silêncio, assim. Nós parecemos chatos, porque ficamos nesse discurso.

Monique: Vocês falaram do papel social da imprensa, agora qual é o papel social do professor? Que papel é esse que deve aparecer na imprensa?

D: Sempre falei que nosso papel social é realizado, com muita luta e sacrifício, que é a transformação das vidas. A gente está transformando as vidas ali desses meninos, tanto na parte de educação quanto na parte de conhecimento de cada matéria que ele recebe, conhecimentos gerais, e isso vai transformando a vida dele em todos os sentidos. Eles vão se tornando seres humanos melhores. Pelo menos a maioria se torna. E muitos vão continuar o estudo, vão levar isso para quando forem formar as suas famílias no futuro, então o nosso papel social é mesmo transformar, aperfeiçoar as vidas, entendeu? Guiar essas vidas para uma coisa boa.

E: Você recebe um conhecimento, após anos de estudo, e você tem que passar isso para alguém, passar isso porque o conhecimento que você adquiriu não é seu, é social, então você está transmitindo aquilo, porque há uma necessidade. Pode ser uma coisa básica, a falta de mão de obra, mas não só isso. Criar um indivíduo com senso crítico, independente, e não reprodutor de pensamentos. Pode até melhorar as condições financeiras, mas ele vai continuar sendo... reproduzindo exclusão, violência. Eu fico muito assustado porque às vezes a gente discute machismo, mas logo em seguida o menino está fazendo justamente isso com a namorada dele. Então essa é a sua função: trazer a realidade dele para uma... Não é para ficar discutindo o sexo dos anjos porque, muitas vezes a gente acaba tendo que fazer isso pra fazer o Enem, o vestibular tal. Mas a escola tem um pouco mais do que... do que criar fazedores de prova.

D: A gente preparar para a vida toda mesmo, porque nosso objetivo, como ele te falei, não é um fazedor de provas, o objetivo é o ser humano, um cidadão brasileiro, com cultura, educação, com crítica...

E: O menino que na Biologia estuda uma coisa melhor ele cuida da saúde dele melhor. Se ele tem mais anos de estudo ele provavelmente consegue na parte de saúde mesmo saber utilizar melhor uma lavagem de mão, higiene pessoal, até a... Hoje o professor tem toda essa coisa, se você vai para uma área mais carente aí é que fica até maior, os meninos já te olham até assim, né, é “o” professor. Mas interessante que mesmo na escola hoje, e acho isso um sinal de respeito, eles te chamam de senhor. Eu sei que às vezes a gente começa a quebrar “não precisa me chamar de senhor não”. Ou seja, ainda tem uma... por isso que eu falo o problema não é o aluno ainda que tenha os casos especiais.

B: Com certeza.

E: Mas no geral não é. Eles olham para você como o cara que está ali querendo ajudar eles. Eles sabem que você está ali.

B: Até aquele aluno mais problemático se você souber ter uma abordagem correta com ele, você consegue deixar com que ele seja, minimamente pensando, com que ele não seja problemático sobretudo com você. De repente você vai conseguir com que ele não seja problemático com mais nenhum professor. Ou de repente você consegue fazer com que ele não seja problemático com você. Já é um primeiro passo aí para uma mudança.

E: Às vezes ele tem problema em casa. Ou porque não tem atenção, ou porque tem violência e aí você faz um papel ali... Que você diz “seja um cara bom”, esse é que o problema, você não é mais só um professor na escola pública, dependendo do local, da hora, você faz mais um serviço até social. Você chega e pensa dou mais uma chance, não dou

mais uma chance, você sabe que às vezes se ele tomar pau ele vai largar a escola. Hoje você está no olho de um furacão que a sociedade não está entendendo onde a gente está. Você está desempenhando muitos papéis e talvez a gente nem foi preparado. A gente não é psicólogo, muitas vezes temos que ser psicólogos. Serviço social, vamos tendo fazer isso.

B: Uma coisa que acaba recaindo no salário, por exemplo, e isso pra mim vai totalmente contra, às vezes a gente não tem tempo de conhecer nossos alunos.

E: Verdade.

B: A gente não tem tempo de conhecer. Eu nem tenho ideia de quantos alunos eu tenho. Não tenho ideia. Às vezes dou graças a Deus se eu consigo saber um pouco mais de algum aluno, eu fico feliz, porque eu não tenho ideia de quantos alunos eu tenho. No estado, por exemplo, existe uma variável. Tem escolas que adotam o inglês no sexto e sétimo ano com uma aula só. Mas têm outras que adotam com duas. Hoje mesmo eu trabalho em escola que tem duas aulas no sexto ano e uma outra que tem uma aula. Tem alunos que hoje estão saindo, e eu já dou aulas pra eles dois, três anos, e não sei o nome deles. Já dou aula pro moleque há três anos e não sei o nome dele. Por que? Eu tenho uma aula com o aluno, sabe? Eu não sei nem o nome dele, quanto mais saber todas as variáveis que envolvem aquilo.

E: Se você tiver condições de ter mais afetividade com seus alunos você tem condições de transformar mais a vida deles. Conversar, se está com problemas falar “você é bom nisso, vamos melhorar”, mas você não consegue mais trabalhar...

B: Quem me dera se eu pudesse trabalhar numa escola só. Se eu pudesse trabalhar numa escola só, é o meu sonho.

E: Sociologia é uma aula por semana em todas. Tenho 18 turmas na Escola Normal. Em média devem ser 40 alunos por turma... Então ficam quase 600 alunos.

B: Professores de inglês e de sociologia são um dos mais prejudicados com esse lance da quantidade de alunos. Eu tenho 30 diários. Trinta diários! É muita coisa.

E: É o trabalho que a sociedade não vê, acha que a gente está sempre em sala de aula. Vai embora e vai preencher diário...

B: Não te vêem em casa fazendo prova, corrigindo prova, não vêem esse extra-classe que você é obrigado a fazer.

E: Se você não faz uma prova correta, você não está prejudicando as pessoas, está prejudicando o menino, porque você tem que cobrar aquilo que foi, mas tem que ser uma prova que realmente funcione, aí você se pergunta qual nível eu tenho que cobrar como vou cobrar. Essa pergunta sobre qual o nosso papel, a gente lida com muita gente, tem turma tranqüila, tem um nível cultural diferente da outra turma, aí você quer justamente que a outra turma chegue no mesmo nível cultural, talvez é por aí.

B: O que está no seu currículo lá, que você é professor de inglês, português, ou de sociologia. É isso que está no seu currículo. Não está lá que você é “preenchedor” de diários. Agora no final do ano, que as pessoas têm muita coisa pra fazer e tal, eu cheguei no ponto que a pessoa veio falar comigo assim “tem que fazer tal coisa e tal” e eu falava “tá”. Nem falo mais nada que vou fazer ou que não vou fazer. Falo “ah, tá, outro dia eu trago”. Comecei a fazer assim porque eu coloquei na minha cabeça que eu sou um professor, não sou um “preenchedor” de papelada. Essa papelada vai ficar aí, vou preencher na hora em que eu quiser e pronto. Não estou nem aí não. Porque senão você fica maluco. É tanta coisa para você preencher, fechar, uma “inventação” de moda que tem prova agora, tem prova em fevereiro...

E: Foco no aluno que é importante...

B: Nada! Eu coloquei na minha cabeça: eu tenho que ser bom dentro de sala. O resto oh...

Monique: Queria puxar de você essa resposta, B, de qual o papel social você vê para o professor.

B: É justamente o que eles estavam falando aqui. Que a criança, o adolescente, o aluno consiga se tornar um cidadão crítico, que tenha um papel na sociedade, que não seja um “parasita social”. Que esteja ali engolindo tudo que vão mandando para ele sem saber debater.

E: E não é só conteúdo. Você pode ter um aluno culto, com todas as informações, ter lido todos os clássicos, isso não garante que ele vai ser um bom cidadão.

B: Exatamente.

E: Você tem que... no geral a gente está sempre lidando com moral e ética com o aluno, né.

D: Formação total.

B: Passando um pouco de personalidade...

D: De respeito, formação humanista, preocupação com o próximo...

E: Não é para parecer que é só de, infelizmente aqui agora não tem professor da área de exatas, mas o professor de exatas tem essa responsabilidade também.

D: Altruísmo, todas essas coisas. Qualidades boas, tem que ter.

E: E eu sempre pego isso com professores que eu tive. Inclusive na federal, professor que foi pegar aluno que estava prestes a defender mestrado e teve problemas psicológicos e ele foi lá e ajudou a tirar de lá. Se você for pensar nisso, isso não é papel do professor, né. Mas viu que tem que... Você observa isso e é essa mensagem que você quer mostrar. Vivemos em sociedade, as pessoas têm que cuidar um pouco umas das outras. A gente fala isso, de vez em quando falo “você não avisou para o seu colega que tinha trabalho? Seja solidário.”.

B: Ou o contrário, “você faltou algum dia e não buscou saber o que... não quis saber o que teve no dia?”.

E: Porque a repetência, inclusive, é o papel do professor de mostrar que ele tem... como é que chama? As causas, o que ele não faz tem efeitos ali. Mostrar pra ele que na sociedade em que ele convive tem que ter responsabilidades. No geral é isso, né? O lado humanístico, as responsabilidades. Só que isso não é o conteúdo em si, o conteúdo é o que a gente usa.

Monique: Só pra gente fechar, vocês em vários momentos falaram que a imprensa deveria colaborar mais com a educação, com o professor. Eu queria apresentar uma pergunta para vocês: o que vocês mudariam nisso tudo, nessas matérias que eu trouxe? Tanto da Tribuna, quanto do sindicato, o que vocês mudariam para poder cumprir esse papel social de que vocês falaram?

E: Muito comum, numa reportagem, “vamos entrevistar aqui o político Tal? O empresário Tal?” Não vejo, por exemplo, “vamos entrevistar um professor”, como o D ali. D até que aparece mais, mas nunca sobre a prática de ensino. Mas sobre a sua poesia, essas coisas. Mas D já é um professor que está há um tempo na estrada, vamos

entrevistar o D? Mesmo que seja no caderno de cultura, não uma coisa minúscula igual a Tribuna faz e pergunta as preferências de livros, mas desde isso até a levar projetos que estão acontecendo na escola. Eu acho que é isso. Vejo esse descaso com o professor nesse sentido. O político tem uma página inteira para discutir, falar da vida dele, o que ele fez, que projeto votou, mas o professor não dá uma capa, talvez porque não é conhecido ou talvez porque isso mudou. O professor há um tempo atrás, anos 70, tinha um status diferente assim, mas acho que faltaria ler isso. Coisa que, pode ser até banal, mas você leva a sociedade a... “poxa, tem o professor D, que é da Escola Normal”. “O professor B que dá aulas na rede pública e particular”.

D: Eu acho que deve ter mais contato com os professores buscando também informar coisas boas, ideias, projetos que estão realizando, para isso seria bom até por telefone. As vias jornalísticas que a gente poderia... um site, alguma coisa. Facebook...

E: Não se vai sempre na Prefeitura questionar o prefeito sobre algumas coisas que estão acontecendo? Eu acho, por exemplo, que o diretor que é um professor, deveria... Quais são os projetos da escola para esse ano? A sociedade não sabe que tem um calendário de coisas que acontecem na escola. Não se pergunta isso. Parece que a escola está... a imprensa deixa a escola um pouco isolada ali. Ali tem vida, está acontecendo muitas coisas.

B: Parece que é um mundinho pequeno, que na escola não tem muita coisa pra saber. Muita coisa pra ver.

E: Os recursos da universidade federal são maiores então vamos falar o que o Fulano vai fazer... Mas numa escola que tem 3.500 alunos ou conjunto de escolas, sei lá...

D: Outra coisa que eu também falei antes e que eu já tinha lido tudo isso antes, sobre o que aconteceu, me lembra o cuidado no uso da linguagem, entendeu? Porque dependendo do discurso coloca a comunidade contra o professor. O cuidado no uso da linguagem pelos jornalistas.

E: Não quer levar o professor para o jornal, porque eu sei que tem que vender jornal, mas pelo menos usa os termos de forma correta, tenta ser imparcial.

B: Falar a verdade mesmo.

E: Vamos diagramar um jornal colocando... como é que está lá? Salário, greve bem grande vai atingir tantos estudantes e do lado, para terminar, aquela informação que a gente guarda por último, última coisa que a gente leu, a Prefeitura está aberta ao diálogo.

D: Porque uma crítica que tem acontecido e eu tenho lido muito, inclusive, até contra os cursos de comunicação, é onde que está essa parte crítica, né, que você estuda e depois ela se torna um simples “capacho” do dono do jornal, escreve só o que ele quer, e vai por aí afora. Quer dizer: e a formação crítica desses estudantes?

B: Isso envolve muita coisa também, né...

D: Tem a pressão também...

B: Vejo porque eu trabalho em escola particular, por exemplo. Que aí a gente acaba sofrendo uma pressão que de repente um jornalista sofre também.

D: É.

B: Tem aquilo, eu preciso comer, preciso pagar conta, às vezes eu me coloco no lugar desse jornalista e dando aula

numa escola particular também eu me vejo às vezes refém de muita coisa.

E: Mas aí o problema não é o jornalista, é um sistema. Se tem um sistema na escola que é problemático, tem um sistema no meio jornalístico que é problemático. Vai bater na mão de um editor-chefe e ele vai falar “aqui no meu jornal não funciona assim”.

B: Na escola é: “esse aluno tem que passar”.

D: Mas aí que eu falo, que a imprensa não cumpre o papel social. Ela cumpre o papel igual ao que você falou: de medo do dono da empresa...

B: O que eu não recrimino. Não recrimino esse medo.

E: O problema é esse. Qual é o limite para a desculpa. Eu tenho que comer, eu tenho que ter salário, mas qual é o limite para isso? Não tem limite o que eu estou fazendo?

B: É um impasse bem grande.

D: Aí, em resumo, fica difícil para acreditar...

E: Mas é o cuidado.

D: O cuidado com a linguagem eles podem ter...

E: Talvez não vá levar um professor lá porque não tem interesse, não vai falar das práticas da escola, talvez isso é mais difícil, mas que tenha cuidado com como se escreve.

B: Quantas vezes você na televisão o professor falando? Você não vê muito isso. Porque na hora que coloca o professor para falar ele vai falar tudo o que está acontecendo de errado, igual no Nordeste, a um tempo atrás, uma professora falou tudo...

D: Vi o vídeo dela no Facebook...

B: Pensa bem, ela falou tudo que a mídia patrocinada pela política não quer. É alguém jogando a lenha no ventilador, ninguém quer isso. Só a gente (risos).

D: E a imprensa juiz-forana, eu vou falar o que eu sinto quando leio os jornais, parece que ela é muito dominada pela elite, pelas autoridades, muito dominada mesmo, não fala mesmo. É uma situação terrível, fico doido de ver. Está muito atrasada em termos de chegar próximo... Aquilo que eu falei, qualidade da informação. Aí eu escrevi: como uma pessoa, sem apoio nenhum, pode ter mais qualidade de informação usando um Facebook, do que um profissional de uma rede jornalística rica, como ele pode ter mais qualidade de informação?

B: Mas isso aí é claramente explicado por esse conflito de interesses.

D: Tem um jogo...

E: Os mesmos grupos são donos de meios de comunicação. Não sou contra que você... é um país democrático, você tem direito a ter uma linha editorial, mas aí talvez tenha que ter uma reforma que, ok, temos o jornal “a”, de direita ou de esquerda, mas que tenha um outro jornal no mesmo local com outra opinião para você poder ter um diálogo. Senão você vai ter a Rede Globo mandando, a Folha de São Paulo, a Veja... Você cria um, você está espremendo demais a...

vamos dizer assim, o desenvolvimento do senso crítico da sociedade. Você não tem um jornal, tem algumas revistas que a gente falou, isso é um ponto ruim. E aí é todo mundo conservador demais ou é reacionário demais e aí a gente aguenta essas manchetes.

B: Ou faz que é um mas é outro. Tem muito também.

E: É isso que eu falei, você tem que ser igual a um, por exemplo, New York Times. Claro que ali é crítico, tem uma linha editorial que é clara. Lê o editorial e vê “somos a favor do Bush”. Você pode brigar, como é que você gosta de um presidente desses, apoia e tal, não importa, ele está sendo claro. Aqui você vai ler, mesmo que o Tribuna, você não sabe qual que é a linha editorial, que às vezes apoia prefeito em situações que não era para apoiar. Ou não divulga aquilo que aconteceu.

D: O que isso sugere? A imprensa vai perdendo leitores, as pessoas param de comprar o jornal porque a pessoa que é conscientizada não vai ficar comprando. Vai ficar é chateada.

E: Bruno recentemente fala dos problemas que aconteceram por causa da chuva. Choveu, dão esses problemas, mas aí é que ta, deveriam abrir uma discussão, chama um professor lá da universidade... A atuação não é essa, a Prefeitura tem que se planejar. Porque todo mundo sabe que chove a partir de novembro e dezembro. Então... esticar o assunto. A prefeitura não fiscaliza a casa que foi construída do lado do rio. Acaba que o jornal muitas vezes não quer bater de frente. Sei lá se a Margarida tivesse ganhado, talvez estivesse batendo...

B: Ou não...

E: Ou não, ou tipo assim “vamos sempre apoiar o prefeito, porque se a gente apoia o prefeito eles vão sempre mandar pra gente aqueles editais que têm que sair em algum jornal, aí eles começam a mandar pra outro jornal e a gente perde dinheiro. Pode ser isso também. Para mim isso é claro: o jornal está ali para vender. Infelizmente não é essa ideia que o D... bem que eu gostaria de acreditar, mas no Brasil não se vende verdade, se vende o que você quer ler. Você quer ler isso? Então vou fazer uma matéria especialmente para você.

D: A verdade fica escondida.

B: Na verdade todas as relações, sejam elas nos jornais, na política e tudo mais, todas se desenvolvem através de um interesse. Igual aqui, nós quatro. Estamos aqui por algum interesse. O motivo de eu ter vindo aqui é porque sou muito amigo do noivo dela, foi um dos motivos que me motivou a ter vindo aqui. Por consideração a ela. Você está num sábado “afinzão” de vir? Não. Eu vou, ela pediu.

(Risos)

D: Eu vim porque toda vez que...

E: Eu acabei de sair do mestrado e sei como é difícil...

(Risos)

B: Você pensou nisso, aí tudo é interesse.

E: Não estou falando que interesses são coisas ruins, o problema é não ter a clareza das linhas editoriais dos jornais, tipo alguém se torna candidato, pode ser de esquerda, mas aí a política toda dele é de direita. Quer ter uma política? Diz “eu sou de direita” ou você não vive na democracia.

D: Eu queria falar que eu vim porque toda vez que tenho oportunidade de falar ou escrever sobre educação, sobre poesia, eu gosto e vou mesmo.

B: Interesse em educação e poesia.

E: Somos motivados pelo interesse.

B: É isso aí.

D: Gosto de falar sobre essas coisas, compartilhar. Aí pensei assim: vamos compartilhar com a pesquisa.

(Risos)

Monique: tem mais algum assunto que vocês queiram colocar?

E: Professor de sociologia fala muito, não é?

B: Não, professor fala muito!

E: Sociologia é pior.

(Risos)

B: Monopoliza conversa, todo professor...

Monique: Quero agradecer imensamente por vocês terem deixado a tarde de sábado, poderia estar fazendo várias atividades divertidas e interessantes, e vieram aqui. Seja por qualquer interesse e consideração, vieram e por isso tenho que agradecer demais a vocês por isso. Porque contribuíram muito para a pesquisa. Tem o material coletado nos jornais, mas tem a repercussão em cima da fala de vocês, afinal, o que o professor pensa sobre o que escrevem sobre ele? Então foi uma proposta de fazer um debate e ouvir vocês sobre esse assunto. Vou manter o contato para que depois vocês leiam os resultados.

D: Sua pesquisa é sobre o que mesmo?

Monique: Minha pesquisa é sobre a representação da identidade do professor na imprensa. E o caso que estou estudando é Juiz de Fora, a cobertura da Tribuna de Minas.

E: Único lugar que professor aparece muito é na TVE. Aí aparece direto, porque tem aquela mesa de debates, somos chamados para dar opinião...

D: Falei naquele Programa “Mosaico”.

E: Exatamente. Rádio também aqui em Juiz de Fora. Mas só que o pessoal escuta pouca rádio agora. Antes tinham boas mesas de debate na rádio com professores sempre chamados. Para expor o lado... ou uma greve...

D: Isso vai ser usado para a sua pesquisa, não é para ser publicado, assim, não...

Monique: Vai estar na minha dissertação.

D: Você não vai levar isso para a imprensa não.

Monique: Em um segundo momento, a imprensa pode utilizar a minha pesquisa.

E: Pode publicar em livro, revistas acadêmicas...

D: Vai ser até bom para a imprensa ler as nossas opiniões. Para ver se muda alguma coisa, se melhora.

E: Mas tem que bater...

Monique: Acho interessante falar disso, do lugar da minha fala enquanto pesquisadora, eu me interessei por essa área porque trabalho em um sindicato ligado à educação, dos técnico-administrativos da UFJF. Diariamente estou acompanhando a educação na imprensa e quando tem greves...

D: O tema dela é interessante.

Monique: meu interesse é verificar como a imprensa tem noticiado as questões educacionais e representado os professores.

E: Você tem na mão um ninho de marimbondo...

(Risos)

Monique: Dedo na ferida.

(Risos)

Monique: Agora vamos para a parte boa? Vamos pra parte do lanche. Enquanto isso vocês decidem se eu coloco os nomes ou não, que ficou pro final.

E: Tanto faz.

Monique: Então eu vou deixar sem os nomes, pode ser?

(Todos concordam)

Monique: Então muita obrigada mais uma vez.